

1948 / 1949 - 31 / 34

1950 / 1951 - 35 / 38

3.000

28

REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE
DE LETRAS

ANO: 1948-1949 – ANO: XVI-XVII - Nº 31 a 34

ANO: 1950-1951 – ANO: XVIII-XIX - Nº 35 a 38

Cadeira 33

Sessão solene de posse e recepção do academico — *Nicolau Frageli*
 I — Palavras de abertura — pelo Presidente *José de Mesquita*
 II — Discurso de posse — *N. Frageli*
 III — Discurso de recepção — *Oscarino Ramos*
 O caso singular de Nassim — conto — *Cesario Prado*
 Alegro — *Gervasio Leite*
 Castro Alves — *Rubens de Mendonça*
 Idades — Palestras — *Philogônio Corrêa*

Cadeira n.º 40

Sessão solene de posse e recepção do acadêmico — *Rosário Congro*
 Palavras de abertura — pelo Presidente
 Discurso de posse — *Rosário Congro*
 X Discurso de recepção — *Luis-Philippe P. Leite*
 Os Poemas do Guaporé — *José de Mesquita*
 Hamlet — Primeiro poema — *Gervasio Leite*
 Versos antigos — *Rubens de Mendonça*
 O Corcel do tempo — Avenida da Saudade — *Genetliaco* — *Rosário Congro*
 Velho farol — Manhã em Corumbá — *Ulisses Cuiabano*
 Quero mais — Morada de bem — *Otávio Cunha*
 Poemas — *Domingos Felix*

Cadeira n.º 6

Sessão solene de posse e recepção do academico *Ernesto Borges*
 I — Oração de abertura — *José de Mesquita*
 II — Discurso de posse — *Ernesto Borges*
 III — Discurso de recepção — *Alirio de Figueiredo*
 IV — Discurso de encerramento — *Governador Arnaldo de Figueiredo*
 Folhas de caderno — *A. Cesario Neto*
 Marabá — *José de Mesquita*
 De vôo pela Bahia — *V. Corrêa Filho*

Cadeira n.º 24

Sessão solene de posse e recepção do academico *Jary Gomes*
 I — Palavras de abertura — *José de Mesquita*
 II — Discurso de posse — *Jary Gomes*
 III — Discurso de recepção — *Jayme de Vasconcelos*

Centenário de Joaquim Nabuco

I — Palestra do Professor *Philogônio Corrêa*, pelo *I. Histórico*
 II — Discurso do Prof. *Nilo Povoas*, pela *Academia Matogrossense*
 III — Oração do Dr. *Luiz Philippe P. Leite*, pela *Ordem dos Advogados* X
 IV — Discurso da Prof. *Guilhermina de Figueiredo* — pelo *G. J. Lopes*
 V — Discurso de *Augusto Mario Vieira* — pelo *G. L. Mendes*

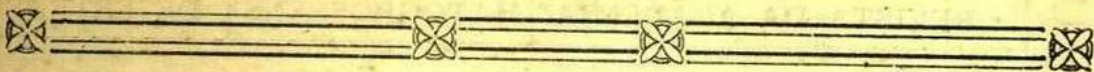
PAGINAS DOS NOVOS

Razões de um nome — *Waldemir de Siqueira*
 Os inimigos do dinheiro — *J. Benedito de Almeida*
 Carta a Iracema — *Wanir D. Cezar*
 Vela apagada — *Lygia S. L. Pereira da Silva*
 Silêncio — *Agenor F. Leão*
 Deus e Brasil — *Francisco E. Alves*
 Ressureição — *Newton Alfredo*

CADEIRA N. 33

SESSÃO SOLENE DE POSSE E RECEPÇÃO

Em 19 de Julho de 1947



Palavras de Abertura

Pelo Presidente JOSÉ DE MESQUITA

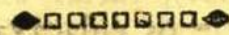
Após quasi um ano da última recepção, a Academia Matogrossense abre suas portas para acolher, festivamente, o ilustre recipiendário desta noite, o dr. Nicolau Fragelli, na poltrona nº 33, que tem como Paraninfo a figura impressiva de Mariano Ramos. Ainda uma vez se confirma o alto e constante critério desta casa, ligando o academico ao seu Patrono, na gloriosa immortalidade das letras, por laços de uma afinidade, que faz a obra daquêlle continuar a deste, nessa maravilhosa sequência, imprimidora de unidade e harmonia entre as diversas gerações, no terreno da cultura. Jornalistas, educadores e politicos, Mariano Ramos e Nicolau Fragelli representam, em períodos diferentes e em regiões distintas, uma continuidade fecunda da intelligência e do pensamento matogrossense, que a Academia tem como finalidade preservar, cultivar e aprimorar. Maior — Senhores — a minha satisfação, neste instante, participando desta solenidade a que dão extraordinário relevo a presença das mais altas autoridades e do escol da família cuiabana, ao pensar que, tambem, vêm de longe as ligações afetivas e intelectuais que me prendem não só ao nobre recipiendário, como ao filho do egregio Patrono, o Academico Oscarino Ramos, a quem, naturalmente, incumbe a tarefa gratissima de receber em nome do augusto sodalicio, o novel academico. Essa afeição não mais é que o prolongamento no tempo ua deb aproximou, no ultimo quartel do seculo findo, os nossos saudosos Pais — por feliz coincidência reunidos, hoje, na galeria de honra deste Panteão da Cultura de Matogrosso. Rebusco, em o arquivo familiar, as cartas que na década de 80, trocavam Mariano Ramos e José Mesquita (Senior), cartas essas reveladoras não só da mútua e cordial estima que os enlaçava, senão que dos pendores comuns da sorte igual que os uniu na vida. Cultores do Direito, nutriram ambos o empenho, malogrado, de prosseguir os estudos

em S. Paulo, que os fados lhes barraram, sucumbindo um e outro em pleno apogeu, da existência. A 2 de Junho de 1886 assim se exprimia o cacerense, patrono da cadeira n.º 33, em carta ao diamantinense, que patrocina a cadeira n.º 27: "E' me de todo modo impossivel ir continuar os meus estudos fóra da Provincia, sonho dourado da adolescencia da minha vida; mas sendo tambem impossivel abafar, domirar ou circunscrever uma aspiração, sinão mesmo varre-la da mente, tomei um novo alvitre, talvez errôneo com fito de remediar a circunstância a que me limitou a fortuna. Decidi a tirar na Relação dessa Capital uma provisão que me habilite a exercer a advocacia nesta comarca". E pedia a opinião do Amigo, que, certo, lhe seria favoravel, eis que impellido pelos mesmos motivos, tomara identicas deliberações. Hoje os dois provisionados aí estão com honra para os seus descendentes, na galeria dos Patronos deste silogeu e os seus filhos, atingido o ultimo grau da escola judiciária, são membros do mesmo instituto beletristico.

Nobre e expressivo ensinamento este, que nos permite ver uma geração completando a que precedeu, e o esforço dos Maiores premiado na vitória dos herdeiros do seu nome.

Conquanto possam, meus Senhores, parecer muito pessoais estas referencias, a elas não era licito eximir me, pois no paralelismo dessas vidas vejo como que o mais sadio incentivo a todos os que lutam, como nós, nesta Casa do Barão de Melgaço, pelo progresso e irradiação da Cultura.

Por outro lado redobra se me o prazer, em abrit esta linda tertulia, em recebendo estoutro velho companheiro de idéias, Nicolau Fragelli, grande e nobre espirito, que tem vibrado junto do meu, não por longos anos de inalteravel amizade não obstante o tempo e a distância, que nem isso, não tiveram a sua comum ação amortecedora de sentimentos. Vejo ainda na merecida entrada de Fragelli para este cenaculo da nossa Cultura, outra sugestão feliz, cuja oportunidade não me furto a pôr de manifesto: — corumbaense, radicado em Campo Grande, Nicolau Fragelli vem receber, em Cuiabá, a justa consagração dos seus meritos intelectuais — afirmando-se dest'arte mais uma vez, a unidade espiritual de nossa gente e a grandeza sem par de nossa terra — deste Matogrosso que todos nós, do Sul ou do Norte, de todos os quadrantes, queremos ver sempre unido grande próspero e feliz. Está aberta a sessão.

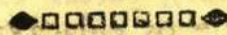


em S. Paulo, que os fados lhes barraram, sucumbindo um e outro em pleno apogeu, da existência. A 2 de Junho de 1886 assim se exprimia o cacerense, patrono da cadeira n.º 33, em carta ao diamantinense, que patrocina a cadeira n.º 27: "E' me de todo modo impossivel ir continuar os meus estudos fóra da Provincia, sonho dourado da adolescencia da minha vida; mas sendo tambem impossivel abafar, dominar ou circunscrever uma aspiração, sinão mesmo varre-la da mente, tomei um novo alvitre, talvez errôneo com fito de remediar a circunstância a que me limitou a fortuna. Decidi a tirar na Relação dessa Capital uma provisão que me habilite a exercer a advocacia nesta comarca". E pedia a opinião do Amigo, que, certo, lhe seria favoravel, eis que impellido pelos mesmos motivos, tomara identicas deliberações. Hoje os dois provisionados aí estão com honra para os seus descendentes, na galeria dos Patronos deste silogeu e os seus filhos, atingido o ultimo grau da escola judiciária, são membros do mesmo instituto belettristico.

Nobre e expressivo ensinamento êste, que nos permite ver uma geração completando a que precedeu, e o esforço dos Maiores premiado na vitória dos herdeiros do seu nome.

Conquanto possam, meus Senhores, parecer muito pessoais estas referencias, a elas não era licito eximir-me, pois no paralelismo dessas vidas vejo como que o mais sadio incentivo a todos os que lutam, como nós, nesta Casa do Barão de Melgaço, pelo progresso e irradiação da Cultura.

Por outro lado redobra se me o prazer, em abrir esta linda tertulia, em recebendo estoutro velho companheiro de idéias, Nicolau Fragelli, grande e nobre espirito, que tem vibrado junto do meu, não por longos anos de inalteravel amizade não obstante o tempo e a distância, que nem isso, não tiveram a sua comum ação amortecedora de sentimentos. Vejo ainda na merecida entrada de Fragelli para este cenaculo da nossa Cultura, outra sugestão feliz, cuja oportunidade não me furto a pôr de manifesto: — corumbaense, radicado em Campo Grande, Nicolau Fragelli vem receber, em Cuiabá, a justa consagração dos seus meritos intelectuais — afirmando-se desta arte mais uma vez, a unidade espiritual de nossa gente e a grandeza sem par de nossa terra — deste Matogrosso que todos nós, do Sul ou do Norte, de todos os quadrantes, que temos ver sempre unido grande próspero e feliz. Está aberta a sessão.



O Discurso de posse

Do Dr. Nicolau Fragelli, na Academia Matogrossense de Letras, 19 de Junho de 1947

Senhores Acadêmicos

Permiti, antes de entrar no objeto que me trouxe à vossa presença, infringindo, talvez, o protocolo, que, por intermédio desta Academia, eu saúdo esta bicentenária cidade, CUIABÁ cujo nome, como cidade, foi o que primeiro souou aos meus ouvidos, depois da minha CORUMBÁ.

Quando mais crescido, tumultuava-me no cérebro de criança, por uma associação de idéias, cada vez que à minha oitava chegavam, do porto, os repetidos apitos das nossas, ainda hoje, coloniais embarcações, as quais, dando de helice, rumando para aqui pouco depois surgiam para, sem demora, sumirem na nossa evocativa «AGUA BRANCA».

Cuiabá hospedou-me nos melhores 4 anos da minha meninice. E já nessa quadra não só a teoria se entra a assimilar nos bancos escolares, mas, também a prática da vida, realizando o que escreveu Ramón Y Cajal: «hay que aprender las cosas simultaneamente con los libros. Porque realidades y libros se fecundam mutuamente. Examinando los fenómenos, comprendemos las teorías, y conociendo las teorías nos adeunamos del fenomeno.»

Aqui assisti uma revolução, quer dizer, pela primeira vez vi como o choque de opiniões pode conduzir à luta sangrenta. Aqui vim, depois, como médico-operador, duas vezes. Aqui vim como deputado em duas legislaturas. E numa dessas, a poucos metros de distância, com Filogonio Corrêa, Miranda Horta e Ulisses Serra, vi como se procurou sanar, precipite, um *impasse* político.

A Cuiabá nunca, bemaventuradamente, me foi dado o desprazer de grampear um contratempo, uma desdita pessoal, dessas que se não esquecem na vida.

Cuiabá sorriu-me sempre, na simplicidade do seu casario que

todo êle na linguagem muda das coisas, transfunde nos o sentimento de hospitalidade de cada lar cuiabano.

Cuiabá sorriu-me sempre, indiferente algumas vezes às paixões, como sempre me sorriu a minha Corumbá, na beleza do céu, nessa «incomparable chasteté de l'azur,» de que nos fala Baudelaire.

E disse-me agora, senhores academicos, como poderá querer mal a Cuiabá, quem, certamente, possui tantas raízes que no seu coração aqui nasceram!

Sñres Acadêmicos,

Os vossos sufrágios tiveram a força de retirar da obscuridade em que, placidamente, sempre se aprouve viver, este que, ainda embevecido, agora vos fala.

Essa escôlha em que vos metestes, lampejou no meu espírito como nunca imaginada realidade, por isso que sempre me hei olhado com insuficiente altura para honrar as letras, com o timbre que vos é dado fazê-lo.

O vosso voto se alheiou não só da minha desvalia, como do nível a que os ãncs já me fizeram descer, no qual a geada incipiente e inelutavel vai como que congelando os impulsos do entusiasmo, e destolhando, inclemente, o saldo de ilusões que da vida vai ficando. A propria floração outonal, que pode ainda vir, não deixará de trazer o estigma duma seiva pobre, impossibilitada de oferecer a policromia e o perfume que deleitam.

A natureza tão avara na concessão de células cerebrais, pois que as dá limitadas e sem poder aumentativo, endurece, a mais, o protoplasma neuronal no correr do tempo, o que torna a inteligência morosa e de precario alcance.

Muito por isso, já me dei à meditação sobre a razão que vos levou a vos afastar do devido resguardo na designação do meu nome, para ocupar uma das cadeiras novas deste sodalício. E concluí que, certo, a minha atividade jornalística no Estado, na qual o longo tirocínio supriu a falta de lustre atuou no vosso espírito, como um pretexto generoso, mais do que uma razão fundamental, para me dar ingresso nesta casa, cujo prestígio crescente vem apropriando lidimamente, do título nobre de guardiã dos fóros literarios e culturais da gente matogrossense.

E queira Deus mais vá se firmando a sua prestância, de modo que, a seu respeito, possa lêr-se algum dia uma frase como esta de Anatole: «Nos politiques les plus illustres font mille bassesses pour entrer dans le doct e corps».

O PATRONO

Barnabé de Mesquita, uma das mais expressivas figuras das nossas letras, ao me cientificar a minha eleição, pôs nas suas palavras uma visível satisfação, que grandemente me penhorou. E persuadiu-me, então, que, de certo modo, atuou na indicação do neófito de hoje para a poltrôna de Mariano Ramos, a idêntica propensão de ambos para o jornalismo e a política.

Cabendo ao recipiendario encomiar o seu patrôno experimento o pesar de não haver podido colher mais farto material, e que mais a jeito me colocassem para tão grato desempenho. Daí invadir-me o temor de ser deploravelmente falho no devido realce ao matogrossense que, nas últimas décadas do século passado, soube ganhar posições de destaque no mundo social e político, a ponto de merecer de vós todos ser exaltado à proeminência de patrôno duma cadeira.

Cabendo-me traçar a vida de Mariano Ramos, quanto ser-me-ia atraente fizê-lo, si a distância que do seu tempo nos separa, eu a pude-se de certo modo neutralizar com o conhecimento dormenorizado de sua trajetória na vida.

Infelizmente, não imitou um Amiel, nada escrito deixando de si. Si o houvesse feito, vir-me-ia agora a lançar, tornando-me menos estreitos os ombros sobre que pesa a responsabilidade da tarefa que a praxe me assinala.

Os dados que ás minhas mãos me chegaram sobre Mariano Ramos, proporcionou-M'os o seu digno filho, Desembargador Oscarino Ramos, que não poudé ser mais minucioso, em vista de não ter tido a dita de o haver conhecido. Reduzida contribuição poudé também colher nas «DATAS MATOGROSSENSSES» do nosso grande Estevão de Mendonça, Alinhavemo-los, no entanto.

Nasceu o nosso patrôno na fazenda "FLEXAS", município de Cáceres, a 17 de Junho 1864, sendo seus progenitores D. Mariano Ramos, natural de' Bolivia, e Dona Ana Alves Ribeiro, de tradicional família pocceana.

Em 1874 deixava a sua, então, Vila Maria do Paraguai, para demandar esta capital, matriculando-se no Colegio Ponce, onde fez o curso primário. Foi, a seguir, para a Escola Normal tencionando fazer-se professor. Mas, com a extinção desta, passou para o Liceu Cuiabano, onde terminou o curso secundario. No tradicional educandario, foram seus condiscípulos, entre outros patrícios de nome, o General Candido Mariano, Antonio Augusto Corrêa e as inolvidaveis figuras do magisterio cuiabano Frederico da Costa Teixeira e D. Maria Luzia Antunes Maciel.

"O Argos", foi o primeiro jornal que pôs à rua, com alguns companheiros, entre os quais Frederico Teixeira.

Pouco tempo depois, toma contacto com a sua terra natal, onde, logo, os seus fortes predica los de espirito, cedo revelados, romperam a monotonia e as restrições proprias do pequeno aglomerado, que ainda era São Luiz de Cáceres, atirando-o ao vendaval da vida pública, obedecendo certamente à imposição hereditaria, pois o seu pai, anos antes, tanto se entranhara na politica de sua Bolívia, que lhe coube, um dia, o papel de emigrado, depois duma dessas reviravoltas revolucionarias, em que é fertil a terra altiplana de Sucre.

Abalou depois até esta capital com bastante preparo para se submeter a exame no Tribunal de Relação, visando tirar sua carta de advogado provisionado, alcançando pleno exito, a 5 de Setembro de 1886.

De novo em São Luiz, o seu dinamismo levou-o a fundar o primeiro órgão aparecido naquelas fertilíssimas plagas. Foi «O Atalaia», cujo primeiro número, saído a 20 de Fevereiro de 1887, entrou a disseminar um novo modo de encarar as coisas e os homens, através do seu comunicativo idealismo, e irrefreáveis sentimentos, democráticos.

Mariano Ramos, nascido e criado numa vila, pode dizer-se torna autêntica a observação de Alexis Carrel, quando diz no seu «L'homme, cet inconnu», que «cada um nasce com capacidades intellectuais diferentes. Mas, grandes ou pequenas, estas capacidades intellectuais solicitam para se manifestar um exercício constante e tambem certas condições mal definidas do meio». E depois de enumerar os fatores que aumentam "la puissance intellectuelle", discrimina os que impedem o desenvolvimento do espirito, entre os quais se contam «l'absence de règle et d'effort». E Carrel termina abo-nando a aptidão dos filhos de cidades pequenas dizendo: «Il est facile de constater combien peu intelligents sont les enfants qui ont vécu au milieu de la foule, parmi une quantité de gens et d'événements, dans des trains et d'automobiles, dans le tumulte de la rue, devant un écran cinematographique, et dans les écoles ou la concentration est inconnue».

Ora, este era, sem duvida, o quadro existente, não só em São Luis, como em todas as nossas cidades do estado e mesmo do interior do pais, quando ainda a civilização industrial estava bem longe de se comparar com a que hoje impera no mundo, graças à expansão formidavel da técnica.

Por esse tempo a campanha abolicionista ia avassalando os espiritos rebeldes à continuidade execravel da escravatura, cujas bases, alguns lustros antes, ja Castro Alves havia seriamente abalado com os seus poémas impregnados dum sentimento humano e social ainda inédito na nossa literatura.

Também nessa época o ideal republicano ia se espraiando por todo o imperio, veiculada pela palavra de Rui, Quintino, Benja-

mim Constant e tantos outros. E Mato-Grosso conquanto distante, não podia, bem se vê, escapar á influênciã das novas ideias que vinham embebendo o cérebro dos moços, especificamente sempre mais accessiveis a tudo que significa liberdade, a tudo que se contrapõe a privilegios.

E Mariano Ramos foi, por sem dúvida, dos jovens de Mato Grosso que mais cedo se imbuiram do espirito de inovação e mais doados se mostraram da virtualidade civica necessaria, para a pregação do abolicionismo e da republica.

Facil é, assim, compreender as atitudes de Mariano Ramos, denunciadoras dum temperamento vibratil, occulto sob uma camada de frieza e impassibilidade que não deram, contudo, para lesar a popularidade de que sempre gozou.

Era mesmo digno de nota una organização como a sua, carregada de indiscutivel teor liberal, mormente si considerarmos o ambiente em que mais viveu, pouco fertil em estímulos de ordem sociológica, pela carência demográfica de sua incipiênte cidade. Concebe-se, pois, o quanto tinham de subjetivo os passos de Mariano Ramos na senda da vida pública, que, êle encetara com marcante personalidade. Mariano Ramos pertencia, sem dúvida, ao numero privilegiado dos intuitivos,

Aproveitando uma imagem de Prosper Merimée, dir-se-ia que êle, à guisa dos tomadores de opio, da Asia, era menos sensivel ás impressões exteriores do que mesmo ás alucinações da bebida enebriante, pois que, na quase solidão que o rodeava, no reduzido ambiente social em que vivia, eie se havia habituado a viver entre as criações de sua fantasia, como em meio das muitas realidades que os grandes centros proporcionam.

Dai essa alta coerência do inimigo da escravatura, do intransigente republicano, tornando o achegado aos pequenos, cuja sorte lhe ia ao coração e á mente. Por isso, punha-se sempre a serviço dos necessitados, defendendo-os como advogado perante o tribunal popular, e como jornalista nas colunas do seu hebdomadario.

Quem dess'arte procurava ajustar os seus pendores íntimos com o panorama humano que o circundava, era, por natureza, hostile ás instâncias do egoismo, essa formula negativa do vinculo social. O seu nome tinha, por consequência, que se irradiar no seio da coletividade, que lhe não regateava os seus mimos. Adquirira, desse modo, muito moço ainda, os ingrediêntes necesarios e imprescindiveis á formação de um verdadeiro homem público. A maturação moral e espiritual chegada a termo, como poderia a primeira constituinte republicana de Mato-Grosso privar-se dos seus frutos? E eleito, a sua atuação só teria que ser brilhante, como foi, salientando-se, segundo Estevão de Mendonça, como habil argumentador.

A 1º de Janeiro de 1889 contratou o seu casamento com Dona Rosa da Conceição Pereira Leite, filha do Major João Carlos Pereira Leite, senhor da "Jacobina" e dono de tão extensas terras que tantas não chegou a ter, no dizer de Virgílio Corrêa Filho, o rei de Portugal.

Do seu consorcio teve 4 filhos: Aristides, Oscarino hoje acadêmico como vós e um dos luminares do nosso tribunal, e mais dois, cuja vida não passou dos primeiros trances.

Em Cáceres foi juiz municipal, intendente e professor.

O perfeito desempenho que soube dar aos encargos que eram confiados, a projeção profissional do advogado não somente no Fôro de sua terra natal, como em todo o Estado, para o que muito contribuíram varios trabalhos seus publicados na Revista do Direito, como outros tantos impressos contendo razões, sempre mui apreciadas nos meios juridicos—tudo isso deu ao seu nome uma particular evidência.

A essa bagagem, que só se consegue com invulgar inteligência, com real apego aos livros e incansavel operosidade, ajunte-se a aureola que ganhara na Assembleia Legislativa, e compreender-se-á cabalmente porque foi retirado o seu nome duma cidade modesta, como era São Luiz daquele tempo, para a eminência da Camara dos deputados, ali conduzido pelo eleitorado do partido republicano a que pertencia. E Estevão de Mendonça fala nas suas "DATAS", que o seu nome ja estava sendo focalizado para suceder na presidencia do Estado, ao Dr. Antonio Corrêa da Costa.

Mas, o dinamismo de Mariano Ramos assenhoreava se tambem de certa porção de ubiquidade, por isso que, sob seus olhos, uma fazenda de criação que possuia não conheceu a estagnação, progredindo sempre com adoção de processos modernos expurgados de qualquer rotina. Não foi de admirar, diante de sua adiantada administração, que os haveres deixados á partilha não fossem de pouca monta.

Infelizmente para Mato-Grosso, quem vinha se distinguindo como uma das suas mais raudias promessas, como uma figura de predestinado a feitos de subida importancia no campo político e administrativo—foi pela febre amarela colhido em suas dobras, quando mal completava dois anos de atividade parlamentar. Com menos de 32 anos, faleceu Mariano Ramos a 20 de Abril de 1896. Mato Grosso pareceu ficar às escuras vendo desaparecer, quase de súbito, quem, nunca havendo cursado uma universidade, como Rivadavia, Mitre, Sarmiento, na Argentina, possuia forças e talento para subir em qualquer parte.

Espírito analítico, sobrio, senhor absoluto de seus nervos, tinha sempre o coração permeavel a todas as miserias que só em affligir o povo. Era, desde os albores de sua mocidade, um e-

quânime a quem as lutas nunca transfiguraram o aprumo com que se conduzia na vida pública.

Pena é, como já disse, a deficiência de certos detalhes na sua existência, dentro e fóra do seu lar, para que melhor pudesse configurar a sua psicologia. Si tivesse sido possível colher algumas frases suas, pronunciadas ou escritas em determinados momentos chegaria, é bem possível, a apreender certos pendores do seu espírito, constituindo uma contribuição, de que tanto se valem os biografos modernos, para para melhor fazer ressurgir aqui, nestes momentos, o vulto do cacerense ilustre. E eu sentir-me-ia mais feliz, por haver melhor nutrido essa vaidade que todos, neste posto e nesta hora sentem, qual seja a de evocar com tintas mais precisas e mais acerto a personalidade do paraninfo.

Mas, mesmo assim, por entre o tosco do que aí vai, através do bosquejo que a carência das minhas prendas torna pouco expressivo, depreende-se bem como e quanto soube Mariano Ramos altear-se no meio em que viveu. Vê-se claramente que êle, desde muito moço, entrou a dar arquitetura aos seus sonhos, tirando-os da névoa para a realidade, com a sua pertinacia sempre aliada ao fulgor de sua intelligencia. E, uma a uma, as suas conquistas vieram, inclusive a que, naquele tempo, só os verdadeiros valores tinham o gaudío de tocar: um assento no congresso nacional.

Ajustam-se a Mariano Ramos as palavras dum filósofo: "A única coisa seria e formidável na natureza, é a verdade, e o olhar dos que a possuem tem a força dum raio de sol — «Le regard de ses yeux a la force d'un rayon de soleil».

Assim, pois, do meu patrão pode dizer-se que êle, como queriam os indús, plasmou o seu próprio destino, e o plasmou com a sua energia moral, o seu aprimorado espirito, que lhe garantiam a sua marcha ascencional na vida pública, com que forçou a porta da posteridade, por onde entrou como triunfador, e de que é a prova o haverdes posto o seu nome na galeria dos patronos desta Academia, o que é o mesmo que dizer: Mariano Ramos já pertence definitivamente à historia de Mato-Grosso.

VARIAÇÕES SOBRE JORNALISMO, POLÍTICA E POLÍTICOS

Jean Moreas escreveu um livro que intitulou: "Variations sur la vie et les livres". Como na música, nesse gênero literario, os elementos do tema principal se conservam, não obstante as modificações ou os ornatos à aria adicionados.

Dentro, portanto, desse sentido, permiti, senhores acadêmicos, que aborde eu agora, o assunto: "Variações sobre jornalismo,

política e políticos”, que oonstituiu motivo a influir na confluência dos nomes que hoje se unem na poltrôna 33: um, O TUTOR e o outro O TUTELADO

Não vos domine, porém, o receio de que eu me aventurei candidamente, a procurar áreas indevassadas na incursão por um tema, que nem por parecer tão ao alcance da abelhuda gente, deixa de ser fonte inexaurível para aquêles que erudição e espírito especulativo. lhe descobrem sempre, sobretudo em política, inéditos horizontes.

O JORNALISMO

Particularizo, primeiro, o jornalismo e, preferentemente, o nosso, esquecido de que em Mato Grosso essa atividade está ainda nos seus rudimentos, muito pouco se distanciando do que existia no imperio, que não contava com as vantagens do avião, do elégrafo, e muito menos, do rádio.

E não é para nos causar pasmo essa verdade, si considerarmos que a imprensa mais ou menos vistosa, mais ou menos senhora dos recursos modernos: papel linha dagua, linotipos, clicherie, material bom para tudo que constitue a arte gráfica, e etc., essa imprensa ajustada à trepidação da vida atual está em função do número de habitantes que, no nosso Estado, se exprime ainda por um índice desconsolador.

Mas, não obstante o nosso lento andar na esfera demográfica, não se pode negar que o progresso parece desviar dessa contingência para se alastrar por toda a parte, na ordem direta da facilidade de transporte, superando óbices que mais avultam na nossa terra do que alhures. E não deixa de ser triste surpreendemos o contraste entre esse avanço e a inercia de nossa imprensa, imprensa que, na definição sintética de Ruy “ é a vista da nação”. E é Ruy que explica: “Por ela é que a nação acompanha o que lhe passa ao perto, e ao longe, enxerga o que lhe malfazem, devassa o que lhe ocultam e tramam, colhe o que lhe so-negam, ou roubam, percebe onde lhe alvejam, ou nodoam, mede o que lhe cerceiam, ou destroem, vela pelo que lhe interessa, e se acautela do que a ameaça. «E é ainda Ruy quem diz; «que é mediante a publicidade que os povos respiram, ajuntando esta frase de alguém: «a imprensa é a garantia de todas as garantias.

Ora, por essas cristalinas palavras do grande baiano, infere-se o quanto valem para a vida dum povo os órgãos de publicidade, que têm objetivos muito mais importantes do que, de relance, se podem avaliar.

Já Ortega Y Gasset diz, por sua vez, que “el periódico es el arte del acontecimiento como tal”. Su misión no es buscar la

realidad latente, que un día quedará destilada de los sucesos. Esta destilacion es faena que se hace siempre mañana, lejos del hecho inmediato; es anatomía, análises, abstracción. El periódico, por el contrario, assiste al acontecimiento, y lo que mas debe interesarle es, precisamente, su apariencia, lo que de él se habra ya mañana votilizado.”

Vê-se claramente pelas palavras do filósofo ibérico, que o que mais deve preocupar o homem de imprensa, como artista do acontecimento, é gravar nas colunas do seu jornal, a exterioridade que impressiona imediatamente; o que se oferece à primeira vista, aos sentidos. Essa é justamente a parte do acontecimento que se evolva dum dia para outro, e que precisa ser fixada pelo jornalista. Fica para o comentarista moderno, ou para o historiador dissecar, classificar e interpretar o sedimento do fato. E evidentemente para esse immediatismo impõe-se uma imprensa capaz de registrar, *au jour le jour*, todos os acontecimentos que podem prender a curiosidade pública. Tal não é dado vêr, ainda, nos nossos jornais que, além de se acharem desaparelhados para colher e publicar, de todos os fatos e feitos, aquilo que mais de pronto alvoroça a coletividade, não possuem repórteres suficientes para evitar a fuga do que mais interessa no acontecimento. E não falemos aqui do mutismo proposital determinado, algumas vezes, por circunstâncias singulares que surgem na sociedade, e outras por inflamado partidatismo que se nega a noticiar, por exemplo, a chegada dum Eduardo Gomes a Corumbá.

As restrições que venho de fazer no tocante à vagarosa evolução da imprensa de nosso Estado, não me tolhem, contudo, o prazer de assinalar que, não obstante a inópia de que não pode ainda desvencilhar o nosso periodismo, tem êle podido, todavia, a tudo sobrepôr-se sempre, para dar conta do seu papel social, de sua ação educativa, de sua missão patriótica. E como consequência correlativa dessa eficiência funcional, há a imprensa imperial e republicana do nosso Mato Grosso produzido jornalistas de sedutores predicados de estilo, de arte e de cultura, capazes de brilhar, como se tem visto, mais ainda, quando solicitada a sua virtuosidade pelos estímulos inherentes aos grandes centros.

Jornalistas-há os ocasionais, há os curiosos, os supranumerários da classe, que surdem e pululam nas encruzilhadas eleitorais, e há os que, uma vez iniciados nessa atividade, sentem-se a ela integral e definitivamente presos, não lhes sendo mais possível interrompe-la, sem sofrerem uma verdadeira coloidoclasia moral. A esse número pertenceram Alcindo Guanabara, Quintino, Patrocínio, Felix Pacheco, aqui no Brasil, e Mitre e Murature, na Argentina. Murature, que à pena aristocrática e pitoresca de Octavio Amadeu inspirou esta frase: “El periodista es como el sacerdote; una vez ungido, su marca es indeleble.” E é a esta catego-

ria, a esta casta nobre de verdadeiros apóstolos, que cabe, por certo, a salvaguarda desse precípua dever da imprensa que é a verdade.

Ruy mostrou como os regimes que se desmandam para o absolutismo, vão entrando logo (são palavras suas) a contrair amizades suspeitas entre os jornais. Refere-se ao que, nesse sentido, se viu no imperio de Napoleão III, e na Alemanha de Bismarck que fundou a repartição da imprensa ás margens do Spréa, a qual não passava da mais vasta *fábrica de opinião pública* que até então se viu, com filiais pelo mundo todo.

É bem de vêr que a imprensa, assim obliquada para a mentira, se converte num verdadeiro flagelo para a coletividade. E, infelizmente, muita da fartura ostentada por certos órgãos da imprensa metropolitana não tem o sêlo da procedência que Ruy queria.

Mas, no que nos toca (falo agora como jornalista), não nos envergonhemos nunca da nossa pobreza e da limitação material de nossa imprensa, desde que dessas condições não procuremos sair pelo caminho tortuoso da mentira, irmã gêmea do suborno.

Não ha dúvida que é empresa árdua dizer a verdade para os poderosos. E já Montesquieu dizia que "c'est un pesant fardeau que celui de la verité torsqu'il faut la porter jusqu'aux princes".

Mas, superemos tudo pela verdade, fonte dos mais fecundos benefícios que a imprensa pode prestar à coletividade.

POLITICA E POLITICOS

Sabem todos que 4 séculos antes de Cristo, Aristóteles escreveu o seu famoso tratado "A POLITICA", no qual tratou dos 3 governos: despótico, aristocrático e democrático. Já naquele tempo, poude o filósofo dar-se conta da superioridade da democracia. Nesse mesmo tempo, mais ou menos, Platão foi autor dum diálogo sobre "o político", no qual se encontra alguma coisa applicável nos tempos de hoje. Já nessa época tão recuada existiam ideologias, o que vem mostrar que elas não são novas sob o sol.

Saltando se para a atualidade, pois que fazer historia não é nosso objetivo, em falauo de politica, vem-nos logo à mente o admiravel discurso com que Rui assombrou os corifeus de Haya. Falando de improviso, e provocado por um rumo, inconveniente à politica que Rio Branco vinha genialmete tecendo no nosso continente, dos labios do grande brasileiro saiu a *politica* purificada na agua lustral dos seus argumentos, nunca havendo sido ela tão alcançada.

Para nós, que nos achamos num quadro um tanto provinciano, ajustam-se com precisão certas observações de Unamuno, o grande professor de Salamanca, sobre *los antipoliticistas*, feitas em Canarias, e que, agora, aqui as resumo, não lhes retirando o acento crítico do mestre. Aplicam-se ao nosso ambiente, sobretudo, nesta fase em que se procura infiltrar no povo o apego à democracia.

E comum ouvir-se, por exemplo, — "Bem, devo dizer ao sr. que não sou político". E assim se exprimem como que se defendendo duma acusação tácita, ou procurando ser agradável a quem se dirige. Não falta mesmo quem aponte as nossas figuras políticas a alguém, com estas palavras: "Ali vai um político", como si falasse duma especie à parte ou de homens que se dedicam a uma profissão mesquinha. Aos que se mostram indiferentes às fecundíssimas lutas políticas, êle os chama de "execrables neutros". Esses displicentes que desdenham entrar na vida politica, ao menos como eleitor, ficam eles, amanhã, sem o direito de se queixar, si algum dispositivo legal ou simplesmente administrativo, prejudicar os seus interesses.

Mas, vamos ao cerne das belas páginas de Unamuno.

Depois de relancear sua vista penetrante por varios trechos da historia sagrada, o sabio espanhol rotula toda a obra da redenção cristã de "obra profunda e essencialmente politica". E prossegue com estas afirmações que tem o sabor de verdadeiros postulados: "Es torpeza, y torpeza insigne, la de querer trazar à la politica um campo restringido. . . La politica no es una especialidade; la politica es una forma de concebir, plantear y resolver todo problema. La politica es una envolvente de todo problema público. Hay política econômica, política religiosa, política sanitaria, política cultural, las grandes cuestiones humanas en una democracia. "E que os governos não se esqueçam de que a politica es uno de los melhores puntos de vista para enearar cualquier problema".

Devemos, pois, rehabilitar perante as massas, com as quais cumpre pôr se de bôa avença, o verdadeiro sentido da politica, mostrando-lhe o quanto diverge ela de suas filhas bastardas, conhecidas sob os nomes de politiquice e politicalha. E oxalá possa a imprensa, com um cuidadoso emprego da palavra «politica», liberta-las das confusões que comumente se perpetram, enredando-a com as duas degeneradas atividades dos que se cansam da linha reta.

Incontestavelmente Renan tinha razão quando disse: «L'opportunisme c'est l'essence de la politique.» E os que a exercem, os políticos, mais sucessos colhem, quando melhor sabem apanhar a «melena da ocasião» pela frente... Não era sem motivo que o genial Paul Valéry escreveu no seu «Regards sur le monde actuel» estas

palavras: «O resultado das lutas políticas é de perturbar, de falsificar nos espiritos a noção da ordem de importância das *questões* e a ordem de urgência.» De fato aqui no nosso Estado, como alhures, cerramente, vê-se como consequência dos prelios eleitorais frequentemente embaralhada no cérebro dos governantes a noção de que nos fala Valéry. Mesmo de governantes tomados de sadios propositos.

E não precisa muito talento para se apreenderem os graves prejuizos decorrentes duma ação administrativa que claudique no preço que deve ser dado ao fator tempo. De fato, os problemas que se apresentam aos olhos do político que admistra devem ser classificados numa hierarquia de importancia baseada na urgência imposta pela solução desses problemas. Diz um filosofo que a política é muito mais real do que a ciência, porque se compõe de situações únicas, na qual o homem se encontra de súbito submerso, queira ou não. E para êle, o exemplo máximo de don para encontra o perfil da realidade substantiva, num momento de pavorosa confusão, numa hora das mais caóticas que viveu a humanidade— foi Julio Cesar.

Encarando, apenas, a historia do nosso Estado, a ningem é dado desconhecer as situações singulares em que muitas vezes se encontrou a nossa política. E o rumo que traduz a normalização dos casos imprevistos depende imenso da envergadura, da energia inteligente dum Cesar, que não se embarça no intrincado das circunstâncias. Daí, a sorte diversa que há epilogado esses verdadeiros *impasses*, que as nossas crônicas políticas registam.

Em toda parte se encontram políticos, detentores de notavel habilidade no arredamento das dificuldades que lhe atravancam o caminho. No Brasil, entre outros, um há que se celebriizou na perícia dessa arte, que os esportistas chamam de *driblar*. Mas, como num trecho de Axel Munthe, a uma figura estranha coube, e não a êle, ler o último capítulo que faltava no seu alentado livro de normas políticas, onde tudo se explicava, todos os enigmas que se apresentavam eram resolvidos e todas as perguntas tinham a resposta que se impunha. E sobreveic daí a desorientação.

Na historia política moderna da França—um ripo perfeito de prestigeador, foi incontestavelmente, Aristides Briand, que, alem de engenhoso, era um tribuno arrebatador. Mauricio Barrès chamava-o de «monstre de souplesse» Jacques Bainville dizia dele: *Personne ne saurait dire, en effet, s'il est révolutionnaire ou conservateur, s'il fait de l'ordre avec du desordre ou du desordre avec de l'ordre. Il est probable que lui-même n'en sait rien, car c'est du moment et des circonstances que sa politique dépend*». E varios episódios na sua carreira de homem público ilustram, *à merveille*, os prodígios de astucia de que sabia valer-se.

Falando de políticos, neste *pêle-mêle* a que me propus, não quero esquecer me dos que lutam esbaforidamente para a conquista de posições de relêvo e que, não obstante possuírem inteligência, não só não atingem o ideal sonhado, mas, se tornam instrumentos inconscientes para a exaltação de outros que, além de mais, eles detestam. Lamartine, o grande poeta de "Jocelyn" e de "Graziella", foi um dêles. Luiz Felipe caiu sob seus golpes certeiros, mas, não tardaram os dias turbulentos de Junho, que lhe trouxeram o profundo dissabor de ver fugir lhe das mãos a presidência da república. E no final, depois de várias investidas infrutíferas, deu-se conta Lamartine de que havia trabalhado para Napoleão III, "qu'il avait en horreur", segundo Bainville.

Platão, diante da malaventura do grande vate gaulêz, teria encontrado mais um subsídio para a sua ogeriza contra os poetas, na república dos seus sonhos.

Mas, si da torre de márfim grande não há sido o número dos egressos que se tornaram políticos de renome, por outro lado, não se pode dizer o mesmo das salas prozaicas onde se faz jornal, das quais saíram os mais provecos senhores da opinião pública, os mais emiaentes manipuladores dessa química em que se faz a chamada-vontade popular. Já Tilliers de l' Isle Adam mostrou, duma feita, que à politica se chega muitas vezes, pelos degraus do magisterio e do jornalismo.

SE DÁ VUELTA A LOS TRAJES

Em Buenos Ajres e Montevideo, é comum ler-se em varias tinturarias este letreiro: «se da vueltra a los trajes,» Quer dizer os trajes velhos, surrados, russos, de cor duvidosa encontram naquelas casas operarios especializados que viram ao avêso os costumes aposentados na elegância das ruas, tornando-os novos.

Tambem em politica se vêem tais como os fatos que pedem uma virada, convicções que se descoram facilmente, e que se transmudam dum dia para outro, no atelier de suas conveniencias pessoais.

Perante a frieza do filósofo, as bruxas decisões dos que «mudam de acampamento como ciganos», na expressão do antigo politico carioca Irineu Machado, não atraem o mesmo rigor de apreciação usado pela opinião pública, sempre mais intransigente na sua critica. Rodó chega a justificar essas variações de ideias, dizendo que é mais grave ess'outra «falsidade que se manifesta pela ficticia permanencia numa ideia que ja não tem raizes vivas no coração» E chega a dizer que «uma extrêma versatilidade de ideias sóe parar numa convicção mais firme e segura do que nunca.

«Está visto que, em política, essa dialetica transplantada em todos seus termos, pode apagar a linha que divide os políticos os leais daqueles que se consideram boêmios por desprezarem a firmeza de convicções. E mais conscientes, ainda se fariam na sua volubildade, si se abeberassem nesta mais incisiva frase do grande escritor uruguaio, tão amigo dos paradoxos: "Cada uno de nosotros es, sucesivamente, no *uno* sino *muchos*. Y estas personalidades sucesivas, que emergem las unas de las otras, suelen ofrecer entre si los más raros y asombrosos contrastes". Bemaventuradamente, poucos são os que têm "Motivos de Proteu", pois o prestígio do seu autor poderia levar ao espírito de alguns o remedio radical para as suas indecisões...

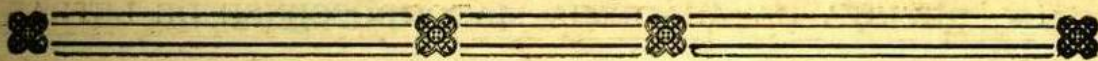
Mas, em materia de deliquescência de convicções quem subiu mais alto do que o famoso Fouché, cuja ginástica nas mais terriveis situações que o mundo já viu, se cristaliza nesta de Stéphan Zweig, que vós todos lestes?: "Os Girondinos cáem, Fouché fica de pé; o Directorio, o Consulado, o Imperio, a Realeza, e segunda vez o Imperio desaparecem, mas êle fica sempre de pé só êle, Fouché."

Senhores Acadêmicos

Páro aqui, nesse zig zag do Colibrí que procura o mel do pensamento alheio, existente num florilegio sem fim. E só a *vol d'oiseau* me foi possível falar de politica e politicos. E, si alguém, mais curioso, me perguntasse si na ambiência politica autóctone, cabem pessoas e episódios representativos dos que, *currente calamo* escrevi, eu com sinceridade responderia como Teofrasto num banquete, quando se lhe pediu uma opinião: "Calo, porque do que sei, seria inoportuno falar, e do que seria oportuno falar nada sei".

E, ao terminar, renovo a minha gratidão aos senhores acadêmicos, que para este cenáculo das nossas letras me trouxeram. Espero, constituirá um estímulo bemfazejo ao esforço que se me impõe, de tornar menos manifesta a desconformidade entre a altura dos veteranos e do recruta, que, hoje, timidamente, com êles se mistura.





O discurso de recepção

pelo acadêmico Oscarino Ramos

Senhor Acadêmico Nicolau Frageli

Encontramo-nos num momento propício de nossa vida, neste salão da Casa de Melgaço, cheio de luz e do que mais representativo possui o nosso alto mundo oficial, eclesiástico e social, cujo prestígio se exalta mais do encanto feminino que tanto realce vem trazer a este ambiente saturado de música, poesia e saudade.

Encontramo-nos, Senhor Acadêmico, como dois viajores que tocados por destinos diversos, um dia, os fados benfazejos, os fizessem encontrar, á sombra tranquila de uma encruzilhada, para o enlêvo de uma longa e recordativa digressão sobre o passado, com o milagre de tudo reviver. Vimos, de fato, Senhor Acadêmico, de rumos diversos e todavia, as nossas tendências espirituais e intelectuais nos proporcionam este encontro amável. Chama-lo ei, por isso, o milagre da intelligencia, pois, só ela pode unir os homens para um destino melhor.

Essa a finalidade da nossa Academia que pode ser resumida no conselho do sábio: faze da tua vida uma ascensão.

Notai, Senhor Acadêmico, a partida da nossa vida: a vossa, a minha e do patrono da vossa cadeira, na apatência tão diferente, mas correndo para atingir o mesmo fim.

Sois médico, educador, jornalista e político. Juiz, um inveterado galanteador das Musas, sou eu e o vosso patrono, meu progenitor, advogado e como vós, jornalista, educador e político.

O exercício da medicina, em tempos idos, foi um sacerdócio. Hoje, uma profissão. Não importa essa distinção, uma vez que o profissional seja honesto porque, em suma, é a mais nobre possível. Em nosso Estado, posso afirmar de ciência própria, ainda não medrou o complexo dos que, á sombra da profissão, procuram se enriquecer, com menosprezo da saúde alheia. A

classe médica, em nossa terra, ainda é honesta, o que só pode dignificar quem a exerce.

Por vezes, Senhor Acadêmico, há passado sobre os vossos ombros a tremenda responsabilidade de salvar uma vida preciosa. E a luta que se trava em torno de um leito, supera tudo que é humano. A morte desafiando a ciência. A âncora da família atormentada é facultativo, atento e solícito, e, muitas vezes, a matéria procurando ser o que deve ser. Longo já vai o vosso currículo profissional e todo ele pontilhado de benemerências. Não obstante as graves preocupações da vossa profissão, os vossos vagares, obedecendo a naturais pendores, vos ensejaram incursões amáveis por outros setores da atividade humana. Dai surgir a pena esmerada do jornalista que sois, a vossa inclinação para a cátedra, a vossa maneira de orientar os vossos compatriotas, ao lado do médico.

É que essas modalidades do vosso espírito não se extremam, mas, ao contrário, se afinam no conjunto de uma cultura rica e variada.

Que é o jornalista sinão - como o facultativo - um auscultador dos males sociais, das angústias do povo, procurando remediá-los?

Ei-lo sociólogo. Ei-lo democrata, na lídima expressão do termo, porque, vezes muitas, desce, como um sol a pino, ao coração do povo, para iluminar esse desvão sempre agitado e insatisfeito. É quando a sua pena flameja, como as sarças do Sinái, clamando justiça e igualdade. Ao político, não o profissional, quasi a mesma missão assiste.

Em contáto permanente com o povo, por isso mesmo, deve ser o seu denodado defensor. Reinvidica os seus direitos conspurcados ao mesmo tempo que examina e resolve os problemas da pública administração, que outra coisa não deve ser, sinão o bem estar público.

Si à vida pública, Senhor Acadêmico, destes este apreço, vos sobrou ainda o mel da vossa inteligência e a cultura que ministrastes, na cátedra, à flor da mocidade campograndense.

Fizeste-vos, professor da língua universal. A missão do professor é nobilíssima, quando não se restringe apenas a ministrar conhecimentos, mas, quando, também procura, em função do seu cargo, modelar os caracteres em formação. É o educador se confundindo com o mestre.

Este foi o sentido pelo qual nordestes o vosso magistério.

Instruistes e educastes a mocidade de Campo Grande, que muito vos deve pelo que lhe fizestes. O vosso patrono perlustrou a mesma trilha, no que toca a esta vossa atividade.

Apenas não foi médico, como vós. Foi advogado, porém. O que quer dizer se propôs a curar os direitos ora enfermos,

ora ameaçados de lesão. Tão nobre e edificante, como a vossa, portanto é a profissão do advogado, quando, no pretório, êle se apresenta com as qualidades que os romanos lhe exigiam, do *vir probus*. Foi, assim, meu pai e, como vós, jornalista, educador e político. Vossa vida e a dele, são duas flexas que, partindo de rumos diferentes, alcançam um fim comum: o bem do próximo e a felicidade coletiva.

Filho do vosso patrono, cabe-me a honra insígne de vos receber em nossa Academia. E, como eu o faço, é bem de ver, com agrado e ufania, muito embora sob o influxo da carreira a que, por vocação, me dediquei.

Sou Juiz o que não quer dizer que trago, fechado o meu coração, à manifestação das dores alheias, nem ás palpitações do que diz respeito á grandeza do nosso Estado.

Não maldigo a carreira que abracei, embora, neste lusco-fusco da minha vida pública, verifique quão ingrata é essa missão e amarga aquela verdade evangélica: não julgueis para não serdes julgados.

Pelo contrário, agradeço essa mercê divina, pois si muitas desilusões colhi, forçoso é dizer que, no manuseio dos autos, muito aprendi sentindo, muitas vezes, o embate das paixões, flutuando num mar revolto que só a justiça pode aplacar. Por isso mais do que nunca creio no direito e na justiça, ou para melhor expressar, faço minhas, as palavras daquele grande Juiz brasileiro, o ilustre Pires e Albuquerque que se defendendo dizia: "Da ficção, disse alguém, vive 'o direito como a poesia. Essa ficção é o meu credo'".

Dai porque, ao termino da minha carreira judiciaria, si me permitis a comparação, como vós, eu me recolho nos dias da maturidade, para melhor sentir, através da janela de minha casa, cheia de luz e amor, o lento declinar do sol no poente, como sói acontecer na vossa cidade natal quando o horizonte se incendia para receber o disco solar que cai alem do Paraguai, num leito de rosas e papoulas.

Vêde, pois, a afinidade que entrelaça as nossas almas por esta noite de pura espiritualidade. Há muito, já devieis ter deixado na soleira desta Casa, a vossa sandalia de peregrino de Belo, para vos servirdes das esporas de ouro do cavaleiro vitorioso das letras e honrardes com a vossa presença uma das poltronas desta Academia, porque a vossa vida se ergueu nestes quatro suportes: a medicina, o jornalismo, o professorado e a politica.

Não é somente através dêstes prismas que devemos lobrigar o vosso inrenso agitar. Há outros fatores marcantes na vossa formação intelectual. E' a terra. Nascestes em Corumbá. A ardentia do seu sol coruscante povoou de fráguas o vosso coração e

os vossos olhos se encheram de alegria ante a louçania do berço encantado.

Deixastes, contudo, lá os vossos brincos infantis e viestes para Cuiabá, para receberdes no tradicional Colégio S. Gonçalo os primeiros elementos do curso ginasial. Partistes, depois, para Pôrto-Alegre, onde concluístes os vossos preparatórios e ingresstastes na Escola de Medicina, da mesma cidade. O vosso curso academico concluístes, contudo, na Capital da República e o aperfeiçoamento foi alcançado em Paris, onde não somente conhecestes o que de mais adiantado havia no ramo da medicina, como requintastes a vossa sensibilidade artistica.

Ora, quem, como vós, viveu em Cuiabá, Corumbá e Campo-Grande, vale dizer, o Norte, o Centro e Sul do Estado, por certo, há de quere-lo muito, pela bondade de sua gente e pela incomparável beleza dos seus sítios.

Cuiabá, ficou na vossa retina para sempre. «É uma das teclas do meu coração», como, em carta, há pouco me confessáveis.

Corumbá, centro do vosso amor e dedicação nunca mais foi olvidada.

A ela destes as primícias dos vossos conhecimentos e de vossa cultura. Fostes por muitos anos, o seu médico. Fundastes, com outros, o seu Centro Beneficiente e fostes seu primeiro Presidente.

Depois, elegestes para centro da vossa atividade, Campo-Grande e de lá, continuais a mesma norma de conduta. Essa foi a vossa bela mocidade. E, como sem amor nada é belo, fostes achar no seio da vossa cidade natal, a delicada flor feminina que, embora efemeramente, encheria o vosso lar de ternura e calor. E' certo que essa flor, para logo feneceu. O vosso coração ferido, não pulsou, solitário, mais.

Para o vosso consôlo, para o vosso orgulho, ficaram os vossos tres filhos e porque não dizer vos proporcionaram a alegria de serdes avô, o maior enlêvo de Hugo ao ver-se cercado de seus netos:

«Venez autour de moi. Riez, chantez, courez».

Fugistes, para esquecerdes o vosso infortúnio e foste fixar em Campo-Grande, a cidade que despertava ao alarido do progresso: lá vos radicastes e mostrastes outra fâcies de vossa sensibilidade.

Ali, não ereis mais o jornalista corumbaense, com pena molhada na tinta da literatura, mas, sim, o doutrinador, o sociólogo, o combatente, com o sangue mordido pela frâgua da alma gaúcha que vos contaminou no vosso estagio acadêmico em Pôrto Alegre.

Fostes para a vossa cátedra e lecionastes, com o profundo conhecimento que vos ficou do vosso aperfeiçoamento, na Cidade Luz, a língua franceza, e como me acostumei, pelo habito de julgar, a julgar com provas, citarei, para tanto, o estudo profundo que fizestes e publicastes na nossa Revista, volume correspondente ao ano de 1944 a 45, página 173. Nesse novo setor que procurastes para as vossas atividades, logo recebestes dos vossos concidadãos, a confiança do seu sufragio e por isso, fostes eleito deputado á Camara Estadual. De que modo procedestes no desempenho do honroso mandato, bem alto falam os opusculos que publicastes: "O Empresimo de Campo-Grande e "Discurso na Assembleia". Ai, a prova do vosso acendrado amor à terra natal. E nem de outra maneira podia se entender, porque quem nasceu matogrossense tem o orgulho de o ser.

Vede, Senhor Academico, o Norte que tão bem conheceis, como são ricas as suas matas, os seus rios, o seu sub-solo rebrihendo de ouro e gemas preciosas.

Vede o Centro, como o Norte e o Sul, com os campos em plena atividade agro-pecuaria. O Sul com seus hervais, as suas matas povoadas de vozerio humano e as suas estradas cortadas pelas carretas coloridas e barulhentas

Ora, Senhor Academico, o vosso espirito sofreu a influencia do Norte, Centro e Sul do nosso Estado. Eis porque é inegavel o vosso amor à nossa estremecida terra natal. E êle mais se realça, por esta noite, quando a vossa palavra sedutora e autorizada, mais do que a minha, melhor expressará êsses sentimentos que borbulham em vosso coração.

A vida do vosso patrono foi tambem tôda ela inspirada nesses mesmos altissimos sentimentos. São pois, duas almas que se abraçam no espaço, num anseio de brasilidade, porque, ja dizia Faguet "é um exilado dentro de sua Patria, aquele que não se interessa pelo seu destino."

Senhor Acadêmico Nicolau Frageli: O homem não é apenas êsse nobre fantasma que vagueia pela terra. Várias vezes, êle transforma êsse misterio que traz em seu coração em uma alme-nara perene para iluminar a desolação tristissima da vida. No cintillar de um verso ou de um pensamento, ou numa idéia criadora, pode proietar o seu vulto pela senda do futuro. Dai a finalidade das Academias que outra coisa não são senão o agrupamento de homens de bôa vontade.

De inicio, eu vos disse, somos, nesta noite de festa, como dois viajores amigos que se encontram numa encruzilhada da vida para um ameno conversar sôbre o passado, o presente e o futuro.

Neste momento, sinto o meu espírito pairando num plano tão superior que olvido a p'nicie desencantada da vida cotidiana para embevecido, ouvir a vossa palavra cheia de carinho sobre a vida de Mariano Ramos, vosso patrono, meu pai, e meu guia. Ele será o vosso patrono nesta Academia que tem como seu presidente de honra, o Exmo. Senhor Arcebispo D. Aquino Corrêa, essa figura exponencial da Igreja Católica e da cultura patrícia, ao lado de outros confrades ilustres, que obedecem á orientação efetiva de José de Mesquita, alma e coração do nosso Grémio Literário.

Si é certo, Senhor Acadêmico, como dizia Hugo, que os mortos são os invisíveis, mas, não são os ausentes, por certo, o vosso patrono deve errar, nêste ambiente de luz e de saudade, não para rever o filho, que o tem, a todo momento no coração, mas, certamente para agradecer as vossas generosas palavras, que a todos encantam e que a mim tanto sensibilizam.

E' com abundância de coração que vos digo:

Sede bemvindo, Senhor Acadêmico, entre nós.



O caso singular de Nassin

Um conto de

CESARIO PRADO

COM que então supões a minha terra de pasmosa fertilidade em assuntos próprios para entrecchos de contos... Pois é engano. Onde falta o elemento humano...

—Ora, eu penso que uma região semi-virgem e barbara, ainda inexplorada em imensa extensão, coberta de matas impervias, rios caudalosos e infindáveis, encerra muito misterio e fantasia a servir de pabulo a imaginações incandescentes, pois não é?

—Sim, compreendo. Não, contos dolorosos e tragicos á Maupassant. Nem de capa e espada. Menos os fantasticos á Poe e á Hofman, claro. Mas talvez contos de aventuras, como os de exploradores da Costa d'Africa. não?

A proposito: ha nos "Trabalhadores do Mar," um capitulo onde o velho avô marujo narra á curiosa netinha os exotismos, as maravilhas, as extraordinárias coisas que seus olhos de lobo do mar viram nas paragens longinquas, nos areais da Líbia, nos mares da China, nos rios e lagos africanos. Na America vira, diz Hugo, os indios mórcegos que demoram entre os Rios Tapajóz e Arinos, caçam e pescam á noite e de dia dormem pendurados ás arvores como os queiropiteros, porque habituados ás trevas daquelas densas florestas, vêem durante a noite e são cegos á luz do dia...

Isto é uma lenda criada pela imaginação rica do nosso caboclo que até attribue a tais indios a pigmentação branca. Mas como veio Hugo a conhecer tal lenda? Creio que por uma *blague* de Bossi, geografo italiano que escreveu em espanhol a sua viagem pitoresca pelo Paraguai, Arinos e afluentes, pouco antes de publicado o romance de Hugo, e nele afirma como fato a existencia dos tais indios albinos. Pois até o "murcilagos" do espanhol de Bossi não indica que Hugo o leu, conservando a mesma denominação para tais indios, até mesmo os tradutores portugueses? A verdade é que as florestas do Arinos, colossais, altas, emaranhadas; frondes onde não coa a luz solar; troncos enroscados dos cipós da ipéca: sólo coberto de folhas mortas, apodrecidas de humidade, que vão até a cintura dos exploradores da praia; elas

não tem nenhuma condição de vida animal, não voando nelas as lindas borboletas de nossas outras matas, nem bulindo no chão uma cobra ligeira ou um lagarto arisco. Ali tudo é deserto, silencio soturno: escuro, espesso, denso. Presta-se ao misterio. Nas trevas dessas regiões sezonaticas donde togem as mesmas feras, se ha indios - o terror dos exploradores, devem ser *morcegos*; dai a lenda. o carapetão de Bossi, endossado por Victor Hugo, verdade seja, em romance.

Mas a proposito de indios vou te contar um caso que me pareceu singular. 1913, fazenda em pleno sertão de S. Lourenço. A estação era das aguas e os pantanais se enchiam e eram um imenso mar d'agua doce. Sem campos, o gado fugia para os *algodões* menos alagadiços ou para as *cordilheiras*, como la chamamos os renques de capões seguidos que bordam as extremas dos campos rasos... impossivel o trabalho da marcação e roia-me um tedio naquele sertão bruto quando com o cargueiro de arminho, perendengues e bugigangas appareceu-nos no terreiro da fazenda o mascate "la da cidade", com alguns jornais, os boatos e as ultimas novidades... Querido Mazif! Não, Deus foi bom quando criou o sirio ambulante.—o *turco* que vara a imensidade funda destes nossos Brasis! Até onde vai o turco com a caixa às costas? Mas até onde é que ele vai?

De dia a arraia miuda da fazenda e socavões da redondeza, esvasiava as duas caixas de mercadorias do turco e nós à noite lhe exgotavamos o sapicua das novidades, palestrando nas rêdes armadas nos mourões da varanda aberta, abanando os piuns e os pernilongos de ferroadas que são alfinetes agudos, enquanto no terreiro nutria um fogoso rebanho de cavalos aos golpes, aos couces e dentadas e crinas ao vento, sob um luar clarissimo que banhava a varzea extensa, a mata ao fundo e nos vinha branquear a varanda e nos cerrava os olhos com o entorpecente aroma das folhas e flores despetaladas ao relento.

Acabada a provisão das noticias da cidade, sem assuto de palestra e insone na excitação do luxo, foi que indaguei do Mazif:

—Quem diabo é esse seu camarada, Mazif. Parece-me exquisto e sorumbatico... Depois, turco tropeiro é uma excepção, vocês todos são negociantes.

—Elle é meio zareta, respondeu-me Mazif. Seu primo aqui, ainda não lhe contou a história do "Capitão"?

—Que história Mazif? Todos vocês tem o seu romance, porém lá em sua terra...

—Não, —a do Nassin, que é como ele chama, é a que se deu com ele aqui por estes sertões. Vou lh'a contar em duas palavras.

Uma vez estava eu mascateando nas cabeceiras do rio Vermelho e afluentes ao sul do Araguaia, — isso ha uns cinco anos, se tanto, —nunca até então vira indios de perto e só uma vez, já á noite, passei por uma taba, distinguindo-os á luz das enormes fogueiras a que se esquentam dormindo aos montes, tossindo um aqui, outro dali, com a tosse braba que eles têm e de que morrem na maior parte, por viverem tão desabrigados;—uma vez, como estava lhe contando, seguia eu mascateando, o burro de carga atrás, já cansado, empacando tanto que para ajudar as chicotadas do Pedro eu o puxava pela arreata quando brota das moirras á beira da estrada uma chusma de bugres aos gritos e aos pulos do demonio! Nós em pelo e armados de arco e flexas! Então sim que tive medo. E foram logo nos cercando e segurando os animias pelos freios. Baixo, espadaúdo, tinto de urucum, o que me tomou o passo e me intimou:

—Meia volta, compadre. Vamos p'ra casa, foi-me dizendo em portugûês, o que me tranquilizou porque conhecendo o idioma não podiam ser indios brabos...

—Deixe-me seguir, Capitão, não tenho tempo a perder para seguir vocês...

—Você segue daqui conosco, p'ra nossa aldeia.

Passados alguns momentos nesse vai não vai, perdi a paciencia e tirando rapido a carabina a tiracolo—uma Winchester de segurança, apontei-a enraivecido contra o bugre atrevido:

—Ou vocês nos deixam seguir ou te atiro seu bandido! Larga a redea já e já! E dei do gatilho por cima da cabeça do indio. Mas ao raspão da bala e ao eco do tiro, pavoroso no descampado, por entre o alarido dos demais, gritou-me o chefe á minha frente:

—Pelo amor de Deus, não me mate, patricio.

Não sei como lhe contar meu pasmo! Tamanha comoção afrouxou-me os braços que nem sei como não me caiu das mãos a espingarda! O indio me rogava em puro arabe e ouvir a minha na boca de uma criatura selvagem, naquele sertão, parecia me loucura! mas não lá enxergava muito claro, o tempo de capões baixos a piuveira de flores roxas, um brejo perto... Tremiam-me as mãos e descansei a carabina ao lombo do pedrez. Seria possivel? Sim, bem possivel, lá estava a ronda dos demonios nós vermelhos á urucum e á minha frente, trocando passos de dansa, o que, com ares tristes e ja mansos, ia me repetindo:

Oh, meu patricio, você tambem por aqui... pois tem que viver commigo e esta gente que é minha...

A instancias contou-me então o seu caso. Saira por seus calculos ha uns quinze annos, para mascatear como eu por aquele sertão onde num raio de cinco e mais leguas topava-se com um morador. Uma vez ficara num siriri de novena. De dia impin-

gindo os lenços de ramagens vistosas, os dedais a cinco mil réis, os anéis e berloques de vidro. De noite era a dança no siriri, no batuque, no cururu. E vai um em cima do outro, copinhos de boa cana! Copinhos colecionados dos reconscituintes de Gitfoni ou Granado e que é o luxo do mato.

Dansa e alcool até nascer a madrugada. Por fim, lá se fôra embora do siriri, ac hino alegre dos galos, tresnoitado, cochilando ao lombo do cavalo sendeiro que parava aqui e ali sentindo as redeas frouxas e ficava a retouçar o capim melado pelo sereno da madrugada. Caía e tornava a por os pés nos estribos, vezes sem conta, até que soube duma: acordava oom os raios do sol a pino queimando-o à beira de um brejo cercado de buritis, nascente de algum correço.. E que é do cavalo ca-de a besta de mercadoria? Espreguicou. Bebeu agua na larga folha de uma tiborna.. Eta sede braba. Depois botou-se a andar. Não era rasteador, não achou os animais.

Quantos dias caminhou? Não soube nunca. Perdeu a conta.

Raizes, aziticuns, um ou outro cagado de beira de lagoa ou poca de pantanal, não o deixaram morrer de fome. Uma vez seguiu o voô dos urubús e comeu carniça de novilho, resto de alguma onça. Por medo de onça que ás vezes ouvia urrar, esfriandoo até a espinha, dormia nas forquilhas mais altas das arvores.

Acordou um dia por umas cocogas na cara. Abria e fechava os olhos e sentia as tais cocogas. Fram talos de capim e brotos que brincando com ele como se fora um bicho curioso, os boróros o cotucavam, achando graça, rindo e conversando baixo. Ergueu a alma a Deus. Era uma salvação! Estava ao menos entre cristãos, quero dizer entre gente—embora indios. Eram mansos, mas o diacho foi que o sujeitaram a duros tratos. Era o carregador da tribu. Samburás de palha, cheios de côco aguassú, capinava matada, p'ras costas dele, leguas e leguas. Ou então passava dias a fio, de cocoras a bater caules para fazer fibras e cordas. Afinal perdeu medo e um dia revoltou-se e distribuiu pancada grossa ao redor. Então subiu á categoria de chefe da turma.

— Oh, meu caro, isso é sério?

— Foi o que eu também perguntei ao Mazif.

— Era já um indio de todo. Sobrancelhas e barbas, perdera pelo mesmo processo depilatorio: a cinzas quentes pelo rosto.

— E por que, mesmo por meio dos indios, não passou a alguma fazenda e desta à cidade?

— Foi o que também perguntei a Mazif. A principio era impossivel por ignorar a lingua bororó para colher informações. Depois acostumou-se. Sentia-se mesmo feliz, com mulher e filhos entre os indios. Já atirava tão bem a flexa, que certa vez prostrou com flechada no cocoruto, um fazendeiro que o correra

com os seus. a disparos Mauser, fóra do terreiro. Os do seu sequito debandaram. Ele parou deitou no chão, retezou com os pés o arco para o céu e soltou a flexa bem vertical, descrevendo para bola perfeita e caindo certa na cabeça do fazendeiro. Como vêem, completo bororó...

— Ao lhe ouvir por alto narrativa, continuou Mazif, convidei-o a regressar comigo. Não acedeu por nenhuma força de agrados e promessas, persistindo na sua de querer levar-me com ele. Nem lhe desse cuidados a divida das mercadorias extraviadas, que o dono já voltára a *Beiruth*. Ele porem mostrava-se infenso ao reinicio da vida antiga que lhe parecia mais dura engulindo leguas e leguas de sertão na berganha de mercadorias, sob os ardores do sol, com lucros bem parcos, quando entretanto no seu genero atual de vida, tinha a abundancia sem o superfluo. Deante de inutilidade dos meus argumentos contrarios, simulei concordancia de seguir com ele para a maloca. Quando, seguindo á nossa frente, é alegre e expansivo entre os bororós que às vezes encontramos, em turma arranchada por poucos dias nalgum sitio.

— Ora, pois você tem ai materia para um conto, concluiu o colega ao fim da narração de Mazif que por nossa vez lhe transmitiamos.

— Qual, parecerá bem inverosimil o caso de Nassin.

Mas por mim dei-lhe inteiro credito pelas confirmações do meu primo e hospedeiro e talvez pelas sugestões das horas avançadas da noite, pelo luar de prata que banhava o terreiro onde ao sopro da aragem uma paineira copada era como um monte de neve soltando os alvos copulhos como flocos de arminho, e dormindo já o rebanho, envolvia no misterioso silencio, cortado apenas a espaços pelos pios agudos e tristes do urutáu.



GERVASIO LEITÉ

ALEGRO

"Era ousado demais"...

A natureza compoz um dia a sua obra prima (1) e deu-lhe o nome de Castro Alves. Foi na "Baia de todos os santos e de todos os pecados". (2) O relógio do tempo marcava 1847. Fosse em terras as mais estranhas, sob os climas os mais exóticos ou em latitudes as mais diversas o nome teria mudado mas o homem seria sempre o mesmo, completo e acabado e o poeta teria expontado como uma flama inapagavel, com o mesmo vigor, na força inexgotavel de seu genio.

Nisso possivelmente está tôda a sua grandeza de homem e de poeta. Seria igual na Grécia dos rapsodos e o mesmo nesta era triste. O homem possivelmente haveria de se traumatizar na aspereza desta época e é quasi certo que o poeta andaria trilhando o roteiro doloroso dos visionários e dos reformadores a mudança melancólica de prisão em prisão perseguido e crucificado pelos filisteus da cultura. Seria o Cristo do voraz homem massa — "o Cristo da multidão". Possivelmente a sua vida seria nada, como a vida de Garcia Lorca, rompida pelos fuzis do Caudilho que, na Espanha não permite poetas sem a sua licença.

Seria ousado demais nesta época de colaboracionismo. Não o foi, no entanto, no lento andamento do Brasil imperial, no Brasil patriarcal, conservador, fundado na economia agrária, reacionário, escravocrata e saciado. Fosse no mundo de hoje marcado pela nevrose das ditaduras e o poeta de "Navio Negreiro", seria figura suspeita, lançada nos cadastros das repartições de policia, vigiado e perseguido.

Seria um revolucionário frustrado. Como Alvares de Azevedo e Fagundes Varela, um revolucionário sem meios objetivos

1) — Alberto Ramos in "Prosas de Ariel", a propósito de Goethe
2) — Gilberto Freyre

de ação. Naquela época no entanto êle marcava o encontro de vários mundos. Saudava um mundo novo na alvorada sangrenta da revolução de 1848. Vinha das ilusões da Revolução Francesa. Seria torturado pelo prussianismo de 1870. Iria à guerra de 14 e perderia sua ultima esperança neste apos guerra, em que o mundo sente torturante a presença do terror atômico.

A figura impressionante do poeta se alteia na cordilheira como o Aconcagua semelhante apenas a Walt Whitman que Anibal Machado denominaria o "Adão do Novo Mundo". Foram os dois magnificos rapsodos da Liberdade, criadores de continentes pois o artista como lembra Souriau (3) não é sómente herói ou mágico é ainda artesão.

No sentido de que lutaram, bravamente pela causa da Liberdade: Castro Alves e Whitman são irmãos: ambos queriam fundar a "instituição da santa camaradagem". Um e outro são expontâneos. Whitman seria o rimador vagabundo e boemio das estradas e Castro Alves o grande improvisador — os versos "saltaram lhe muita vez, de improviso, num ângulo de esquina, num centro de praça num camarote de teatro, ou no balcão de uma janela repentinamente aberta, enquadrando-lhe de improviso a formosa figura de girondino, diante da multidão revolta e fascinada". (4) E na praça que é um mar que se agita, um oceano que se encapela Castro Alves é "um Orfeu bramindo na amplidão" (5).

Assistiram Whitman e Castro Alves ao nascimento de dois povos e eram semelhantes porque "a estrela da poesia conduz os grandes poetas para o mesmo destino. Dera.n á Liberdade fóros de grande poesia e ensinaram os povos jovens os caminhos da redenção.

LENTO

"Filho da tempestade, irmão do raio"

Começa a vida do poeta sob a influência dos simbolos da Luta e do Amor. Um tormentoso caso de amor ensanguentava os sertões baianos nos idos de seu nascimento. Os protagonistas da luta fratricida e cruel eram membros de sua família e a história era um caso de amor impossível que os homens, desesperadamente dão soluções extra legais. Êsse ambiente conturbado envolveu o berço do infante e influenciou o destino do poeta. E Mario de

3) — Souriau - L'avenir de L' esthètique

4) — Euclides da Cunha

5) — Soneto de Rubens de Mendonça.

Andrade (6) viu na propaganda que do divórcio fez o cantor de "Navio Negreiro", consequência daquele caso amoroso que encheu de rumores e de gritos os sertões da Baía e a infância de Castro Alves. Daí possivelmente o fato de ter sido ele, também o primeiro partidário, entre nós da emancipação da mulher. Tanto isso e verdade que em 30 de abril de 1871, quando as silenciosas e grandes azas da morte envolviam seus últimos dias, em uma carta, a propósito do abolicionismo, endereçada às senhoras baianas escrevia o poeta:

"A terra que realizou a emancipação dos homens há-de realizar a emancipação da mulher. A terra que fez o sufrágio universal não tem o direito de recusar o voto de metade da América que é o vosso"

Os símbolos da Luta e do Amor estarão presentes na obra do Poeta. Não luta egoísta, sem sentido e desumana. Nem amor sem beleza. Luta grandiosa, luta para genios. Amor imortal de poeta. Luta que tem o seu primeiro marco aos 15 anos de idade na "Canção do Africano", Amor como luz tímida que se alteia desde os bancos escolares. Tem razão Jorge Amado quando assinala que a primeira lição de amor a de liberdade que o bardo aprendeu foi-lhe ensinada por um casal de jovens que romperam com tôdas as barreiras que empediam o seu amor que pelo seu amor morreram.

O símbolo da luta arrasta o menino ao abolicionismo, brandando

"Traz a bençã de Deus ao cativo
Levanta a Deus do cativo o grito

Dai partiria o Poeta como o audaz campeão da Liberdade de uma raça oprimida. Pertencendo por nascimento à classe dos opressores deu-se em tôda a sua generosidade de moço à causa dos oprimidos, pregando, numa rebelião, a liberdade dos negros, que, afinal desagradava profundamente a classe dos senhores, porque visava a sua riqueza, o fundamento econômico de seu poder.

Impelido pela força daquele símbolo magnífico, Castro Alves iria para a frente, repartindo a sua vida entre o amor e a Liberdade, Liberdade que é a forma mais evoluída e mais nobre do Amor. Seu supremo objeto, os motivos da sua vida seriam as lutas pela igualdade de uma raça proscrita, luta que hoje esta, ainda, apenas em meio.

(6) -- Euclides da Cunha

E por ser poeta do amor e da Liberdade, Castro Avez é o poeta do povo, poeta da massa que compreende e ama. êsse genio de 24 anos.

MODERADO

'Quem és tu, poeta? a lampada da orgia
Ou a estrela que os povos guia
Á nova redenção

Imaginação aberta aos grandes surtos da fantasia Castro Alves viveria do amor e pela Liberdade. E porque êsse Amor era o elemento mater de sua vida, os seus versos de amante são os mais belos da lingua. E os mais viris Não era o amor sentimental a Lamartine. Melindroso e catita. Mas o amor a Musset. Vivendo num mundo romantico que amava o falso, o artificial, o pastiche teve a coragem de ser sincero em seus versos de Amor. E, teve, sobretudo a coragem de seus amores. Nisso foi verdadeiro ele mesmo e, por isso, realizou-se como artista e tornou-se o mais notavel poeta lirico em lingua portuguesa.

E porque o amor é uma grande e sempre presente força da Natureza — a única força, e o mais elementar de todos os sentimentos êsses masculos versos de amor tem, ainda hoje um vivo tom de atualidade. São reçunantes de seiva e de impetuoso transporte poético. Não são apenas jogos de imaginação mas plena vida realizada em toda a aspera realidade do cotidiano.

E porque êste poeta magnifico tão bem sentiu tôda a intensa magia do amor e a transmitiu em versos tão convincente a sua poesia é eterna.

Versos de amor direis ha tantos — Mas, nenhum tão proximo dos nossos sentimentos, nenhum tão applicavel ao nosso caso nenhum que toca tão profundamente as cordas de nossa ematidade como os desse menino de genio

..... vôo ousado
Do homem feito condor
Raio de aurora inda oculto
Que beija a frente ao Tabor

No "Meeting do Comitê do Pão" traça um painel majestoso do mundo de hoje vencido e aclamado pelas forças reacionarias em que:

"o amor transmudou-se em ódio acerbo
a eloquencia é o canhão, a bala—o verbo
o ideal — o horror

Condenando a guerra, carnificina horrenda de 1870, em que o prussiano no mais uma vez vergastava a honra do mundo, o poeta voltando-se aos povos da América exclama:

Ac tirano dizei: Tu és um carniceiro!
 És o crime de bronze! — escreva-se ao canhão
 Façamos de Justiça — em frente à Mortandade
 Façamos do Direito — ao gládio que reluz
 Se eles dizem Rancor, dizei — Fraternidade.

Poeta de intenção marcadamente revolucionária, precursor das transformações sociais desta época. Voltou-se, por isso, para o povo que

“ é como o sol! Da treva escura
 rompe um dia co’ a dextra iluminada
 como o Lazaro, estala a sepultura

“Oh! temei-vos da turba esfarradapa
 Que salva o berço á geração futura

As suas declarações de amor têm acentos grandiloquentes.

“Amar-te, ainda é melhor do que ser Deus”.

Possivelmente, a mulher que ouviu este verso, partido dos lábios de Castro Alves, deve ter tido uma dessas impressões definitivas que vincam profundamente u’a alma, porque ninguém como ele sabia entregar-se, completamente, ao amor e cantá-lo em estrofes magnificas.

Afrânio Peixoto marcou algumas dessas excepcionais palavras de amor que guardam, ainda hoje o calor da alma do poeta.

RÁPIDO

Anotemos que, também, falando da liberdade, as suas palavras ganham magestade e grandeza e aquele impeto que o destaca impressionantemente.

Poeta não só da redenção de uma raça, como da redenção de uma nacionalidade. Poeta da mocidade de 1870 e poeta da mocidade de 1947 porque como disse Euclides da Cunha (6) — “é. . . uma glória que intermite no ritmo das gerações sucessivas. . . E’ como a luz, perpetuamente moça. Não dura a vida de um homem e é eterna.”

6) — Euclides da Cunha

Poeta da Liberdade de todos os tempos, principalmente desta era atômica em que a humanidade precisa se banhar na água lustral da poesia. Ainda hoje sentimos o rugir de suas epopeias. Aí está, por exemplo o seu hino à imprensa, versos tão virilmente heróicos em que as imagens riscam os ceus borrascosos como lâminas de fogo, retumbando como os trovões das épocas revolucionárias.

Mostrando o poder extraordinário da imprensa livre, brada em versos que não têm iguais em nenhuma literatura:

«Rugiram de terror ao ver-lhe o rir sublime ...
O sátrapa, o chacal, a tirania, o crime ...
O abutre, o antro, môcho, o erro, a escravidão
Disse a gruta pra o céu: Que Deusa é essa ingente?
O espaço respondeu:—É a diva do Ocidente!
A consciência do mundo! O Eu da Criação

O ritmo, as imagens a intenção são desta época. Atualísimos, também nesta hora em que se inauguram no mundo novas e monstruosas ditaduras, que fementidamente pretendem salvar a democracia com a ajuda de forças anti-democráticas, são os versos em que o bardo da Baía canta a Liberdade:

..... A liberdade
E' como a hidra, o Arfeu
Se no chão rola sem fôrças
Mais forte do chão se ergueu.

E a República:

“que vingá a campa à geração passada”

Lembra ainda:

tem o povo — mar violento
por armas — o pensamento
a verdade por farvol

e assinala, vendo aproximar-se a época das tremendas convulsões sociais:

“Eu fito o abismo que a meus pés fermenta
e onde, como santelmos da tormenta fulgem
revoluções!..”

e, onde, por certo um dia brilhará para sempre a estrela da grande liberdade

“levantando a voz por sobre os montes
Liberdade, pergunto aos horizontes
Quando enfim has de vir?”

A advertência

Moços, creiamos, não tarda
A aurora da redenção..”

Ameaça

“—É preciso esperar : ...
Esperar? mas o que? que a população
Este vento que trôno despedaça
venha abismo cavar?”

E entrevendo o futuro, aplacada a tormenta:

No mundo—tenda mansa da humanidade inteira
que o espaço tem por tecto o sol tem por lareira
feliz se aquece unida a universal família

“ Eu vejo a terra livre”

e pinta aos olhos do futuro este imenso afresco:

Em toda a frente há luz, em todo peito amores
em todo céu estrelas, em todo o campo flores...
E enquanto, sob as vinhas, a ingenua camponesa
enlaça às negras tranças a rosa da devesa;
dos saharas africanos, dos gelos da Siberia,
do Cáucaso, dos campos de sua infeliz Ibéria,
dos marmores lascados da terra santa homérica
dos pampas, das savanas desta soberba América.
prorrompe o hino livre, o hino do trabalho!
E, ao canto dos obreiros na orquestra audas do
[malho,
o ruído se mistura da imprensa, das idetas
todos da liberdade forjando as epopéias,
todos co’as mãos calosas, todos banhando a fronte
ao sol da independência que irrompe no horizonte.”

Rapsódia

O poeta está vivo, e atual um século depois de sua morte e, afinal foi ele simplesmente um homem — “um homem, com os seus erros, as suas fraquezas, as suas imperfeições, ciente e consciente de sua humanidade: *homo sum*” (7)

Um homem! Um moço que convida a mocidade cética e descrente desta hora, a mocidade covarde e comprometida, para a

7) — Alberto Ramos in ‘Prosas de Ariel’.

busca de novos caminhos, para a procura de um novo sentido da vida. Um poeta que se torna atualíssimo porque hoje como ontem pleiteamos o direito de "gritar liberdade em frente à opressão", para não responder como "o desgraçado — eu não vivi!" e para ver além "um futuro radiante".

Temos que lutar, lutar com desassombro e com coragem. Os avisadores de cáus andam por aí disfarçados sob trajes os mais diversos. Estão no jornalismo combatendo a liberdade e o direito do povo; na política combatendo os princípios exponenciais da Democracia; na sociedade pervertendo e intoxicando a mocidade; nas cadeiras pondo a ciência ao serviço do opressão; na propria vida, envenenando-a e a enegrecendo

Castro Alves nos convida a nós os moços para uma vida mais alta e melhor; sua mensagem ecoou em nossas consciências como uma rapsódia apaixonante e avassaladora em que as notas mais altas falam de Liberdade e de redenção; uma rapsódia em tempo de Revolução.

Até nos ensina os novos caminhos do mundo, os claros e dignos caminhos do mundo, é um farol plantado no meio da indigna noite destes tempos, da vertiginosa noite destes tempos em que os homens se dobram ante ao terror de fôrças de opressão.

Ele nos ensina a amar duas forças elementares da vida — o Amor e a Liberdade. E' por isso mesmo do nosso tempo, quando os seus versos falam brandamente de amor e quando a sua lira brada, homérica e impressionante pela Liberdade, o amor que era para êle "a flor de minha vida"; e, a Liberdade, que é "esposa do porvir — noiva do sol !.."

Cem anos depois a sua figura impressionante se enquadra facil na realidade do tempo.

Esta ai bem vivo nas nossas esperanças como um simbolo do que nos orgulhamos.

E' um exemplo reconfortante que adverte que «o homem não é apenas esta carne triste e miseravel, êste animal de presa e rapina, este ventre devorante e este cérebro anunciante mas qualquer coisa de sublimavel e perfectivel que é barro e pode tornar ouro, que, é matéria e quer ser espirito, que é noite e aspira a claridade do dia e que em suma a natureza é capaz de produzir creaturas mais nobres, mais dígenas, mais estimaveis que esses pequeninos seres rasteiros que cruzamos diariamente nos caminhos da vida. (8).



CASTRO ALVES

RUBENS DE MENDONÇA

Era uma vez, um moço genial, pálido como Lamartine, cabeleira leonina e revolta à 1830, trajado de preto, olhar dardejante em fogo.

Ele era príncipe encantado e a sua princesa, bem amada, era filha do povo e chamava-se Liberdade.

— "Uma virgem chorando.. E' vossa amante?..."

— Tu disseste -- o Condessa!... E' a Liberdade!..."

Sim era filha desse povo que ele tanto amou. E é porisso que imagino Castro Alves assomando à sacada de uma janela na Rua do Imperador, no Recife, improvisando versos combativos como estes:

"A lei sustenta o popular direito.

Nós sustentamos o direito em pé!"

Ele amou o povo oprimido, a liberdade e a Democracia ele dizia em face dos tiranos e dos despotas:

"Libertai tribunas, prélos..

São fracos, mesquinhos ellos...

Não calqueis o povo Rei:

Que este mar d'almas e peitos,

Como as vagas de seus direitos

Virá partir-vos a lei."

Ele fôra apenas o poeta dos escravos? Interroga Jorge Amado, no seu brilhante trabalho sobre Castro Alves.

Não, ele foi o poeta do povo e "para os pequenos e para os humildes ele era a esperança".

Era no Recife em 1864. Noite aziaga e má. Dissolvido o Meeting republicano promovido pelo tribuno Antonio Borges da Fonseca, e ao ser o seu promotor conduzido á prisão, improvisa Castro Alves estes versos sublimes que hão de viver enquanto viver a lingua portuguesa e os homens dos dois países, Brsil e Portugal, tiverem ideal e amarem a liberdade:

"A praça, a praça é do povo!
Como o céu é do Condor!

ou

Fala soberba Inglaterra,
Do sul ao teu pobre irmão
Dos teu tribunos que é feito.
Tu guarda-os no largo peito
Não no lodo da prisão.

Mas embalde que o direito
Não é pasto de pinhal
Nem a patas de cavallo
e faz um crime legal.
Não, não ha muitos Setembros
Da plebe do-m-lhe os membros
Ao chicote do poder
E o momento é malfadado
Quando o povo ensanguentaão
Diz ja não posso sofrer:

Porisso eu considero Castro Alves, o poeta da Democracia. A sua poesia revolucionaria, foi como observou Ronald de Carvalho, a aurora benfazeja da poesia brasileira. Ele amou a liberdade, o povo e a Democracia. Seus versos são profundamente humanos ou humanamente profundos:

"Oh! temei-os da turba esfarrapada,
Que salva o berço à geração futura
Que vinga a campa á geração passada!"

Poeta altiloquente, espanta e causa assombros. Castro Alves é o poeta turbilhão. Seus versos dão a impressão de um oceano revoltado onde passam rajadas como estas,

“Astros; noites; tempestades!
 Rolai das imensidades!
 Varrei os mares, tufão!...”

Castro Alves é o maior poeta não só do Brasil, como também de toda a America. Nem Allan Poe, com a sua imaginação fantastica, pôde ser comparado ao genial poeta brasileiro. Poe escreveu o “Corvo”, a sua mais popular produção, fez uma maravilhosa obra de ficção. Mas o poeta de “Os escravos”, nos seus celebres poemas “Vozes da Africa” e “Navio Negreiro”, fez uma grande obra social.

Embora Silvio Romero o classifique inferior a Tobias Barreto, Castro Alves, como poeta, está muitas vezes acima dos dois sergipanos. De mais a mais, Romero tentava como no dizer de Viana Moog, «impor Tobias Barreto como base de um sistema métrico literario». Seus argumentos a respeito da popularidade de Castro Alves são de tal ordem fúteis, que chega a dizer no segundo volume da sua Historia da Literatura Brasileira, que Castro Alves era mais popular que Tobias Barreto, porque era baiano, e “o baiano é a gente mais feliz do Brasil”. Eu desejava saber em que se baseou o illustre sociologo sergipano para fazer tal afirmativa...

Poeta essencialmente humano, Castro Alves preferia ver o pavilhão nacional rasgado num dos campos de batalha no Paraguai, que acenando sobre o mastro de um vil Navio Negreiro:

“Antes te houvessem roto na batalha.
 Que servires a um povo de mortalha!”

Se a gloria de Gonçalves Dias está no indianismo, a gloria de Castro Alves está nos escravos. É digno de nota o segundo, porque se o primeiro foi o cantor do homem e da floresta americana, êsse foi mais nobre, mais humano, porque a sua “lira bronzçada” cantou uma raça oprimida, “investindo contra os opressores, como disse Agripino Grieco, escrevendo aos vinte e um anos esse formidavel “Navio Negreiro”, que é o maior acontecimento da nossa poesia:

Levantai-vos, herois do Novo Mundo!
Andradá! Arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!"

Castro Alves foi um prodígio. O seu livro "Espumas flutuantes" honra a poesia nacional. Acusam o genial poeta baiano de não se preocupar com o vernáculo. Mas, a razão é simples — o genio está sempre acima das pequenas regras gramaticais.

Castro Alves é o maior poeta do Brasil. Se a Inglaterra teve um Shakespeare, a Itália, um Dante, a Alemanha, um Goethe, Portugal um Camões, nós também, no Brasil, tivemos um grande poeta. Esse poeta foi Castro Alves "glória e orgulho do seu povo, aravez das gerações", a quem chamo o Poeta da America, porque não há noticia na America de outro poeta que o ultrapasse, porque com o decorrer dos anos a sua gloria mais se consolida.

Silvio Romero cometeu a injustiça de colocar Castro Alves inferior a Tobias Barreto. Porque podemos afirmar desassombadamente que Tobias Barreto foi um poeta mediocre diante da grandiosidade do seu emulo. Tobias foi um sabio, um cientista de valor, estamos de pleno acordo, mas como poeta nunca poderia figurar ao lado de Castro Alves. O povo, que é juiz imparcial, discorda de Silvio Romero, reconhecendo no cantor de "Hinos do Equador" um grande poeta nacional. Foi ele "um humanitarista e não humanista, acima das humanidades colocou a humanidade", disse Agripino Grieco.

O Poeta após ver o desfile das suas musas. "E no eter que em notas se perfuma,

As visões s'alterando uma por uma. Vão desfilando assim:..

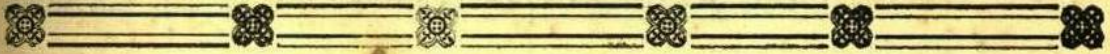
Marieta, Barbara, Ester, Fabiola, Candida, Laura, Dulce e até a última das musas a Morte, a quem ele pode dizer um fio de voz:

"Eu sinto em mim o borbulhar do genio"

E num último galanteio, cerrou os olhos, balbucian-
do ainda: "És o ideal talvez que esta alma espera. És a glória talvez, talvez a morte."

IDADES

Palestra de Philogonio Corrêa,
lida na Hora Literaria da Aca-
demia Matogrossense



NINGUEM poderia descobrir, neste mundo onde a vida do homem é tão precária e passageira, tesouro maior do que a mocidade.

A grandeza do seu valor, vem da própria pequenez da sua duração.

Nessa rósea quadra da fantasia que encanta a existência, a humanidade luta e a tudo resiste, até á própria morte, desafiada, a cada momento, com perigoso destemor.

Preconceitos, diétas, resguardos, prescrições medicas, regimes e perigos; nada, disso tudo, é levado em conta na jornada vitoriosa dos anos da juventude.

Essa é a quadra alegre e despreocupada dos sonhos e da poesia, das esperanças e das dedicações espontâneas.

É a idade dos mártires, dos grandes sacrificios e dos heróicos feitos de bravura que a história exalta para imitação e para culto.

Ser moço é olhar confiante no futuro, lutar com esforço e galhardia pela vitória da causa considerada justa, alicerçando, com abnegação e carinho, o lar futuro, morada risonha de dois corações que se associam para a conquista de uma ventura sem desilusões.

Saúde e trabalho, perseverança e fé, são as diretrizes e o estímulo para a jornada pela vida.

Geram a confiança louvavel que a ala moça deposita na sua própria força, confiança que é meio caminho andado na conquista de um porvir de venturas.

A fé e a confiança nos seus próprios esforços, leva o moço bem dotado a olhar, com certo desprezo desdenhoso, ao esforço de todo aquele que atinge o cume da eminência, no marco da jornada de onde se revê, com saudades as estações da infância e da mocidade, e de onde se descortina, igualmente, do outro lado da

elevação, o resto do caminho a percorrer, com o tûmulo no fim do trajeto.

D'ai a ala moça, passar, lamentavelmente, o atestado de óbito ou o ato de aposentadoria devida a todo aquele que completar 40 anos de idade, afastando definitivamente, nas competições da luta pela existencia, o pobre diabo que considera decadente e vítima da descrença e do desânimo.

Nem tanto e nem tão pouco.

Antes de mais nada, não se deve medir a resistência física e a saúde, pelo numero de aniversários que um indivíduo já festejou.

Há velhos moços e moços velhos.

A idade deve ser contada pela maior ou menor higidez das artérias, rejuvenecidas, mais ou menos, pela integridade de um regime sadio, pelos cuidados médicos e higiênicos e pela maior ou menor quantidade de taras destruidoras ou degenerescentes, herdadas dos troncos das árvores genealógicas.

A questão econômica, permitindo maior ou menor conforto, maior ou menor assistencia médica e farmacêutica, periódicas estações de repouso de cura e aputado regime alimentar, contribue, neste assunto, como em tudo mais, de modo decisivo.

Até o cumprimento dos preceitos da moral e dos cultos, rende homenagem á questão econômica.

Maiores recursos pecuniários tornam o indivíduo mais altruista ou mais caridoso, de preferência credenciado para ganhar indulgências e comendas, ou para conseguir maiores progressos na sucessão das existências admitidas pelo espiritismo.

As duas grandes confiagrações européias iniciadas em 1914 e em 1939 vieram mostrar, com abundância de exemplos, de quanto são capazes não só a idade madura forte e sadia, mas também a adiantada velhice.

Na primeira guerra, os países beligerantes tinham a direção da sua politica e dos seus exércitos entregue a uma plêiade de velhos realizadores.

Clemenceau, Joffre, Foch e Pau, na França; Lloyd George e Kitchner na Inglaterra, Hindemburgo na Alemanha, atestam, com eloquência, o que se pode esperar da idade madura, e até da velhice, nos grandes momentos do mundo.

Na segunda guerra, a de 1939, o panorama dos campos beligerantes é bem forte para raciocínio.

Rocsevelt, um doente desde a primeira infância, suou esforços coordenados e irradiou talento e energia, voando sobre todos os mares para congregar os povos na defesa dos santos postulados da harmonia entre os homens, mesmo sendo já sexagenário.

Churchill quasi octogenário, foi a alma da Inglaterra na luta pela liberdade e pela integridade do grande império britânico.

Francisco Savério Nitri, velho e banido, fêz vibrar, com a sua pena brilhante e com a sua palavra de apóstolo, a alma dos italianos na resistência ao funesto facismo.

Carmona, quasi nonagenário, mas ainda um pulso de ferro, permitiu, com o seu prestígio, que a energia de Oliveira Salazar, maior de 60 anos, infundisse nova vida ao velho Portugal.

Franco, mesmo a serviço de uma ruína política de indesejáveis aliados, teve artes de dominar a Espanha quando era já um caudilho de mais de meio século.

O velho rei da Suécia, figura agigantada e forte, foi ainda mais gigante na defesa do seu povo.

Hitler, Hess, Ribentropp, e os generais alemães seus sarélites, deram que fazer ao mundo com o seu sonho de imperialismo germânico.

Eram todos cinquentenários.

O temerário Stalin, o autor responsável máximo pela resistência moscovita, salvador das nações aliadas, é sexagenário mas é duro.

Chian Kai Chek, aos 50 anos, arcou com tremenda responsabilidade na defesa da ordem e da integridade chinezas.

O General Patton, pela sua resistência e pela sua organização hercúlea, foi bem o símbolo da alma norte americana, no comando do seu exército de veículos blindados pesados.

Nêsse exército era êle o que mais arriscava e quem menos caçava.

Morreu, depois de victorioso, de um desastre de automovel, dirigido por ele mesmo, quando ia completar 60 anos.

Eisenhower, o generalíssimo dos exércitos aliados, nasceu há mais de meio século.

Da mesma idade é o General De Gaulle, a resistência da França livre, e ainda o tenaz Mac Arthur, o leão atrevido que os japoneses não conseguiram subjugar, desde a traição de Pearl Harbour.

O velho líder da África do Sul o General Smouth, antigo herói da resistência boer contra os ingleses, ainda agora, quasi nonagenário, deixou pasmos os representantes das nações reunidas em S. Francisco, pelas suas propostas viris e pelo seu espírito sempre jovem.

Gândhi, sexagenário e jejuador impenitente, eletrizou, com a sua doutrina de liberdade e com o seu olhar vivo e penetrante, duzentos milhões de habitantes da India, obedientes ao mínimo gêsto da sua esquelética figura.

Quasi todos os papas e cardeais, os arcebispos e bispos catholicos, os pastores evangelicos e todos os orientadores da vida moral da humanidade, nas diversas escolas filosóficas, geralmente atingem a êsses postos depois de terem visto passar 50 janeiros.

É ninguém os considera caducos ou decadentes; são ouvidos e tem prosélitos, produzindo *Rerum Novarum*, *Quadragesimo ano*, *o Livro dos Espíritos*, *Catecismo positivista*, e *o Socialismo*.

As Cartas Magnas dos países democraticamente organizados exigem, em geral, o mínimo de 35 anos para o candidato á eleição de Presidente ou de membros das Camaras Altas.

Querem, além do talento e da cultura, a calma e a ponderação dos anos maduros.

É raro o official general promovido a êsse posto de alto comando antes dos 50 anos.

Os estudos necessarios, o preparo técnico exigido, a familiaridade com a vida na caserna e nos comandos e a prudência para direção, querem a idade madura.

E não há temor de estarem com o miolo mole

Barroso, em Riachuelo, era sexagenário; Caxias, entrando vitorioso em Assunção em 1.870, contava 67 anos.

Ainda por mais de 10 anos foi soldado e administrador, parlamentar e chefe de partido.

O úrio, em Tuiuti tinha 58 anos mas ainda erao terror dos paraguaios com as suas tremendas cargas de cavalaria.

Sampaio o patrono da infantaria brasileira, tinha 56 anos quando recebeu, a 24 de Maio de 1866, os gloriosos ferimentos que o mataram.

Andrade Neves, o vanguardeiro, quando entrou em Assunção, em 1.869, tinha 62 anos e Porto Alegre, em 1867, tinha 63.

Deodoro e Floriano, em 1889, tinham mais de 60 anos.

Rondon, soldado e sertanista, só foi reformado aos 70 depois de uma existência benemérita; mas, ate hoje, a sua pessoa patriarcal não recusa os conselhos da sua autoridade.

Aos 80 anos foi o seu nome escrito no livro do mérito ao lado do octogenário Clovis Bevilacqua e de outros 3 velhos e ilustres cientistas

Mais de 60 anos tinham o Presidente Hermes da Fonseca e os Presidentes civis Prudente de Moraes, Campos Sales, Rodrigues Alves e Afonso Pena; todos os outros eram maiores de 50 anos.

Getulio Vargas tem 64 anos.

O General Dutra tem 63 anos e nem por isso foi suplantado pelo Brigadeiro Gomes, 15 anos mais moço do que candidato do PSD.

Pereira Passos, Lauro Müller, Paulo de Frontin e Oswaldo Cruz tinham chegado aos 50 quando remodelaram e sanearam o Rio de Janeiro.

Rio Branco, só na idade madura alcançou realce na diplomacia, solucionando as nossas mais antigas e complicadas questões de limites.

Rui Barbosa, foi sempre Rui, talento precoce, gênio consa-

grado, eterno namorado da liberdade; mas foi depois dos 40 anos que êle eletizou Buenos-Aires, assombrou em Haia e pregou, na campanha civilista, com os grisalhos Seabra e Nilo Peçanha, os verdadeiros princípios da democracia.

Miguel Couto, Austregésilo e Fernando de Magalhães, só maduros se tornaram mestres na ciencia médica; e só depois dos 50 foram recebidos no cenáculo dos imortais, onde bem poucos terão menor idade.

As venerandas corporações que são o Supremo Tribunal e o seu homônimo militar, são formadas por pessoas já bem velhas mas que, nem por isso, deixam perecer a causa da Justiça.

Idêntico panorama se observa nos Tribunais de Apelação dos Estados, cujos juizes, depois de longo exercicio pelas comarcas, são promovidos para o mais alto posto da magistratura.

O Instituto Histórico Brasileiro tem raros sócios pertencentes à ala moça, o mesmo sendo observado na "Casa Barão de Melgaço", onde a ala madura, representada por figuras destacadas, conta noventa por cento do total de sócios.

Na política e na administração de Mato-Grosso as figuras venerandas de Couto de Magalhães e do Barão de Melgaço, no antigo regime e as de Manoel Murтинho, Dr. José Maria Metelo, Generoso Ponce, Antônio Maria Coelho, Joaquim Murтинho, Aquilino do Amaral, Antônio Azeredo, Esperidão Marques, Pinheiro Guedes, Moraes Matos, Antônio Corrêa, Costa Ribeiro, Ferreira Mendes, dos industriais Pais de Barros, de Pedro Celestino, de Joaquim Augusto da Costa Marques, de Caetano de Albuquerque, de D. Aquino Correa, de Anibal de Toledo, de Estevão Correa, de Virgílio Correa, de Generoso Ponce Filho, de Vilasbôas, de Trigo de Loureiro, de Vespasiano Martins, de Filinto Müller e de Júlio Müller são figuras de relêvo.

Augusto Leverger era já um reformado quando organizou a residência no Melgaço.

Em avançada idade orientou e escreveu tudo o que observára e anotára sobre a história e sobre a geografia de Mato-Grosso.

Pedro I, moço e ardente, teve rasgos de heroismos e crimes de um maluco.

Os seus atos eram sempre ponderados quando tinham o controle do velho José Bonifacio.

Pedro II, na sua mocidade, provocou numerosas revoluções. Antonio Carlos, no parlamento, disse d'ele ao irmão e colega: «Não te disse, Martim, que quem dorme com criança amanhece mijado?»

Mais tarde, o seu prolongado governo, na idade madura e até na velhice avançada, só deixou saudades e bons exemplos.

Não se ha de dar a direção de uma super-fortaleza voadora a um setuagenario, assim como não se há de dar a Presidencia

da austera Camara dos Lords da Inglaterra, a um verdolengo az de aviação.

Pasteur era quasi um macróbio quando descobriu o micróbio; e o casal Curie solucionou, na velhice, os seus estudos sobre o radio.

Alexandre de Macedônia conquistou quasi todo o mundo conhecido pelos antigos até a idade de 32 anos; mais quando chegou o momento de organizar, em imperio, as suas vastas conquistas, morreu, em Babilônia, vítima dos seus excessos de intemperança, vale dizer, vítima dos seus erros de moço.

No seu leito de morte, previu o desmoronamento dos seus domínios.

Napoleão Bonaparte foi general aos 27 anos; mas só ele foi verdadeiramente, — o Grande — quando legou ao mundo o seu famoso Código, já às vésperas de Santa Helena.

Em geral os moços elogiam a mocidade mas não gostam de falar bem dos outros moços.

Questão de orgulho egoista.

Fazem como as mulheres.

Elas não suportam que se fale do seu sexo; se, entretanto, ouvirmos o que dizem umas das outras, a maledicência será maior.

Esta observação não é minha mas de Vitor Hugo, cérebro maravilhoso e potente, mesmo em idade muito avançada.

Ao meu jovem amigo Luis Philippe Pereira Leite, lídima esperança da ala moça, devo a leitura de Idade, Sexo e Tempo — ponderado livro de Alceu Amoroso Lima, gigante da Ação Católica no Brasil.

Tristão de Athayde: reconhece:—“Não temos, por exemplo, necessariamente, a idade que a nossa certidão de idade nos indica.

Há homens sem infância, gerações sem mocidade, velhos que não se resignam à sua idade, e assim por diante.

A própria sexuação biológica não corresponde rigorosamente à psicologia.

“Podemos também viver uma idade em outra idade” . . .

“Conhecemos a família dos indecisos que não são bem isso nem aquilo, adolescentes mornos, homens maduros que oscilam entre a mocidade e a velhice, crianças sem infância, velhos que escondem a idade”.

Lemos à pagina 162 da obra referida:

—“Não há limite certo que marque o fim da maturidade, por volta dos 60 anos, como se costuma dizer.

Há a história de cada existência.

De modo que cada pessoa envelhece na razão direta da dureza da vida e inversa da resistência da alma.

Se os desgostos é que nos trazem a velhice, não a trazem igualmente para todos.

Pois nem todos sofrem do mesmo modo.

E a dor repercute, em nossas almas, na proporção de nossa faculdade de resistência, natural ou adquirida.

Na maturidade há mais altruísmo.

Nela nos transmitimos pelos filhos e pelas obras.

A mulher de 40 anos é muito perigosa para os homes de 20 assim como os homes de 50 para as mocinhas.

50 anos é a idade do equilíbrio e da serenidade.

E' a idade madura a mais duradoura e por isso a que mais realiza.

Começa aos 30 anos, com a agonia da mocidade, e morre depois dos 60, diante do fantasma da velhice.

Descartes quer que o bom senso anda mais com o homem surrado pelo tempo

A maturidade é mais conservadora pelo medo de coisa pior.

O moço ri ás gargalhadas confiantes, enquanto que o maduro sorri, discretamente, máliciosamente.

O moço é a revolução vinda, às vezes para melhor e, às vezes, para pior.

A fé cega da mocidade é a mais inimiga do êxito do que a prudência dos maduros; do mesmo modo que a volubilidade d'aquela se subordina à firmeza d'esta, sempre em guarda contra os programas novos de êxitos incertos e mal estudados.

"Em moços, diz Amoroso Lima, queremos geralmente destruir o presente, criar novas formas sociais, deslocar os consagrados, aposentar os velhos, derrubar os regimes estabelecidos, fechar as academias.

E tudo isso em nome do futuro"...

O maduro deseja conservar, melhorando sempre, pois que nem sempre a atualidade é capaz de coisa melhor.

A pratica do camponio costuma colocar, presos à mesma canga, o boi velho e o boi redomão.

A furia indisciplinada deste, é contida pela pachorrenta disciplina daquele; juntos, dão resultados compensadores.

Dois bisonhos furiosos atirariam o carro no abismo.

As paginas da historia literaria do Brasil, tem clarinadas de vitória para a ala madura.

A Pero Vaz de Caminha devemos a crônica dos nossos primeiros dias.

Jaboatão e Rocha Pita, entrados em anos, continuaram o trabalho.

(O "Caramuru" de Santa Rita Durão, frade e velho, tem ar-

roubos de lirismo, ardoroso de ciúme odiento, no episódio da morte de Moema:

Tão dura ingratição mesmo sentira
E êsse fado cruel doce me fôra
Se a meu despeito triunfar não vira
Essa indigna, essa infame, essa traidora,
Por serva, por escrava te seguira
Se não temêra chamar senhora
A vil Paraguassú, que sem que eu creia,
Sôbre ser-me inferior é nêscia e feia.

A sátira de Gregório de Matos, até aos 70 anos, é ferina e impiedosa, fustigando a própria esposa, nem poupando a autoridade do governador da Baía, quando afirmava que ainda não vira um Mendonça que não tivesse Furtado.

Até as suas sentenças de juiz eram, muitas vezes, em versos satíricos, como no caso da naveta da falsa prata.

Indefirido - A naveta de que se trata
E' de latão e não de prata.

E' empolgante ardor patriótico e nada fradescço do Padre Antonio Vieira, já com os fios da barba todos brancos, apostrofando, do púlpito sagrado, a divindade que permitira a invasão da Terra de Santa Cruz pelos herejes holandeses.

E êle era aquele mesmo que fôra esconder, no escuro d'um claustro, o seu desapego pelas vaidades deste mundo, o mesmo que julgava as prendas da beleza na mocidade: — "uma caveira bem vestida a que a menor enfermidade tira a côr"...

Os poetas da Conjuração Mineira, entre os quais eram vistos o notavel desembargador, o austero juiz, o culto advogado e o sacerdote respeitavel, eram quarentões mais cheios de ardores juvenís.

Já no exílio, depois de crueis sofrimentos, percebe Gonzaga que a velhice chega:" -

Já, já me vai, Marília, branquejando
O louro cabelo que circunda a testa;
E êsse mesmo que alveja vai caindo
E pouco já me resta".

Ainda assim admite que... "os sofrimentos fazem mais do que os anos".

A prosa aparece sempre mais tarde, anuncia a madureza na literatura de um povo.

A poesia é o sonho levado por pégaso para o azul do Olimpo, morada clara dos deuses e das musas.

A poesia é inspiração, a prosa requer erudição.

Píndaro e Anacreonte são precursores de Heródoto e de Strabão, de Aristóteles e de Arquimedes, de Sócrates e de Platão, os grandes representantes da história, da geografia, da ciência e da filosofia na Grécia antiga.

E era Péricles, já maduro, o grande protetor da cultura do seu século.

Augusto, na sua mocidade, batalhou e conquistou.

Aproximando-se dos 40 fechou o templo de Janus para anunciar que o Império era a paz.

E atendeu Mecênas na proteção aos intelectuais do seu tempo, alimentados pelo velho Varrão, o sábio, na famosa biblioteca Ulpiana.

E' assim que Augusto conseguiu ligar o seu nome ao grande século da cultura romana.

Luiz 14^o, jovem, empenhou-se em aventuras guerreiras, resistindo a várias coligações da Europa inteira contra o seu país.

Luiz 14^o, maduro e velho, soube ser o desvelado incentivador do gênio francês.

A história, a mestra da vida, denominou de Luiz 14^o ao maior século da França intelectual.

No Brasil os sonhadores da Inconfidência vieram antes da maturidade da Pátria para a vida autônoma.

A vinda de D. João VI preparou o terreno para essa maturidade.

O velho José da Silva Lisboa, Visconde de Cairú, proclamou a nossa emancipação comercial com o decreto de abertura dos portos brasileiros às nações amigas.

A essa medida, seguiu-se a da liberdade para o estabelecimento de fábricas e de vias de comunicação.

Era a preparação da nacionalidade para a autonomia.

Os prosadores nacionalistas compreenderam o importante momento, pondo a sua cultura ao serviço da santa cruzada.

Frei Sampaio, Evaristo da Veiga, Januário da Cunha Barbosa, J. J. da Rocha, alicerçam as colunas mestras do novo país, doutrinando pela imprensa, ao mesmo tempo que os Andradas, Gonçalves Ledo, Alves Branco, José Clemente, Vasconcelos Drummond, José Mariano Leal, pela imprensa ou na tribuna parlamentar, liberais ou conservadores, completavam o trabalho do dia do Fico, e o do brado do Ipiranga.

Todos êsses nomes eram de homens de idade suficiente para tomar assento no Senado, e o projeto de José Bonifácio estabelecia o mínimo de 40 anos para a eleição à Câmara Alta.

Mont'Alverne, já ordenado sacerdote, brilhou na eloquência sacra durante 26 anos.

Depois, a cegueira condenou-o ao silêncio por 18 anos sucessivos.

Esse silêncio foi interrompido pelo convite de D. Pedro II, que insistia para que o velho frade fizesse o panegírico de S. Pedro de Alcântara.

E Mont'Alverne ganhou, na tribuna sacra, nessa «pira em que arderam seus olhos», a sua mais brilhante corôa de louros, corôa tecida de silvas enlaçadas e de «vergôntees já secas», reverdecidas e floridas ao calor do seu cérebro de velho.

Gonçalves de Magalhães com os seus 71 anos de vida, foi para o romantismo no Brasil, o que foi Garret para o de Portugal.

José de Alencar, aos 50 anos, deu regras á lingua de Camões falada na América.

Machado de Assis faleceu aos 69 anos, em plena atividade literária, pois era presidente da Academia Brasileira de Letras.

Escreveu durante meio século.

Taunay viveu 56 anos, escrevendo até bem perto da morte. E' o Xenofonte brasileiro.

Joaquim Nabuco até aos 61 anos, idade a que atingiu, soube ser belo e eloquente, critico e historiador.

Silvio Romero viveu 63 anos escrevendo muito até pouco antes da sua morte, quando publicou «Evolução de gêneros da literatura brasileira».

Tobias Barreto mereceu integral admiração da critica severa de Silvio Romero e foi, até além da idade madura, com a fama de uma das maiores cerebrações brasileiras.

Pluriforme e completo.

Joaquim Noberto de Souza e Silva vivu 71 anos e foi poeta, novelista, dramaturgo e historiador até pouco antes de morrer.

O Visconde de Ouro Preto e o seu filho Afonso Celso de Ouro Preto foram poligrafos consagrados até depois de 70 anos.

O último era insubstituível na sua perpetuidade na presidência do Instituto Histórico.

Julio Ribeiro e João Ribeiro foram gramáticos puristas e escritores, consumidos.

O primeiro, no romance «A Carne», legou profundo estudo sobre o império do amor na história da perpetuidade dos seres na natureza inteira.

O segundo, historiador e critico de renome honrou, até a velhice, uma poltrona na Academia.

Alvares de Azevedo, ainda muito jovem roubado á vida, foi vítima da sua mocidade aniquilando o seu estro nas noites na taverna.

Em Bilac notamos, com o avançar dos anos, a transformação do homem dos sonhos para o homem da realidade.

Deixou de ouvir estrélas para ouvir e repetir o toque de reunir pela defesa do Brasil.

Isso sem prejuizo do seu principado na poesia.

Euclides da Cunha, na mocidade, foi o revolucionário, destemeroso escandalizando os visitantes chilenos em memorável e revoltado discurso de 1889.

Mais de uma década depois, vinha a sua maturidade patenteada opulentamente nas páginas de "Os Sertões".

Coelho Neto, polígrafo elegante, escreveu muito até os anos da velhice, quando o seu estilo mais se refinou.

Odorico Mendes morreu aos 60 anos.

Isso lhe permitiu o esmero indiscutível posto na tradução de Homéro e de Virgílio.

O Barão de Paranapiacaba faleceu aos 88 anos.

Em 1970, aos 83 anos, publicava as «Poesias e prosas seletas». Raimundo Corrêa poetou até a idade de meio século.

Por isso pontificou na Academia de Letras, admirado «pelo esmero da forma, posta ao serviço de opulenta imaginação e delicado sentimentalismo».

A idade madura fêz, dos seus versos, perfeitos interpretes dos segredos mais intimos da alma humana.

No soneto — As pombas — fala da fuga dos sonhos da mocidade:

No azul da adolescência as azas soltam,
Fogem . . . Mas aos pombais as pomba, voltam
E êles aos corações não voltam mais . . .

E — Mal secreto — mostra a falsidade da alegria da vida humana:

Quanta gente que rí, talvez, existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa.

Falando nos poetas da lingua portuguesa seria crime esquecer Luiz de Camões.

Viveu 56 anos e só depois de 10 lustros de existência de estudos acurados e de lutas sagrentas, só depois de muito infeliz no amor e na fortuna, poudé burilar e completar os — Lusíadas o maior monumento da sua glória, a fonte clássica da sua lingua imenso repositório de conhecimento sobre a mitologia, a náutica a história, a geográfica, a epopeia, o lirismo, o patriotismo e a

Laurindo Rebelo, morto aos 38 anos, ao lado da sua veia satírica dos primeiros tempos, o seu soluço de agonia no - Adeus ao mundo - que termina com um gemido de esperança:

Quem sempre a morte achou no lar da vida.
Deve a vida encontrar no lar da morte.

Luiz Guimarães Junior precisou de 52 anos de vida para ser poeta melodioso, prodador fluente e diplomata completo.

De 53 anos precisou Artur Azevedo para bem produzir na literatura dramática.

O velho professor Ernesto Carneiro Ribeiro com a sua erudição em coisas de gramática, deu muito trabalho ao seu ex-aluno Rui Barbosa.

"Ligeiras observações, Réplica e Tréplica", terminaram com a vitória do velho mestre, satisfeito com o Decreto 3.725, de 15 de janeiro de 1.919 que corrigiu os complementos do verbo *indenizar*, de acordo com a sua opinião.

Se deixarmos o campo das letras para regressar ao campo de Marte, havemos de vêr que a expedição brasileira que operou na Italia, integrada por jovens ardorosos, deveu o seu éxito à propaganda, á orientação e ao comando de maduros: ao Presidente Vargas, ao Ministro do Exterior, ao Ministro da Marinha, ao Ministro da Guerra Gaspar Dutra e aos generais Mascarenhas de Moraes Zenóbio da Costa, Olimpio Falconieri, Canrobért, etc que souberam elevar bem alto o nome do Brasil na Italia. d'esse Brasil ainda jovem com os seus 466 anos de vida, patria de Xavier Marques, acadêmico e clássico, que sobre êle escreveu, já maior de 60 anos: "Quando o Brasil chegar à sua idade áurea de prestigio universal, quando êle fôr de entor da riqueza, da força, e da gloria que lhe vaticinam estranhos e ambicionamos todos os patriotas, então, os outros povos... acharão gozo em folhear algumas das obras seletas".

* *

Falando de idades, de resistência e saúde do corpo e do espirito, não devemos deixar de ouvir o que doutrinam os mestres da medicina sobre essa materia, objeto de estudos de sua predileção.

O Dr. José de Albuquerque em "Educação Sexual" diz á pagina 161 "Sempre respondo a meus clientes quando me consultam a respeito da idade em que se deve manifestar a puberdade e o elimatério, advertindo-os de que, o "ano" é uma criação humana baseada no fator cosmico, da evolução completa da Terra ao redor do Sol, nenhuma relação tendo, com a avaliação da capacidade fisica e intellectual do homem, considerado individualmente.

Para a determinação de fatos biológicos, não póde, pois, ser invocado o calendário, mas sim o estado funcional dos grandes sistemas e aparelhos, cuja resultante forma a personalidade física do indivíduo».

O professor Alexis Carrel, na sua notavel e moderna obra «*L'homme, cet inconnu*,» ensina: — Sabe-se que os progressos da hygiene durante estes 25 últimos anos, têm sido maravilhosos, que a frequencia das molestias infectuosas, diminuem de maneira notavel.

A duração média da vida era somente 45 anos em 1900.

Ela aumentou de mais de 11 anos depois dessa epoca.

Falando das molestias que atormentam a vida agitada dos grandes centros, doutrina o mesmo doutor: — «Essas molestias são quasi desconhecidas nos grupos sociais onde a vida permanece mais simples e menos agitada, onde a inquietação é menos constante.

Do mesmo modo, aqueles que sabem guardar a calma interior, no meio do tumulto da *urbs* moderna, permanecem ao abrigo das molestias nervosas e viscerais».

E no capitulo — O tempo interior — : «O tempo solar marcha num ritmo uniforme.

Ele é feito de intervalos iguais.

Sua marcha jamais se modifica.

O tempo fisiologico, ao contrario, muda, realmente, de um individuo para outro».

E noutro capitulo: — «Os velhos são muito mais diferentes uns dos outros do que as crianças».

Ainda em relação ao tempo interior, ele escreve:

«Coloca-se na mesma classe meninos da mesma idade.

O momento da retirada é tambem fixado pela idade do trabalhador.

Nós sabemos, entretanto, que a idade real dum individuo não corresponde exactamente à sua idade cronologica.

Para certos trabalhos seria necessario grupar os seres humanos por idade fisiologica.

Em algumas escolas se toma a puberdade como meio de classificar os meninos.

Mas não existe ainda processo permitindo medir o grau do declínio fisiológico e mental, e de saber em que momento um homem envelhecido deve se retirar.

Entretanto, o estado d'um aviador póde ser determinado exactamente por certos testes.

E' a sua idade fisiológica e não a sua idade cronológica que indica a data da retirada dos pilotos da linha».

Falando das funções adaptáveis, entende Carrel que "o ser humano se compõe de uma materia móle, alteravel, succetível de se decompor em algumas horas.

Entretanto, êle dura mais tempo do que se fosse feito de aço

Não somente êle dura, mas êle supera, sem cessar, as dificuldades e os perigos do meio exterior».

E superará, com tanto maior êxito, quanto mais orientada fôr a sua atividade normal; pois Carrel conclui que «a maior desgraça que a civilização científica trouxe aos homens é a ciosidade».

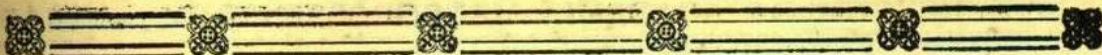
A duração, conforme quer Henri Bergson em «Evolution Creatrice», significa invenção, criação de fórmulas, elaboração continua do absolutamente novo».



CADEIRA N. 40

**SESSÃO SOLENE DE POSSE E RECEPÇÃO
DO ACADÊMICO ROSÁRIO CONGRO**

EM 23 DE DEZEMBRO DE 1948



Palavras de Abertura

Pelo Presidente da Academia

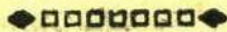
E' sempre grato á Academia receber, nesta Casa da Cultura matogrossense, um dos seus eleitos, posto, como acontece com o nosso recipiendário de hoje, estivesse êle sendo esperado há vários anos.

Essa delonga movida por circunstâncias ponderosas, antes que diminuir, acresce a emoção com que, de braços e coração aberto, acolhemos na "Casa Barão de Melgaço" o confrade, por vários títulos emérito, que é Rosário Congro.

À nossa imortalidade, embora precária, cubizada, não se chega sinão portando credenciais de talento reconhecido e bagagem valiosa de trabalhos. Por que ela, se não é uma consagração - não temos essa vaidade - vale entretanto, por um estímulo e exprime uma seleção. Rosário Congro, já de há muito, era dos nossos, mesmo antes de tomar assento numa das poltronas, por enquanto simbólicas, deste Partenão. Já se creditara, há tempo, a nossa estima e simpatia direi mesmo, ao nosso reconhecimento. Correspondente do "Centro Mato-grossense de Letras", prógono da Academia homônima, a êle devemos, como representante legislativo, mais de uma iniciativa beneficiadora dos sodalícios culturais de nossa terra. Em Corumbá, Campo Grande e Três-Lagôas, onde exerceu sua fecunda atividade, foi sempre, como homem público e jornalista de prol, um pioneiro dos ideais, que formam a finalidade desta associação de homens de letras. Dos seus merecimentos

intelectuais vai dizer com a sóbria exatidão, que lhe caracteriza o aticismo do estilo, o nosso companheiro, incumbido de falar pela Academia—Luis-Philippe Pereira Leite. Ao Presidente só lhe cumpre, na alegria desta hora festiva, agradecer a presença honrosa de quantos aqui vieram, atendendo gentilmente ao nosso convite. Devo ainda, significar, em nome dos meus pares, a satisfação com que vemos fortalecer-se a Milícia do pensamento e da arte, em Mato-Grosso, com elementos de escol, como o que ora se empossa na cadeira n. 40 do saudoso P. Armindo de que hoje reverenciamos a doce memória no trigésimo aniversário do seu desaparecer. Quero frizar, numa reflexão melancólica e justa, um aspecto singular que esta solenidade nos inculca: Rosário, talento em plena e magnífica maturação, poeta cujo estro tem o sabor opimo dos pomos outonicos, vem, num contraste, que é uma compensação, fundar esta Cadeira do caçula dos Patronos, quasi seu contemporâneo, poeta, igualmente, mas de messe primaveril, colhido pela ceifadora, em pleno desabrochar do seu estio. Coisas do Destino, na vida eterna das academias, á margem do efêmero da vida humana, tão cheia de imprevistos, contradições e incertezas, que tudo concorre para fazê-la mais alta, mais harmoniosa e mais compreensiva.

Está aberta a sessão.



Discurso de posse

Do academico ROSÁRIO CONGRO

Correu muita água por baixo das pontes, na expressão de Macedo Soares no seu Discurso de Posse, na Torre de Marfim de Machado de Assis, desde o dia em que, do cimo do vosso não menos ebúrneo mirante, chamastes-me para o convívio ilustre.

Anos decorreram sem que eu me animasse a deixar a planície, caindo em prescrição, como se poderia dizer; mas, em torno à vossa mesa, o meu lugar se conservou impreenchido, numa demonstração maior da vossa bondade sem limites para com o modesto amador das letras.

Impus-me, assim, o dever de não aceitar a facilidade de enviar a minha oração, e o de vir, pessoalmente, trazer-vos de envolta com a minha escusa, a declaratória da minha gratidão.

Viria também rever amigos queridos que tive a fortuna de fazer aqui, desde meus tempos de moço, e rever ainda, mais uma vez, esta bi-centenária cidade, Meca da intelectualidade mato grossense, e que ao meu revés, remoça.

Cuiabá, que, vai para oito lustros, me acolheu com a proverbial hospitalidade de sua gente, não é mais aquela dos lampiões urbanos a azeite de peixe, suspensos, à distância, nas esquinas das suas ruas coloniais.

Não é mais a dos «bordinhos» do meu saudoso amigo Amarílio de Almeida, os quais era chamuscavam os passageiros com as fagulhas de sua locomotivas liliputianas, ora nos obrigavam ao esforço de pôr os rodados nos trilhos. Mas é ainda, em meio ao progresso que a invade, a gloriosa detentora dos forais de fidelidade nacional e matriz do povoamento da distante e esquecida Província.

Na suave saudade daquele primitivismo, melhor aprecio e mais enalteço as conquistas atuais da evolução.

Retardatário, eis-me enfim chegado, envelhecido e exausto, não pela subida a esta cumiada, que me foi por vós favorecida, mas pela constante advertência das «coronárias».

Não me deixei surpreender como aconteceu a Francisco de Castro e Martins Júnior, que, não empossados ainda, partiam para outra immortalidade, a da vida, que é a própria morte.

“A immortalidade acadêmica, reflexionou certa vez o nosso confrade Gervásio Leite, tem o limite da vida do mortal. Mas pelo menos consola. Recebido no “suave convívio” o cidadão tem o direito de enrolar sua bandeira, quebrar a pena e se afundar num mutismo estéril e contemplativo. É que se estabeleceu a praça de que, atingida a poltrona, nada compromete menos o imortal que o silêncio — “o mutismo da glória”;

Devo confessar, sinceramente, que a minha gleba não foi nunca feraz ao que não era estranha certa rudeza contingente da existência que me coube.

Para não morrer de fome, não fiz das letras o meu “ganha-pão” e dessa forma, o meu pendor literário tornou-se um derivativo espiritual, mero diletantismo.

Da safra juvenil nada mais resta, inteiramente destruída como foi

Mas o pouco da quadra madura, mais ou menos apresentável, esparsa por aí, me veio do vosso estímulo, desde quando sócio correspondente do Centro Matogrossense de Letras, que antecedeu a este colendo sodalício, e em cujo pórtico Dom Aquino Corrêa. — Príncipe dos nossos aedos, esculpiu a expressiva legenda: *Pulchritudinis Studium Habentes*.

Ali, ao entrar, não se deixava a esperança. Ao contrário, dela nascia a vontade para grandes coisas.

O Centro despertaria entre nós o gosto literário e os versos do poeta prelado, áureos como teriam sido os de Pitágoras, criariam a poesia regional, cuja inspiração eu também sorvi na fonte inesgotável dos nossos pantanais.

Mas a velhice . . . Ora a velhice!

Sófocles, septuagenário, ainda compunha tragédias e à leitura da *E'dipo em Colona*, não ultimada ainda, foi absolvido da acusação de seus filhos, de estar negligenciando a administração de seus bens.

Solon glorificava-se, em seus decasílabos, de aprender todos os dias alguma coisa.

Cícero, aos 84 anos, dizia: “Aprendo as letras gregas, estou em via de escrever o sétimo volume das minhas *Origens*, compilo todos os monumentos da antiguidade, redijo agora as mais notáveis causas que defendi e organizo um catálogo sobre o direito augural, pontifical e civil.”

E dizia ainda, o mais sábio dos romanos:—“Poderia gabar-me das mesmas vantagens de Ciro. Todavia, o que posso dizer, é que, se não tenho as mesmas fôrças que outr’ora, quando servia como soldado na guerra púnica e mesmo como questor, ou quando combatia nas Termópilas como tribuno militar, ao menos a velhice, como eu a vejo, não me esgotou nem me abateu:—Minhas fôrças não me faltaram nem no Senado nem na tribuna forense.”

Camões escreveu:

Otávio, entre as maiores opressões,
compunha versos doutos e venustos.

Deu-nos Rebêlo da Silva, em páginas modelares, o exemplo do velho marquês de Marialva em luta com o touro bravo, para vingar a morte do filho, estendido na arena.

Que diríamos de Bernard Shaw a beira já dos seus cem anos, a ironizar a própria vida?

Ramiz Galvão tinha oitenta e oito anos e ditava com toda a lucidez: “Embora eu tenha sido, outr’ora, decidido etimologista, estou convencido da conveniencia da ortografia simplificada, que a nossa Academia adotou. Para o ensino da mocidade suas vantagens são indiscutíveis, e nisto estou de acôrdo com uma legião de professores eruditos.”

De Silva Ramos, conta Aluizio de Castro: “Não era acaso um poeta, e eu diria um poeta moço, aquêle que, beirando os de oitenta anos, nos fez outro dia, em sessão pública, o elogio de João Deus? Que elegância, que chiste, que donaire naquela oração. Recitando os versos do grande lírico, impecável na dição e na interpretação, Silva Ramos foi deveras admirável. Sentia-se que êle estava outra vez, naquela hora, vivendo a vida da sua mocidade em Portugal. Remoçou, no peito um lindo cravo, nos lábios um sorriso, a alma em júbilo, no abrir dos primeiros sonhos.”

Luis Delfino, também octogenário, nos dava magistraes sonetos, e como cantava Catulo, no terreiro da sua casinha suburbana, já no fim da sua longa e áspera jornada!

Envelheçamos, pois, como as árvores de Bilac:

«Na glória da alegria e da bondade,
agasalhando os pássaros nos ramos,
dando sombra e consôlo aos que padecem!»

A velhice ... Dela não se atemoriza Aloisio, desde que a veja nos outros..

Para mim, desde que possa dizer como Castilho: Tenho ainda o coração capaz de se render à vossa sedução.

Para Casson, a madureza do espírito, no homem, se alcança aos sessenta anos, e Vitor Pauchet, em seu magnífico *Onto da vida*, assevera que a verdadeira velhice vem aos oitenta.

E acrescenta: «A idade no homem é uma questão pessoal, questão de hereditariedade, de endócrinas e de simpático, de educação, de higiene, de disciplina».

As elites são em geral compostas de homens amadurecidos.

Grandes figuras da medicina, da cirurgia, da ciência, da magistratura, da politica, das artes, em regra dobraram os cinquenta.

Nessa época, segundo Boigey, as faculdades intelectuais atingem a sua plenitude. "Livre da tirania das paixões, temperadas pela razão os excessos dos instintos, o espírito chega a um estado de harmonioso equilíbrio: — Julgamento mais seguro, vontade mais firme, sensibilidade mais distinta e mais apurada. O homem alcança o domínio de si mesmo e amplo poder de realização e eficiência nos mais altos empreendimentos."

Mas, a vida mudou, afirma Will Durant.

A conduta humana e a fé, escreve em seu recente livro *Filosofia da Vida*, sofrem hoje as mais profundas perturbações.

Para o filósofo moderno, nossa era repete a de Sócrates.

Sentimos nossa vida moral ameaçada e nossa vida intelectual em excesso ampliada pela desintegração dos antigos costumes e da antiga fé. Tudo é novo e experimental em nossas ideias e ações: nada estabelecido e certo.

Tratando da velhice, Durant situa o homem «velho como suas artérias e moço como suas idéias.»

Sim. A alma jamais envelhece já dizia Cícero.

O homem pensamento ha-de sobre pairar sempre á involução fisiológica.

Marco Aurélio, que tanto elevou a escola estoica e "em quem o homem foi maior que o imperador" teve êste pensamento entre os centenares que compuseram *Os Dozes Livros da Sabedoria*: — «Vergonha é que nesta fase de tua vida, em que teu corpo não decai, sucumba tua alma de debilidade antes daquele.»

Durant, por vêzes contraditório, reconhece que a maturidade é tudo, que a salvação única está na sabedoria.

Mata-nos, porém, antes do tempo, quando diz: «A capacidade para aprender decresce, como se as células cerebrais não mais admitissem aquisições. Material novo que deseje entrar, não encontra acomodação, e as impressões se apagam com a rapidez das promessas dos políticos, ou da memória do povo. O velho cai no circunstancial. Chega à fase do que Quincey chamou anedotagem.»

Por efeito dessa filosofia «puramente mecânica e fatalista», eis-nos em pouco, senectos, atirados á ante-câmara da morte.

É, pois, de aproveitar o conselho de Gervásio: -- afundar num mutismo estéril e contemplativo.

—o—

A poesia é um mundo, cuja imaginativa foge aos olhos ineducados.

Só aos eleitos, como Raimundo Corrêa e êsse adorável Vicente de Carvalho, é permitido compreender êsse mundo interior.

Magistrados dos mais graves, traziam êles a toga salpicada de estrêlas.

Rui teria sido êmulo de Castro Alves, se não se houvesse deixado absorver pela politica.

Sua poesia *A Humanidade*, datada de 1.865, é profunda e tem lampejos de gênio, como êste:

Tudo na criação desinha e morre:
 perecem as nações, tombam impérios,
 e a vida para os homens fulge rápida
 como o luzir de súbito relâmpago...
 Não vedes lá nas raias do horizonte
 o sudário alvacento do passado?
 São cidades que dormem embuçadas
 no seu manto de pálidas ruínas:
 são ossadas de povos que branqueiam
 como um lençol de neve ao sol dos polos...
 Só eu ressurjo sempre dos destroços,
 qual o gigante que na luta intrépido
 recupera ao cair alento e fôrças!

A poesia, hoje, é bem um mármore antigo, de rara beleza, tomado pela hera do indiferentismo.

Sendo arte e sentimento, coisas secundárias para a época, não raro se escuta: Ora, direis, ouvir poetas!

Na politica, então, não só os adversários, mas ainda os cor-religionários concorrentes, lançam, pejorativamente: -- Êsse não serve. É poeta!

Espíritos brilhantes também existem, magníficos prosadores, que apavorados, talvez, com os versos frívolos de amorosos poetastros, generalizam a sua ogerisa, não se fixando na verdadeira poesia, que é feita de emoções e, como diz o maravilhoso Afrânio, «é tudo que nos falta, quando encontra uma expressão. Quem diria à humanidade, trite e cansada, que precisa de alento ou con-

sôlo, bálsamo ou cordial, quem diria, num nada, tudo, numa estrofe ou num verso, paz ou embevecimento, ânimo ou revolta?»

Cinzelador exímio, ainda assim se expressou em Parábolas: «As lagartas e as boibo'etas, as ostras e as pérolas deram à poesia as mais formosas imagens que a inteligência inventou. Da larva asquerosa deriva esse encanto alado, como da miséria do instinto o divino sentimento. Uma obra prima, jóia da natureza, resulta do sofrimento que a produziu, como símbolo de dor que custa tôda criação.»

Para Guilherme de Almeida, a poesia há de viver eternamente: «o sentimentalismo dos homens no século trepidante em que vivemos, ao contrário do que se pensa, há de existir sempre. A vida mudou os aspectos exteriores, mas não poderia jamais mudar os subjetivos. Continuam os poetas escrevendo versos, mais fáceis. Nada mais de espartilhos empertigados dos sonetos de França.»

Certo a poesia entra na renovação social.

A propósito, ouviu-se um dia do nosso Dom Aquino: «Confio muito na mocidade. A mocidade é fôrça e beleza. É como as aguas vivas e saltitantes que já nascem do sub-solo correndo, rolando seixos, abraçando ilhotas em flôr, encrespando-se nas corredeiras, escachoando nas barrocas, cascadeando nos pedregulhos, contornando as rochas, remoinhando nos rebojos, saltando dos alcantis mais abrutos e selvagens.»

Por ventura não é isto poesia, e da mulher?

Rodrigo Otávio, descrendo de escolas literárias, dizia que «a arte não pode se limitar ao tempo. Ainda hoje se lê com prazer Platão e Dante.»

Belezas, encontrava êle em sonetos parnasianos como em poemas modernos, e só a beleza, e só a arte, são capazes de «impressionar, em todos os tempos, o espírito intranquilo dos homens.»

Celso Vieira não admite a decadência da poesia brasileira, e considera o estado atual dissonância atordoante e transitória, proveniente da ruína do mundo clássico, «esborçado nas chamas da guerra».

E observa: «A visão espiritual e poética do universo decaiu nas almas utilitárias com a espantosa anarquia das idéias e dos sentimentos».

A própria velocidade mecânica, como diz o autor de *Endymião*, «está dissociando os homens da pura sensibilidade artística».

A monstruosidade portinaresca das formas, na pintura, invadindo a própria Igreja, como no templo de Pampulha; o barbarismo dos novos ritmos na música; a falta de nexo na poesia, tu-

do isso, que se pretende seja originalidade, traz um fundo político de destruição.

A harmonia da beleza, que produz a emoção, é coisa prejudicial, afirmam, pois amolece o espírito e só a força deve ser exaltada.

Rude materialismo, contra o qual devemos reagir, na defesa da nossa civilização, puramente cristã.

Muito riso deve ter provocado Paulo da Silveira com seus versos que não são poesia, e sim "espantosa anarquia":

O Índio
que estava nu,
lá no alto
do monte Pascoal,
ficou safado
quando viu
que tinha sido descoberto
e deu uma banana
p'ra o Pedro Álvares Cabral.

Lemos alhures:

«Todos os poetas morreram, e por isso a poesia morreu também. Ou foi a poesia que morreu primeiro? Possivelmente o assunto será suficientemente esclarecido agora no próximo Congresso de Poesia a se realizar em São Paulo.

Poesia moderna! Poesia moderna é preguiça e incapacidade de fazer poesia. Poesia moderna é isto:

o machado cortou a árvore pelo pé
e a paisagem ficou grande.
Por causa disto eu perdi o caminho,
aquela árvore era meu guia
e agora como vai ser?
As nuvens mudam de lugar a todo instante,
as estrelas não brilham de dia,
a lua é só de vez em quando.
O machado cortou a árvore pelo pé!
O machado é a morte,
a árvore era você
e a paisagem é o meu destino.
Como é que eu vou fazer agora para achar o meu
[destino?]

Se poesia moderna é poesia, aqui fica esta para nos creden-

ciar no Congresso. E, se Deus quiser, ainda seremos poetas sindicalizados, com carteira profissional e tudo."

Muita beleza, sem dúvida, pode existir no chamado "espírito moderno."

Se a evolução universal trouxe novas formas à literatura, novos figurinos à poesia, todavia não devemos abraçar a extravagância, e jamais esquecer o passado, "base da cultura atual."

A idéia deve ser honesta e pura, para que possa manifestar o belo e transmitir a emoção.

Certa vez, amigo meu dos mais distintos, culto entre os que mais o sejam, procurando nas colunas d' *A Cruz* um trabalho de minha lavra, que lhe fôra anunciado, ficou-se decepcionado e lealmente m'ô declarou.

Esperava êle uma produção macissa, ou mesmo massuda, que se aproveitasse, mas versos!

Tratava-se da minha poesia *Montando o Cuiabá*, título que depois mudei para *Na esteira das monções*.

José de Mesquita, o animador das letras conterrâneas, algo encontrou de aproveitável nas minhas sextilhas, tanto que numa conferência realizada no Rio, houve por bem fazer sentir como a natureza, entre nós, influa na imaginação dos baidos regionais.

Se me não falha a memória, Mesquita referia-se às nossas monumentais figueiras:

Dos vendavais de um século se ufana
esta enorme figueira, soberana
que os barrancos domina e o pantanal.

Outro verso que deve ter caído no gôto do nosso inexcedível presidente, eis que mais de uma vez m'ô repetiu, é aquele que retrata a nossa linda pernalta:

O cinério perfil dos baguaris.

Não fôra inteiramente inútil a minha poesia.
Pelo menos chamou atneção para este pedaço do paraíso terrenal.

Publicada numa revista carioca, o notável cientista Dr. Penido Burnier perguntava a um coestadano nosso, em seu consultório de Campinas, se de fato era assim Mato Grosso.

Entusiasmado, prometeu visitar-nos um dia, trazendo certamente apetrechos de caça e pesca, tanto eram os bichos descritos e êle, experimentado caçador...

Não sei se veio.
Mas, voltando ao meu decepcionado amigo, notei, tempos passados, que o castigo lhe caíra em casa.

Tem êle um filho que se fez moço e garimpeiro.

Garimpeiro de rimas!

Vive lidando com cascalhos de sonhos e ilusões e mergulhando no seu Pactolo, volta de bateia em punho, abundante e rica.

Ele mesmo, o meu venerando amigo, ao menos pela convivência, deve ter perpetrado alguns chibios...

Mas não só de poetas se compõem as Academias.

Entre nós se assentam também prosadores consumados, entregues ao romance, ao conto, à história; jornalistas, filólogos, gramáticos preocupados sempre com os pronomes e sua colocação, que todos, animados da sabedoria da inteligência, servem "ao patrimônio da língua e ao futuro espiritual da raça".

Sentem as Academias o efeito das transformações e por isso, não degeneram «em velhos clubes de mandarins das letras e das artes», no dizer pitoresco de Magalhães de Azeredo.

Para perpetuar a missão criadora deste cenáculo, aqui está, estuante, a mocidade dos novos, não dos novos recebidos, pois nesses me vejo e sou, entre todos, o mais idoso e assim, o mais saudosista...

— 0 —

Primeiro ocupante da cadeira n.º 40, sem predecessor a quem devesse o panegírico da praxe, percebo, entretanto, a meu lado, a sombra amiga e protetente de uma roupeta.

Para o incluir na galeria ilustre de seus patronos, a Academia não buscou, no padre Armindo de Oliveira, títulos científicos nem talentos literários.

Encontrou, porém, na sua figura de asceta, a personificação da virtude, pois trazia em si tôdas as boas qualidades e «o hábito do bem», que é a definição exata da virtude.

Padre Armindo tinha essa constante, que se apoiava firme e permanente no espírito, ou seja, na sensibilidade ativa e inteligente.

Escava em seu pensamento, como em seu coração "a origem inesgotável de sentimentos honestos", que o elevavam à perfeição e o conduziam à prática, mesmo por automatismo, dos atos boníssimos que tanto o destacavam.

Possuia o padre Armindo, em sua plenitude, as virtudes teológicas.

A fé, então, essa "realidade das coisas que esperamos, prova das que não vemos", como diz o texto clássico, dêle fazia um iluminado.

"A fé é o fundamento da esperança e em geral de tôda a nossa vida sobrenatural", transcreve Leonel Franca em seu grande livro *A Psicologia da Fé*.

Ouvindo a palavra do Senhor, teve o noviço, com inabalável fé, a esperança de alcançar a graça divina do sacerdócio, como a de sorrir para a morte, quando lhe abria os páramos estelares da bemaventurança.

E a mesma fé lhe afirmava que a caridade é "a perfeição infinita de Deus", e porque Deus é o bem supremo, nós o amamos sobre todas as coisas, como a nós mesmos.

Para tôdas as carreiras é necessário haver inclinação, uma espécie de chamamento.

Daí o gôsto com que são estudadas e exercidas, podendo levar à notabilidade.

Abraçada a contra-gôsto, a profissão "é uma dura servidão que tira a alegria de trabalhar", ensina Frederico Millemann.

O médico exulta quanto consegue salvar a vida ao seu doente, e pode chorar, como Miguel Couto, quando o perde.

João Monteiro, o nosso ainda maior civilista, lembra os quinaus que velhos rúbulas, "ratões de cartório", aplicam às vezes a elegantes bacharéis, cuja única preocupação social é a da ostentar no indicador o simbólico rubi.

Sem ser obrigatória, a vocação, é entretanto êrro bem mais nocivo, quando, "sem têrmos as qualidades requeridas, nos colocamos num estado que se afasta da vida comum, como o sacerdócio."

O sacerdote é tirado dentre os homens, mas para bem dos homens, disse S. Paulo, e Dom Aquino Corrêa esplana:— "Não há instituição social tão benemérita da humanidade, quanto o sacerdócio! A par dos bens sobre-naturais, quantos outros de ordem simplesmente temporal, não teve derramado o sacerdócio em todos os tempos e por tôda a parte!

Não se faz mister entrar no terreno da beneficência social, onde a ação inigualável do sacerdócio está patente aos olhos de todos: basta um relance d'olhos ao campo da instrução profana, mesmo em nosso País.»

Entre os representantes da nossa cultura, raro é aquêle que não tenha tido «a proteger-lhe alguma fase da carreira, a sombra benéfica do sacerdote.»

Designio da Providência, desde menino o padre Armindo de Oliveira sentira sua vocação sacerdotal, não deixando, com isso, de contrariar sua família, apesar de católica.

Suas fugas para os salesianos do Coxipó da Ponte, e aquela cena, em que se agarra ao ferro da entrada, que servia de capacho, persuadem que brotara incontrastavel a «flor de fogo» da sua vocação.

Encontra Armindo, no aspirantado, o seu Virgílio, noviço como êle, que teria de ordená-lo um dia e culminar-se mais tarde, como glória autêntica do Episcopado Nacional.

Enganavam-se aqueles que lhe tomavam pejorativamente a modéstia, a ingenuidade, direi.

Lírio entre espinhos, como o chamava Dom Aquino, justo era na simplicidade que estava a perfeição espiritual do padre Armindo.

Biografando a «flor do clero», escreveu o grande Arcebispo:—A prudência das serpentes, êle a ocultava, quanto podia, para que lhe não transluzisse, no exterior, senão a simplicidade e candura das pombas.»

A gagueira, defeito que, sem dúvida, o atrazou no «acesso ás sagradas Ordens», era motivo de «comentários lépidos» entre os colegas, com os quais seria também.

Era-lhe a humildade um privilégio.

É da Imitação de Cristo, que a graça da devoção se alcança pela humildade e abnegação de si mesmo.

Direi antes, possuía tal docilidade, verdadeiramente evangélica, que sua alma estampava.

«De feições sempre recolhidas, naturalmente serenas e calmas, contou certa vez o padre Vallarino, nunca se me deparou nêle, palavra ou ação que pudesse desaboná-lo, nunca!»

Pensava, como Sêneca, que a cólera jamais contribuiria para a grandeza da alma.

Nascido nesta capital, aos 6 de setembro de 1882, filho de João Capistrano de Oliveira e dna. Umbelina Pereira Mendes, seu nome todo era Armindo Libânio Capistrano de Oliveira, mas por vontade própria, «no ato da profissão religiosa passou a chamar-se Armindo Maria de Oliveira».

Simplez como lhe fôra a vida, foi-lhe a morte aos 23 de dezembro de 1918.

Menos de dois anos contava de sacerdócio, quando ainda começava o seu outono

«Nem falou, sorriu apenas, e expirou».

Bem se lhe pode aplicar a palavra misteriosa da Sabedoria:—
«Vida breve, mas cheia de muito tempo.»

Descrevendo a curta existência do padre Armindo, dedicando-lhe as paginas dêsse livro encantador a que, significativamente, chamou *Uma flor do clero cuiabano*, prestou Dom Aquino ao seu discípulo do noviciado, a mais tocante homenagem.

Tomou o padre Armindo a batina em 1903, professou os votos perpétuos a 28 de fevereiro de 1909, recebeu em 1912 a Tonsura e as Ordens Menores e, por fim, só a 31 de outubro de 1916, *sacerdos in æternum*, pôde resar a Primeira Missa!

Nem mesmo o seu grande biógrafo, pôde encontrar a razão de tamanha demora nessa ascensão.

Angústias e muitas, sentia o presbítero, que, não obstante os "prodígios da graça", julgava já inacessível o supedâneo dos altares, o que o levava a dizer, com santa resignação: "Para que Thabores, se o Senhor nos quer dar Calvários?"

Necessito socorrer-me ainda do insigne Prelado

"Primeira a lhe oscular as mãos recém ungiã, foi a sua veneranda mãe, e o faz entre soluços.

Em seguida, sentando-se diante d'êlé, lá se quedou, debulhada em lágrimas, a contemplá-lo silenciosamente. Quem sabe quantos pensamentos não lhe terão afluído á mente e ao coração, naqueles rápidos instantes! Compreendeu, enfim, naquela apoteose da sua maternidade, a grandeza e ventura de ter um filho sacerdote.

Findo o beija-mão, ao sairem da Capela, a mãe do neopresbítero, com aquele mesmo espírito maternal, que se lê da progenitora dos apóstolos Tiago e João, disse ao filho:—" Armindo, só falta Você ser bispo!" Ao que lhe responde êste: Veja, mamãe, como nosso Senhor é bom: a Senhora não queria que eu fosse padre, e quer agora que seja bispo!

E abraçaram-se chorando.

De particular devoção pela Virgem, aprouve ao padre Armindo adicionar ao seu próprio nome o de Maria, *quella que im-paradisa la mia mente.*

Aquele outro verso de Dante, *O pietosa Colei que mi sa-corsse*, êle o repetia com ternura: Piedosa aquela que me socorreu.

Apesar do suave convívio de seu mestre e guia, e também altíssimo poeta, não se tornou o padre Armindo um cultor propriamente dito, do verso, não obstante a perfeição da técnica.

Modestas como êle próprio, eram as camenas do Coxipó.

Não tinha queda para a ourivesaria; daí suas poesias sem arte, mas também sem artifício, dotadas de extrema singeleza, sem nenhuma vibração.

Sem o trabalho paciente e moroso do polimento, seus versos não tiveram destaque em nossas letras.

Nesta censura incorreu o nosso caro poeta, assevera o preclaro autor de *Uma flor do clero cuiabano.*

Não lhe fôsem os dias breves, como foram, certo a maturidade ser-lhe-ia coroada de rosas, a que tinha direito pela inteligência e preparo.

Com os anos, a própria filosofia se encarregaria de lhe dar motivos outros, que não apenas os da sua sensibilidade religiosa.

Votado ao culto de N. Senhora, como já disse, produziu o soneto *Maria*, transcrito pelo seu illustre irmão de hábito, e traduziu do francês *A Imaculada Conceição*, extensa poesia publicada na Revista Mato-Grosso, de dezembro de 1905.

Ainda naquele excelente mensário, outras bonitas produções
estampou, como esta:

Um sonho

Era alta noite. Plácido eu dormia
Talvez por entre edênicos bafejos...
Das lúcidas esferas os harpejos
Encherem-me os ouvidos parecia.

Num instante as pupilas me feria
Uma visão com divinais lampejos,
Que do céu me inflamava nos desejos:
Eram raios de amor,—era Maria...

E não sei como a áurea visão querida,
Sôbre as nuvens sumiu-se vaporosa,
Minha alma abandonando enteruecida!

Meu Deus! Que fantasia côm de rosa!
Sonhar assim quisera em toda vida,
Sem que nada me roube a paz ditosa!

E esta outra:

Todos os santos

Atrás do casto azul do firmamento
Surge uma turba eleita e fulgurosa,
Como uma apoteose grandiosa,
Da Essência divinal coroando o assento!

São os heróis do sacro Testamento,
Que a palma levam cândida e gloriosa!
Pois da existência a pugna calorosa
Venceram co' o Sinal do sofrimento.

Revestidos da frágil natureza,
Buscaram semelhar-se à Divindade,
Numa vida de célica pureza!

Fitemos nesses sóis da humanidade,
De tôdas as virtudes a beleza,
Em que reflete o ideal da santidade!

Caros confrades: — Não vos reunistes e nem nos reuniremos, sob a indumentária branca dos nossos recuados colegas florentinos da Academia do Farelo.

Mas, continuaremos a fabricar o nosso pão espiritual.

Também não somos como os da Academia dos Humildes Ignorantes, que surgiu em Lisboa pelos idos de 1758, nem envergamos o fardão francês, que exige o espadim doirado e o chapéu de plumas brancas.

Neste cômodo paisanismo provinciano seremos, através das letras, os mesmos obreiros "de uma nobre e sadia brasilidade."

Fábio Luz, rematando seu Parecer sôbre a tese de José de Mesquita, no Congresso das Academias de Letras do Brasil, disse:—"Do exposto, fica bem clara a utilidade de centros de cultura, não só nas capitais, como nas principais cidades do Estado, ligadas solidariamente, sem atender-se a orientação de escolas ou seitas literárias, mas tendo-se em vista a intensificação da cultura, como educação estética, mais do que como erudição. Em arte mais vale o sentimento emotivo do que a instrução especificada."

Centro da vida política e literária do Estado, a Academia mais alargou os horizontes culturais de Cuiabá. Sua influencia, porém, ainda não se fez sentir nas localidades do interior, mesmo nas mais importantes, como Corumbá e Campo-Grande.

Na primeira, em 1918, deixei fundado com Francisco Alves Corrêa e Alexandre Aurélio de Castro, o Gabinete Corumbaense de Leitura, que contava já com mais de um milheiro de volumes, angariados de porta em porta.

Ninguém sabe hoje do destino que tomaram, desertando as estantes.

Na segunda, residem nada menos de cinco acadêmicos, que se deixam absorver pelo dinamismo da bela cidade da serra.

Revistas, apareceram algumas, mas efêmeras.

Existem, sim, três grêmios estudantis, cujo lábaro comum, A PENA, revela uma pléiade de rapazes entusiastas e esperançosos.

A Sociedade de Cultura, de que muito se falou há tempos, resvalou no esquecimento.

Inúmeras, de fato, são as dificuldades próprias do interior.

Sejamos, então, os missionários da Academia, pregando por toda parte, onde estivermos, o seu ideal de progresso pela cultura da inteligência.

Foi com o pensamento na Academia que fundei, no ano passado, a Biblioteca Municipal de Três Lagoas.

E foi ainda, nela inspirado, que, em 41, assim concluí a minha oração paraninfal no Ginásio Dom Bosco, de Campo Grande:
Deus ampare o Brasil!

Que o pampeiro da guerra, mantendo-se longe, não devaste as opulentas searas das nossas pacíficas conquistas,

Nem a nossa mocidade haja de procumbir, na repulsa à agressão, pois a ela, de que sois parte, caros bacharelados, cabe acelerar, na paz constrativa, o ritmo do engrandecimento nacional.

Como a madrugada fresca e sanguínea do poeta, sucede á noite caliginosa, ao caos em que, mordidas pelo ódio, as nações se chocam, substituirá a ordem creadora e sob a égide da justiça rediviva, uma era de infinita prosperidade virá felicitar os povos.

Então, condutores do porvir, vereis o belo país da Cruz, paradigma de civilização cristã, encher-se de glória na reconstrução do mundo.

Para tão vasto cenário caminhamos,

Preparai-vos para êle, meus juvenis patrícios.

Disse.

Discurso de Recepção

pelo acadêmico Luis-Philippe Pereira Leite

Senhor Acadêmico,

Quiz a Academia, num requinte de generosidade, deferir ao menos idoso dos seus confrades, a grata incumbência de receber, em nome desta Casa, o novo acadêmico. E qual não é a surpresa que se lhe depira, de início, ante o cântico melancólico, que é o elogio da velhice, a ressumbrar da acadêmica oração de posse, ouvida com atenção e deslumbramento pela distinta assistência, que, em honrando as tradições de cultura da gente matogrossense, veio emprestar maior realce à solenidade, de par com significativa homenagem à pessoa mui respeitada e acatada, daquele para quem se enfloram as galas desta noite.

Vossa preocupação com a velhice, senhor acadêmico, não tem razão de ser, em que porem êsses cabelos que vos branqueiam a cabeça, porque a idade física nem sempre anda de par com aquela do espírito. E tanto é assim, que Alceu Amoroso Lima aconselha (1): "Facemos, com a vida do homem, o mesmo que Spengler fez com a vida da humanidade. Vejamos nela uma sequência de idades que giram sobre si mesmas, como astros de um mesmo sistema planetário. Mas, não nos precipitemos no exagero que vicia a filosofia spengleriana da história e não façamos de cada idade um ciclo fechado em si mesmo e impermeável aos influxos e a compreensão dos demais ciclos. Cada idade tem a sua psicologia e cada momento da vida a sua fisionomia particular. Cada uma delas tem a sua aurora, o seu zenit e o seu crepúsculo. . . A velhice não é apenas o fim da vida como quer uma psicologia errada e superficial. É uma idade igual a todas as demais, na sua razão de ser, na sua vitalidade mental e até mesmo no seu equilíbrio orgânico. A questão está apenas em saber viver *dentro* de sua idade e não pedir a cada

uma o que só alguma das outras pode dar . . . Para aqueles que, animados por uma verdadeira filosofia da vida, souberam vêr nesta realidade que transcende de muito essa mesquinha limitação dos sentidos, em que vivemos na terra — para estes é que a vida se revela em sua riqueza — imensa e inexgotável. E sabem então viver como se deve, isto é, preparando a própria vida imortal. Só eles sabem que a morte não é a cessação de viver mas uma fixação da vida em seu estado definitivo. Sua importância capital não está em ser um fim e sim uma transfiguração. Sua tremenda importância reside apenas nessa determinação definitiva, que estabilizará *para sempre* nossos destinos . . . Não há maior ilusão e maior erro do que fixar em uma idade o ideal da vida. Não há idades ideais. Há, apenas, idades bem ou mal vividas. Pode-se, em cada idade, atingir o ideal da vida, que sendo o reflexo de uma Vida transcendente e não o simples fruto de uma vitalidade imanente, espalha-se em todas as idades e em qualquer delas . . . Pois a beleza da vida está justamente nessa adequação entre o homem e a sua idade, nesse dialogo que travamos, em cada idade, com a pessoa coletiva de que fazemos parte: é este moço, que obedece à sua Mocidade sábia; é este homem, que ouve os conselhos da Maturidade consciente; é este ancião que vai vendo o declínio do seu dia com a serenidade que lhe vem dos segredos que aprende a cada momento da velhice, sábia e experiente.

Por isso mesmo, senhor acadêmico, que me atrevo a vos sugerir este conselho, se assim me fôra dado fazê-lo: «Não encerreis o expediente da vida e nem vos entregueis ao silêncio e à obscuridade», como deixastes transparecer, valendo-vos de um conselho que se não coaduna com a tempera de quem traz nas veias o sangue heroico dos bravos bandeirantes, forjadores da nacionalidade, para afundar-vos num mutismo esteril e contemplativo. A dominante de vossa vida, em consonância com as razões de sangue, está a indicar que outra não pode ser, senão de novas e árduas lutas, a vossa atitude nesta meia encosta da jornada, após os largos haustos com que sorvestes, do apice da montanha, os horizontes interminos que Deus oferece à nossa vida, a cada passo.

Vindo do vosso São Paulo distante, em 1907, nunca mais saistes de Mato Grosso, fazendo desta grande terra a própria terra. Aqui nasceram vossos filhos que, mercê de Deus, têm sabido honrar e ilustrar a gleba natal, e aqui repousa a vossa doce companheira que, para vos acompanhar, deixou a sua linda terra catarinense. Viestes tratar de interêsses comerciais que vos estavam confiados e o que aprendestes no velho e já extinto Liceu Sorocabano, pudestes ampliar de algum modo, no livro da vida. Perlustrastes a política, desempenhando com elevado critério, reco-

nhecido bom senso e inatacável probidade, os cargos de Presidente da Câmara Municipal de Corumbá, Intendente Interventor no município de Campo Grande, Prefeito de Três Lagoas e deputado em várias legislaturas, tendo sido um dos constituintes de 1935. A Academia jamais esquecerá a justificação que fizestes do projeto que mandava subvencionar a Casa Barão de Melgaço. Assinalastes vossa passagem pela Prefeitura de Três Lagoas, durante mais de um quinquênio, com notáveis empreendimentos, entre os quais vale destacada a construção do Paço Municipal, que só ela grangearia todo louvor para uma administração, que, de 42 a 47 registra expressivos *superavits* orçamentários. Campo Grande, até hoje, não esquece as benemerências resultantes de vossa próspera administração.

Poeta, cantais sempre a flora e a fauna exuberantes da terra que adotastes, «a mata, espessa, escura», que «os barrancos domina, derramando a sombra nemorosa», tal como «na esteira das monções», «epopeia que recorda, na glória que irradia, das heroicas bandeiras», que montaram o belo rio, «tardo, sonolento, que o seu destino intermimo desfia, á impavida conquista». A velha lagôa de Três Lagoas, no seu aspecto de vitória régia, inspirou-vos êste evocativo soneto:

Da Sariema o canto rude ecoa,
Suave, o vento no juncal murmura
Venusto é o bando de nitente alvura
Que, sobre as aguas placido revôa.

Panda, uma vela vai boiando atôa...
É uma vitória régia que fulgura
No verde seio imenso da planura,
Esta formosa, edênica lagôa.

É tão serena e vasta e assim tão bela,
De dia o sol, à noite a luz triste
Que o céu inteiro se reflete nela!

E o próprio Deus, a azul mansão abrindo
Ao seu encantamento não resiste:
Nela se mira, como nós, sorrindo...

Sócio correspondente da Academia, não creis portanto um extranho, quando fostes eleito a 12 de dezembro de 1940, sócio efetivo e, expressiva coincidência, a vossa posse se dá na data mesma do trigésimo aniversário do passamento do augusto patrono da cadeira n.º 40, Padre Arminho Maria de Oliveira, essa

“flôr do clero cuiabano”, tal qual o consagrou a palavra erudita do grande Arcebispo e imortal cantor da Terra Natal, que lhe censura o caráter refratário ao trabalho de polimento, que se lhe afigurava talvês um requinte e um luxo, sem que, contudo, se deixasse de convencer da importância máxima da lima no labor literário. Todavia, “a apostólica humildade ocultava-lhe aos olhos profanos os esplendores do talento de escól, que lhe brilhava, a espaço, quando na quietude do claustro, sua alma se evolava aos parâmetros azulinos da inspiração, e o poeta primoroso surgia na leveza empolgante das estrofes.” (2)

Orador fluente e jornalista de pról, senhor acadêmico, a Casa Barão de Melgaço se ressentia da vossa ilustre companhia. Integrando-vos, hoje, ao seu convívio, presta a Academia justa homenagem à vossa vida literária, cujas produções a vida pública jamais conseguiu arrefecer, seja em intensidade, seja em força e em valor. Bem mereceis o galardão da imortalidade, que recebeis nesta noite de arte e de poesia, de encantamento e de espiritualidade.

Tal é, senhores acadêmicos, em rápido escôço, o perfil do recipiendário, que vos apresento em nome da Academia Matogrossense, augurando boas vindas ao novél acadêmico e formulando votos que essa inteligência privilegiada, para usar de feliz expressão de Alcindo de Camargo (3), conserve sempre o frescor de uma primavera eterna, a embelecer os muros veneráveis dêste santuário da cultura, em que encontrareis, senhor acadêmico e agora ilustre confrade, nos momentos tediosos da vida, no cansaço do labor mental, nos ataques à obrameritória dos que muito trabalham e produzem, o refugio espiritual que pedem os crentes da Beleza Suprema.

Disse!

(1) — *Idade, sexo e tempo*, pgs divs.

(2) — *Uma flôr do clero cuiabano*, pags. 140-1 e 146

(3) — *Revista do Centro Matogrossense de Letras*, Ano IV, Nº VIII, julho a dezembro de 1915, pag. 68.

JOSÉ DE MESQUITA

Frente de Santo Antônio do Rio Madeira

Como se a terra amava e se queria
do Brasil, do Brasil, uma árvore e romântica

Os Poêmas do Guaporé

Planta uma humana e profunda pedida
por teu presença de dentro e dentro
luz, que pelo que se vive e conhece
e viver, de vida e de sentimentos
fatos de sonho, de sonhos e de pura
Cidade do céu negro, de outros tempos,
ela e através de suas espaldas de narizes
e estender-se, entre encostas e busques,
adornada em harmonia de sabedoria
Santo Antônio do Rio Madeira,
nome de Vila Bela, Diamantino e Castanhão,
e outras lugares de meu Mato Grosso,
Vila Bela, Ouro Preto, e outras cidades
como tu que viveram os três dias
de pompa, de esplendor e hoje vivem apenas
das tuas glórias e do futuro sempre
atestado nos "certificados" e nos "letras"



I

Poema de Santo Antônio do Rio Madeira

Como eu já te estimava e te queria
do fundo de minha alma afetiva e romântica,
mesmo antes de conhecer-te, Santo Antônio!
Por uma lei de afinidades elativas,
amava-te no teu Passado augusto e próspero,
e sentia uma humana e profunda piedade
por teu presente de declínio melancólico...
Mas, quis Deus que eu viesse conhecer-te,
e ver, de perto, os teus encantos envolventes,
feitos de sonho, de meiguices e doçura.
Cidade do ouro negro, de outros tempos,
bela e atraente em teus aspectos donairosos,
a estender-te, entre os cômodos e bosques,
adormecida ao borbórinho da cachoeira...
Santo Antônio do Rio Madeira,
irmã de Vila Bela, Diamantino e Chapada,
e outros lugares do meu Mato Grosso,
Vila Boa, Ouro-Preto, e outras cidades,
como tú, que tiveram os seus dias
de pompa, de esplendor e hoje vivem apenas,
das suas glórias e do fausto antigo,
atestado nas "certidões" e nas "tapéras"...

Como és bela, encoberta na magia
 do teu Passado - «única realidade»
 que exsurge na visão nostálgica, e suave
 do Presente, a evocar o que foste, no que és..
 'Aqui era um hotel'... Grande e movimentado..
 (hoje umas pedras de alicerces..)
 Ali, a padaria.. a casa do Intendente..
 mais adiante, o jardim, que jardim primoroso!
 (hoje um bamburro apenas..)
 E vamos escutando, comovidos,
 a crônica de Santo Antônio, esmiuçada
 pela «dona» que acompanhou por 34 anos
 a grandesa e a ruína da Cidade.
 "Parece um sonho"—dizem e eu repito.
 Sobem nos corações, a enchente da Saudade.
 Escachoa nas almas a ternura,
 cantando a sua erdeixa, mais dorida
 do que o guaiar profundo da cachoeira.
 Subimos para ver a Capelinha,
 que, no alto do morro, paira, ainda,
 dominando os escombros.
 Atravessamos o bosque
 poético e ainda cheio de frutas de outros tempo.
 Galgamos os trilhos rústicos,
 entre pedras, vendo, ao longe e ao largo,
 espriar-se o rio lindo e pitoresco
 que é mais lindo aqui que em qualquer outra parte.
 E há construções, e fortalezas e palácios,
 de pedra escura, em volta ao Monumento
 da Independência, em cuja placa antiga
 lemos nomes de gente, quasi toda
 já desaparecida..
 E há também uma tribuna, donde
 Santo Antônio, por certo, fala aos peixes.

E entramos a igrejinha — ó que beleza!
 uma bucólica viva,
 e admiramos a imagem tão perfeita
 com o Menino Jesús mais belo dêste mundo!

Voltamos. Desce a noite. O luar desponta...
 ("Que tarde! expira o Sol... último Sol de Agôsto!")
 E dou-me por feliz, de ter ficado
 preso — segunda vez! em Santo Antônio,
 para melnor gosar a sua amenidade,
 mais expressiva nesta hora do sol posto
 e do cair da noite...

Crepúsculo no céu... Crepúsculo nas almas...
 Santo Antonio do Rio Madeira,
 cidade crepuscular, és bem para ser vista
 a esta hora de Sonho e de Saudade!

Mas tu renascerás! e já antevejo,
 na minha fantasia de poeta,
 o teu Futuro grande e radioso,
 fênix a ressurgir das próprias cinzas:
 quando, parque magnífico e formoso
 de turismo, atraíres
 ao teu seio, os olhares cubiçosos
 dos visirantes vindos de outras terras,
 presos aos teus amavios,
 não te esqueças jamais o Poeta que aqui veio,
 numa tarde romântica,
 e te ofereceu a sua alma
 nêste poema de exaltação e de beleza!

(Pôrto Velho, 31-8-47)

Poema da Hora da "Ave Maria"

No Aeroporto da «Panair» em Porto Velho:

Quando o carro que nos levara chegou ao aeroporto,
já no céu, nas águas do rio e nas matas do "beiradão",
a noite ia descendo, envolvente e cheia de sortilégios...
A sombra, a grande sombra, diluía os aspectos das coisas,
e corroía, num ácido de ternura, as nossas almas,
amortecidas.

O silêncio era augusto. Nem mesmo as crianças tagarelas
ousavam quebrar aquele ritual litúrgico da tarde.

Tudo se transformava na magia crepuscular.

Nós também nos transformávamos em seres diferentes,
ao contacto sutil da varinha de condão da Poesia,
que humaniza as feras, angeliza ou diviniza homens e
mulheres. . . .

Poesia, única expressão da Vida máxima e suprema,
e razão superior e última de existirmos. . .

"Que horas tem?" pergunta alguém ao meu lado.
E eu, olhando o Tissot: — Hora da "Ave Maria". . . .

O' a doce perturbação indefinida
 que nos traz aquela hora, e aquele lugar!
 Paisagem que eu já vira tantas vezes,
 mas que não vira nunca assim, nesta hora recolhida
 e doce,
 do morrer do dia—tristeza e saudade—um túmulo. . .
 do nascer da noite — desejo e volúpia — um berço. . .
 Aí foi que vi que para entender-te, ó Natureza!
 para te penetrar a alma profunda e grávida de mistério,
 não é preciso ser pintor, Corot ou Batista da Costa,
 nem músico—Chopin ou Vila Lobos.
 Basta ter alma e sentir. . .
 Basta ser Poeta e auscultar a inspiração dos seres der-
 ramada nas coisas,
 e a alma dilatar-se na paisagem, a paisagem fazer se
 alma. . .
 Hora romântica, hora sem igual na vida,
 vezes quantas já te gosei, nos logares e épocas mais
 [diversas,
 mas de cada vez parece que te sinto mais e melhor,
 porque vou compreendendo mais e melhor a vida!
 E sem sentir, já descíamos, num andar quasi de
 [autômatos,
 aquela escadinha sem fim que leva ao pranchão, lá
 [embaixo,
 numa ância de evasão para o Desconhecido,
 na corrida louca para o Sobrenatural, e o Irreal . . .
 —E' uma fuga?—dizem e eu respondo:
 —Vamos para Manãos. . . vamos para a imensidão da
 [Amazônia . . .
 (ó si alí houvesse um avião, um navio, uma igrarité
 [que fosse! . . .)

E alí ficamos, horas perdidas, até que escureceu de todo.
Aquele lugar, aquela hora, aquilo tudo (e nós principal-
[mente...])

dava a impressão de uma evasão da realidade...

Si Santo Antônio, essa hora no seu enleio macio,
nos convidava a ficar, a fixar-nos, a não sair mais,
(porque Santo Antônio é nossa terra, é Mato Grosso
ainda...)

aquí, ao contrário, sentimos a sedução do Ignoto,
a vertigem do Rio-Mar, do além, as ganas do Infinito,
e a vontade de viver uma vida diferente!

- Olha! tudo é tão diferente!

As coisas tomam outros aspectos (como a gente...)

Tudo se sobrenaturaliza - a paisagem e as almas.

O rio e a mata se confundem, nas manchas e reflexos.

- Alí parece um capinzal - e é o matiz da sombra
[nágua...]

E vemos coisas fantásticas e - o que é pior. - *sentimo-las.*

Mas é preciso voltar. E' preciso, infelizmente...)

E iniciamos, devagar, a subida, tão longa e estranha,
que aquela escadinha parecia ter mil degraus na volta...

Nesse momento,

um canoero embicava na praia lá embaixo.

- Olha o canoero! - E estas palavras restituem-nos à re-
[alidade.]

Despertamos, afinal, daquêlê sonho

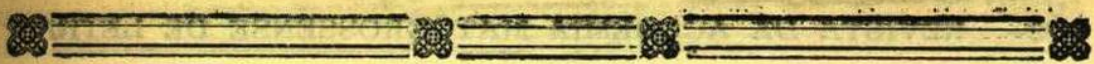
que sonhávamos acordados...

Já era noite.

Noite no céu no rio, na terra, nas matas ribeirinhas...

Mas uma alvorada de Poesia em nossas almas.

(Pôrto Velho, (21-9-47)



O poema de uma noite de luar em Santo Antônio

O' como esperamos por esta noite de luar em Santo-
[Antônio]

Uma vez — chovia e a lua não vinha.
outra vez — vinha gente e atrapalhava o passeio da gente.
Mas afinal, chegou o dia, ou, melhor, a noite tão esperada!
(Como é bom saber esperar! quem espera sempre alcança.
E Deus recompensa largamente os pacientesos . . .)
Saímos da Cidade às oito e quinze
e só chegamos, acabamos de chegar, quasi nove horas.,.
Notaram que Santo Antônio essa noite ficou mais distante?..
Por que será? por que?
mas que importa, né? antes ficasse mais longe, para lá do
[Jaci . . .]

Chegamos. Que beleza! o luar de leite
jorrava do seio do lua, e nos pôs tontos, deslumbrados..
Lembrava Catulo, Musset, Alberto de Oliveira. . .
—“Não há, ó gente, não, luar como êste do Sertão..”
—“La lune, comme un point sur un i . . .”
—“La vem surgindo a lua cheia, vem tão redonda, tão
redonda..

Eu disse versos ... E a Poesia nos embriagava. (São duas coisas
perigosas — Poesia e luar . . .)
A poesia estava em nós . . . Nós, dentro dela.

E iniciamos a jornada romântica.
entre o Silêncio, a Solidão, a Beleza da paisagem,
que era como uma Mulher saída de uma novela antiga.
Galgamos morros. Cairamos na descida (o “seremos sempre
crianças” . . .)

Entramos pelo bosque. Foi nos até a linda Capelinha.
 E tomando por trilho desconhecido,
 que nos ensinou o filho de zeladeira”
 fomos ver a festa do seu Raimundo “um aniversário”.
 Que casa grande, colonial, de fachada fidalga!
 “Bôa para a gente! Bôa para passar uns dias de férias!...
 Dancavam, Corria “gramatica” Que festa interessante!
 Daí um pouco, voltamos.
 E pelo caminho, quanta criancice!
 — Não é que o luar de Sto. Antônio põe a gente criança
 [de novo?

Enfeitiça-nos, *atua* em nós, como as coisas de S. Barbara...
 Mas que luar que nem parece deste mundo!

A estrada é de prata. O rio, as matas, são de ouro.
 Além, uma estrelinha.

nos mostra um rumo tão diferente do que seguimos... .

— Forte estrelinha levada!

Mas (que pena!) temos de voltar. Porto Velho, ao longe
 esplêndida, iluminada, nos chama à realidade.

Chegamos em casa já quasi às onze e meia.

Por pouco voltariamos no dia seguinte, não?
 ou, então, nem voltariamos, nunca, nunca...

Ó o luar de Santo-Antônio do Madeira!

Que noite! que luar! e que passeio aquê!e!

Chego, mesmo, a pensar que jamais nós veremos
 outro luar assim em parte alguma, em tempo nenhum.

O luar continúa... Santo Antônio não acaba:

nós é que que não encontraremos outro luar como êste..

E até fazemos um voto a Santo-Antônio
 de levar-lhe umas flores para seu altar tão pobre,
 além das velas que já trouxemos...

e pedimos-lhe a graça

de nos dar (ó tão difícil, mas Êle é tão milagroso!)
 de nos dar, uma outra noite,

outro Luar, outro Paisagem, outra Emoção,
 e outra Poesia, como essa

de uma uoite de lua em S. Antônio!

(Porto Velho, 27-9-1947.)

IV

Poema da despedida de Porto Velho

Já o "douglas" tatala as asas na arrancada do vôo.
Regorgita o Caiari de gente amiga — toda a gente.
Vejo-te, Porto Velho, na hora da partida,
recapitulo esse meio ano aqui vivido,
e que passou, leve e rápido, feito um sonho.
Do alto, oblíqua, aos rancos do motor, te vejo,
na magia encantadora desta manhã ensolarada:
— as torres da Catedral, que se iluminam, fééricas, nas tuas noi-
[tes profundas,
o rio, largo e sereno, da curva de S. Antônio até o aeroporto;
os "tres Chineses" característicos da tua paisagem,
como os apitos longos, finos, que marcam o ritmo da tua vida;
os caminhos familiares dos "Tanques" e dos "Milagres;
a feira alegre e movimentada dos sábados,
os trens da Madeira-Mamoré, com seus silvos alternando
com as "chamadas" das missas, nos sinos álares
e o apitar dos navios que vem de Manaus e Belem;
o Colégio, lá encima, o Hospital, todo branco, numa visão de
[presépio,
os "Inocentes" de que guardo a lembrança do dia dois, iluminados...

E o "Mocambo" barulhento, favela da cidade;
 a Baixa - da União e a Arigolândia;
 o quartel da Guarda, bucólico, à beira-rio;
 e o Aero-Clube e o Duque de Caxias, a emergir da planura deserta...
 Passam-me pela mente, nessa hora panorâmica,
 as noites de Arraial, bulhentas e festivas,
 na festa de Nazaré, inesquecível no seu pitoresco;
 as capelinhas de S. Antonio e S. Francisco, suaves e sugestivas;
 o "quilómetro um", o bairro proletário,
 porta do Sertão, limiar misterioso da Rondônia;
 as estradas das Pedriphas, da olaria do Raimundo e a do "Mesquita";
 E ouço teu linguajar inesquecível:
 "Tem não... A gente vai... tou enfadado..."
 E converso com os "beiradeiros" e ouço o alarido bárbaro
 do "samborocê", nas rezas de Santa Bárbara...
 E saboreio teus acepipes: a tartaruga, as frutas agrestes,
 - biribá, copuassú e cajú — banana...
 Mais do que tudo, porém, evoco
 a solidão das tuas noites, preches do mistério da Amazônia,
 e a beleza dos teus crepúsculos, tão doces e tristes e belos
 como a Saudade, que sinto bruxoleando nos corações amigos,
 à hora da despedida...

(Porto Velho 6-11-47.)

v

PORTO VELHO

Ao lento e doce fluir das águas do Madeira
que te embala e te viu o berço e o crescimento,
te estendes, do Mocambo ao Caiari, faceira,
aos céus erguendo o porte altivo e cismarento.

Tua paisagem traz-me sempre ao pensamento
teu passado viril, a tua História inteira,
e vejo-te enquadrada, entre o teu céu nevoento,
entre a hévea, o assaí e a esbelta castanheira.

Pôrto Velho... de quando ao teu porto chegavam
os arígós de outróra os que te desbravavam
a selva, aquí lançando um marco promissôr,

tu serás, dentro em breve, o Pôrto novo, abrindo
o seio a quantos vêm teu futuro construindo,
no epopéa sem par do mais nobre labor.

VI

GUAJARÁ-MIRIM

Atalaia da Pátria, entre os rincões do Oeste,
acolhes num abraço, hospitaleira e lhana,
os que te buscam, sob o sol que te reveste,
entre o verde eclorir da selva americana.

Conservas ainda o aspecto original e agreste
da gleba sertaneja e o teu povo se irmana,
ao do país fronteiro, a que fagueira deste
o amplexo fraternal á gente boliviana.

Nostálgico e suave, o Mamoré te banha,
casando, na cadência, a alma longinqua e estranha
dos Andes, donde vem o Beni, junto assim

ao lindo Guaporé, no murmúrio cantante,
que me evoca, num sonho, o meu rincão distante,
sob os teus céus azuis, ó Guajará — Mirim!

HAMLET

Gervásio Leite

Hamlet diante do abismo
deveria ter dito como o outro de Shakespeare:
«To be or not to de that is the question.»

Mas êste Hamlet do meu poema
Jogou o chapéu prá traz enguliu em seco,
e articulou:
«Mas que buracão, meu deus do céu»

E' que êste Hamlet do meu poema
é analfabeto,
trabalha na estiva,
é filho da minha lavadeira
nada tem com Shakespeare
e só é Hamlet por acaso

Primeiro Poema para as Mulheres que Amei

Gervásio Leite.

Mulheres que amei um dia,
Mulheres de olhos exqu岸itos,
Como tamaras maduras,
Ou como animais estranhos

Mulheres que nunca foram alegres
Que não sabiam sorrir.
Mulheres que nunca encontrei
Em dias de sol, nas paisagens ingenuas dos jardins.
Eu sempre lhes vi
Nas paisagens interiores
E tragicomicas dos cabarés,
Quando os saxofones riem
Do drama dos notivagos.

Mulheres que amei um dia
Nos ambientes parados e tristes
Dos cabarés semi abandonados
Quando os bebados começam a ficar melancólicos,
E as mulheres contam a saga de sua vida.

Nunca amei mulheres que sorriam
Mulheres sem dramas,
De vida lisa, facil,
Sem complicações sentimentais
E sem lisol.
Mulheres tipo standard, dessas que parecem feitas pelo
[mesmo consórcio construtor]

Todas as mulheres que amei foram mulheres
De vidas complicadas,
Com vários dramas,
Tentativas de suicídios—
Espetáculos dessas vidas
Que a gente só encontra
Nessas paisagens interiores
Ridiculas e trágicas
De cabarés.

VERSOS ANTIGOS

Escreveu Rubens de Mendonça

RONDÓ

Junho. São João. Há uma garôa fina
Caindo pela noite enluarada...
Longe de ti—a lamentar a sina
De não te ter nos braços minha amada..
Enquanto o manto branco de neblina
Cai lá fóra na noite socegada,
Junho. São João. Há uma garôa fina
Caindo pela noite enluarada...

Onde está meu amor, onde a divina
Mulher dos sonhos meus está agora?
E a saudade me fére e me alucina
Enquanto a chuva cai mansa lá fóra
Junho. São João. Há uma garôa fina!..

II

TRIOLET

Para Ivone

Se não te vejo um só dia
Se não vens me ver, amor,
Sofro imensa nostalgia
E nessa melancolia,
Minha alma chora de dôr,
Se não te vejo um só dia
Se não vens me ver, amor...

E sofro a cruel saudade
Sem ver tua formosura,
Fico cheio de ansiedade...
E sofro a cruel saudade
Sozinho na soledade
Desta negra desventura...
E sofro a cruel saudade
Sem ver tua formosura!...

O corcel do Tempo

VI

Rosário Coagla

VILANCETE.

Mote.

Amo o teu nome, querida,
Cheio de amor e paixão
Trago-o no meu coração.

Tenho n'alma atroz ferida
Vivo de sonho e ilusão
Tu és toda sedução
Pecado da minha vida...
Amo o teu nome, querida,
Digo-o assim em contrição
Cheio de amor e paixão...

Eu tenho uns loucos desejos,
Confesso meu grande amor,
De te cobrir com meus beijos
Sugar tua boca em flôr...
Porque teu nome, com ardor,
Como se fosse oração
Trago-o no meu coração!...

IV

Soneto para o Inverno que vem chegando

"Cierito, que a mis lozanas vá a seguir el inverno."

Amado Nervo.

Quando um dia parti na minha infância
Qual guerreiro dos tempos medievais,
Cavalgando um corcel ia a cantar
Levando verdes sonhos e esperanças...

Tempos depois sofri os desenganos
Dos embates da vida e vi tristonho,
Que ao envez de alegria veio o pranto
Encher meu peito todo de amargura..

Não mais senti no olhar os olhos teus,
Não tive mais tua voz meu doce amor
Nem as caricias do teu corpo jovem...

Notei que a mocidade me fugia
Muito sofri quando te vi nascer—
Primeiro fio de cabelo branco!..

O corcel do Tempo

Rosário Congro

Aos meus gritos selvagens de vitória,
o arrogante corcel do Tempo,
mais árdego e veloz corria

Nitrindo forte,
de puras linhas a cabeça erguida,
a crina era de guerra uma bandeira ao vento!

Em seu dorso
os desertos da Vida percorri,
cordilheiras transpus, das árvores gigantes
os cimos seculares dominei.

E pelos vales verdes e suaves,
a galopar, cantei o meu Amor.

Depois, perdido no Infinito,
enchi-me de pavor!
As asas arranquei ao pégaso indomável
e á planície volvi,
da poeira dos astros quasi cego.

Flecha que vôa para o inevitavel,
- quem há que possa desviar o fim?
eis o corcel agora, infrene e vário!

Alma cansada e triste,
para a fauce do abismo, escancarada,
irei rolando na fatal escarpa,
arremessado
num último corcovo.

Avenida da Saudade

Rosário Congro

Rua sem casas, fóra da cidade,
tendo ao fundo monumental portão,
és a triste Avenida da Saudade
que ao êrmo levas da Desolação.

Ali, na augusta paz da Soledade,
é sempre igual a humana condição.
Ricos e pobres, distinguir quem ha-de
na fria terra da eternal mansão?

Dos que passam nos fúnebres cortejos,
um de menos se conta quando voltam,
pois êntre cruces se deixou ficar.

Do vento ouvindo os quérulos arpejos,
e ao grito, á noite, que as suindaras soltam,
breve, tambem, terão de me deixar.

Genétliaco

Rosário Congro

A casa, desde cedo, estava em festa,
nas àlacs revoadas das creanças,
nas braçadas de flores que chegavam.

Dos mimos,
sôbre a colcha de seda um estendal se via!

As velinhas acesas,
a coroa de luz da sua existência eram.

Um sôpro apenas, e elas se apagaram...

A missa, hoje, não mais foi de graças...

Meditativos, para o chão volvidos,
de um tûmulo florido à beira nos reunimos.

Como Ela choraria de tristeza
em seu leito de pedra,
sem a nossa visita, neste dia,
do calendário o mais risonho e lindo!

Velho Farol

Ulisses Cuiabano

Ante a Cidade Branca, num rochedo,
eleva-se o farol, velho e exaurido,
que ali, sozinho, jaz quasi esquecido,
atalaia dispersa, mudo e quedo.

Passam-se os dias... No alto do penedo,
como um fantasma trêmulo, perdido
ei-lo a mirar o séquito comprido
dos camalotes... Que cruel degredo!

Mas quando a noite é tétrica e trevosa,
e o vento ulula, solevando as vagas,
do fanal a luz branca e generosa

indica o rumo ao timoneiro audaz.
Bendito sejas tu, farol, que afagas
o ideal de servir e nada mais...

Manhã em Corumbá

Ulisses Cuiabano

Aqui o sol não é como êsses sóis
de débil luz, de brilho duvidoso,
de outras terras... mas tem os arreboes
traçados por pincel maravilhoso.

O dia nasce, esplêndido, formoso,
entre gorgeios de aves. Logo, após,
Silva a sinene dos bateis. Airoso
os arés cruza um avião veloz.

Na Esplanada, apitando, o trem de ferro
ruma para a Bolívia. Um caminhão
passa soitando estriduloso berro.

Tudo desperta. E assim, de rua em rua,
começa o ritmo do trabalho e então
a vida, em toda parte, tumultua.

Quero mais...

Ulisses Guimarães

Otávio Cunha

E' meu teu corpo! aperto-o contra o peito,
sou d'ele o dono e d'ele sou cativo...
— e tu pensas que eu vivo satisfeito,
e eu te enganando — que contente vivo...

Não é só do teu corpo que preciso
— desse troféu translucido, perfeito,
que me dá primaveras n'um sorriso,
que me dá sonhos no teu alvo leito!

Quero mais: — a tu'alma! — Fico triste,
se triste ficas!.. Grande é o meu tormento
que não sei dizer bem em que consiste...

mas suponho que o mal que me definha
é não lêr, não olhar teus pensamentos,
nem saber que tu'alma é toda minha!

Morada de Deus

Otávio Cunha

Se não fosse o meu corpo, era outro, — vindo
de mim, ou do meu próprio pensamento...
Tinha o aspeto do Bem, de flôr sorrindo
pronta a embalar-se toda, ao vir do vento!

Duas azas de luz, fechando e abrindo
Meus braços! Vibro num divino intento...
E eu pecador, um santo me sentindo,
comecei a pensar no Firmamento?

E voei de mundo em mundo de astro em astro
quiz ver onde Deus tem sua morada...
D'Ele só vi seu luminoso rastro!

Voltei à Terra - e achei o Deus Eterno,
vi-lhe a face divina e consagrada
no sacrosanto coração maternal

Poemas de Domingos Felix

(Correspondente Golãna)

Acalanto

Espera
que o vento leve
o teu suspiro
inútil.

A vida
traça paisagens
atrás do escuro
tédio.
Se o sonho
um crime fosse . . .

(Decerto
o teu destino
seria a morte
se fosse um crime
o sonho).

Mas podes
inda sonhar,
Reabre os braços
e espera.

Canção de Berço

Mesma, deitada
Amanhã do céu
Vão virar teu sono
Teu pai te vai
ainda um momento
sobre o teu berço
de sorriso e de voz
em tua frente calma

Sobre o berço
teu sorriso e voz
de serenidade
te adormecem
do mundo um instante
em enorme ansio
não se acordam

Ressurreição

Três possibilidades
de evasão e vida
para nossa alma
que o naufrágio arrasta

o sorriso
de uma criança
no silêncio

a conversão
silenciosa
do transviado

nosso retorno
ao seio puro
da natureza
que em vão traímos

depois — da morte
o crepe neutro
beijo de silêncio
e esquecimento.

Canção de Berço

Menina, descança.
Anjinhos do céu
Virão velar teu sono.
Teu pai restar
ainda um momento
sôbre o tule brando
que arma essa aragem
de sorriso e névoa
em tua frente calma.

Sôbre o cortinado
essa angústia e tédio
da eternidade
se adormecerá.
Ao menos um instante
seu enorme anseio
não sufocará
a humilde esperança
de teu pai

Descança

Nenhum pensamento
de ódio ou de luta,
de receio ou mágua
irá poluir
o lago tão calmo
de teu sono.

Dorme.

Amanhã decerto
espasmos e gritos
pevoarão a vida.
Então despertarás.
Sempre se desperta,
não foges ao estigma.

Por enquanto és nada
tão pequena és
Depois sonharás,
um dia amarás.
Dançará a vida
esmigalhando aos pés
teu ultimo sorriso
e derradeiro sono.

Por enquanto não sonhas.
És silêncio humilde
de alheia esperança
Minha filha, dorme.

Poema da noite nua

Noite nua
Despido de nuvens
o vento revolve
os galhos nus da rua.
Nuas paredes
vigiam o trânsito:
notívagas vendem
o corp nu.
O mundo é
um vasto corpo
de mulher
despida.

Nu o pensamento
impele o desejo.

Nossa alma no entanto
tão velha no corpo
tão jovem - só ela
envolvida
em fria mortalha
de desesperança
e de frio tédio.

O outono desenha
com os restos de sombras
estranhas miragens.

Canção de Berço

Fuga

Somos apenas um corpo
cansado, gasto, sem vida
O espírito em fuga lenta
de há muito se absorveu.

O homem se acaba mesmo!
O' sapiência do corpo
não deixando sua imagem
fixar-se na eternidade.

Talves a imagem perdue.
Não a matéria incontida
de tantas esperanças
e sombras no mar submersas.

A sabedoria embaça
nossos melhores instintos.
E o rubro escarro da febre
subverte os melhores sonhos.

Pode existir mesmo alguém
que ainda nos queira— há, talvez.
Mas nós descremos de tudo,
até dêste corpo. Descremos?

Pode existir mesmo alguém
além dos muros que armamos
sôbre nossa inconsistência.
Nas sempre é mais fácil descrever.

Êste amor sem destino

Temor de que êste amor seja também a farça
que aconteceu uma vez e atormentou o sono.
Tantas vêzes encontrado e jamais possuído
o doce fruto ja amarga nos lábios cansados
de tanta espera e inútil desespêro

Agora a rua é profunda e eu sou pastor de sonhos
num mundo vário, tedo cheio mas vazio.
Angústia de naufrágio no silêncio môrno.
As sombras indecisas das árvores quietas, às vêzes
ansiosas na dança fantástica do vento da noite,
envolvem o mistério e simulam para o naufrago
a fugitiva imagem do país prometido.

Não sei se me conduzo ou me leva o destino.
Alvas na memória as mãos somente, as mãos
tecem a teia roxa de meu desencanto

Os pés procuram miragens para o morasem destino.
As ruas mortas que os tristes passos cortam
nesta hora tão tarda - estão mortas demais
para comigo buscar a solução da esfinge.
E os pés em desalento continua-n
a marcha inútil para o sonho e o imprevisto.

LIRICA

Era um jardim, podia ser outro hemisfério.
Súbito evola-se o flúido ao vento da memória
e teus passos se afastam rápidos na sombra.
Duas palavras só, e o amor se condenara)

Nem mesmo a forma incerta se concretizara
do sonho que transborda os limites da alma
e já nos atastava a mão negra do arcanjo:
duas almas sem mais senão o seu anseio

O passado, que importa? Doloroso é sentir
que nem um leve tremor em tua voz denuncia
haveres pressentido o iminente mistério.

Tu recordas, não mais. Só eu sei o que é perder-se
depois de errar inquieto em tantos descaminhos
o sonho, o amor, a paz... talvez o esquecimento)

CADEIRA N. 6

**SESSÃO SOLENE DE POSSE E
RECEPÇÃO DO ACADÊMICO
ERNESTO BORGES**

EM 8 DE ABRIL DE 1949

Oração de Abertura

Pelo Presidente da Academia Desembargador
JOSÉ DE MESQUITA

Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado

Exmas. Autoridades Civas, Militares e Eclesiásticas

Exmas. Sras. Senhores e Senhoritas

Snres Acadêmicos

A Academia Matogrossense de Lêtras, promovendo esta reunião festiva, com o concurso do nosso venerando Instituto Histórico, em homenagem á data aniversária da tradicional Capital Matogrossense, encontra, desta feita, dobrado motivo de júbilo, eis que, a par dessa grande efeméride, aqui comemorada todos os anos, inaugura, tambem a sua Poltrona n. 6, que tem como paraninfo, o cientista e o poligrafo Francisco José Lacerda e Almeida — justamente incluído pelo nosso douto confrade Virgilio Corrêa Filho na galeria dos Predecessores de Rondon. Procedendo-se ao sufrágio, para provimento da Cadeira, saiu eleito em pleito memorável, o Sr. Des. Ernesto Pereira Borges, jornalista e cultor do direito, que, hoje, se empossa, cabendo ao

nosso ilustre confrade Alírio de Figueiredo recebê-lo em nome da Casa. Justas e oportunas são, portanto, as galas dêste sarau, que mais uma vez traz ao solar da Cultura Matogrossense, todo o mundo oficial, as digníssimas famílias, os elementos representativos da nossa sociedade. Ao declarar, na qualidade de Diretor dos trabalhos desta Casa aberta a sessão, agradeço a amável presença de todos, congratulo-me vivamente com os dignos promotores da festa de Cuiabá, com o 'Governo do Estado' aqui dignamente representado pelos Chefes dos Três Poderes, o ilustre recepiendário e com Academia — pela expressiva comemoração desta noite e pela instalação da Cadeira e auspiciosa posse do seu digno ocupante.

Esta aberta a Sessão.

Pelo Presidente da Academia Desembargador
JOSÉ DE MESQUITA

Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado

Exmas. Auctoridades Civis, Militares e Ecclesiasticas

Exmas. Srs. Deputados

Srs. Acadêmicos

A Academia Matogrossense de Letras, promovendo es-
ta sessão festiva com o concurso do nosso venerando
fascínio histórico em homenagem à data aniversária da
Fundação do Estado Matogrossense, encorajada desta feita, do-
nada no vivo da fábula, a que a par desta grande elemén-
tida, aqui comemorada todos os anos, inaugura, também a
sua Poltrona a. a. que tem como patronos, o cientista e o
político Francisco José Pereira e Almeida — justamente
incluído pelo nosso douto confrade Virgílio Corrêa Filho na
galeria dos Professores de Rondon. Procedendo-se ao
surgido para apresentação da Cadeira, saiu eleito em plei-
to inanimável, o Sr. Dr. Manoel Pereira Borges, jornalista
e editor do diário, que hoje se empossa, cabendo ao

Discurso de Posse

Pelo Acadêmico — Ernesto Borges

Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado
Exmo. Sr. Des. Presidente da Academia
Exmo. Sr. Des. Presidente do Tribunal de Justiça
Exmo. Sr. Dep. Presidente da Assembléa Legislativa
Exmo. Sr. Representante do Arcebispo D. Aquino Corrêa,
Presidente de Honra da Academia
Exmo. Sr. Presidente do Instituto Histórico do Estado
Exmo. Sr. Dr. Secretário de Estado
Exmo. Sr. Prefeito Municipal
Exmo. Sr. Representante da Câmara de Cuiabá
Exmo. Sr. Comandante da Guarnição Federal
Exmo. Sr. Comandante da Polícia Militar
Exmas. Autoridades
Digníssimas senhoras, senhores e senhorinhas

Caríssimos acadêmicos:

— Bem o sabeis—foi em meio ao afamado jardim de Acadêmo, por entre flores, músicas e letras, num inefável convivio espiritual entre o Passado e a antecipação do Futuro, que nasceu a primeira instituição acadêmica, na antiguidade classica.

Flôres havia naquele jardim, como aqui também ressurgem, inebriantes, perfumando caprichosamente êste jardim da nossa Academia, as graciosas flores feminis.

Havia música no gorgieio dos passaros, no marulho das aguas, no perpassar dos ventos soprados de Atenas, como aqui ha cascatas cantantes de harmoniosa sonoridade, desabrochada por admiráveis artistas.

Letras havia, no disreitar de mestres e discipulos, reexaminando a passada doutrina de Socrates, para esboçarem a perspectiva do Futuro, como aqui, de par com as deliciosas interpretações declamatórias, ha os magistraes discursos do eminente Presidente da nossa Academia. e do seu preclaro Orador Official, e o de encerramento, de Sua Excia., o Sr. Dr. Governador do Estado num como esforço comum pelo melhor delineamento do Futuro em face do passado que aqui temos. a representa-lo, á vista, essa luminosa galeria de quasi todos os excelsos patronos—numes tutelares—que a nossa memoria recolhe, reverentemente, para êste recinto, como a trazerem ainda, pelas sugestões incoerciveis do Passado, o estimulo de sua contribuição á grande cruzada da nossa formação cultural.

Costumavam tambem os filosofos reunir-se, em grupos, para os intrincados debates da sua dialética; um desses grupos, em que se destacavam Platão, Aristoteles e outros, Acadêmo a acolhia generosamente em sua faustosa residencia. circundada de lindos jardins, á entrada de Atenas.

Numa dessas reuniões, segundo no-la descreve o verbo colorido do Embaixador Macedo Soares, Teofrasto, Aristoteles, Platão e outros, discutindo ensinamentos socraticos, e, talvez, mais do que o devido, inflamados pelos vinhos capitosos da Tracia,—entraram em bulha, pondo em perigo as alfais, moveis e utensilios do imprecavido anfitrião.

Passado o tumulto, Acadêmo, para forrar-se á incomodos e prevenir os possiveis riscos que correriam seus bens, apontando o jardim aos filosofos, decretou que, de então em diante, á sombra das arvores, ao lado das vinhas fecundas, ouvindo a marulhada, os Mestres do pensamento ativo ascendessem á vontade, os fôgos do espirito, desgastando a força dos raciocinios, em lentos passeios, até o Cabo Sinium;—e assim foi que Acadêmo, amigo dos oradores, esboçou casualmente a sabia instituição que lhe immortalizou o nome, porque, quando a cultura classica, renascente depois de longos tempos, das sombras em que se acoitára, suscitou, no século 17, a celebre agremiação dos cultores das boas letras, evocou-se o nome de Acadêmo, restaurando se, nas margens do Sena o seu jardim florido e o culto de Atenas.

Por aí se vê, portanto, que não foram as Academias que inventaram os discursos, mas, bem ao contrario, os discursos é que fizeram as Academias, eis que era para deleitar-se em ouvi-los que Acadêmo se comprazia em franquear a perfumosa ambientencia dos seus afamados jardins, para os torneios florais do espirito.

E, certamente, é a razão porque não se pode entrar para uma Academia de Letras, sem se fazer um discurso, para então se

ouvir do Orador Oficial do Sodalicio, nas filigranas das suas magistrais apreciações, subtilissimas até à ironia leve que ora perpassa e regela, ora estimula e entusiasma, o Silabus de todos os vigorantes principios da ortodoxia literaria, numa como revivescência aos celebres dialogos que tambem Platão entretinha com seus discipulos, sob a forma de discursos criticando-lhes as idéias e insinuando-lhes a concepção idealista de sua Doutrina que procurava abstrair-se das contingências da materia, elevando-se continuamente para o Alto, até a sublimação da Arte pela Arte, no dominio concepcional da Beleza pura e imperecível, como ainda a imagina e preconiza o neo-humanismo do nosso querido Arcebispo e Presidente de honra Dom Aquino Correia.

Verdade é essa, tão inconcutível, que ja se cristalizou em letra de fôrma, como indispensavel exigencia estatutaria, à maneira de profissão de fé, a ser aqui feita, no portico de entrada, sob a evocação do Patrono da Cadeira, para o batismo liturgico da imortalidade acadêmica.

E evocar a peclara figura do patrono da nossa Cadeira, neste Augusto Silogeu — Dr. Francisco José Lacerda e Almeida — é evocar a propria formação historica de Cuiabá, a que o excelso patrono vinculára imperecivelmente sua vida sua obra nos invios sertões da velha Capitania de Mato-Grosso, justamente creada sob o influxo de extraordinário povoamento das afamadas minas de Cuiabá, em Forquilha, que o nosso mavioso poeta esteriotipou em lindas estrofes:

«Lá, onde o rio se bifurca e abraça,
Entre arrepios de cristal, numa ilha,
Pára a monção . . . a praia tôda brilha,
Florindo em ouro, ao claro sol que passa

Oito de abril. E numa agreste praça,
Cabral, a quem tanto ouro maravilha
Funda as gloriosas minas de Forquilha,
Selvagem berço de uma heroica raça.

E logo após, alviçareira e bela,
Vai rio abaixo outra monção levando
Ao Conde de Assumar a grande nova

Começa a faina. O Solo se encapela
Em ondas de cascalho. Ouve-se o brando
Vagir da terra á luz de uma éra nova. . .

E' assim que há, em tudo, uma como exaltação mística, celebrando hoje, mais um aniversário da fundação da nossa bicentenária Cuiabá, ao mesmo tempo em que, com os gabos e os aplau-

sos dos seus jurisdicionados, Sua Excia, o Sr. Governador do Estado vence galhardamente o segundo ano da sua serena e benemerita administração, em meio a um sadio ambiente de ampla liberdade e garantia, para a fecunda atividade do trabalho. Tudo se mobiliza, então, para a grande oblata à Terra Natal, ostentando, atravez de auspiciosas realizações, a impressionante pujança de suas imensas possibilidades.

E, nesta festiva parada de homenagem a Cuiabá, certamente que não poderia faltar a nossa Academia, com o seu cortejo triunfal de Música e de Letras, cantando-lhe os Carmes e Madrigais, porque, dir-se ia, Cuiabá tem sido a nova Castalia, inesgotável de inspiração e sentido, à já opulenta literatura matogrossense, tão sutilmente impregnada de emocionantes sugestões, a evocarem todo um mundo admiravel de maravilha e encantamento, desde as suas velhas Crônicas, Relatórios, Anais e Diários, ás exuberantes produções da ciência, da filosofia e da arte, até as primorosas estrofes de inspirados poetas, immortalizando-lhe o nome:

“ Sob os flabelos reais de mil palmeiras
Tão sobranceiras
E lindas. como alhures não as hà,
Sobre alcatifas da mais verde relva,
Em meio a mais verde selva,
Eis a cidade verde: Cuiabá.

Como és digno de amôr, ó meu torrão fagueiro
Se teus idos evóco ou teu porvir escrito
E's a mais linda flôr do sertão brasileiro,
Da flora tropical o mais sapido fruto

E ao fazermos, neste ensejo, as honras a Cuiabá, justo é então, se reverencie aqui a memoria dos que lhe gizaram a existencia, dentro da comunidade lusitana que viria ao depois, integrar-se no grande patrimonio territorial do Brasil.

Se o homem vive em função de sua época, o seu valor, então, há de ser aferido, dentro dos problemas fundamentais da sua geração, em que o homem procura, senão antecipar-se aos acontecimentos, mas influir neles, em lugar de se deixar por eles ser surpreendido ou esmagado. Realmente, na segunda metade do século 18, já surdia como fundamental à sua geração, o anseio de libertação, e assim se configurava, como problema da época, a auspiciosa emancipação das colonias europeas na América.

Porém, intimamente ligado a esse grande problema, outro se apresentava de pronto, com as instancias de um imperativo:— era a previa e pacifica solução das intrincadas questões de limites entre as possessões espanhola e portuguesa no novo mundo;

Eram títulos de domínio para a Espanha, o Breve Pontifício de 1493; o chamado Tratado de Tordezilhas; o Convenio de Madrid e o Pacto de Santo Ildefonso, todos então com efeitos jurídicos no campo do Direito, pelo que não tinham reconhecimento legal, e por isso não subsistiriam. as penetrações custosamente levadas a efeito, em nome do domínio português, por quasi todo Mato-Grosso inteiro, que apenas em uma nesga de terra pertenceria de direito a Portugal.

Debalde porfiavam as duas Chancelarias que sentiam estiolar-se os seus esforços. E' certo que uma formula conciliatória já havia sido consignada no contexto do Tratado, graças à ação persuassiva do diplomata brasileiro Alexandre Gusmão, irmão do cel brado inventor Bartolomeu Gusmão: o instituto romano do UTI POSSIDETIS até então aplicado sómente no terreno do direito privado, fôra transplantado para o amplo campo do Direito Público Internacional, assegurando o reconhecimento do domínio legítimo pela posse efetiva, embora sem título.

Mas, nada disso bastava, porque a imprecisão dos limites, vagamente referidos no convenio, punha a sua validade e efficacia dependendo de penosíssimos e difficilimos trabalhos de coleta de elementos, levantamentos e demarcações in loco, nas mais profundas, inhospitas e perigosas regiões das nossas selvas, a serem executados por Comissões mistas de técnicos, comissarios, geógrafos, astrónomos, etc.

E aí é que aparece, para essa cruzada de sacrificio e sofrimento, pelo Brasil a dentro, a arrojada e intemorata ação do jovem engenheiro paulista Dr. Francisco José Lacerda e Almeida, a quem Virgilio Correia Filho cognominou com Ricardo Franco e Silva-Pontes, legítimos predecessores de Rondon, o maior sertanista do século, que subjugou e venceu pelo cerebro e pelo coração, a propria natureza bruta das nossas selvas, conquistando todo um patrimonio imperecível para a civilização contemporanea.

Foi assim que Lacerda e Almeida, moço de vinte e poucos anos e já laureado com importante tese de matemática, pela famosa Universidade de Coimbra, em que se destacára dentre os melhores da turma, recebeu sua investidura do próprio Rei de Portugal e veio, como geógrafo e astrónomo de pról, para os extenuantes serviços das locações topográficas, integrando a 3a. Comissão de Limites.

Recem-formado, Lacerda saiu, em janeiro de 1780, de Lisboa para o Brasil, chegando, dois meses depois, com seus companheiros, transfigurados em espetros sepulcrais e aqui, no sertão, permaneceu em serviço, por mais de dez longos anos, so retornando a Portugal, em setembro de 1790, já com a saúde profundamente abalada, morrendo alguns anos depois, em pleno

serviço, quando intentava por 1.ª a arriscadíssima empresa de transpôr, em operações topográficas, o continente africano, de Angola a Moçambique.

Dir-se-ia, pois, que sua vida, tão curta mas extraordinariamente fecunda, foi tãda devotamento e holocausto em afanosíssimos trabalhos de fixação de limites, exercendo decisiva e profunda influencia, na formação territorial do nosso hoje avultado patrimônio geográfico.

Virgilio Correia friza que, enquanto a outros de seus colegas, se reservavam as delicias de percorrer afamadas Universidades europeias, Lacerda e Silva Pontes deixavam a Universidade de Coimbra rumo ao sertão; a uns, as galas e o conforto da vida civilizada, onde puderam ampliar seus conhecimentos; e a Lacerda e Silva Pontes, os incomodos e aborrecimentos das explorações em paragens remotas onde a civilização mal alvorecia. Contra seu destino, porventura não protestaria Lacerda, de indole resignada, ao contrario de Silva Pontes que menos submisso, patenteia de chegada, orientação diferente reclamando insistentemente dos infimos proventos que percebia, até que o Governador Geral da Província mandou-lhe assentar praça de cadete, e tambem a Lacerda, para que assim houvessem um aumento de vencimentos, estimado em algumas oitavas de ouro.

Em ambos, prossegue Virgilio, reportando-se ao depoimento de Murtinho de Melo, doutores da Universidade de Coimbra, escolhidos dentre os melhores que na Corte tiveram continuo exercicio e pratica de sua profissão, debaixo da inspeção do Dr. Ciera, gabada a bôa conta que haviam dado de si, nas comissões em que serviram anteriormente, no Reino.

E foi uma verdadeira Odisséia, tãda essa década, em que operou a intrepida Comissão demarcadora, integrada por Lacerda e Almeida e Silva Pontes, lutando, sertão a dentro, com tãda sorte de fatores adversos, molestias dissorantes, dificuldades de tratamento e de abastecimento, chuvas torrenciais de dias consecutivos, perigo das feras e dos indios, cachoeiras e correntezas quasi intransponiveis dos rios, climas dos mais rigorosos em inhospitas regiões da natureza ainda virgem.

Enfermiço, debil de compleição, informa Virgilio Correia, Lacerda, foi quem mais tardou a restabelecer-se; ainda assim, não foi pequeno o cabedal com que enriqueceu os conhecimentos geográficos das paragens que até então só tinham sido palmilhadas pelos sertanistas. Não obstante os continuos achaques de que era perseguido, Lacerda e Almeida conservou a mesma afabilidade no trato, em contraste com o seu colega Silva Pontes. Mais pontual em suas observações, Lacerda focalizava sua atenção nos trabalhos geodésicos, com o mesmo espirito de ordem que lhe distinguia a pessoa; Silva Pontes, ao revez, arrepiado no convívio social, evi-

denciava de quando em quando, nas suas ocupações, mal contida tendência a despear-se do constrangimento, em que se julgava; preferia por vezes, substituir e mesmice dos calculos diários, pelo estudo das ciências naturais, em que, todavia, não se especializara.

No diário de reconhecimento do Rio Paraguai, Lacerda e Almeida registrou, poucos dias após a entrada no Rio: "Como meu companheiro e colega Dr. Pontes ia distraído com suas filosofias, gastando muita parte do dia em copiar macacos, ratos etc. deixava por esse motivo, passar em claro muitos rumos dando ao rio curso diferente do que, na realidade, tinham, resolvi-me, desde essa dia a configura-lo, diariamente". A respeito das elevações que limitam, pelo poente a Lagoa Gaiba disse Lacerda:—"... todos os montes a que chegamos, eram de pederneiras negras e brancas; mas o Dr. Pontes disse que eram agatas e que poucos montes haveria no mundo, tão ricos como estes".

Em seu Relatório, encerrando as diligências de reconhecimento do Tararé, Guaporé e Jaurú, Silva Pontes não se conteve, e escreveu:

"No dia 5, em Vila Bela, chego a este Quartel General, onde achei a novidade de ter partido no dia anterior à monção, e se ter cassado tôdá despeza que se fazia com os artigos da Demarcação; e, por conseguinte, o meu individuo largado neste fim de mundo, em que sua Magestade me fez vir para seu serviço, e nomeado pela Universidade, de cuja sombra fui tirado, para passar dez anos pelos sertões..."

Faltou-lhe, diz Virgilio Correia, a condescendência de Lacerda ao suportar os males causados pela natureza agreste ou pela desatenção dos homens.

Foi graças à cativante gentileza do General Rondon, que pudemos ter à mão, de sua valiosa Biblioteca particular, no Rio, o precioso Diário de Lacerda e Almeida, com anotações postas à margem, pelo proprio punho de Rondon. E' um repositório de meticulosas observações que ainda hoje conservam seu inestimavel valor, eis que servira de guia e roteiro ás arrojadas incursões da propria Comissão Rondon que quasi nada lhe teve a retificar, no calculo das latitudes e longitudes.

Posteriormente, salienta Virgilio Correia, os levantamentos das coordenadas foram revistas e quasi inteiramente confirmadas pela douta Comissão Guillobel, organizada para servir de elemento á ação diplomática de Rio Branco e munida de instrumentos de precisão e observadores peritos.

Centenas e centenas de leguas foram cuidadosamente percorridas pelo infatigavel Lacerda e Almeida, em diferentes rios, charcoç e pantanais, serras, e terras. A' fls. 19 dêsse Diário, se

consigna, apòs a chegada á boca do rio Varicapara: 1781—abril 5:—Aqui fizemos alto, para jantar, e enquanto este se aprontava, fomos ver o Rio Urariquera, e tendo entrado por ele uma legua, vimos uma horrenda cachoeira, e tão medonha que julgo dificultosissimo de navegar-se por semelhanterio e por isso voltamos e seguimos viagem pelo rio Varicapara, estreito e que vinha enchendo. Aqui, à margem, anotação de Rondon: "Opinião de Lacerda e Almeida": é que Rondon não volrou e tranpôs essa horrenda cachoeira que Lacerda não ousou atravessar. E, para, evitar prolixidade, diz Lacerda e Almeida, acabo dizendo que navegamos pelo rio Varicapara 16 léguas pelo rumo N. O. com muitas voltas nas quais correm muitos rumos... E isso, por si só, já revela as agruras da tarefa.

A fls. 29 Ano 1786 - maio -30. Levantamento dos Rios Jaurú. Paraguai.: "Tendo andado duas leguas, puzemo-nos a pé, para passarmos o chamado Barreiro que é um famoso alagado, por cujo meio, passa um ribeirão, e mergulhados em agua e lama até á cintura, gastamos duas horas em passa-lo, sendo tão pouco largo que não chega a ter um quarto de legua. Seguimos viagem para diante, mais duas leguas que vem a ser até o encontro do rio Guaporé, onde fizemos alto e falhamos o dia para enchurgamos a roupa que dentro da caixa se tinha molhado naquela passagem, e para curarmos os pés estropeados nos espinhos e paus que estavam mergulhados na lama".

Encerrando seus trabalhos, Lacerda se dirige á Academia Real de Ciências de Lisbôa nos seguinte termos:

«Tenho a honra de apresentar á Academia Real das Ciências o mapa e o Diário da viagem que fiz, desde Vila-Bela, Capital de Mato Grosso, até á Vila e Prair de Santos, onde dei fim ás minhas longas e trabalhosas navegações, indagações, reconhecimentos e observações feitas desde o ano de 1780 a 1790, nas vastas Capitánias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso, Cuiabá e São Paulo. Seria completo o meu gôsto, se me fosse possivel fazer afeto de um mapa geral de tôdas as minhas viagens; com grande magua minha, não posso satisfazer esse desejo; porque tendo sido mandado levantar o mapa, com ordem de recolher-me á mesma Capital de Mato Grosso, pela estrada de terra, atravessando as Capitánias de São Paulo e Goiás, deixei em Mato Grosso todos os meus papeis que tratavam do referido assunto, e apenas trouxe uma parte do leito do Rio Paraguai, tirada no mesmo ano de 1786, como parte que devia ajuntar ao Rio Taquari, que nele despeja suas aguas, e de onde devia principiar esse mapa; estudando em São Paulo, aprontado-me para dar inteira execução á ordem, recebi outra para recolher-me a esta cidade de Lisbôa, onde me chegar, depois a desagradavel noticia de que, meus escravos, que eu tinha deixado, tomando conta do meu quartel sabendo que eu não voltava, e que me

não tornava a ver, consumiram os papéis, como cousa para eles inútil, e deram um saque quasi geral nos meus moveis e trastes de maior valor, que eu tinha deixado, por não serem necessários, antes servirem de embaraço nos vastos sertões que tinha de atravessar. Mas, para que não pareça inteiramente truncado este mapa, ajunto outro em suplemento, que sómente seive de dar sufficiente idéia de tôda viagem, fazendo certo á Academia Real das Ciências, de que os pontos, em que acha uma cruz de carmin, estão na sua verdadeira posição e que o rumo geral das estradas e dos rio é como nele se deixa ver. Espero, pois que a Real Academia se digne de aceitar este pequeno sinal de veneração, com que respeito uma sociedade de homens sábios que tanta honra fazem à Nação; e não deixo de pedir indulgência para os defeitos que houverem de notar, devidos não sómente aos meus fracos conhecimentos, como também aos descuidos procedidos do cansaço que necessariamente se devia seguir a um trabalho diário que tinha principio ao romper do dia, e acabava pelas seis e meia da tarde, e com uma só hora e meia de descanso ao meio dia, e seguido da perda de grande parte das noites, nas obervações astronômicas que o tempo permitia fazer”.

E aí está, em rapidos bosquejos, a notavel contribuição que Lacerda e Almeida veio trazer para definitiva solução das graves questões de limites, entre as possessões portugueza e espanhola, na America, vindas de uma verdadeira guerra de cem anos como acaba de frizar o grande escritor patricio Gustavo Barroso, esquecido porem de que, o Tratado de Santo Ildefonso, por si só não pôs termo á contenda, sem os trabalhos demarcatórios que lhe possibilitaram a eficacia.

Lacerda e Almeida foi assim o perito que, com os olhos de cientista, colheu in loco, registrou e transmitiu os primeiros elementos técnicos para a segura configuração das nossas linhas de limites, incluindo as aquisições advindas da posse efetiva, legitimadas pela feliz adoção do instituto *uti possidetis* reconhecido no Convenio.

Por essa relevante tarefa de profunda repercussão histórica, Lacerda e Almeida imolou sua propria vida, mas a sua memoria subsiste imortal, na evocação desta fulgurante Poltrona Acadêmica a que sou imerecidamente elevado, pelo honroso sufragio da vossa cativante generosidade que tanto me desvanece, quanto me enche de justo orgulho em tomar convosco a grave responsabilidade de um compromisso solene pelo trabalho da cultura em beneficio da civilização.

E é assim que se nos impõe definir, nesta solenidade, nossa atitude espiritual diante da cultura e da civilização. Nossa seára, como o sabeis, não é a Literatura propriamente dita, mas a do

Direito, já de si tão ampla que desalenta por sua própria imensidade, e daí abrir-se, não raro, na aridez do Direito, um caminho á Literatura, que sofre entretanto, a ação do complexo da profissão, destacados por Stendal.

Nela penetrando è que entramos em contacto com tãda uma enorme legião de infatigáveis obreiros do pensamento, lutando a braços com os destroços de uma civilização que parece sob-sobrar.

Defronta-se-nos, em primeira planta, o magno problema que diz respeito á função do espirito. Respondendo a uma enquete de Cliton Fadiman, sobre o que pensa do Mando e dos Homens, o grande pensador contemporâneo Jules Romaines frizou: Pedir a alguém que fale sobre os principais problemas, com que se defronta o homem, e, tanto quanto possível, sobre a natureza das cousas, é lançá-lo em dificuldade consideravel, dolorosa mesmo, caso seja uma pessoa de concepção realmente ativa e viva da função do espirito. As únicas pessoas a quem tal pergunta não causaria embaraço são aquelas que para sempre concederam sua adesão a um credo que lhes foi preparado, ou tambem aquelas que, depois de um periodo de busca, interromperam a atividade do espirito, congelando-o num sistema. No que me diz respeito, sempre experimentei evitar qualquer uma dessas atitudes, não devido a qualquer inquietação natural ao gosto de mudança, mas devido à significação que atribuo ao espirito. Para mim, a função do espirito consiste em desenvolver sempre uma informação da realidade, para o espirito descobrir algum aspecto que não discerniu antes ou que compreendeu mal. E o que acabo de dizer em relação à função do espirito não é fundamentalmente negado por ninguém. Quem, na verdade, haveria de negar que as descobertas do homem, tãdas as suas formas, seu conhecimento de si e do mundo, são o resultado de uma série sem fim de aproximações e revisões? Quem haveria de surgir que esta serie poderia terminar em qualquer ponto dado? Ernest Trattner, no "Arquiteto das Ideias" põe de manifesto esta verdade, historicando a formação das mais modernas teorias hoje vigerantes no campo da ciência positiva.

E daí, a nossa atitude espiritual, de vigilante atividade em sua função indagadora, sem firmar compromissos de adesão a Doutrinas ou Teorias que excluem o exercicio da razão, eis que, salienta Romaines, sem o exercicio desimpedido e vigilante da Razão, nenhum progresso duravel pode ser estabelecido para a humanidade.

E' que o homem deve ser considerado, não em relação a grupos ou classes, mas sim em função da humanidade, todos comuns na sua origem e destinação rompendo a algemas do individualismo, pela emancipação do espirito trabalhado pela cultu-

ra. É a cultura que ha de imprimir à civilização o novo sentimento humanista: assim a cultura reabilitará a civilização e a civilização reabilitará o homem, exaurido no conteúdo intrínseco de suas prerrogativas fundamentais. Daí o relevante papel reservado hoje á literatura nesse grande movimento cultural de reabilitação do homem: o humanismo.

Ha uma convocação de todos os intelectuais do mundo inteiro, para a formação de uma grande frente unica de renovação cultural, em favor de uma nova civilização. E essa convocação mobilizou a Literatura, recrutando para o front os literatos de tôdas as escôlas.

John Gunter já esboçou aos olhos atônitos dos mais indiferentes o pungente drama de quasi tôdas as Nações do Universo. E a segunda grande conflagração aí está presente nos espiritos, dramatizando a inquietação universal, antevisão de uma nova catástrofe. Pregoeiros da Paz e da Concordia voltam desiludidos de suas tentativas de pacificação dos Povos. Wend Wilkie rompe os grilhões do nacionalismo, conclamando a todos para um Mundo só. Em "Anatomia da Paz", Every Reves rasga o veu aos sedutores e filazes regimens de absorção do homem pelo Estado — socialismo, fascismo, comunismo — que é a causa geradora da guerra, num mundo dividido em 78 Nações a se fecharem em suas fronteiras, como compartimentos estanques que detem a marcha da propria civilização, preconizando então, para solução do problema fundamental da época — A PAZ — a consideração do conceito de soberania, em favor da organização de um governo federal do mundo, superando e vencendo o enorme obstaculo emocional que se vem acumulando de um longo passado de intenso nacionalismo.

E não se trata de uma dessas fantasticas utopias, concebidas a exemplo do imaginario Estado de Platão. Tamanha é a repercussão da idéia, em condições de exequibilidade, que ela vem recebendo a adesão entusiastica do mundo oficial e científico. Destaca-se aí o expressivo pronunciamento da propria Corte Suprema de Justiça dos Estados Unidos, conjuntamente com Parlamentares, Literatos, Cientistas e Officiais de todas as Forças Armadas. Empolgado o grande cientista da relatividade, Albert Einstein admite que com a difusão dessa idéia o desastre de uma guerra atomica será evitada.

Ja no Parlamento da Inglaterra tradicionalmente conservadora, foi acolhida a idéia que se irradiou por todas as grandes Nações do Mundo, inclusive o Brasil, constituindo-se Comissões incumbidas de elaborar o projeto da grande Constituição organica do governo mundial.

E o campo do Direito, onde já se faz sentir a idéia inovadora, se abriu assim á ação arejadora desse largo humanismo, sa

dio e redentor, cumprindo á Literatura aliar-se ao Direito para uma campanha dessa envergadura.

Não é difícil, assevera Santiago Dantas, definir os objetivos de humanismo em face da cultura jurídica moderna. Se o positivismo jurídico é a expressão integral do anti-humanismo, por operar a completa relativização do Direito, cumpre defender o humanismo, atacando as origens doutrinarias do positivismo. Se o positivismo tem a sua origem e causa no nacionalismo jurídico, é contra o nacionalismo jurídico que a consciência moderna de tomar posição, e o anti-nacionalismo jurídico não pode ser outra coisa que restauração da unidade do Direito privado, tal como a concebeu o mundo ocidental até o triunfo das grandes codificações.

O industrialismo, escreve Reves, tende a abranger todo o globo terrestre em sua esfera de ação. A moderna produção industrial em massa, necessita de materias primas de tôdas as partes da terra, e procura mercado em todos os cantos do mundo. Ele teima em conseguir seus objetivos, independentemente de qualquer barreira política, geográfica, racial ou nacionalista.

O nacionalismo, de outra parte, tende a dividir o mundo em compartimentos estanques cada vez menores e a isolar a raça humana em grupos independentes tambem cada vez menores. Durante cerca de um século, foi possível a essas duas correntes em conflito correrem lado a lado. A constituição política da estrutura do Estado Nacional do século 18, deixára no mundo alguns compartimentos suficientemente grandes para que o industrialismo se pudesse desenvolver. Mas, desde o começo dêste século, essas duas forças se chocaram com violencia titanica. E' essa colisão entre nossa vida política e nossa vida economica e tecnico'ógica, que constitue a causa da crise do século 20. O sentido dessa conclusão é claro. A estrutura política do nosso mundo, com seus 78 ou 80 estados soberanos, é um obstáculo intransponível ao livre progresso industrial, á liberdade individual e á segurança social. Ou nós compreendemos o problema e criamos no mundo uma estrutura política, dentro da qual o industrialismo, as liberdades individuais e as relações humanas pacíficas sejam possíveis, ou nós recusamos dogmaticamente, a mudar a base da absoleta organização política.

Podemos permanecer como estamos, mas então a Democracia terá terminado a marcha com rapidez crescente para o totalitarismo.

As atuais tendencias, no sentido do fortalecimento do poder dos governos centrais, em dretimento da liberdade individual, dentro dos modernos estados nacionais, são idênticas às da evolução já verificada, durante muitas fazes da história em tôdas as partes do mundo. Elas são um fenomeno permanente no desenvolvi-

mento humano. O contacto entre unidades sociais: aldeias, feudos, províncias, nações - produzem competição, ciúmes e agravam os conflitos, causando violentos choques entre aquelas unidades que reagem, criando uma tendência para a centralização do poder e o esmagamento das liberdades individuais em tôdas as entidades soberanas, dentro da esfera de contacto.

A meditação e o estudo da historia da civilização impuzeram-me, diz Macedo Soares, o terror dos julgamentos globais e definitivos. Na evolução das instituições humanas não ha erros; ha fases, aspectos, tempos, digressões, atalhos.

O advento democrático de 1789 trouxe uma florescencia de verdades provisórias. Tais verdades foram, a bem dizer, elementos de calcular retirados desde que se consumou sua utilidade, na construção das idéias. Erram os julgadores apressados, os cerebros adequados ás conclusões definitivas, os fanaticos dos sistemas e os demagogos das formas verbais. Do amor á liberdade dos revolucionários da Enciclopedia, não teria surgido a opressão capitalista? Karl Max enquadrô no materialismo histórico a decadencia e o fim da opressão. Hoje, esse dogma é um iceberg perdido no caminho dos tropicos. Os fatos irredutíveis encarregam-se de mostrar que eram falsas a explicação liberal como a explicação materialista das sociedades humanas. A vida social não é um idealismo inerme, pasto indefeso dos egoismos individualistas; mas a vida social também não se reduz ao embate de fenomenos economicos, não se limita á repercussão das necessidades materiais, completamente vãs dos tradicionais deveres morais, dos compromissos espirituais da vida coletiva.

Quando Karl Max esperava que a evolução final do capitalismo desguiasse no incomensurável da sociedade comunista, interferiu a nova concepção do Estado; fez-se espontaneamente a retificação dos fatores do individualismo; surgiu uma concepção de desinteresse e sacrificio do fato presente, em beneficio das grandes esperanças na sobrevivência.

Jamais renunciaremos, declara Jacques Maritain, a esperança de uma nova Críandade, de uma nova ordem temporal, de inspiração cristã.

Ora, se é verdade que os meios devem corresponder ao fim, e são já eles próprios, o fim, em estado de preparação, então é claro que para preparar uma ordem social cristã, são necessários meios cristãos, quer dizer, meios verdadeiros, meios justos, meios animados de um verdadeiro espirito de amor, mesmo quando são, por necessidade, meios duros. O estudo atual das Nações torna obrigatoria a verificação de que jamais o espirito foi tão profundamente humilhado. Todavia, o pessimismo é sempre, afinal, a vítima de seus próprios artificios.

Em comunhão com tãda a intelectualidade, vigilância e de permanente esforço, pela maior expressão cultural em benefício de uma nova Civilização, de inspiração profundamente cristã, que há de reabilitar o homem dentro da moderna doutrina do humanismo jurídico, em que as aspirações e anseios da personalidade humana encontrem ressonância e correspondência na consciência coletiva, numa atmosfera de Paz, de Concordia e de Harmonia universal redimindo a geração presente e transmitindo o maior legado aos dias incertos e sombrios da geração futura.

Discurso Oficial de Recepção

Pelo Acadêmico – Alirio de Figueiredo

Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado
Exmo. Sr. Des. Presidente da Academia
Exmo. Sr. Des. Presidente do Tribunal de Justiça
Exmo. Sr. Dep. Presidente da Assembléa Legislativa
Exmo. Sr. Representante do Arcebispo D. Aquino Corrêa,
Presidente de Honra da Academia
Exmo. Sr. Presidente do Instituto Histórico do Estado
Exmo. Sr. Dr. Secretário de Estado
Exmo. Sr. Prefeito Municipal
Exmo. Sr. Representante da Câmara de Cuiabá
Exmo. Sr. Comandante da Guarnição Federal
Exmo. Sr. Comandante da Polícia Militar
Exmas. Autoridades
Digníssimas senhoras, senhores e senhorinhas

Ilustres acadêmicos:

De Juiz para Juiz, não queirais julgar, de antemão, nem o fundo, nem a forma deste discurso, que vos prometo fugir, quanto possível, dos considerandos e da linguagem tabeliã, que a tanto nos obriga o uso do caximbo. E, em verdade, nem sempre é assim, que bem se pode conciliar a doçura da forma com esta ou aquela objetividade do assunto. Carrilo, assim não pensava, mas ponto de vista do mestre egregio (com o vosso perdão pela

primeira terminologia forense). Em carta a Caetano Alves de Souza Figueiras, nascido na Bahia, e doutorado em direito em Pernambuco, dizia Camilo:

Custa-me crer que Vossa Excelencia seja juriscônsulto. Como se pode poetar e escrever com a mesma pena que há de escrever os provarás?

Como concilia V. Excia. a leitura dos Mirandas, Lobos e Ferreiras, tão limpidamente espelhada nos seus versos, com os Bartolos, Silva e Pegas! Seja como fôr, os poetas que foram e os juriscônsultos que são em Portugal, no dia em que redigem o primeiro requerimento demitem-se de poetas; e se teimam em mesclar sagrado do alto monte com as profanidades trapaceiras do fôro, saem péssimos em ambos os officios." Nem tanto ao mar, nem tanto em terra.

No Brasil não tem sido assim, senão muito ao contrário. Lafayette, juriscônsulto e homem de letras, que foi osimultaneamente, e grande em tudo, nega, no Brasil, o conceito Camiliano. Expondo téses de direiro, civilista insigne que fôra, o fizera sempre condicionado à forma e ao estilo. E, lendo-lhe os trabalhos juridicos, bem se não sabe si é o romance do direito, ou si é o direito romanceado. E os de Ruy, de Ribas e de Pedro Lessa, cujos nomes somente os nomes, assim dispostos já nos soam com o ritmo e a sonoridade de um decassílabo Petrarquiano.

Mas Camilo fôra um sofredor, como o foram os genios da humanidade. Sofrimentos físicos e morais — grande, sofrimentos morais — invadiram lhe o espirito, perturbando-lhe a paz interior tão necessária aos artistas e aos creadores. Daí, as condenações que sofreu, o seu encarceramento, as suas grandes tragédias do espirito, e, daí, sua cólera e a sua revolta. E, ainda daí, as suas investidas contra a justiça e lei, e subsequentemente, contra os magistrados e juriscônsultos. E, finalmente, ainda, daí, a nossa admiração se engasta a nossa simpatia pelo grande e desventurado escritor.

"Veja você, escreve Camilo, a minha desgraça: recebo uma descompostura de dez linhas com cem erros de gramatica. Já viu você um patife tão completo como êsses?"

Até a burguezia não n'ô poupava. Ao burguez não importava saber si ele tinha fome; achava natural que a tivesse, porque a industria de fazer livros, que Camilo explorava, não era profissão conhecida no Pôrto, antes dele. Explorar industria, modos de dizer, porque não tinha Camilo sêde de lucros, senão a de

publicar os seus trabalhos e abrir brecha nas muralhas do Porto, cidade de tradições clássicas e costumes burguezes, não habituada a nenhunas extravagancias, nem sequer as do fidalgos estroinas, chegando os reis para lisongear os burguezes, proibir que as familias nobres domiciliassem ali. E sempre a mesma ogerisa pelos homens do fôro, mania que o acompanhou até à velhice.

“Quando eu tinha dez anos, escreve Camilo, e vivia em Vila Real, morava defronte de um procurador de causas, que tinha um filho da minha idade, menino muito sisudo e galante. Se eu o convidava a apedrejar algum transeute, recusava-se a esta camaradagem ignobil, e escondia-se para não dar suspeita de cumplicidade nas minhas travessuras fundibulario’.

Mas, a que carga d’agua vem Camilo á tona, não sendo êle patrono de nenhuma cadeira desta Academia? E responderei assim as palavras de Camilo. Não importa nada: mas eu é que obedeço a costumeira de começar as histórias pelo principio”.

Camilo, sózinho, bem representa tôda uma literatura. E onde quer que estejamos, deve o seu nome ser lembrado, tanto quanto o de Camões, no dominio das letras. Portanto aqui, neste recinto, sob esta galeria de homens de letras de nossa terra, um segundo de meditação, ao evocarmos o nome do escritor immortal, leitores que somos todo dêle, e com quem aprendemos, tanto quanto no aconchego materno, as doçuras e os anceios do coração,

Senhor acadêmico Ernesto Borges

As considerações de inicio expostas, bem se applicam a vossa personalidade, Jornalísta, magistrado, jurista, toda a vossa grande cultura no exercício dessas atividades do espirito, exposta em vernaculo e elegante exterioridade de forma, bem vos confere o galardão de homem de letras. Autor de dois volumes de direito aplicado, numerosos trabalhos jornalisticos, entre os quais, sob o pseudônimo de Segrob, versando temas filológicos, vos incluye entre os homens de cultura e estudiosos da lingua. E, agora, em que a mais alta corporação literaria do Estado vos confere o diploma de membro efetivo, permiti-me lembrar o vosso inicio de vida, todo cheio de dificuldades econômicas, todo cheio de sacrificios, de renúncia aos prazeres da mocidade; e, vencedor agora de tôdas as batalhas, bem vos applico o conceito do poeta matogrossense: Subindo alto, mas subindo só!

Bor diversas vezes vos disse, após as sessões do tribunal, da minha admiração, pondo de parte a vossa reconhecida cultura juridica e geral, pela facilidade e segurança de expressões ao emitir-

des o voto. Matéria rigorosamente objetiva, condicionada de rígidos termos legais com que maestria o fazeis. Expôr cultura — esta ou aquela — com precisão de linguagem não é dado a todos fazê-lo.

De mim para comigo, desde moço voltado ao convívio das letras, jamais me fora dado externar com facilidade, introvertido que sou.

Daí, quanta censura, quanta a critica contra mim, obscuro julgador, não expostos por contingencia de educação e ética profissionais. Daí, o vosso valor e da postura militar com que deveis entrar neste recinto. De cabeça alta, certo de que, como os de um Tribunal de Justiça, foram os votos que vos elevaram a immortalidade literaria. Votos livres, e tanto quanto os politicos, secretos.

Ouvimos o vosso discurso, perfeito em forma e grande em fundo. Tôda uma grande manifestação de cultura humanistica e geral, revelando o sociólogo e o pensador. E a vós o epigrama do poeta juiz:

Leio tuas teses de direito e acato-as;
Mas não frases fraseados e nem fatuas
Mas padrão da cultura brasileira.
Assim, compreendo o Juiz, bem e compreendo,
De cultura humanistica e escrevendo

Com a caneta de um Ruy e a mão de um Vieira.

Não vos filastes a nenhuma escola literaria. Mais sois um homem de letras. São n'os todos quando, na demonstração de cultura, a condicionam a formas vernáculas. O parnasianismo, de origem grega, no seu primitivo conceito de apêgo ao culto da forma, em prejuizo da idéia, fôra dodificado, que assim me parece, pela formula francesa, concilando uma cousa e outra. O romantismo que, no Brasil, chegou a ser quasi uma instituição nacional veio a sofrer golpe de morte, com penetração do parnasianismo francês de Heredia, de Leconte, de Vigny, de Mendés nos versos de Bilac, de Alberto, de Raimundo, de Delfino, para só evocarmos os que já se foram. E essa seria a minha escola, si me fôra dado conseguí-lo. E o futurismo? Não lhe quero bem, nem lhe quero mal. Não n'os conheço, nem pela rama. De Cícero, a quem considero o maior orador de todos os tempos, disse Montaigne: "Ce qu'il y a de vif et de mort elle est estouffé par ses longueris d'apret". Encher de linguaça diríamos em linguagem boêmio literaria—Profissional da eloquência judiciaria e parlamentar, é possível que a tivesse enchido. Mas, no seu todo, foi um modelo de forma e de conceitos, a quem o próprio Ruy procurou emitir. Há, de certo, semelhança no estilo dos dois grandes tri-

bunos: ampliados, de períodos longos, era de Cicero, e era de Ruy. A interrogação e a apóstrofe em ambos à miude encontrados são comuns aos dois grandes oradores.

Senhor acadêmico

Si não nos destes uma obra dos imaginativos, dos artista puros, daqueles que o foram e o são fóra do artificialismos e do claro-escuro, no-la destes pela lucidez, pela objetividade, tal como o que ora se dá nas letras francesas. Abordastes, com oportunidade temas humanísticos. Já não tivemos o curso de humanidades, tão necessário, e não n'ó têm ainda os estudantes atuais. Daí decorre, em parte, crítica Camiliana.

Mesmo o curso de direito que ministravam e ministram as faculdades ainda hoje, reduzido a simples formalismo positivos e racionalista, nos atira a modo de maquina, quasi que nos relegando a êsse terreno estritamente profissional. Sem o curso de humanidades, com o curso superior apenas formalístico, ficamos com azas curtas para os grandes vôos do pensamento, e a alma obliterada para bem sentirmos as pulsações da arte, escrita ou cinzelada. Daí o ficarmos à fascinação dos provaràs e dos considerados. Tôda essa avançada da cultura humana, na filosofia, nas ciências, nas artes, fica encarcerado em meia duzia de misântropos, nos quais o pitoresco dos hábitos e a obstinação da renúncia são uma forma de personalismo heroico cada vez mais raro nesta época-amorfa de deluição geral. Sem a leitura, mesmo pela rama, das concepções filosóficas, a ninguem é dado abordar questão de direito, de sociologia, de religião, de moral. Isto poderá afigurar-se uma cultura tanto menos aprofundada quanto mais extensas e universalisante, mas será sempre ponto de vista. Aproximemo-nos do gênio, porque só êle possui essa capacidade de apreensão e visão panorâmica das cousas, que as suas obras guardam o espirito que as atualisa e nunca lhes permite a desintegração completa. Nada poderemos saber si não nos contarem os mestres do pensamento. O determinismo, por exemplo, de que nos da noticia umas das escolas penais, não é o mesmo determinismo filosófico, que não exclue tôda a noção de responsabilidade. A responsabilidade moral salta necessariamente de causa segunda e não se detem até chegar a uma causa primaria, ou seja a um ato livre. A ciência é verdadeira enquanto permite prover. Não é a verdade que caracteriza a previsão, senão o êxito de precisão é que garante a verdade. Como é restrita a liberdade legal, de que tanto nos ufamamos, com a de que nos fala Kaut — Lembremo-nos de suas palavras:

Duas coisas enchem a alma de uma admiração e de uma veneração sempre novas: o céu estrelado sôbre mim, e a lei moral dentro de mim".

O agarramento à liberdade até o infinito, nesse eterno anseio do espirito humano. E a lei moral do filósofo? Queireis cousa mais linda? A sua lei moral, que tem o seu principio no coração humano, as divide Kant—mas que ordenam, como as leis civis, em virtude de uma sanção a que ele chama imperativo hipotetico, e a lei moral, propriamente dita, ou a sua lei moral, a que ordena independentemente de toda sanção, ou seja o imperativo categorico. Disso, a meu ver corre um grande principio divino. Deixamos de praticar um ato mau, não porque o evitemos, senão com receio da sanção legal. Mas, outras vezes, não nos arreagemos de qualquer sanção, mas nos grita dentro esse imperativo categorico, ou seja como penso, o grito divino. Mas tanto quanto os filósofos ensina os poetas — porque eles chegam, intuição, pela aonde só podem chegar os sabios pela dedução. Porque a poesia é como o universo, que tanto nos mostra o infinitamente grande, pelo telescopio como o infinitamente pequeno, pelo microscopio. Vitor Hugo, num verso apenas, nos dá melhor lição de astronomia do que todo um massudo volume de tratado. Os diálogos do verso *Abismo* que nos leva da Terra a Saturno, ao Sol, a Sirius, Aldebaran, a Asturos, ao Cometa, ao Setentrião, ao Zodíaco, a Via-Láctea, as Nebulosas, ao Infinito — nos faz ouvir a palavra de Deus: “Bastar me-ia soprar: sombra seria tudo.” Que melhor lição da onipotência de Deus.

Camões, nos *Lusíadas*, nos dá as melhores lições de Mitologia. E, mais ainda, os *Lusíadas* são uma Pátria. E’ o papel das letras garantidoras até das nacionalidades.

Senhor academico Ernesto Borges;

Bem vos recebo com as palavras com que Camilo recebera a Joaquim de Araujo, um dos mais illustres escritores do seu tempo.

«Esta casa e eu estamos com as portas e braços abertos para o receber».

Entraí. E sob o agasalho deste tétó, que já é vosso, sem mais as contingências do protocolo, permitir-me despir-me do simbólico fardão acadêmico e, envergando o paletó, democraticamente e interprete da cordalidade cuiabana, cuiabano que sois e que sou, vos trate familiarmente—Cuiabanamente:

Compadre, que há de ser:

Café ou guaraná?



Discurso de Encerramento

pelo Governador do Estado Dr. Arnaldo Estevão
de Figueiredo

Exmo. Sr. Des. Presidente da Academia de Letras
Exmo. Sr. Des. Presidente do Tribunal de Justiça
Exmo. Sr. Dep. Presidente da Assembléa Legislativa
Exmo. Sr. Representante do Revmo. Sar. Arcebispo, Presidente de
Honra desta Academia
Exmo. Sr. Presidente do Instituto Historico do Estado
Exmas. Autoridades Federais, Estaduais e Municipais
Exmos. Senhores Senhoras e Senhorinhas
Exmos. Srs Academicos:

É motivo de especial satisfação que experimento nesta hora ao ter de encerrar esta solenidade da Aacademia Matogrossense de Letras, quando ela recebe em seu seio a figura por todos os títulos brilhante do novo acadêmico, Sr. Dr. Ernesto Pereira Borges.

A significação deste ato, por certo, tem um sentido muito mais profundo e dilatado do que nos passo parecer e muito menos atingir as minhas palidas expressões.

Vislumbramos, apenas, nos longes do passado, e lançada até o presente o que o tempo não destruiu, a obra titânica que herdamos dos nossos maiores e que nos cumpre zelar e guardar carinhosamente com patrimônio sagrado que é das nossos tradições. Mas, a despeito da usura que o tempo não poupa e a que estão sujeitas tôdas as construções humanas, uma mais que outras se eternizam na beleza do que é eterno e passam assim indeleveis e imperecíveis como formas vistas da matéria, que um dia se cristalizou na intelligencia e na cultura que formam o arcabouço e estrutura de um povo.

E' o que vimos e sentimos nesta noite de tantas rememorações que emergem ao pensamento, ao assistirmos a subida gloriosa de um dos eleitos a saber ao cimo da montanha, como justo premio do supremo esforço que alentou seu espirito à procura de um ideal muito tempo perseguido e afinal alcançado.

Ao contemplarmos os feitos e as obras d'esses 230 anos de existência cuiabana, vividos e trabalhados por dezenas de gerações que passaram antes de nós, alguma coisa permanece intacta e a poeira dos anos não alcançou e nem destruiu.

E' essa a energia criadora que vive nesta Casa, guarda segura e inviolável da cultura da terra, que Moreira Cabral, Miguel Subtil e outros pioneiros levantaram como arranco dos seus anceios derradeiros, quer os tenha tentado à procura do ouro ou a caça ao indio nos seus sublimes desígnios do apossamento da gleba, que era sem dono.

De qualquer forma que se entenda, gerou essa febril aventura o substratum imperecível que vimos guardando e conservando como relíquia do patrimonio comum de ano para ano acumulada, como uma reserva indestrutível do amanhã das letras, das ciências e das artes matogrossenses, por todos aqueles que se distinguiram no amor ao ideal da perfeição, que sem cessar todos buscam atingir, como suprema cúpola da ambição humana.

Bendigamos pois aos nossos aplausos, sem reservas ao novo acadêmico que ora sobe os degraus da altura almejada, por esforço próprio, e façamos-lhe a nossa singela homenagem e o apelo amigo afim de que as suas locubrações e os seus anceios sublimes se derramem pela terra querida, em menses que frandejem ao sol, como uma constante emulação ao trabalho que constroi e dignifica e no empenho de espargir ações e normas salutaras que preservem o futuro da terra que todos igualmente amamos, e desta Casa,—sentinela alerta e atenda ao zelo da tradição, como o faról sempre aceso a iluminar o caminho do futuro.

A mim, como seu admirador e amigo de longos anos e como governador, que me propicia esta oportunidade feliz, cabe-me manifestar a grande satisfação com que o contemplo na sua ascensão a êste sodalício das letras matogrossenses, por merecer honra tão insigne a sua privilegiada inteligência.

E manifestando-lhe essa satisfação eu o endereço tambem a todos os componentes deste conspícuo colégio, formulando-lhes os meus melhores auspícios pela grandeza e cada vez maior renome desta Casa, e bem assim aos seus ilustres pares da Justiça Estadual pelo privilégio que têm de assistir, mais um de seus membros, galgar êste areópago, onde já cintilam, como estrelas de primeira grandeza, vários de seus ilustres colegas,

Folhas de caderno

A. Cesário Neto

*Je m'en voys faire icy une galimafree
de divers articles (Montaigne, Essais)*

Que bom que é tomar um trecho de Horácio ou de Camões, de Luis de Sousa ou Anatole France, tira-los outra vez da memória ou do coração, das folhas da Epistola aos Pisões ou dos "Lusiadas", da "Vida em Flor" ou da "Vida do Arcebispo", para tornar a sentir o humano, de alegria ou de dor, de grandioso ou de grácil, de verdade ou de anseio dela, que vive neles, sem mais nada saber que amá-los e entendê-los.

Que bom que é ser livre de estar com aqueles artistas puros, que não partem de maquinações estéticas para nos darem a arte que se quer contra a que não se quer, mas partem da vida, veem-nos dela, sob formas esplendidas, para a nossa inquietude contemplativa.

Que bom que é, despreocupar-nos de saber como é que se há de fabricar a arte ou a literatura, para que estas sejam de hoje, de amanhã ou de depois de amanhã; sem se nos dar das desvairadas maneiras de escrever, se-

gundo os modelos do dinamismo e dos figurinos mais novos.

Quem nos libertará de modernos e modernistas?

* * *

Depois de Spencer e de Augusto Comte, os juízos de alta fantasia começaram a despreocupar-se de Deus e da alma, que para êles ficaram sendo meras notícias teológicas.

Enganou-se com aquilo muita gente, que acreditou houvessem aqueles dois temas combalido a sua dignidade ontológica ou perdido o seu lugar na problemática viva daquela época ou de qualquer outra em que homens, descontentes das formas transitórias, perguntem pelo ser.

Mas não houve, no caso, razões de essências; houve razões de moda. É ajuda-nos a convencer-nos disso o lembrar-nos de que êles mesmos, os filósofos de então, com o mesmo ferrenho menoscabo e com o mesmo entono de sequazes da verdade, se haviam despreocupado igualmente de dois outros temas que viriam a preponderar: a vida e a morte, a morte que está aí, com a sua exigência hiante no ser do homem; e a vida, que ao depois se tornaria a Beatriz de Bergson e a Dulcinéa de Nietzsche.

* * *

Apezar de en:olfado, um na angustia do existir e o outro na temporalidade do ser, Soren Kierkegaard e Martinho Heidegger fizeram um bem inestimável à filosofia contemporânea, por terem revalidado com plena seriedade para o alto saber de essências, a finitude da morte e o pensamento cristão do além.

Pousando, assim, em pincarros mais altos, as aguias da metafísica podem agora divisar aqueles dois mundos até então invisíveis, para o pensamento, oficial aqueles dois

problemas conexos, dos quais se haviam esquecido inteiramente (e as vezes até mofados, os que eram filósofos e os que o não eram, empolgados que estavam pelas promessas do positivismo, pelas demasias do intellecto e por tudo o que trescala o perfume capitoso da vida.

Corrigiu-se também, com isso, aquela ingenua confiança na evolução, que Spencer ensinara, e aquela adoração brutesca do vital, com que Nietzche arvorara o estandar-te da filosofia, elevando de categoria os desejos teluricos do homem.

* *

O lucro pode ser util e ser necessario para as empresas grandes ou para as pequenas, problema que por agora não iremos discutir, dando por aceita a legitimidade do lucro. O que porem é funesto, é horrivel, é deshumano, e que o homem que o busca, busque-o com a ansia e o furor com que estivesse a granjear o pão para matar a fome.

* *

DIALOGO

O HOMEM E O MAL

O MAL — Porque me insultas, ó homem, e me maldizes, fazendo te ingrato para comigo, que te venho servindo a contento desde os dias imemoriais das cavernas e da pedra lascada?

Chamas-me em silencio ou em vozes dobres, e eu atendo ao teu apelo e afago o teu coração, servindo ao teu desejo. Porque, então, andam cheios de versos contra mim a tua boca e os teus papéis?

O HOMEM—Tu, só tu, ó mal, és incoerente e o injusto, não em atos ou atitudes como eu, senão em ti mesmo, nas tramoias do teu ser, nesse teu retrincado cam-

biar enganoso e subtil como o do velho pastor de Posseidão, que no gracioso fabular dos helenos houve nome Proteu.

Vestes-te de Ariel, ó velha sombra de Caliban, tornando-te gentil e formoso aos meus olhos ilusos, e agradável aos meus desejos. O culpado és tu mesmo, não eu; tu, que me encantas e enganas, pois na imagem da vida que me seduz, se transfigura o teu ser.

Por que é que assim te identificas com o meu sonho do bem?

MARABÁ,

(capítulo de um romance)

JOSÉ de MESQUITA

Na espiral maravilhosa do grande sentimento despertado por aquela impressionante criatura, se fosse dado a Pedro Moniz perpetuar lhe a "presença" em obra de arte imorredoura, naquele instante preciso em que cada pessoa ou cada ser atinge o seu feitiço definitivo, com que participa do "eterno"—não seria na sua florida adolescência, botão púbere que lhe fôra dado colher, nem no seu magnífico apogêo de mulher, feita para o amor e que exuberou dos 30 aos 40 anos, num outono que participa da doçura da primavera e da exuberancia do verão. A visão que de Jaci lhe ficara para sempre havia de ser a daquela clara e ardente manhã de Agosto, na praia erma e ensolarada, onde apenas se exercia o império absorvente e dominador das forças da natureza, uma visão que, mais que simplesmente humana, participava do mistério cósmico, da simbólica dos mitos ameríndios, representação animada de um estado d'alma, pedaço de vida cortado na carne, impregnado na memória.

Revivia a cena, que o mesmo era que vê-la e senti-la, real, não como reprodução mas rija e persistente, mais viva que os bronzes e mármore, pois sobre ela não vinha a patina dos anos

mas antes, o tempo, longe de diluí-la ou emacê-la, como que a fazia mais "existente" do que antes. A sua objetiva psíquica attingia com relação àquele "momento único" uma perfeição e acuidade tais que se oferecera mais nitida e fiel que todos os engenhos da inventiva humana, para conservar impressões sensoriais passageiras.

Desceram após o café, até a praia. Fazia calor intenso e abafado e resolveram tomar banho. O rio sonolento, de águas cor-de-melaço, envolventes, sensuais, provocava a longos mergulhos, abraçando-os, colando-se, infiltrando-se e prendendo-os em seu seio morno e cariciante, a ponto que Jaci se deixou ficar, mais do que costumava, a gozar a sua delícia. Já da barranca, Pedro via-a dar as ultimas braçadas, peñar, virar, dentro da massa ondeante, como um grande e belo peixe, e ouvia-lhe os gritinhos, quando uma piquira atrevida a ferrava ou quando se sentia arrastar pela correnteza. Tinha lavado a cabeça e, soltos os cabelos que lhe caíam até as ancas roliças, emergiu, afinal, da água crespá e rumorejante, encaiminhando-se para a praia. Pedro ficou a olhá-la, na fascinadora e quasi casta beleza da sua radiosa mocidade, a desabrochar no viço rico e pujante dos seus 29 anos. E foi a apotéose, o milagre, a transfiguração, jamais vistos pelos seus olhos familiarizados com todos os seus segretos amavios, mas que pareciam ver ali algo de novo, diferente, maravilhoso e nunca imaginado.

É que entravam para elaboração daquele quadro magestoso, todos os grandes artistas da natureza: o sol, que a poalhava do seu ouro, a sombra que lhe realçava as pubescencias e amaciava as curvas, a água, marchetando-lhe os cabelos, a areia, granitando-lhe a pele morena, a selva, emprestando-lhe o seu perfume, o rumor das vagas, tornando-se um eco da sua voz que lhe falava. De pé, no seu porte heril, não evocava a deusa iônia, a sair da salsa espuma e sim, na coloração trigueira e na pujança das formas, no colorido dos tons que iam do negríssimo dos olhos e dos cabelos ao rubro gritante dos labios húmidos e grossos — era bem uma dessas criações da mítica selvagem, a brotar da floresta virgem e das águas profundas. Pedro via nela a *Marabá* que João Batista da Costa encarnou no seu painel e Martins Fontes cantou em seu poema:

"Entre os campos gerais da terra virgem,
no araxá das joropas e juçaras,
Índia, filha da mata húmida e tórrida,
e do sol europeu desabrochei!"

O sangue íbero e tupi que lhe caldeava a formação, em que se mesclava a beleza de Mecia-Açú, filha de Piquerobi, e os Pires e Rodrigues reinóis, lhe dera aquêlê tistado da epiderme e o negro dos olhos — duas noites de AMOR imenso e dos cabelos — a tenda mágica dos transportes suavísimos, a par das delica-

deza e perfeição das linhas e contornos, vinda da Hélade, através dos latinos e celto-iberos. E Pedro, ao evocar a imagem daquela mulher que o acompanhou tantos anos, em largo trecho da jornada, se confessava que a via, melhor que em todos os retratos, naquela “aparição” viva e sublime, que ficara gravada na reventiva de seus olhos e da sua memória visual, não tendo acompanhado a decadência fatal da matéria nem a ação dissolvente do tempo.

Si cada um de nós, efêmeros, tem sua hora de “sublimação”, para a qual veio ao mundo, seu instante grandioso de Anunciação, no qual se transfigura em anjo ou em Satan, o momento que vale e explica toda a existência, Jaci, por certo, teve naquela praia linda (como ele a chamava) e naquela manhã radiante, a sua epopeia, o seu poema, a sua estátua, o seu painel vivo e eterno. Ela nasceu, cresceu, passou tantos anos, em que julgou viver, e entanto, sua vida plena e seu destino integral foi naquela hora que ela o realizou. Tudo mais foram como os motivos musicais de uma sinfonia, de suavíssimos acordes, que vai se prolongando num trémulo de sons, gritos lancinantes, modulações esquisitas, mas tudo preparando o ouvinte para atingir o verdadeiro sentido predominante, o *leitmotif*, que é o grande segredo da *partitura*, que afinal se percebe não passar de um pretexto para revelar o alto e sublime tema da composição. Jaci foi feita para aquele momento e para aquêl local, decoração única adequada para fazer realçar a sua beleza. O seu *habitat* era aquêl, ali o seu grande “encontro com a vida”, naquela ribeira, cheia de luz e sombra, como o seu corpo e naquela manhã radiosa e ardente, como a sua alma. O próprio sol parecia feito para vestir-lhe a epiderme, formando o tom mais original que a policromia do cosmos já criou — um moreno luminoso ou uma luz amorenada, a contrastar com os laivos de outras tonalidades, laqueando-lhe as unhas, jaspeando-lhe os dentes, coralizando-lhe a boca, e morrendo aqui e ali em penumbras misteriosas, deicências crepusculares que iam anoitecer na grande selva espessa dos cabelos que a envolviam... Não haveria—pensava Pedro—nada comparavel, no mundo, à beleza estética e a emoção pura (pureza, no sentido elévado, que a tartufice corrompe e deturpa) daquela *Imago* maravilhosa que o acompanharia o resto da vida, e pela qual podia dizer que valia a pena ter vivido e sofrido tudo (inclusive dela ou por ela), porque aquêles curtos instantes em que Jaci fôra para êle a «encarnação máxima da Beleza humana», compensavam-lhe, largamente, sobejamente, todas as agruras, fealdades e torpezas da vida e dos homens.

De vôo pela Bahia

Virgílio Corrêa Filho

Primeira cidade brasileira a comemorar o quarto centenário da sua fundação, a semente urbana plantada por Tomé de Sousa, ao inaugurar o governo geral do Brasil, requintou em evidenciar quanto progrediu em longo período de evolução cultural e econômica.

Para tanto, coube-lhe a felicidade rara de estar sob a direção de dois governantes inspirados por sadio idealismo democrático.

Madrugando em campanhas políticas de vastas repercussões, o governador Otavio Mangabeira auscultou, na chefia do Ministério das Relações Exteriores, as aspirações do país no convívio internacional antes de temperar no exílio as suas faculdades de estadista moderno.

Ao assumir o governo da Bahia por decisão de seu eleitorado, não lhe faltaria programa progressista, para cuja realização acertou na escolha de colaboradores esclarecidos. O secretariado, constituído de personagens capazes de luminosas missões, completou-se com a nomeação do Prefeito da Capital, a quem caberia o encargo principal das comemorações festivas.

Em verdade, não seria fácil encontrar quem substituisse, com iguais possibilidades de êxito, o historiador Wanderley de Pinho, nas circunstâncias atuais.

Filho de conceituado presidente do Estado, neto de estadista, que deixou lisongeiro nomeada de sua atuação no segundo reinado, quando culminou em trajetória luminosa pelos postos ministeriais

e diplomáticos, experimentara o exercício de funções administrativas e de representação parlamentar, antes de provar os amargores do ostracismo.

Não seriam tão inibitórios que o afastassem dos estudos prediletos, com que se desficou dos agravos do momento.

Se o presente lhe era hostil, em compensação e passado lhe deparava tesouros ilimitados de encantos inéditos, a cuja pesquisa esclarecidamente se consagrou.

Perdeu a Bahia a voz honrada e esclarecida de um defensor de suas pretensões.

Mas lucrou a literatura histórica do Brasil, a que Wanderli de Pinho proporcionou mais de uma contribuição valiosa, que elaborou durante o seu afastamento de cargos públicos.

Não consentiu o Governador Mangabeira que perdurasse o o inexplicável desentendimento e, em momento feliz, confiou-lhe a gestão da Prefeitura da cidade do Salvador.

Sem entrar nas apreciações do partidarismo local, que se espelha nas discussões do legislativo municipal, o forasteiro poderá apenas observar a atuação de Prefeito, empenhado em assinalar a sua passagem com obras duradouras, como fizera anteriormente, ao escrever livros de consulta indispensável aos que versarem análogos assuntos.

As comemorações exigiam a direção do estadista provector que soubesse compreender lhe a alta significação cultural, e de abalizado historiador, que não necessitasse de colher informações de segunda mão, pois que as possuía das próprias maneiras inextinguíveis dos arquivos.

Da conjugação das duas componentes, do governo do Estado e do município resultou o brilhantismo, com que festejaram a data magna da cidade quando Tomé de Souza conheceu a terra, onde começou a edificar a sede governativa.

Não foi apenas um dia cheio de cerimônias expressivas, pois que a semana toda se congregou ao mesmo objetivo.

Enquanto os historiadores brasileiros, convocados de todos os estados e instituições congêneres, pela douta e eficiente comissão organizadora, se reuniam no Instituto Geográfico e Histórico, para a discussão de teses elaboradas especialmente para o primeiro Congresso de História da Bahia, de que participou seleta delegação de Portugal, as autoridades apressavam a conclusão de trabalhos, que se deviam exhibir dias após dias.

Se os debates evidenciaram o empenho dos sabedores em esclarecer pontos controversos de história, às vezes com expressivo calor, nuncio de suas convicções arraigadas, não menor interesse patenteou a população baiana, ao testemunhar a inauguração de obras destinadas a beneficiar a coletividade.

Assim, a 26, os novos reservatórios, que irão melhorar os serviços de distribuição d'água receberam a visita do Governador, acompanhado de seu Secretário de Estado, que em seguida, foram também inaugurar o leprosário de 'Águas Clara' à Avenida Amaralina, que alonga a sua faixa de asfalto à beira-mar até Pituba, a caminho de moderna estação de passageiros do aeroporto do Ipitanga.

Nos dias seguintes, o posto de puericultura do Chame-Chame, e o da L. B. A, à Avenida Tiradentes, o pavilhão para doentes, anexo ao Abrigo do Salvador, o frigorífico do Estado, em Água de Meninos, o Arquivo Público, aumentavam a série de empreendimentos, a cuja realização simultânea empenharam a sua energia dedicada os governadores e os secretários, a quem se achassem diretamente subordinados.

Dentre os demais, merece particular realce o derradeiro citado, revelador da cooperação de individualidades de desortino em sua modernização.

Não é comum aos Estados a iniciativa de confiar a guarda de seus documentos a organização provida de recursos proporcionais às suas necessidades.

Aqui mesmo, no Rio de Janeiro, luta bravamente o insigne diretor do Arquivo Nacional, Professor Vilhena de Moraes, por suprir com o seu saber e dedicação incomparável, a carência de recursos, de que resultou a interrupção da série com que contribua para a divulgação de documentos de valia inegualável. Pois, a Bahia pode ufania-se não somente do prédio construído para o seu arquivo, como também da sua aparelhagem metálica, onde os livros e pacotes de documentos avulsos se enfileiram em boa ordem.

O diretor, Dr. Alfredo Pimentel ao percorrer com os visitantes, as salas em que se distribuem os serviços, por vários pavimentos raiouse-os com volume XXXI dos Anais do Arquivo que traz a data da edição - 1949, apesar do anterior ter atravessado os prelos ha poucos meses.

Alias no tocante a publicações esmerou-se a Bahia em provar que os seus dirigentes á passagem do IV Centenário sabem aqui-latar o valor dos livros.

Ciente de que, entre os manuscritos de Teodoro Sampaio, existia o esboço de uma «História da fundação da cidade do Salvador» diligenciou o Secretário de Educação e Saude do Estado, Professor Aníbal Teixeira, em promover-lhe a edição,

Não obstante as restrições, que lhe fizeram sabedores do pról baseados na própria declaração do autor, a quem se figurava o ensaio necessitado de cuidadosa revisão, merecida tornar conhecida a obra, a que o douto bahiano aplicou os ultimos esforços de sua peregrina inteligência.

Será uma espécie de mensagem inacabada, e ainda quando contenha alguns sentidos trará naturalmente a marca do saber amplo do aprimorado executor.

Outros volumes afloraram à publicidade, ou estão entregues às empresas impressoras, como a série especialmente projetada para acentuar os aspectos da evolução baiana.

Versa o primeiro acerca da "História Política e Administrativa da Cidade do Salvador".

O nome do autor já é uma garantia do conteúdo, que será apreciado mais de espaço quando ocupações premente e permitires.

O projeto vem da fase anterior, quando a prefeitura dirigida pelo engenheiro Elísio Lisboa, convocou os especialistas para a colaboração em temas previamente determinados.

Nem seria possível a improvisação em tais domínios que exigem não somente o trato prolongado com os assuntos, como o tempo necessário às mais penetrantes investigações.

Outros volumes aparecerão não somente desta série interpretativa, como dos "documentos Históricos do Arquivo Municipal", de que já vieram a lume três volumes.

O clima administrativo que estimula as atividades municipais, propicia a intensificação dos trabalhos relacionados com as preferências culturais do Prefeito, a quem a Capital ficou devendo o desfile espetacular do dia 29.

Não estivesse um historiador no governo do Município da Capital, certo não lograria o "Cortejo Histórico" a magnificência com que maravilhou os observadores. Ainda que dispusesse do concurso do empresário teatral, incumbido de sua organização técnica, dificilmente alcançaria a expressão evocativa de quatro séculos da vida baiana.

Nada lhe faltou para o êxito deslumbrante.

Tarde luminosa a enxuta, depois de manhã chuvosa. A multidão aglomerada nos logradouros, pelos quais deveria passar o cortejo, dir-se ia ter despovoado as residências urbanas e suburbanas.

Velhos e moços, crianças nos braços dos pais, todos concorreram a aplaudir o espetáculo singular, que lhe aguçara a curiosidade patriótica.

Pelas calçadas, que o coração de isolamento separava da faixa central, mantida livre para o desfile, esperavam pacientemente milhares de pessoas que se anunciavam a aproximação da vanguarda.

Não as afugentava o sol, a essa hora ainda causticante, nem as molestava a demora. Quando muito, mudavam de posição, e procura de lugar mais propício, causando mobilidade contínua á onda humana, que se estendia de Campo Grande á Praça Castro Alves.

Afinal vibraram os clarins e em pouco surgiu o primeiro carro, com as caravelas que pareciam vagar sobre ondas.

Tomé de Souza, em outro carro, examinava o plano da cidade, que mestre Dias lhe apresentará. E, assim continuou a evocação do passado baiano ora personificado em representantes ilustres, que se transportavam em carros alegóricos, ora indicado por mais de um figurante cujas passadas harmonias denunciavam o esmero dos ensaios anteriores.

O ciclo do pau-brasil de açúcar, a oratória do padre Vieira, a culinária baiana, a invasão holandesa, as cadeirinhas usadas pela fidalguia, de tudo se compunha o cortejo, que se estendeu por pouco menos de dous quilômetros, mobilizando cêrca de mil pessoas.

Quanto á qualidade não lhes era de somenos, pois que pertenciam ao escol social, á que recorreram os organizadores. Traçados primorosamente a carater, empenharam se com toda a sua decisão por bem desempenhar o seu papel, e os aplausos da assistência deslumbrada lhes compensaria o sacrificio da marcha triunfal.

Como seria de prever, Castro Alves e Ruy Barbosa, as glórias máximas da Bahia, empolgariam o entusiasmo dos espectadores, que facilmente os identificaram.

Destarte, viveu a Bahia a sua tarde de glória incomparável ao recordar á vista da população moderna, os episódios marcantes da sua evolução por quatro séculos de alegrias e sofrimentos, de esplendores e angústias.

Na atualidade rompe-lhe das energias despertas o impeto do renascimento, que se espelha nos empreendimentos materiais de construção rodoviárias, de assistência social, de edificações especiais, e, principalmente, de ordem cultural, amparada na serie de publicações, que já vieram a lume, ou ainda virão até Dezembro.

Ha motivo de justa satisfação para os governantes que os promoveram, tanto o governador Mangabeira, como os seus secretários, Alberico Fraga, do Interior e Justiça, Pinto Dantas, da Fazenda, Pimenta da Cunha da Viação, Oliveira Brito, da Segurança Pública, Anisio Teixeira, da Educação, Nestor Duarte, da Agricultura.

E, particularmente, como se trata de festejos do centenário da Capital, do seu abnegado Prefeito, que está fazendo a história, como administrador de sua terra, depois de tê-la interpretado em livros apreciados pelos sabedores.

161

Palavras da abertura

CADEIRA N. 24

**SESSÃO SOLENE DE POSSE
E RECEPÇÃO DO ACADEMICO
JARI GOMES**

Em 13 de Junho de 1949

ma, de modo especial as gentes musicistas e declamadoras
e o Centro Artístico e Musical de Cuiabá, cuja cooperação
estimável em nossas festas muito revela, da parte dessa
benemerita sociedade a sua alta compreensão e espírito de
solidariedade.

Não desejo prolongar a expectativa que nos desperta
a execução do variado programa, em que, como peças
centrais, vamos ouvir as belas orações de Jary Gomes e
Jaime de Vasconcelos, aduêl mercidamente armado em
cavaleiro de nossas Belas-Letras e este a cuja proficiência
e bom gosto

Palavras da abertura

pele Presidente JOSÉ DE MESQUITA

Pela segunda vez, no curto espaço de dois meses, abre a Academia Matogrossense o seu salão para receber um dos seus eleitos, desta vez o jornalista e polígrafo Jary Gomes, que vem suceder na Cadeira Aquilino do Amaral, o nosso saudoso Bianco Filho, tão cêdo arrebatado ao convívio do amigos. Quis o ilustre recipiendário que a festa da sua imortalidade se efetuasse neste dia glorioso para a nossa história a data da retomada de Corumbá, que marca uma das gestas mais expressivas do nosso passado afirmação do valor e patriotismo de nossa gente. E como a ultima sessão solêne de posse do academico Ernesto Borges, foi dedicada a Cuiabá, cujo aniversario nêsse dia se comemorava, a de hoje homenagêa a nobre Cida de Branca, a princesa do Paraguai, cujos fundamentos, ha dois seculos, erguia na fronteira do Oeste o gênio de Luis de Albuquerque!

Ao dar inicio a esta solenidade, que tem a abrilhanta-la ao escol do nosso mundo social, alem dos ilustres visitantes, o Snr. ministro da Aeronautica e sua distinta comitiva eu quero agradecer a presença honrosa de todos e bem assim a quantos concorreram para o nosso progra-

ma, de modo especial as gentes musicistas e declamadoras, e o Centro Artístico e Musical de Cuiabá, cuja cooperação estimável em nossas festas muito revela, da parte dessa benemérita sociedade, a sua alta compreensão e espírito de solidariedade.

Não desejo prolongar a expectativa que nos desperta a execução do variado programa, em que, como peças centrais, vamos ouvir as belas orações de Jari Gomes e Jaime de Vasconcelos, aquêl merecidamente armado em cavaleiro de nossas Belas-Letras e êste a cuja proficiência e bom gosto confiou a Academia a tarefa de receber, em seu nome, o novo imortal.

Sejam as minhas últimas palavras de vivas congratulações com a Academia e o novel confrade, com votos para que da colaboração de Jari Gomes nos advenham os benéficos efeitos que temos o direito de esperar.

Está aberta a sessão.

Caminhos da Civilização

Discurso de Posse

Pelo Acadêmico — Jary Gomes

Exmo. Sr. Governador do Estado de Mato Grosso
Exmo. Sr. Ministro Brigadeiro Armando Trompowski
Exmo. Sr. Governador do Acre
Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Legislativa do Estado
Exmo. Sr. Presidente do Tribunal de Justiça
Exmo. Sr. Presid. do Tribunal Eleitoral
Exmo. e Reymo. Sr. Arcebispo de Cuiabá
Exmo. Sr. Presidente da Academia Matogrossense de Letras
Exmo. Sr. Presidente do Instituto Histórico de M. G.
Exmo. Sr. Prefeito da Capital
Exmos. Deputados Federais e Estaduais
Exmas. Autoridades Civis, militares e eclesiásticas,
Senhoras e Senhores,
Distintos confrades

Procurei, desde o momento da gostosa surpresa da escolha de meu nome para este contubérnio, a expressão precisa com que pudesse traduzir o meu contentamento e a minha gratidão, pela deferência e generosidade de que dá mostra o vitorioso cenáculo da cultura matogrossense, — tão cioso das suas tradições e tão opulento de virtudes e de glórias, ao condescender em conferir-me as honrosas laureas da Imortalidade Acadêmica.

Em verdade, a boa fortuna que agraciou a Tezeu com um Trono Ateniense é a mesma senhora doidivasas que distribue benesses dadivosas como estas que fizeram alvo de tão grande quão confortadora distinção o mais obscuro dos neófitos da literatura, o menos ilustrado, - quiçá o menos virtuoso.

A fidalguia, a tolerância e a simplicidade, características do bom e valoroso Povo Matogrossense, teem, neste delicado gesto dos confrades que me elegeram, a prova irrefragavel da superioridade moral, patenteada pela elegância e pela lhanez com que cuidaram de alçar, a tão verriginosa altura, um pensador tão pequenino e sem valia.

Na exuberância do nosso fertil e variegado idioma, não descobri palavras que interpretassem fielmente a alegria que me domina e o ufanismo que me empolga por transpôr os umbrais desta Casa triunfante, relicário de tão acendrados ideais, repositório das glórias impereciveis de tão bravos e dignos patronos, oasis hospitaleiro e amigo da cultura e da inteligência, onde libram, em adejos angelicais, uma a uma, as almas peregrinas dos que amaram as artes, dos que invocaram as musas inspiradoras, dos que afugentaram as tristezas terrenas aos dulcíssimos ritmos da Poesia, dos que, abstraídos dos rumores do Mundo e alheios aos seus clamores, cresceram, subiram, sonharam, se fizeram poetas e ganharam o Céu!!!

Rui Barbosa, a figura exponencial da cultura brasileira, que recebeu as mais inequívocas demonstrações de simpatia pública, que foi o Idolo de um Povo e o Oráculo de uma Geração, - certa vez, realmente, sensibilizado pela espontaneidade de uma homenagem prestada ao jurista inconfundível e ao vibrante intérprete do Brasil, em Haia, não encontrou, na prodigiosa uberidade dos conhecimentos dialéticos, mais que estas palavras para externar as impressões e os agradecimentos: "Antes disto, depois disto, só isto!"

Parece-me que o silêncio, ainda, continua a significar a manifestação eloquente com que se comunicam os grandes sentimentos e as emoções extremas.

Compreendereis, pois, na inutilidade do meu esforço, a imensidão do meu reconhecimento.

Os caminhos da Civilização

Aqui, a mim me tendes, senhores Acadêmico, no fervoroso propósito de colaborar convosco nessa magnífica e ciclópica tarefa de recuperação da sociedade humana, através do incentivo, do aprimoramento e da difusão de uma Obra Cultural capaz de delinear novos rumos à Civilização, salvando-a das tormentas que se

avisinham dos erros que a corroem, dos males que a afligem, dos vícios que a minam, do perjuro, da mentira, das ambições, das chagas espirituais, que a avilram, que a deterioram e a destroem...

Á intelectualidade, notadamente, á intelectualidade bem intencionada e construtiva, toca relevante missão. neste crepuscular de um século que relegou a plano secundário as concepções superiores de vida digna, atascando-se no materialismo imediatista que o império de todas as malsinações, senão a negação de todas as conquistas da Moral e da Cultura.

Encontramo-nos mesmo no vértice de uma encruzilhada e dois caminhos antagônicos se nos descortinam á próxima sorte dos Povos e do Mundo.

Um deles nos conduzirá, inapelavelmente, aos horrores das guerras-de-conquista, ás conflagrações totais, aos conflitos ideológicos, á dizimação criminoso de milhões de entes humanos, ao escravagismo dos regimes políticos de força, á tirania dos déspotas, ao predomínio da violência, á degradação dos costumes, ao aniquilamento das sociedades cristãs, ao turbilhonante ocaso da Civilização,— ao advento do barbarismo mecânico e científico!

Após tantos milênios de evoluções, de metamorfoses sociais e políticas, de transformações ininterruptas no terreno das ciencias, das artes e da Economia. desde a simplicidade paradisiaca de um Eden ideal, em que o Homem revelara, em todo o esplendor e em toda a grandeza da sua estrutura, o imenso da sua modestia e a fecundez dos seus destinos, até a assombrosa. Era da energia nuclear, do supersônico e da célula artificial, com que a criação divina pretendeu ofuscar o poder onisciente do proprio Criador. após tantos milênios de progresso material, de realizações inconcebíveis, de conquistas espetaculares, a Humanidade afoga-se e secumbe num oceano revolto de paixões, de vícios, de maldades, de incompreensões, de ódios e de dôres, numa cena dantesca a que não faltam, para dramatiza-la, sequer a fome, sequer as calamidades públicas, sequer a loucura coletiva!

Nem mesmo, ainda nos refizemos do maior episódio guerreiro de todos os tempos, testemunha inequívoca dos abismos que se cavaram entre os Povos e das rivalidades incontornáveis que o Poderio Militar e científico fomenta entre as Nações consideradas fortes, e se já divisam graves sinais de uma próxima tempestade, de uma Guerra total, com que, em nome da hegemonia e da soberba, se arrastará a Terra a uma hecatombe pavorosa, mais trágica e mais arrasadora do que o Dilúvio Universal!

A insanidade que vai pelos espiritos resulta de um desajustamento geral da sociedade humana, mas, sobretudo, da falta de uma cultura humanística.

O desequilíbrio econômico e financeiro, sobre o qual as maiores sumidades especialistas, no gênero, já se pronunciaram,

procurando soluções felizes e remédios oportunos, cujas repercussões nos proporcionam o panorama assás contristador de um Mundo ensandecido pela volúpia do dinheiro, não é senão a causa secundária dos males que nos asoberbam e fazem o infortúnio de todas as Gentes e de todas as Pátrias...

O materialismo ateu, sem esperanças e sem fé, decorre da obececação e do degradamento em que se engolfam o Mundo moderno e as Sociedades corruptas de um Século, a que MAUROIS chama da "ciencia positiva e das filhas estúpidas: as máquinas"; atordoado pelas ambições, alucinado pelas conquistas insaciáveis, pelo luxo, pela luxúria, pela sensualidade e pela hipocrisia!

As Nações entrechocam-se, impiedosamente; os Povos apavorados pelas misérias morais e materiais envilecem-se e despedaçam-se; os homens empedernidos pelos prazeres inferiores e pelos apetites animalescos, já, não se entendem mais e a sua linguagem trai, quasi sempre, o sentido da ofensa e do interesse.

Nenhuma fase da História Universal assinala um colapso tão grande da moral e das virtudes, nem nos dá noticias de tão obscenas propensões e de tão pérfidos despotismos coletivos.

Este é o século, sim, da energia nuclear e do supersônico, mas o é, também, do egoísmo, do perjuro e da mentira.

A mentalidade «economista» e «financista» que se invoca para uma justificação plausível do que foge ás concepções materialista,—porque a crise é de altruismo, a crise é de caráter,—encontrará explicação para os desajustes inevitáveis, que foram de todas as épocas e de todas as dimensões, mas não explicará por que, tendo crescido tanto a voluptuosidade do Poder, tendo crescido tanto a vertigem de mando, tendo crescido tanto a filúcia, tendo crescido tanto as cobiças e os prazeres, tendo crescido tanto as ambições, e os vícios, tendo crescido tanto a dôr dos humildes, a angustia dos aflitos, a necessidade da pobreza, e a indigência da miséria, desaparecem, pouco e pouco, a solidariedade humana, a bondade do coração dos homens, o amor á Deus e a prática das virtudes!

Nem todos estarão em condições de compreender a importância capital, o sentido profundo que encerra este tema milenar, sempre oportuno, sempre atual e sempre básico: O HUMANISMO...

Nele reside a história da Humanidade, dele dependerá o destino da Civilização!

O desequilíbrio social, que caracteriza os infortunados momentos da Era que vivemos, deriva da falta de cultura humanística.

O progresso material, no terreno científico e artístico, avançou muitos séculos á frente do conhecimento do Homem, como árbitro de uma espécie, como fator de uma cultura elevada, como principio e fim de todas as conquistas culturais, políticas e sociais.

O Homem é o centro de atração, em torno do qual gravitam as mais arrojadas criações, os empreendimentos mais notáveis, acontecimentos os mais espetaculares, as mais dramáticas empresas...

E, apesar disso, o que se sabe do Homem? E, o que se tem feito nesse mister?

Quando Sócrates enunciou o celeberrimo "conhece-te, a ti mesmo", já, descortinava a profunda e insondável incógnita, que tem sido a preocupação constante de pensadores e filósofos.

Tantos séculos decorridos, ainda, continuamos a conjeturar: "O que somos?" "a que viemos?" E, ninguém encontra resposta!

Contudo, a matemática atingiu fôros de perfeição surpreendente. O Homem venceu o espaço, ganhou a estratosfera e fez do Éter o caminho aéreo, habitual, por onde singram as águias de aço, nos torneios transoceânicos.

Picard, depois de várias tentativas de viagem á lua, empreendeu a sondagem das profundezas misteriosas dos mares impassíveis!

Os astrólogos calculam, com n precisão geométrica, as distâncias siderais e o tempo necessário a um cômodo convescote a Marte ou a Netuno!

A mecânica evoluiu de modo fantástico, desde as máquinas industriais, sensibilíssimas, que são verdadeiros instrumentos mágicos, a substituir o trabalho, a árgúcia e a inteligência de milhões de operários, nas tarefas da Paz, até as oficinas infernais que bombardeiam átomos, tirando do Nada forças prodigiosas, capazes de arrazar o Mundo!

Unas e outras são frutos das lucubrações de gênios ou fantasmas que, se conhecem, de-cór, as tábuas logarítmicas, ignoram o que ha de mais rudimentar sôbre a origem da genialidade e o que possa haver de menos fantasista sôbre a própria origem...

As ciências biológicas, perquirindo o infinitamente pequeno, desde o protoplasma à célula, dão-nos noticias pormenorizadas das tramas caprichosas, das trocas metabólicas, do misterioso e complexo "ciclo vital", com que um microscópico semen fecundante se transforma nesse diabólico e insaciável espécimen, que pôz a perder o Paraiso e cobriu de vergonhas e de chagas o Universo inteiro.

A sombra da brutalidade materialista, que fêz das ciências a alavanca de um progresso deshumano, quasi bárbaro, por que gerou problemas sociais intransponíveis, por que acentuou a miséria das massas, por que aguçou a concupiscência de que é pródiga a vida moderna, por que escravizou ás ambições e ás vaidades a gente simples e as classes pequeninas, por que criou uma legião de egoístas e megalomaniacos, á sombra da brutalidade ma-

terialista da Civilização decadente, ulula esta Humanidade de párias, de indigentes morais, de céticos, desajustados e infelizes, arrebataados pelas miragens dos arranha-ceós, emparvoecidos pelos desejos irrealizáveis, atordoados pelas ilusões doiradas de prazeres fáceis e fugazes, enlameados e perdidos pelos vícios, pelas paixões e pelos desenganos!

Longe de procurarmos conhecer o Homem na sua essência na sua estrutura e nas necessidades, chafurdamo-nos mais e mais no chavascal mercenário do utilitarismo mecânico e científico.

Que importa a cultura humanística?

Que importa a Moral?

Que importa a consciência?

Que importa a alma?

Carrel, esse cientista-humanista, que nos deu «L'HOMME, CET INCONNU», estudando, com impressionantes detalhes, a ciência humana e, acima dela, a ciência da vida, acabou por concluir que a «restauração do Homem, na harmonia das suas atividades fisiológicas e mentais, transformará o Universo».

«Porque, diz êle, o aspecto do Universo varia segundo o aspecto do nosso corpo.

Não devemos esquecer que êle não é mais do que a resposta do nosso sistema nervoso, dos nossos órgãos sensoriais e das técnicas a uma realidade exterior que desconhecemos e que é incognoscível; que todos os nossos estados de consciência e todos os nossos sonhos, tanto o dos matemáticos, como os dos namorados, são igualmente verdadeiros.

As ondas electro-magnéticas, que para o físico exprimem um pôr-de-sol, não são mais objetivas do que as côres brilhantes a que o pintor é sensível.

O sentimento estético provocado por essas côres e a medida do comprimento das ondas que as compõem são dois aspectos de nós-próprios e têm o mesmo direito á existência.

A alegria e a dôr são tão importantes como os planetas e os sóis!

Mas, o Mundo de Dante, de Emerson, Bergson ou de Hâle, é mais vasto do que o de Mr. Babbit!

As dimensões do Universo aumentarão necessariamente com a força das nossas atividades orgânicas e mentais...

Devemos libertar o Homem do Cosmos criado pelo gênio dos físicos e dos astronômos, desse Cosmo em que está encerrado desde a Renascença.

Apezar da sua beleza e da sua grandesa o Mundo da matéria é demasiado estreito para êle.

Tal como o meio econômico e social, não está feito á nos-

sa medida e não podemos aderir ao dogma da sua realidade exclusiva.

Sabemos que não estamos inteiramente confinado nele, que nos prolongamos em outras dimensões, para além das dimensões da continuidade física.

O Homem é ao mesmo tempo um objeto material, um ser vivo e um fôco de atividades espirituais.

A sua presença na imensidade morta dos espaços interestelares é, totalmente, desprovida de importância. Contudo, o Homem está longe de ser um estranho nesse prodigioso reino da matéria, em que o seu espírito se move, facilmente, graças às abstrações matemáticas.

Prolonga-se para lá do espaço e do tempo, num outro mundo. E, deste, que é ele próprio, pode, se assim o quizer, percorrer os *CICLOS INFINITOS*: o ciclo da beleza, que contemplam os sábios, os artistas e os poetas; — o do amor, que inspira o sacrifício, o heroísmo e a renúncia; o da graça! recompensa suprema daquele que, apaixonadamente, busca o princípio de todas as coisas.»

«Tal o nosso UNIVERSO.»

Tal o Universo dos pensadores, senhores Acadêmicos, tal o Universo dos que, aprimorando a Cultura Humanística, sublimam a sua alma e colaboram, de modo efetivo, para o soerguimento da Humanidade em ruínas...

Tal o Universo grandioso que Horácio, nas odes e nos épicos imortais, dois mil anos atrás, nos louvores á vida campestre, decantava, exprobando o estrépito do Mundo.

Tal o Universo dos idealistas que porfiam na vitória do Bem, no êxito das virtudes, no esplendor da simplicidade.

Tal o Universo dos poetas, — êsses dominadores da Arte e da Sabedoria, que opõem ás mazelas e ás dôres terrenas os bálsamos dulcíssimos dos seus versos, essência de todas as virtudes, síntese divina de todas as belezas!

A êsse Universo é que vai ter a outra estrada. É o caminho da solidariedade humana, é o caminho da concordia, é o caminho da Paz, entre os Homens, pela compreensão das necessidades coletivas, pelo respeito á soberania das Nações, pela justiça social, sem rebuços, pelo entendimento amistoso entre todos os Povos, pela Bondade, pela Moral, pela excelsitude dos princípios cristãos, pelas aptidões humanitárias, — em duas palavras: PELA FÉ E PELO AMÓR!

O PATRONO

Difícil encargo, quão prazeroso a quem pôde penetrar o sentido desta homenagem a um dos valores inconcussos da inteligência matogrossense, a que encerra, a um só tempo, o culto á Imortalidade das virtudes e os louvores á fecundidade de uma vida útil, exemplar e humanitária, — o elegio do ilustre patrono da Cadeira que ora ocupo, Aquilino Leite do Amaral Coutinho, exigiria dotes intelectuais, que não possuo e qualidades de biógrafo que me não condescenderam a apoucada cultura e os minguados recursos literários.

Quem, todavia, rebusca subsidios históricos para um ensaio singelo, como o que esboço, em torno da polimorfa personalidade desse vitorioso Cuiabano, que dedicou ao nosso querido Estado bastante do seu talento e um punhado grande da sua alma, inevitavelmente, se deterá deante de dois aspectos de sua vida e das suas atividades, os quais sôbre serem, talvez, os menos ruidosos, dentre as multifárias facetas das suas aptidões e do seu carater, revelam, de imediato, a agudeza cívica do Patriota e a esplêndida vocação do Idealista.

Jornalista e político, — o homem-de-Imprensa, cuja pena sempre esteve a serviço das causas superiores da Pátria, quer nas pugnas abolicionistas, quer nos revêrberos republicanos, nada deixou a dever ao homem público que fez da Tribuna parlamentar o que ela deve, realmente, ser: a cátedra da sã politica, a pregoeira das doutrinas elevadas, o arauto das boas sentenças, contra o império nefando da subserviência, contra a corrupção e contra os desmandos.

Não sei, senhores, que maiores energias conseguiriam superar a sutileza, o vigor combativo, a intransigência de um batalhador da Imprensa, quando o seu estro, a sua pena e o seu coração se colocam ao lado das causas justas.

Não sei, senhores, de maiores beneméritos da vida social e econômica e politica de um Povo, do que êses silenciosos e incompreendidos servidores que, nos cargos de carreira, nos cargos eletivos, nas cidades confortaveis ou em obscuras vilas sertanejas, emprestam, com dignidade e com civismo, colaboração inestimavel á conservação do Organismo Nacional que, se forte e vigoroso, deve a sobrevivencia das Instituições e a integridade da Soberania, ao Homem-de-Estado.

E, se não queira contestar com a má Imprensa o ou máo politico...

Aquela é como a urtiga: só medra e só viceja em terra má e ninguém a quer por que flagela.

Este é o fac-simile dos vícios e não resiste ao julgamento da Opinião Pública.

Uma e outro se confundem no desprezo e no esquecimento. AQUILINO DO AMARAL exercitou com altivez e proficiência o cetro do publicista, a arte do político e o sacerdócio de ambos.

Empolgado pelo movimento que, afinal, culminaria com a Proclamação da República, o valoroso Matogrossense, lado a lado de Quintino Bocayuva, Salvador de Mendonça e outros ardorosos polemistas, pôz á disposição dos ideais libertários toda a têmpera do seu entusiasmo patriótico, toda a tenacidade e fulgor da inteligência eleita.

Tornado ao seio da sua Gente e da sua Terra, em sucessivas e retumbantes campanhas eleitorais, fez-se Senador por Mato Grosso, honrando o mandato que conquistara, em memorável pleito, em que concorriam contendores de escol, da estatura e da fibra de Joaquim Murinho!

Ser-me-ia grato rememorar algumas das fases da sua operosidade jornalística e política, transcrevendo trechos dos inumeros discursos parlamentares e artigos de jornais, não fôra a exiguidade deste escôrço e o estudo meticoloso já realizado por um Acadêmico de saudosa memória, o imortal OVIDIO DE PAULA CORRÊA, quem, esgotando, em abundos e completa tessitura, os profusos mananciais de atributos morais e culturais do Patrono da Cadeira n.º 24, da Casa Barão de Melgaço, nos deixou, a mim e ao meu antecessor, a consolação confortadora de termos visto tão bem esculpidas e tão bem cinzeladas um Vida e um Óbra.

Que mais, então, poderia acrescentar, como contribuição ao elogio de AQUILINO DO AMARAL?!

«A importância de uma Era, afirma-nos LUDWIG, depende somente do que ela deixou atraz de si: arte, sabedoria, lembrança de uma geração que se immortalizou ou do carater de um grande homem»

Parafraseando o inimitavel autor de "O Mediterrâneo", ajuntarei quem o valor do Mitogrossense, a que rendemos o culto desta noite, reside no que deixou atraz de sua vida: exemplos, virtudes, nobreza, honradez e patriotismo!

UM NOVO MILTON

Lendo e relendo, com carinho e admiração, com profunda admiração, o trabalho lapidar com que FRANCISCO BIANCO FILHO mimoseou os apreciadores da arte literaria, ao cingir a corôa simbólica da Imortalidade Academica, senti-me, devêras, pequenino, humilde e incapaz. . .

Transuda da opulência cultural do ilustre Mineiro, que a morte tão cedo roubou ao nosso convívio, a excelsitude de uma inteligência excepcional, que as meditações, o aprendizado constante, o treino da língua vernácula e, principalmente, o adejar de uma imaginação abundante, fertilizaram para as grandes pompas das menses literárias!

Á elegância do estilo todo êle. Á exuberância de uma linguagem escorreita, ao polimento das frases primorosas, rítmicas e sonoras, juntam-se a erudição do apaixonado da literatura Grega, o adextramento do cultuador dos classicos latinos, o manejo do saboreador de Hugo, Dumas, Batisbonne e De Lisle, —a sólida sabedoria histórica e, sobretudo, a nítida compreensão da oportunidade dos temas, a elevação dos conceitos, a aguda penetração do sentido estético.

Falando na Academia Franceza, sobre Anatole France, em seu discurso de posse, Paul Valéry teceu os seguintes comentários:

“Gostaram, logo, de uma linguagem, que se poderia apreciar sem muito esforço, que eluzia pela aparência tão natural cuja limpidez, de certo modo, deixava transparecer, ás vezes, uma segunda intenção, nada misteriosa”.

“Haverá algo mais precioso que a ilusão deliciosa da clareza transmitida pela ideia de nos enriquecermos sem esforço, de sentirmos prazer sem qualquer incômodo, de compreendermos sem prestar atenção, de gozarmos o espetáculo sem pagar?”

Á harmonia e á beleza da forma literária de Bianco Filho se vem casar essa graça: a singeleza.

Não ha nela o rebuscamento que enfeia, nem a preocupação de impressionar pela fartura.

O seu estilo é leve e elevado, sem ser pedante; a sua dialética é apurada, sem ser excessiva; a sua Óbra literária, ela toda, é um sonoro poêma: é uma sinfonia da inteligência!

Quer no Magistério, que exerceu em várias oportunidades, quer no jornalismo, através de órgãos da Imprensa das Capitais e do Interior, quer nos arroubos tribunícios, a sua palavra sempre foi facil, elegante, bonita, simpática e alegre.

Senão, vejamos um detalhe da portentosa peça acadêmica, ao referir-se a Ovidio de Paula Corrêa.

“É que, como seu pai e seu irmão, dirigidas as energias do espirito para o magistério, como homem de cultura e para o bem da coletividade, como homem público, foi honesto e sincero nos seus propósitos, pelo que, de antemão, se condenara, a si-mesmo, á pobreza franciscana de que tanto se ensoberbecem o professor e o magistrado, no nosso País.”

Ai, temos um exemplo frizante da riqueza da sua linguagem da clareza do seu pensamento, da simplicidade da forma e da opulência de ideias.

Num pequeno período definiu a situação social e financeira do nosso magistrado e do nosso professor, descreveu os pendores naturais do elogiado, referiu-se á sua ilustre familia e, chistosamente, traça a sorte dos que se "ensoberbecem" no exercicio sacerdotal de duas das mais notáveis e mal recompensadas profissões.

A vida de Bianco Filho foi, toda ela, o papel carbonado da sua Obra literária.

A singeleza do estro e a beleza artistica provinham da disciplina que se impunha aos próprios hábitos, da modestia com que se acostumara, da superioridade do seu espirito, dos lampejos do seu idealismo.

Cultivava, carinhosamente, Homero e Propércio, sem, contudo, querer mal a Claudel, Rimbaud ou Verlaine!

As suas mais recônditas saudades, êle o confessara, despontavam "aos pianissimos dessas berceuses, que a sublime inspiração de Cherubini, em Branca de Proença, de Rubstein, do divinal Chopin, nos legaram, na emotividade das composições imortais."

Vivia para a arte, vivia para a ciência, vivia para o Direito, para a Justiça, para a Religião e para a Humanidade!

GIDE descreve, em "LA PORTE ETROITE," um solar poético, cercado de muros, o jardim retangular, formando, deante da casa, um quadro de relva sombreado, com um caminho de areia e cascalho, em volta."

Não sei de maior semelhança com a aprazível vivenda de Bianco Filho, nos remansosos sítios do Coxipó da Ponte, o seu Paraíso, o seu "Paradise Lost", como a chamou certa vez, aqui mesmo, deste sodalício, este modestissimo beletista que, sem ser cego, em qualquer Pátria se chamaria MILTON!

Bianco Filho foi todo sentido estético, beleza, superioridade e Ideal.

A sua Obra, se não é vultosa, contem todas as cintilações das joias raras, suprindo com a excelsa qualidade o exiguo da sua extensão.

E, mais que cintilante a sua vida é um exemplo.

Modesto provinciano da cidade de Bicas, em Minas Gerais, certo dia, demandou a Capital da República, onde, mercê da sua tenacidade dos seus esforços e da sua vontade ferrea, conseguiu diplomar-se em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito do Rio, com pouco mais de 18 primaveras.

Ao participar da fundação do "Grémio Cândido de Oliveira", já, revelava as tendências literárias que, ânos depois, o sagraram, neste formoso Panteon Matogrossense, um dos mais vívidos ornamentos da Cultura e da Ciência.

No calor da palavra sempre enérgica, no entusiasmo juvenil daquele ardoroso estudante de Direito, que colara grão em Dezembro de 19, já despontavam a combatividade cívica e a ascendente determinação para radiosos destinos.

Foi, incontestavelmente, a palavra, a palavra quente, a palavra inflamada, a palavra vibrante, a alma de Bianco Filho cantando nas clarinadas dos arroubos oratórios, que lhe abria os portais da Glória e da Imortalidade!

E, não foi outro o eacanto que o conduziu para os mofedidos campos das lutas partidárias, nem foram outras as razões que o compeliram á iniciação no periodismo politico, destacando-se, em breve, como jornalista emérito, através das páginas tradicionais de "A Pátria" e de "Rio Jornal".

A exemplo do Visconde do Rio Branco, foi aluno e mestre. Como só o jornalismo não bastasse e as mesadas não chegassem, dedicou-se ao magistério, aproveitando as naturais inclinações para a dissertação e para a cátedra.

Jornalista, orador e professor, eram estas as credenciais que o encaminhariam, pelas mãos do Interventor Antonino Mena Gonçalves, a um lugar de destaque na administração de Mato Grosso, onde ponde revelar os dotes de caráter que o recomendaram ao respeito e á admiração do Povo do meu Estado.

Quiz o destino caprichoso fôsse o mais insignificante aluno de Bianco Filho, no Ginásio Municipal. D. Boseo, quem nesta hora de gala e de saudade, lhe viesse exaltar as peregrinas virtudes e enaltar lhe os feitos vitoriosos.

É um privilégio, que vale por um prêmio, eis que me ficou do mestre querido, no rápido convívio de alguns meses a nítida impressão do seu valor, e da sua bondade, e da sua eloquência, e do seu talento.

Apenas o conhecia e, certa vez, participava de um movimento humanitário, a prol das crincinhas necessitadas.

A sessão de abertura estava marcada para as 19 horas, na sede Social do Rádio Club.

O salão repleto regorgitava de espectadores e curiosos.

Á hora convencionada, a assistência se impicentava: olhares furtivos, discretas reclamações, pigarros, sussurros e cochichos. Enfim, a sessão se atrasava.

Faltaria, possivelmente, a figura central do espetáculo.

Foi senão quando surgiu Bianco Filho.

Não era êle quem faltava; êle substituiu o faltoso.

E, o fez de modo extraordinário, impressionante, com aquela sem-cerimônia que todos lhe admiravamos, com aquela displícência que raiava pelas bandas da boemia!

E, em dado momento, explicou com graça, sem maldade, revelando a grandeza do seu espirito.

Às vezes, o espetáculo está por começar; a galeria está repleta e impaciente; o artista principal sofre uma torcedura, - quem sabe perdeu a irmã ou a filhinha querida . . . É preciso protelar um pouco; há que roubar tempo à plateia e se recorre ao velho truque de um comediante inesperado, para fazer rir a garotada . . . Eu sou esse comediante!!!.”

Não é necessário dizer que a explicação serviu e o sucesso foi completo.

Haverá, no Mefistófeles, de Goethe, alguma cena tão emocionante ? ! ?

Magistrado impoluto, a sua toga se dignificou das sentenças justiceiras e humanas, em que a obediência às regras do Direito não excluía a prática da Bondade e da Clemência.

Cultuador da Moral, apóstolo do Bem, amante da Verdade, visionário das supremas virtudes, Bianco Filho tinha a nobreza como símbolo e a beleza como Ideal.

Leu e assimilou Platão . . .

Contam os seus íntimos que, ao pressentir a aproximação da morte, o nosso saudoso co-irmão se deu pressa em chamar uma doméstica e ordenar incisivamente:

“Aumenta o volume do rádio. Quero morrer ouvindo música!!!”

Alma de sonhador! Alma de artista! Alma de poeta! . . . Bianco Filho!!!

PALAVRAS FINAIS

Senhores Acadêmicos

Pela identidade de aspirações e idealismos, que tão alto projetaram, aos olhos da posteridade, os nomes de Aquilino do Amaral e Bianco Filho, bem se pôde aquilatar da grandiosidade e expressão cultural deste Cenáculo, que a pugnacidade e a obstinação construtiva de José de Mesquita realizaram, para gáudio da inteligência e para a consagração dos brasileiros que servem às Letras, servindo a Deus e à Pátria.

Compreendereis a minha indiscriminável emoção, quando vos confidenciar que o obscuro acadêmico, ao qual honrais com esta apoteótica recepção, é o mesmo menino sertanejo que, em um lindo dia de primavera, num aprazível arraial fronteiriço, do nosso Estado, da Escola de D. Madalena, recebia um mimo das mãos santas daquele que, - esperança radiosa do Povo Matogrossense, através um Governo de conciliação, - pontifica nesta Casa como

Discurso Oficial de Recepção

pele Acadêmico

Dr. José Jaime Ferreira de Vasconcellos,

Exmo. Sr. Governador do Estado
Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo de Cuiabá
Exmo. Sr. Presidente do Tribunal, de Justiça
Exmo. Sr. Presidente da Assembléa Legislativa
Exmos. Srs. Secretários do Estado
Exmo. Sr. Prefeito da Capital
Digaíssimas Autoridades
Exmas. Senhoras
Meus Srs.

Senhor Presidente da Academia e Senhores Acadêmicos
Prezado, Ilustre confrade JARI GOMES:

Acabo de ler, num dos jornais da cadeia dos "Diários Associados," o resumo de um discurso do líder incontestável da nossa grande imprensa, e prestigioso apóstolo das mais belas e filantrópicas campanhas destes últimos lustros de nossa vida republicana, êsse fascinante pensador que é Assis Chateaubriand, em que o mesmo, falando numa solenidade aviatória em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, teceu, nestas palavras lapidadas o elogio dos discursos breves:

"Uma impertinente afirmação da personalidade dos que se servem do verbo neste paíz, é o abuso do tempo dos ouvintes. O verbo, entre os brasileiros, é um lençol amazônico. Nêle se encontra quaso sempre

o exercício fatigante de uma vulgaridade de conceitos, envolvendo batalhas cruentas contra o espírito. Devido à compreensão nem sempre justa dos valores da eloqüência, exercemo-la em condições de incompatibilizar com o bom gosto as formas breves, distintas da verdadeira criação literária”.

Respeitarei o ensinamento precioso e oportuno, no cumprimento do excelso mandato de, em nome da Academia Matogrossense de Letras, dar as boas vindas ao nosso novel confrade, acadêmico JARI GOMES, para cuja recepção a CASA BARÃO DE MELGAÇO hoje se abre, festivamente, nesta formosa reunião social, a que os mais destacados valores da nossa cultura, distintas senhoras e gentis senhoritas do *set* cuiabano, quizeram com a sua presença, como que referendar de modo expressivo e publicamente aprovar a eleição acadêmica do brilhante poeta, médico e jornalista matogrossense JARI GOMES.

E ainda, por um caso feliz, aqui temos, também, hoje, a honrar a Academia Matogrossense de Letras com suas ilustres presenças — o que muito nos desvanecê, — o eminente Sr. Ministro da Aeronáutica, o preclaro Governador do Território do Acre — distintíssimo oficial superior de engenharia e grande amigo de Mato-Grosso, — e o Sr. Brigadeiro comandante da 4ª Zona, a que pertencem as bases aéreas de Mato-Grosso

O JORNALISMO, A POLÍTICA, AS LETRAS

Fez época uma frase ao grande Ruy atribuindo à imprensa a responsabilidade dos ultrajes ao venáculo. A pressa, que o mestre insigne considerava inimiga da perfeição, levava o articulista a sacrificar as regras de sintaxe para não perder o sentido de um «suelto».

Um filólogo, dos mais eminentes, Candido de Figueiredo, defensor da linguagem castiça, costumava atirar aos jornais a culpa da vulgarização de vocábulos estranhos e de construções contrárias as boas regras de gramática.

Como estes dois mestres da língua, muitos investiram contra os órgãos de imprensa.

Ninguém pôde, em sã consciência, contestar a procedência dos juízos de tão preclaras figuras, como de outros eminentes vultos que aplaudiram e subscreveram tais conceitos.

São os jamais, entretanto, pequenas enciclopédias, exigindo dos que nêles labutam, sobretudo no interior, uma preparação o-

nimoda, em que hão de abrir caminho, inevitavelmente os clássicos senões que o leitor inteligente corrigirá, segundo os velhos chavões publicitários.

Porque temos de distinguir, ainda, o jornalismo de província, da imprensa das grandes metrópoles.

O primeiro conserva as linhas originais de inspiração, votado a um sacerdócio. Só uma vocação apostolar permite que surjam e consente que vivam os jornais provincianos, que têm sido os artifices da educação das massas no interior do país. Com as conquistas da ciência a serviço da técnica, no mais importante e moderno setor das comunicações, que é o rádio, os jornais do interior, em sua maioria semanários (e a etimologia da palavra jornal não os exclue da classificação) viram limitado o seu campo informativo, sem que, no entanto, perdessem a expressão adquirida no seu campo de circulação.

Deve-se isto á constância dos que militam nessa esquecida esfera jornalística e, sobretudo, ao seu espírito público, que envolve a renúncia ás compensações imediatistas.

Não ha industria jornalística senão nos grandes centros, onde a venda avulsa anima a venda dos espaço de publicidade, conferindo aos jornais a capacidade de unir a doutrinação dos artigos á contribuição de ensaistas, sem prejuizo das mais variadas secções de interesse de toda a classe de leitores.

Aqui entretanto, o que nos deve prender a atenção em face do ilustre recipiendário, é precisamente o jornalismo de província até hoje conservado a distância do mercantilismo.

E a esta modalidade de imprensa, senhores, forçosamente havemos de convir que não se applicariam os juizos de Rui Barbosa e Candido de Figueredo porque ela se rege em função de outras normas e objetivos.

Fundar um jornal no interior ou ligar se á sua vida constitue o indício certo, irrecusável da vocação leteraria e se a imprensa das grandes cidades, absorvendo o escritor, leva-o a trocar pela pressa o ideal da perfeição na frase, o fenômeno dos pequenos centros é o inverso, porque só o jornal prepara os escritores.

Forma-se no espirito do jornalista do interior o espirito de auto-critica e ajuda-o sem duvida a critica dos leitores cujos comentários acompanham a sua formação literaria. E' uma escola, um cenáculo, o jornal da provincia.

Nossa historia literaria está cheia de exemplos dos triunfos retumbantes de homens de letras que tiveram sua fase inicial nas colunas de semanarios do interior. Quem não se lembra do êxito das poliantéias?

Dir-se á que a politica levada a extremos de competição nas lutas regionais, afastava elocuborações literarias dos arroubos poéticos, os que se envolviam no jornalismo provinciano, conduzindo

—os ao caminho das polêmicas, nas quais dificilmente se evitam as retaliações pessoais, seguidas as vezes de esforço físico.

Na verdade, a influência das lutas partidárias no jornalismo do interior criou situações desagradáveis. E as lutas partidárias são o que podemos chamar, no curso de nossa vida democrática, a política, pois, que tem sido mera figura de retórica a existência de programas.

A outorga de âmbito nacional aos partidos, na história republicana, decorreu de um diploma expedido pelos poderes da União em hora de trevas da democracia. Não resultou de uma consciência das forças de opinião, das elites ou das massas. Assim, pois, nenhuma cambiante teríamos que fazer nas leves tintas do debuxo dêste quadro no instante que vivemos.

Serve esta breve digressão, contudo, para mostrar que a política, nos termos em que a temos colocado, pode ser elemento de perturbação da vida literária, o que não acontece com o jornalismo quando exercício sem a pressão das conjunturas de luta partidária.

Mesmo assim, porém, há os que se colocam, na política, na nossa política, segundo as regras da elegância de atitudes, que os ingleses, mestres de democracia, chamam "fair play".

Os que fiéis á vocação literária e aos deveres apostolares do jornalismo, conseguem afastar, com os punhos de renda as urzes do caminho, não são tragados pelo carrascal das incompatibilidades, no exercício das investigações desinteressadas e do culto das belas letras, com o debate dos problemas de lutas partidárias.

Tal é, como ninguém aqui desconhece, a posição do polígrafo que ora penetra os Humbrais dêste douto sodalício, para honrá-lo com as fulgurações da sua inteligência aprimorada no trato das letras, do jornalismo e da política.

Seus títulos, no exercício de quaisquer das três atividades, dar-lhe-iam condições exponenciais para ocupar a cadeira que lhe destinamos nesta Casa, porque, nas letras—a poesia e a prosa—como no jornalismo e ainda na política, o que conta é a sua figura de intelectual.

Foi a intelectualidade, cultuada e revelada no jornalismo, na poesia, na política, em conjunto ou no isolamento de cada uma dessas formas de expressão da inteligência, que conduziu ao mais alto cenáculo das letras, no Brasil, Alcindo Guanabara, Barbosa Lima Sobrinho, Felix Pacheco, Octavio Mangabeira, João Neves da Fontoura.

Aqui temos, JARI GOMES, como poeta e escritor, como jornalista e político, porque a sua inteligência rutilante animou de revéberos as manifestações de sua personalidade ilustre nestes campos do pensamento e da ação do homem.

OS MÉDICOS, A POLÍTICA E AS LETRAS

Mas se o ilustre recipiendario, fiel ao seu pendor literário e a sua vocação poética, não se deixou tragar pela política e pelo jornalismo, melhor ainda revelou a força de sua inclinação pelas belas letras no campo de sua profissão de médico.

Seria preciso um longo retrocesso ao passado, para sentir desde quando se irmanaram, dentro dos temas próprios, as artes e a ciência, as indagações especulativas e as expressões desinteressadas, para levantar dentro da aridez de uma exposição de fatos da natureza humana ou do cosmos, a suavidade musical dos enredos e a harmonia das formas poéticas.

Constituiria uma tarefa de que nos sentimos dispensados ante a evidência desta simbiose magnífica de homens da ciência com a literatura, á qual devemos a possibilidade de invadir, como leigos, o domínio das mais arduas investigações científicas.

Levando para o estudo profissional a chama interior do pensamento literario, pode o médico fazer do seu proprio campo de ciencia o motivo de paginas da literatura ou, muitas vezes, ferir um tema alheio ao campo medico dentro do angulo de sua intimidade com os problemas da natureza humana.

De uma ou de outra maneira, realiza um trabalho que ajuda a expressão e torna mais compreensível o estudo dos personagens com que joga, na tessitura das obras de ficção, ou nas paginas de ensaio e de critica.

Honram a história literaria do Brasil grandes figuras da medicina, que se exalçaram no debate dos temas da proficção ou foram buscar no romance e na poesia os motivos de manifestação da sua inteligencia, servida pelos estudos da biologia, na sua mais ampla acepção.

Austregesilo (Antonio Austregesilo) estudando o caráter através da sua especialização no campo da medicina psico-somatica, Afranio Peixoto, expondo os temas pelo angulo medico-juridico de seus estudos de Medicina Legal, e tantos outros luminares das letras no Brasil, justificam a premissa de que parti para o estudo da personalidade do novo membro da Academia Matogrossense de Letras sob o aspecto de sua formação literaria realçada pelo estudo da ciencia medica.

Ainda aqui, Snrs., cumpre salientar, como o fiz no capitulo dedicado ao jornalismo, a profunda diferenca que marca o exercicio da medicina nos grande e pequeno centros. Tal como no imprensa se distingue o jornal do interior do das grandes cidades, sob batismos consagrados, que não podemos ver como ofensa (e neste caso estou em dentidade de classificação com o ilustre recipiendario na minha vida jornalística) - temos o jornal provinciando e

o médico de roça, envolvendo-se nesta categoria, por uma impenitente e tácida hierarquia das metrópoles mais adiantada, as próprias capitais onde o censo demográfico acusa menores índices de população.

Para o médico de roça como para o jornalista provinciano, entretando, astão reservadas as maiores dificuldades, porque têm ambos que abranger um campo vasto, sem delegação de atribuições, sem auxílios que os grandes centros proporcionam na divisão de trabalho.

Grande título, portanto que podemos usar com justa vanglória, porque êle nos confere qualidades para enfrentar, se necessário for, as altas esferas das profissões que abraçamos quando levados aos centros de onde nos vem, com laivos de ironia, a outorga daquele título, obtido, depois de igual curso e de prática idêntica, no mesmo ambiente em que se conservam os que marcham para as especializações e para as honrarias dos institutos e empresas dos grandes centros.

O médico no interior tem que ser também um sacerdote, no seu espírito de renúncia ao gozo dos bens terrenos. Não pode levar a profissão ao campo das industrializações. Mas tem a recompensa do amor de seus semelhantes, porque ninguém esquece a mão caridosa que salva da morte o pobre caboclo perdido na *jungle*.

Como estudamos a figura de JARY GOMES sob o aspecto sua carreira médica, em função da política e das letras, depois de ter examinado a sua atividade jornalística, seja-nos permitido entrar ainda em comparações que envolvem a vida do médico em relação " vida do jornalista nos centros menores.

E aí veremos (o que não é o caso da nossa Cuiabá nem de outras cidades importantes de Mato Grosso) que um jornalista trabalha, muitas vezes, sem o rádio, sem a máquina de escrever, sem as máquinas de composição (as linotipos), sem as rotativas ou rótoplanas, sem a estereotipia, sem o papel de bolina, o que não impede de obter, através das velhas formas da genial invenção de Gutenberg, a boa apresentação gráfica e a boa matéria editorial.

Também o médico, levado a pontos distantes, isolado do contato com os laboratórios, as instalações de raios X, as mesas operatórias, as autoclaves, toda a aparelhagem moderna, em suma, destinada às investigações cirúrgicas, realiza o seu trabalho com êxito, servido pela competência e sobretudo pelo amor da profissão.

Mesmo aquelas moléstias cuja etiologia ainda constitui um enigma para os grandes centros científicos, não assustam ou desanimam o médico do interior. E é dos relatórios desses abnegados missionários da ciência que partem os estudos para estabelecer as

regras de combate a toda uma série de morbus e endemias cujo ciclo desafia o conhecimento dos mais renomados mestres da medicina.

Pela ausculta e pelo toque, sem os estoscópios, sem os aparelhos que gravam os cardiogramas, sem as lâminas que acusam a presença de certos bacilos ou bacterias, os médicos do interior vão ao diagnóstico, guiados pela semiologia, e oferecem combate decisivo, salvando o paciente.

Sem lâmpadas para o campo operatório, realizam intervenções delicadas e salvam da morte, com a amputação de membros infectados, inúmeras criaturas.

É natural que alcancem, no coração de todos, uma aura de gratidão que se expressa, nos embates políticos, pela outorga de mandatos do povo agradecido. Foi o que ocorreu com o recipiendário, ao ser eleito Deputado Estadual.

Tem assim o médico, menos por inclinação do que pela insistência dos beneficiados, o ingresso às posições políticas.

Esta ascensão aleança sobretudo os que, na medicina, conservam a luzdo pensamento humanista e revelam, no estudo das situações, a flama literária que garante a generalização de um caso para a modalidade do interesse coletivo. Assim quero dizer que o médico, revelando capacidade para mostrar o sentido da sua luta desigual nos pequenos centros, impõe-se a confiança da sociedade para ser levado aos centros de onde a sua voz se possa ouvir para estender a todos os benefícios que uma parte da coletividade desfruta.

Eis aqui definida, em tintas que a minha capacidade não permite tornar mais vivas, as condições de que se reveste, no seio da coletividade matogrossense, JARY GOMES, como médico, escritor e poeta que o jornalismo, a política e a ciência não tiraram da sua primeira tenda iluminada.

Dados Biobibliográficos do Acadêmico Jary Gomes:

Nascido a 26 de Novembro de 1913, na cidade de Corumbá, Estado de Mato Grosso, contando, portanto, 36 anos. É filho do distinto casal José Maria Gomes Neto e de D. Eglantina de Barros Gomes.

Cursou parte do curso primário em Ponta Porã, concluindo-o no Instituto Pestalozzi de Campo Grande. Aluno do Ginásio Municipal D. Bosco, aí, se bacharelou em Ciências e Letras, em 1932.

Matriculou-se em 1933, na Escola de Medicina e Cirurgia, do Instituto Hanhemanniano do Brasil, tendo concluído o Curso Médico em 1939, quando colheu grau.

Médico do IAPI, em 1941, e a seguir médico da E.F. Noroeste do Brasil (logar que ainda ocupa, em caráter permanente).

Deputado à Assembléia Legislativa de Mato Grosso, na legislatura 1947 — 1950, e líder do P. S. D. em 1949.

Membro da Associação de Imprensa Matogrossense. Membro da Academia Matogrossense de Letras.

Escreve na Imprensa brasileira desde muito moço.

Entre outros órgãos, já, colaborou nas seguintes folhas:

«Tribuna Escolar» (extinto)	—	Campo Grande
«Cruzeiro do Sul	„	„
Folha da Serra	„	„
O Progressista	„	„
Jornal do Comércio	„	„
O Sul	„	Ponta Porã
Atualidade	„	Corumbá
Tribuna	„	„
O Momento	„	„
O Estado de Mato Grosso	„	Cuiabá
O Social Democrata	„	„
Folha Literária	„	„
Gazeta do Comércio	„	Três Lagoas
Caçula	„	„
Brasil-Portugal	„	Rio de Janeiro
Jornal das Moças	„	„
Paraná-Norte	„	Londrina-Paraná
Folha do Sul	„	„

Trabalhos Publicados:

- «Polianteia» (poesias) 1932
- «Discurso de Despedida» (pronunciado na Escola de Medicina — 1939)
- «Idéias e sugestões» (Crônicas — 1947)
- «Rumos à Colonização» (Ensaio geo-político — 1948)

A OBRA LITERÁRIA DE JARY GOMES:

Acreditamos, ante um rápido estudo da obra literária com que o novél recipiendário se nos apresenta, que os seus mais profundos pendores mentais são para a poesia. E o fato de sua habitual profissão ser a de médico, certamente, não lhe impedirá continuar a nos deleitar com os seus versos inspirados e cantantes. Afinal, Martins Fontes para somente citar um dos nos-

so: mais cintilantes poetas dos últimos tempos, tambému era médico, como igualmente médico é Júlio Dantas, o admirável autor dessa jóia aurilavrada que é "A OEIA DOS CARDIAIS", e que ainda fas poucos dias a Academia Brasileira de Letras aplaudiu.

Ao contrário de impedir os surtos da imaginação poética, parece-nos que a profissão do mádico, colocando-o mais em contato com as dores, os sofrimentos e as cruciantes angustias do corpo e da alma humana, serve para que a emotividade do verdadeiro poeta se alteie e se sublime.

Das quatro obras publicadas por JARI GOMES, que temos em mãos, o seu livros de versos "POLIANTELA", constitui, sem dúvida, o seu maior titulo como homem de letras. Escritos os lindos vereos que apresenta, em plena juventude, nem por isso o nosso caro confrade deívou de nêles focalizar os sérios aspetos da vida. Vejamos este soneto:

"Muitos há que dirão: "como é feliz"! Pudéra
Muitos hà que acreditam nessa farsa crua,
Nesse engodo cruel, nessa mentira núa,
Nessa mascara alegre, fantasia méra! . . .

* *

"No coração morreu-lhe a ultima chiméra,
e, entanto, ninguém diz ao ve-lo pela rua,
a dôr que o espezinha, a dôr que tumultua
no amigo de sua alma, como atroz pantera.

* *

"Que lhe importa o pezar tenaz que ao peito
[inquieta,
que importa se transforma as chagas do universo
em roseirais de rima e aromas de narciso?!

* *

"Desventurado artista, desditoso poeta,
—teu destino é fazer de uma ferida um verso,
teu destino é fazer da lagrima um sorriso!!!"

* *

JARI GOMES publicista que já conquistou renome entre nós, a pesar de poligrafo de largos recursos, prosador e ensaista, é, acima de tudo, e poeta e poeta será sempre, pois que a flama da poesia, dom natural que os mestres da metrificacão de versos não outorgam, não se extingue da formacão mer dos seus eleitos.

Retrato de mulher... uma lembrança,
uma história, um amor, uma saudade,
um ponto pequenino que descança,
no cenário, sem par, da mocidade...

Retrato de mulher... uma esperança...
e uma dúvida atroz. A atroz maldade.
...A perfídia. Entre o ódio e o amor Bonança.
desespero, perdão, serenidade.

Retrato de mulher... uma aventura,
um sonho delicioso mas partido.
pois todo e qualquer sonho pouco dura.

Ha,--- sempre claro, amor incompreendido,
cujas garras de mágoa o peito arqueja,
num retrato saudosos que se beija...



A suavidade dos seus versos de moço; a delicadeza do seu éstro, sugerem-nos o juízo crítico, certo desautorizado mas sincero, de que JARY GÓMES se vai situar, merecidamente, entre os nossos consagrados arrifices do Parnaso. nesta Cuiabá magnificente, cerebro de Mato Grosso e coração geográfico da América; nesta «Cidade Verde» tão querida, enaltecida pelas últimas palavras do eloquente discurso do recipiendário, que teceu um luminoso hino, "ao seu valor, as suas tradições e às suas glórias"

Meu brilhante confrade: Estais em vossa casa, e ao dar-vos as boas-vindas, em nome da Academia, que óra se sente jubiliosa por contar-vos entre os seus consócios, o orador convosco se congratula, vendo no vosso olhar o contentamento transbordante que vos emociona, e lendo em vosso pensamento o elevado sentido dos versos dionisíacos de Araujo Jorge, que certamente em vossa euforia relembraís:

«Não, eu não invejo ninguém... Eu tenho tudo,
[Senhor

As ruas as praças, os jardins, os caminhos,
as árvores, o mar, a alegria das crianças,
o ar com que encho os pulmões...
E o roído das ondas e o sussuro das folhas e a
[musica das águas,
e as cores e os perfumes, e as formas e os sons!

* * *

Eu tenho tudo, Senhor! Eu tenho tudo, Senhor!
Tenho demais talvez, porque ainda trago um co-
[ração

que compreende a grandeza
dessa graça
e a infinita beleza
dêsse amor...
Obrigado Senhor!

Sim, acadêmico JARY GOMES! Tendes tudo: mocidade, cultura e talento, E com esses aprimorados atributos, e o vosso mandato de Deputado, trabalhai para ajudar a nossa geração a modificar, a melhorar, o sombrio quadro que acertadamente traçais em vosso discurso de posse. Grande é a vossa responsabilidade, nesta encruzilhada dos desígnios da Civilização, como legislador consciente e patriota, e certo vos não servirão de escusa, perante a crítica da história, as dificuldades a enfrentar e o extenso ciclo da obra a realizar. Se cada um de nós, compreendendo o seu dever, contribuir, com a parcela do seu esforço destemeroso, para melhorar as condições da Humanidade, sem preocupação de vitórias imediatas ou de aplausos, muito se conseguirá. Mas precisamos agir, enfrentar os problemas—cada qual no setor de sua atividade—e, sentindo o quanto verdadeiro é o quadro que tracastes, marchar para a frente, quais soldados, nesta grandiosa campanha da defesa da nossa Civilização! E para isto contamos convosco, com o vosso valor e o vosso patriotismo.

AQUÍ



Palavra realizada pelo Professor Filólogo de Paula
Carrão em nome do Instituto Histórico de
Niterói-Grotao

Centenário de Joaquim Nabuco

**Sessão promovida pela Academia, com
o concurso de outras sociedades,
a 28 de Agosto de 1949**

**Palestra realizada pelo Professor Philogonio de Paula
Corrêa em nome do Instituto Historico de
Mato-Grosso.**

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araujo, era, pela sua formação genealógica, pelo seu fisico. pela sua organização moral, pela sua educação e pela sua cultura, um autêntico nobre.

A sua nobreza, como a dos demais fidalgos brasileiros que não pertenciam á familia imperial, provinha do seu próprio mérito e dos méritos do seu illustre progenitor, dos méritos dos que lhe eram mais chegados e por isso atuantes na sua formação.

Não poderia brasonar uma árvore genealógica roida pelo tempo, bichosa por maus feitos deslustradores dos atos heroicos daqueles que a plantaram.

A nobreza que o cercava no ambiente confortador da familia, toda ela sua contemporânea, era de molde a instilar no seu espirito as qualidades superiores do homem exemplo.

Era a do pai José Tomaz Nabuco de Araujo, Conselheiro e senador do Império, várias vezes Ministro de Estado, jornalista e politico autor do Projeto do Código Civil.

Era a dos seus irmãos José Tito e Sizemundo, advogados, magistrados e autores consagrados.

Era de Pedro de Alcântara Nabuco de Araujo, médico e autor de nomeada, especializado em assuntos da sua profissão.

Era a do magistrado brasileiro José Paulo de Figueiroa Nabuco de Araujo, ministro do Supremo Tribunal de Justiça.

Nascido na cidade do Recife da então provincia de Pernambuco, a 19 de Agosto de 1849, a influência, que o ambiente do seu nascimento devia exercer em sua vida futura, foi notavel.

Nabuco mesmo reconhece e proclama o valor dessa influência, nas páginas de saudade e recordação escritas na modelar autobiografia que é *Minha Formação*.

Em *Massangana*, capítulo de *Minha Formação*, mostra todo o amor que dedicava á terra onde correram os primeiros anos da sua vida e onde nasceu, no coração, a revolta contra a escravidão.

“Oh os santos pretos! Seriam êles os intercessores pela nossa infeliz terra, que regaram com seu sangue mas abençoaram com seu amor!”

«A gratidão estava do lado de quem dava, êles inorreram acreditando se os devedores»...

«Deus conserva ali o coração do escravo, como do animal fiel, longe do contacto contudo que o pudesse revoltar contra a sua dedicação.»

São da sua mocidade, da fase da poesia, os trabalhos em verso que produziu, escritos em francês, lingua que, como a ingleza, manejava com segura elegância:

Amour et Dieu—Le droit au meurtre—resposta ao *Tue-là* de A. Dumas Filho; *Pensées détachées et Souvenirs*—; trabalhos que Jaime Seguíer, com a sua proclamada autoridade, reconhece de autor seguro do seu pensamento e possuidor de um estilo claro, elegante e individual.

Viajando pela Europa Joaquim Nabuco percebeu que um novo mundo de emoções e de análise se desdobrava diante dos seus olhos de pensador e de apó tolo das causas grandes e nobres.

Já então, na imprensa e na tribuna, firmára repatação sólida de panfletário, de critico e de orador consumado.

“Odes” ao México e á Polônia, a tradução de “*Maria Stuart*”, de Schiller, artigos no “*Megascopo*” jornal manuscrito de estudantes, destacavam o jovem amigo das letras, desde quando ainda era êle aluno do Collegio Pedro II.

No inicio do seu curso acadêmico, em S. Paulo, curso concluido na Faculdade de Recife, ensaiou a sua luta na arena do jornalismo, atacando o ministério Zacarias, apoiado por seu pai, e publicando um ensaio no qual, como êle mesmo afirmou, tratou, “com a infabilidade dos seus 17 anos, sobre a infalibilidade do Papa.”

Na Europa tratou com pensadores eminentes, inclusive Renan, o autor que encantou a sua mocidade.

Ainda acadêmico ocupou por vezes a tribuna do juri, sempre em defesa do escravo.

Regressando ao Brasil trouxe o seu livro de versos “*Amour et Dieu*” e uma trégua inspirada na causa da Alsácia e Lorena *L’option*.

Nomeado adido de legação, por Cotegipe, em 1876, esteve

novamente na Inglaterra, de lá seguindo para os Estados Unidos, onde permaneceu até 1877.

Desviado da diplomacia para a politica, foi eleito deputado em 1878, estreando se em 1879 como orador parlamentar, causando logo ótima impressão pela sua eloquência encantadora, pelo seu desassombro de atitudes e pela beleza da sua frase, sempre impecavel, mesmo quando falava de improviso.

A todas as causas por êle tratadas, sobrepunha sempre a causa do escravo. Afastado do parlamento pela ogeriza do mundo official ao abolicionismo, foi correpondente em Londres do «Journal do Comercio» e colaborador do jornal «La Razon» de Montevideo.

Na capital da Inglaterra publicou o seu livro "o abolicionismo", abordando todas as faces da questão servil.

De Londres foi a Milão tomar parte no Congresso Juridico Internacional. Ai, sempre abolicionista, apresentou 5 artigos contra a escravidão perante o direito das gentes.

A sua recepção de volta ao Brasil em 1884, foi uma verdadeira consagração.

Mais uma vez representando Pernambuco na Câmara dos Deputados, teve a satisfação imensa de defender e provar o projeto que abolia a escravidão negra no Brasil a 13 de Maio de 1888.

Proclamada a república Nabuco, tendo negado sua adesão ao novo regime, continuou o seu trabalho como escritor, publicando então: «Balmaceda», «Minha Formação» e «Um estadista do Império», as suas produções de maior valor.

Da penumbra politica veio tira-lo, em 1899, o Dr. Olinto de Magalhães, ministro das Relações Exteriores do governo Campos Sales; que convidou o egrégio brasileiro para defensor dos interesses do Brasil na questão da Guiana Inglesa.

Dando cumprimento á sua missão com a competência e a dedicação que lhe eram habituais, foi nomeado nosso Ministro Plenipotenciário junto ao governo de S. M. Britânica, e, logo depois, embaixador do Brasil nos Estados Unidos, onde a sua cultura e a sua distinção, como pessoa, crearam-lhe notavel destaque nos meios diplomáticos.

Produziu, nos mais adiantados centros universitários norte americanos, notaveis conferencias sobre literatura e politica, sendo agraciado, em 1906, com o titulo de doutor pela Universidade de Colúmbia. Entusiasta da cultura da França e grande sabedor do Francês, as suas produções têm, entretanto, um cunho eminentemente brasileiro.

E o Brasil soube reconhecer a dedicação e o valor do seu illustre filho, recebendo-o em triunfo, em 1906, quando veio ao Rio presidir a 3ª Conferência Pan Americana.

Falecendo na terra de Washington em 1910 o seu corpo foi conduzido ao Rio em navio da marinha de guerra dos Estados Unidos.

O seu amor á lingua materna e a sua cultura literária e artistica produziram, em 1872, o livro— Camões e os Lusíadas, comemorativo do 3º centenário do grande poema.

Já embaixador nos Estados Unidos proferia em inglês em Yale, no Colégio Wassar e na Universidade de Cornell, as conferencias: O lugar de Camões na literatura; Camões, o poeta lirico e os Lusíadas como a epopeia do amor.

Na séde da Sociedade Brasileira contra a escravidão, fundada por êle, André Rebouças, Joaquim Serra e outros no ano de 1880, no Rio de Janeiro, pronunciou orações, sempre magistrais contra a escravidão.

O improviso em muitas dessas afamadas peças de eloquência impediu que elas fossem conhecidas do grande público.

O Instituto Historico e Geográfico Brasileiro e a Academia Brasileira de Letras, consagrados sodalícios onde pontificou o cerebro de Joaquim Nabuco, menos ávaros na guarda das suas preciosidades scientificas e literárias, divulgaram, nas páginas brilhantes das suas revistas, os trabalhos produzidos no seu seio pelo sócio illustre de invulgar benemerência.

Aos trabalhos produzidos depois do seu regresso da Europa em 1874, êle alude em "Minha Formação"— Fiz a pedido do Imperador, algumas conferencias na Escola da Glória, sobre o que tinha visto de Miguel Angelo, de Rafael e dos grandes pintores venezianos; fui colaborador literário do "Globo" e travei com José de Alencar uma polémica, em que receio ter tratado com a presunção e a injustiça da mocidade, o grande escritor.

Em 10 de fevereiro de 1888, 3 mezes antes da Áurea Lei, era recebido pelo papa Leão 13º, cujo silêncio em face do problema escravo, êle católico e abolicionista, não podia admitir, num tempo em que muitos teólogos pretendiam vêr, na escravidão negra, um justo castigo para os descendentes de Caim, conforme a maldição de Noé a Canaan, contida no versículo 25 do capitulo 9º do livro Gênesis, da Biblia: Maldito seja Canaan; servo dos servos seja a seus irmãos.

Na memoravel audiência, prolongada por três quartos de hora, em meio das golas do jubileu pontificio, ponderou Nabuco ao Papa da Rerum Novarum: Quando os bispos brasileiros começaram a falar com deliberação e de comum acôrdo a propósito do jubileu de vossa Santidade e a pedir a emancipação dos escravos como o melhor e o mais alto modo de o solenizar no Brasil, pensei que devia antes de tudo vir a Roma pedir a vossa Santi-

dade que completasse a obra daqueles pretados, condenando, em nome da Igreja, a escravidão.

Leão 13^o respondeu:— “O que tendes no coração, também tem a Igreja. A escravidão está condenada por ela e já devia há muito tempo ter acabado. O homem não póde ser escravo do homem. Todos são igualmente filhos de Deus. Senti-me vivamente tocado pela ação dos bispos, que aprovo completamente, por terem de acôrdo com os católicos do Brasil escolhido meu jubileu sacerdotal para essa grande iniciativa. . .

E’ preciso agora aproveitar a iniciativa dos bispos para apressar a emancipação. Vou falar nêsse sentido. Si a enciclica aparecerá no mês que vem ou depois da Páscoa não posso ainda dizer.

O que nós quizeramos, ponderou Nabuco, era que vossa Santidade falasse de modo que a sua voz chegasse ao Brasil antes da abertura do parlamento, que tem^o loger em Maio, a palavra de vossa Santidade exerceria a maior influênciã no ânimo do governo e da pequena parte do país que não quer ainda acompanhar o movimento nacional. Nós esperamos que Vossa Santidade diga uma palavra que prenda a consciênciã de todos os verdadeiros católicos».

Essa palavra eu a direi, podeis estar certo, e quando o Papa tiver falado, todos os católicos terão que obdecer».

Sua Santidade terminou com uma benção especial para a causa dos escravos.

Lamentavelmente a prometida enciclica só apareceu depois da Áurea Lei.

A diplomacia influiu na questão diante do alarme produzido no Ministério Conservador pela resolução pontificia, afirma Nabuco.

Isso não impediu que o Papa mandasse á Princeza Imperial a Rosa de Ouro. No seu regresso ao Brasil, estavam reservadas ao espirito do grande brasileiro duas emoções bem distintas: uma provocada pela Aurea Lei, a plena satisfação do seu ideal máximo integrado na própria razão da sua vida; outra, a consequente da quêda da monarquia, que o afastou para sempre da atividade politica, sem que, entretanto, privasse o Brasil do seu concurso como patriota.

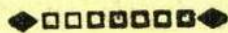
Foi a diplomacia o terreno neutro encontrado por Nabuco para continuar a ser brasileiro.

«A causa monárquica, escreve êle, devia ser o meu último contacto com a politica...

De 1889 a 1890 estou todo sob a impressão do 15 de novembro seguindo-se ao 13 de Maio, escrevo então os meus soliloquios em uma Tebaida onde podia andar centenas de milhas sem deparar com o refúgio de outro praticante...

Em 1891 minha maior impressão é a morte do Imperador. De 1892 a 1893 ha um intervalo: a religião afasta tudo mais, é o periodo da volta misteriosa, indefinivel da fé para mim verdadeira pomba do dilúvio universal, trazendo ramo da vida renascente»...

Na sua Tebaída buieta podia empregar o tempo na rumação intelectual pas cenas empolgantes da sua vida.



Discurso

Do Professor Nilo Póvoas, pela Academia Matogrossense de Letras

Exmo. Sr. Presidente da Academia Matogrossense
de Letras,

Excmas. Senhoras e senhorinhas,

Excmos. Senhores,

Meus ilustres confrades:

Em meio à genitura luminosa dos eminentes vultos da intelectualidade brasileira, sobressai, como uma das mais altas potências mentais, a figura simpática e atraente de Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araujo, de cujo nascimento o Brasil inteiro comemora o primeiro centenário.

É sobre a personalidade, tão nobremente acentuada, dêsse varão ilustre, que venho dizer-vos algumas palavras, a-fim-de que se não interrompa o côro das louvações que se erguem de todos os quadrantes do nosso país, numa justa e grandiosa consagração ao brasileiro genial, ao idealista combativo, ao orador impetuoso, “ao espirito” progressista e liberal na política, mas clássico e conservador na literatura”, no conceito esclarecido de Ronald de Carvalho.

Filho da lendária terra pernambucana, ninho de heróis e berço da nossa nacionalidade, foi na cidade do Recife que veio à luz Joaquim Nabuco, aos 19 de Agosto de 1849.

Dotado de grande agudeza de sensibilidade, de invulgar poder de imaginação e de notável elevação de pensa-

mento, intransigente nas suas opiniões, orgulhoso e audaz fadara-o o Destino para, com Rui Barbosa e Eduardo Prado, projetar do derradeiro quartel do século XIX, até aos nossos dias, numa progressão constante e magnífica, o fulgor da sua fascinante individualidade.

Iniciando os seus estudos de Humanidades no Imperial Colégio de Pedro II, bacharelou-se em Ciências e Letras em São Paulo, onde fez os três primeiros anos do Curso Jurídico, para concluí-lo na afamada Faculdade de Direito da sua terra natal. Joaquim Nabuco, como bem sentenciou Carlos de Laet, era possuidor de um talento de primeira ordem que, aliado às qualidades superiores do seu character, haveria de sagrá-lo uma das mais legítimas glórias da nossa Pátria.

Assim, forrado o seu espírito por uma sólida cultura humanística, e disciplinado rigorosamente pelas austeras locuções no campo da Ciência do Direito, atirou-se, Joaquim Nabuco à politica e ao jornalismo, que desde cedo o enfeitaram com as suas glórias falazes, servindo-se, para a defesa das suas idéias, de duas armas que êle sabia manejar a proceito: a palavra e a pena.

Refere Xavier Marques que ainda no primeiro ano do curso jurídico, em São Paulo, fundou o jovem Nabuco um jornal para dar combate ao ministério Zacarias, que apoiava seu pai, o velho Nabuco.

Receoso de que êsse fato pudesse parecer àlguem estranhável ou deselegante, escreveu Nabuco, justificando-se: "Meu pai escrevia-me que estudasse, que me deixasse de jornais, e, sobretudo, de atitudes políticas, em que se podia ver, senão uma inspiração, pelo menos, uma tolerância da parte dêle. Eu, porém, prezava muito a minha independência de jornalista, a minha emancipação de espírito; queria sentir-me livre, julgava-me comprometido perante a minha classe, (acadêmica), e, assim iludia, sem pensar desobedecer, o desejo de meu pai, que provavelmente, não ligava grande importância à minha opposição ao ministério amigo."

E foi assim que o vimos, sempre altivo e varonil, espírito nobre e emancipado, a bater-se, com a bravura e a galhardia de um justador medieval, nos prélios memoráveis em que se empenhara.

Como um dos fundadores e primeiro diretor do *Jornal do Brasil*, órgão que, nas suas origens, se constituiu um dos mais lídimos padrões de glória da imprensa brasileira, defendeu heroicamente as idéias monarquistas, e, o lado de Gusmão Lobo, Sancho de Barros Pimentel, José Veríssimo e Constâncio Alves, enfrentou a sanha implacável dos jacobinos republicanos, que culminou com a suspensão da circulação do jornal, numa demonstração frisante de que nunca agrada ao Poder o devassamento da verdade, e o *Jornal do Brasil*, segundo informa Carlos de Laet, primava em dizer verdades bem duras a toda a gente.

Deputado geral, perlustrou, em várias legislaturas a tribuna parlamentar, deixando na Câmara dos Deputados os rastros indeléveis do seu talento perigrino e o exemplo portentoso do seu acendrado patriotismo.

A sua palavra, sempre persuasiva e grandiloqua, tinha a força que convence e a magia que arrebatava. Foi Nabuco um dos maiores oradores parlamentares do seu tempo. A assembléa, respeitosa e reverente, o escutava e aplaudia. E que assembléa! Uma assembléa em que tinham assento, não os escaravelhos da política, essas figurinhas de fantoches sem talento e sem expressão política, salvo honrosas exceções, mas homens da envergadura de um Barão de Cotegipe, de um Murinho, de um Ferreira Viana, de um Conselheiro Lafayette Pereira e tantos outros conspícuos e prestigiosos expoentes da cultura brasileira.

Politicamente, Nabuco foi um grande idealista, afeiçoado ao regime monárquico. A política que êle apostolava, porém, era a sã política, emanação sublime do Ideal da Moral e da Razão. Não era a torpe politicagem de campanário, que se desenvolve ao sabor das camarilhas, por entre os *despistamentos* e as trampolinagens de toda a

espécie, em que o ideal é uma utopia, a moral uma hipótese e a razão um mero jôgo de palavras. Não era uma política de subversão social, de oportunismo vantajoso e fácil e de choques de interêsses personalistas, em que os apetites se atropelam, em detrimento dos superiores interêsses da nação, mas a política elevada, em que se debatem princípios, em que se assentam planos capazes de assegurar a ordem e a harmonia no seio das sociedades, a estabilidade das instituições a fôrça e a soberania da nação.

Da sua atividade nesse sector, nos dão notícia os seus memoráveis discursos parlamentares que honram os anais da Câmara dos Deputados, em que não sabemos o que mais admirar; se os ensinamentos substanciosos do sábio, se o raciocínio sutil e vigoroso do pensador se a beleza peregrina da fôrma. Nabuco foi um artista primoroso da palavra escrita e falada.

A sua actuação social foi das mais brilhantes e expressivas. Os seus artigos, que os jornais de tempo publicaram; os seus discursos, que as multidões frenéticas aplaudiram na praça pública, nas diversas jornadas civicas a que emprestou o prestígio do seu nome, os seus panfletos e conferências com que defendeu a liberdade religiosa contra a pretensa intolerância da igreja católica, são outros tantos testemunhos da sua atividade intelectual e do interêsse com que versou os mais transcendentos problemas que agitaram os espíritos no decurso do segundo império.

A respeito, porém, da sua atitude na célebre Questão Religiosa, é necessário que se ouça a confissão que fez Nabuco: «Do que preciso fazer renúncia, em favor das traças que os consuniram, é de tudo o que nesses opúsculos escrevi em espírito de antagonismo à religião, com a mais soberba incompreensão de seu papel e da necessidade, superior a qualquer outra, de aumentar a sua influência, a sua ação formadora, em todo o caso consolador, em nossa vida pública e em nossos costumes nacionais, no fundo transmissível da sociedade».

Como se vê, é êle mesmo quem vem, num nobre gesto de sinceridade e de desassômbro, lançar a mais formal condenação a tudo o que saiu da sua bôca e da sua pena contra a religião católica, ditada pela *soberba incompreensão* do seu papel superior e da sua necessidade indeclinável na nossa vida pública e nos nossos costumes nacionais.

Onde, porém, o seu espírito liberal se manifestou em tôda a sua pujante exaltação, foi na célebre arrancada abolicionista, em que se revigoraram as suas energias, e a que ligou para sempre o seu nome, como um dos mais indefessos batalhadores. É que Nabuco considerava o abolicionismo, antes de tudo e sobretudo, como um imperativo da Humanidade e da Civilização. E foi impellido por essa convicção, que êle o defendeu, com tôdas as veras da sua alma, com todo o ardor do seu patriotismo. Nabuco era sincero e sentimental e a tragédia da escravaria de Massangana não poderia deixar de comover o seu coração e de arrastá-lo à luta em prol da sua extinção. Formando ao lado de José Patrocínio, a figura máxima do abolicionismo, e de outros revolucionarios, formou essa corrente impetuosa de idéias, que se foi avolumando, até se transformar no ululante vendaval que varreu, para sempre, da nossa pátria, a mancha que a enodoava e aviltava.

Nas lutas sustentadas em defesa do regime federalista contra a corrente centralizadora, que apaixonou, sobremaneira o espírito público, vimo-lo, intemorato atleta da palavra, terçar armas com os mais denodados campeões do jornalismo brasileiro, imprimindo sempre aos seus escritos distinção e a elegância de estilo que caracteriza o artista. As suas obras em que a preocupação da ordem e do equilíbrio dos conceitos se casa com o esmêro do estilo e o primor da linguagem, denuncia a influência do humanismo greco-romano, temperado pelo tom irônico de Renan.

Se notável foi a sua obra como político, como parlamentar e como jornalista, não menos merecedora de estima foi a contribuição da sua inteligência nos domínios da história e da crítica.

Referindo-se a essa feição do talento de Nabuco, escreveu o brilhante crítico Ronald de Carvalho: "A história, nas suas mãos, era uma arte fina e delicada, como vida e brilhante, onde as idéias e o estilo corriam de par com o mesmo fulgor e o mesmo encantamento persuasivo. Há páginas suas que lembram Michelet pela magia da imagem, pela vibração do pensamento, pela rapidez da visão e, especialmente, pela força sugestiva da sua eloquência espontânea e transfiguradora".

"Nunca descaiu nos preciosismos da ênfase, disse Oliveira Viana e pôde manter nas suas orações, de uma forma invariável, esse equilíbrio ático, que os temperamentos verdadeiramente artísticos sabem encontrar, mesmo nos maiores lances de inspiração e de entusiasmo."

Estilo elegante e sem refinamentos retóricos, a sua linguagem, deflue clara e cantante sobre um leito forrado de diamantes.

Três livros preciosos dão a medida exata de seu talento e firmam o seu mérito de grande, de um dos maiores escritores brasileiros: *Um Estadista do Império*, em que traça o perfil do próprio pai, o Senador José Tomaz Nabuco de Araujo, e a perspectiva do Brasil imperial, um quadro forte, vivo e original daquela época, no conceito de Tristão da Cunha; *Balmaceda e a guerra civil do Chile*, em que procura tirar da revolução chilena uma lição política; *A Intervenção estrangeira durante a revolta de 1893*.

Além dessas obras, que revelam as suas aptidões como historiador e como sociólogo, os seus dotes de estilista de escol e o seu idealismo patriótico publicou Nabuco outras obras importantes, inclusive *Discursos e Conferências nos Estados Unidos*, em inglês.

Minha Formação, livro que é uma auto-biografia do autor, encerra páginas admiráveis pela beleza do estilo e perfeição da linguagem, dignas de se emparelharem com as melhores páginas de Machado de Assis ou de Rui Barbosa.

Também na diplomacia prestou Joaquim Nabuco os mais assinalados serviços a Pátria, já como Ministro plenipotenciário e enviado extraordinário em Londres, onde

defendeu bravamente os direitos do Brasil na célebre questão de limites com a Guiana Inglesa, já como embaixador nos Estados Unidos, onde a sua cultura literária e científica atraiu um vasto círculo de admiradores e amigos, em cujo número figurava o grande Roosevelt.

Ainda perdura em a nossa memória, e a revista *Cruzeiro*, em sua edição dêste mês, a reavivou em interessante reportagem, ilustrada, a lembrança da memorável Conferência Pan-Americana, realizada no Rio de Janeiro, em 1906, no govêrno de Rodrigues Alves, de que foi a alma o prestigioso Chanceler Brasileiro, com a colaboração do inolvidável Barão do Rio Branco.

Esse esplêndido conclave internacional, que marcou uma época nos fastos da diplomacia brasileira e que rasgou novos horizontes à nossa política continental, constituiu um atestado eloquente da extraordinária clarividência e do alto tino político do estadista patricio, que nele vislumbrou um grande interêsse para o Brasil, que dessa arte se colocou como vanguardeiro da política Pan-Americana.

Senhores: Joaquim Nabuco soube ser grande em tudo, imprimindo em todos os seus atos e atitudes o cunho de uma delicadeza e elegância aristocrática. Monarquista de princípios, foi êle o último defensor do Império, mesmo arrostando o perigo da própria vida. E, quando a República entrou de evoluir para as idéias conservadoras, não se dedignou êle de atende-la quando ela solicitou o concurso do seu patriotismo. Político militante, soube conservar o seu prestígio e a auréola da estima e consideração pública, através das crises mais agudas de partidarismos exaltados.

A vida dêsse grande brasileiro foi tôda ela pontilhada dos mais comovedores exemplos de civismo e de patriotismo; uma página repleta dos mais revelantes serviço á Pátria, um bellissimo espelho para a mocidade brasileira que na ânsia de subir, não escolhe o caminho, precipitando-se muitas vezes por atalhos escabrosos. em que se deixam ferir pelos espinhos da indignidade e da deshonra.

Joaquim Nabuco chegou ás culminância da sua carreira político, jornalística e literária sem jamais perder a elegância e beleza da sua integridade moral.

Nabuco honrou o Instituto Histórico Brasileiro e magnificou a Academia Brasileira de Letras.

Nos Estados Unidos onde sua vida se extinguiu, não houve quem não sentisse o vácuo deixado pelo seu desaparecimento. Não, era um homem comum que finava, e sim um homem de idéias altas, um artista perfeito, um coração generoso que deixava de pulsar para sempre,

Eis por que a Nação como vida lhe presta esta homenagem no centenário de seu nascimento. É o culto de veneração que devemos aos que se destacaram servindo à Pátria e à Humanidade.

Brasileiros: Honremos hoje e sempre a memória augusta de Joaquim Nabuco



Oração do Dr. Luis Philippe Pereira Leite em
nome da Ordem dos Advogados do Brasil
(Secção de Mato-Grosso)

É nos grandes homens — afirma Austregesilo de Athayde, falando de Nabuco — que as nações revelam a sua força e asseguram a realização dos seus destinos. Houve grandes povos e civilizações, perdidos na memória da humanidade, porque não ficaram para testemunhá-los, através dos tempos, figuras singulares de artistas, sábios ou guerreiros. Será sempre pelos grandes exemplares individuais que chegaremos a dar o exato valôr à coletividade donde saíram. Joaquim Nabuco não é, por acaso, o fruto esplendido de três séculos de civilização nordestina e não se revê nêle todo o Brasil, com o orgulho de uma nação que ainda jovem produz frutos que só árvores antigas costumam dar, em outros climas? Ele possuía as grandes qualidades que dignificam a vida humana, desde a beleza física, que tanto recomenda, até as cultivadas forças espirituais, que prolongam a influência na cultura e na admiração da posteridade. E uniu a tudo um desenvolvido senso moral, que deu à sua nobre existência, o caráter apostólico, que é um dos traços dominantes da sua figura. Não se conhece um deslize na ascensão da sua carreira, nenhum gesto equivoco, nenhuma atitude que possa ser interpretada em desfavor da integridade e extrema correção do seu procedimento. (1)

Gilberto Freyre, ressaltou ainda há pouco, com muita propriedade, um dos traços dominantes da personalidade de Nabuco, mostrando não ter sido tão duro inimigo dos fotografos, que os evitasse sempre. O belo Nabuco, diz o cronista, não passou pelo mundo, sem se deixar encantar pelas glórias do mundo, sem se deixar tocar pela admiração que sua bonita figura despertava. Era ele, de modo magnifico, homem dos que hoje são chamados

fotogênicos. Aonde chegava como representante do Brasil, fazia crer ás populações sempre simplistas nos seus primeiros julgamentos, que o Brasil era um país de belos gigantes. Ao contrário de Ruy, que foi desde moço, feio e franzino. Ao contrário, também de Santos Dumont—também pequenote e feio. Ao segundo Rio Branco—outro belo gigante que a gordura acabou prejudicando, embora menos que a Oliveira Lima—não deve ter escapado a superioridade, neste particular, de Joaquim Nabuco, sobre os homens publicos brasileiros da epoca. E como não faltava ao Batão o sentimento exato do valor da publicidade, em torno dos homens a serviço da nação, deve ter se empenhado na divulgação, no estrangeiro, de retratos de Nabuco. Por sua vez, não era Nabuco homem que dificultasse, por falsa modestia, o contacto do público com sua pessoa, esquivando-se aos fotografos. Talvês tenha sido com Santos Dumont, o Barão e Ruy, um dos brasileiros mais fotografados do seu tempo. E conclui o cronista: não posso revelar o nome de quem me contou a história, que vou agora recordar. Recordo-a, porém, certo de não se tratar de nenhuma fantasia, tão respeitavel é a procedencia da informação. A história é simplesmente esta: um contemporâneo de Joaquim Nabuco, viu o uma vez, no Rio de Janeiro, de volta do estrangeiro — onde se demorara alguns anos — começar a descer solenemente de elegante navio. Vinha a meio da escada, quando dentre as pessoas amigas, que foram abraça-lo, destacou-se um fotografo, numa epoca ainda de raros fotografos no Rio de Janeiro. Nabuco teria feito parar, com um gesto carinhoso, as pessoas amigas tão ansiosas por abraça-lo, quanto êle para se aproximar, efetuosamente delas. Que esperassem um pouco—parecia dizer o gesto senhoril, mas amavel — a curta operação fotografica. Sinal acrescenta Gilberto Freyre, de que o grande estadista não desdenhava inteiramente a publicidade. A nobreza—no caso a do homem público a serviço da nação obrigava-o a proceder assim com os fotografos, a proceder assim com os jornalistas, representantes do público junto aos grandes homens e não apenas bisbilhoteiros que o grande homem deva sempre evitar. (2)

Sua carreira foi retilinea, perlustrando as atividades para que fôra talhado: a advocacia, a literatura, a imprensa, o parlamento, a diplomacia. Foi, no verdadeiro sentido da expressão, aquilo que Carlyle e Emerson, consideravam «homem representativo», mantendo sempre intacta a elegância de atitudes, que o caracterizam. o desejo de servir à pátria e, segundo Hermes Lima, o grande, forte e intrépido idealismo, que fez da sua mocidade uma das páginas radiosas da mocidade brasileira (3). Nas questões de alto interesse nacional, como na abolição, colocou-se ao lado dos oprimidos, o que lhe valeu o ostracismo em Londres, onde ia viver

como modesto correspondente de jornal, depois de bloqueada a sua banca de advogado pelos poderosos esclavagistas (4). Na questão internacional, assevera Afonso Arinos, assistimos a sua conversão maravilhosa aos estudos do direito, do vigor, da paciência, da humildade, do espírito de sacrifício que êle revelou, na construção, pedra sobre pedra, linha a linha, argumento a argumento, de um dos mais formidáveis arrazoados jurídicos, de que se possa jactar a nossa ciência do Direito (5). Tão convincentes as nossas razões, na questão da Guiana Inglesa, de que foi árbitro o rei da Itália, que a Inglaterra, de *motu proprio* nos cedeu, para retificação da linha divisória, parte do território que, no arbitramento lhe fora adjudicada (6).

Austregesilo acentua que, em certa passagem de «Minha formação», Nabuco alude aos privilégios de que foi cercado pelo destino. O nascimento, as condições da educação, a ausência de luta desesperada que é o pábulo de outras grandes vidas, as oportunidades de brilho, e triunfo, que não lhe faltaram, contam-se entre os benefícios e só em parte tocam à maioria dos homens. Mas de tudo se serviu honradamente e sempre em proveito da comunidade. Não praticou um abuso, nem tomou tantas dádivas excepcionais da sorte como prerrogativas para se sobrepôr aos outros, ser nocivo ao próximo ou de qualquer maneira oprimir ou humilhar os seus semelhantes. Desenvolveu, da meninice á idade madura, uma personalidade harmoniosa, benfazeja e intrepida, porque jamais se acomodou com o erro, nem silenciou por pusillimidade, quando a consciência do dever mandava que falasse. Não fugiu aos riscos provindos da ação apostólica nem cedeu nunca ao menor dos seus ideais, tendo em mira vantagens ou a perspectiva de agradar aos poderosos. (7)

Bacharel em 1865, pelo Colégio Pedro II, começa, no ano seguinte, seus estudos de Direito, em São Paulo para terminá-los em Recife. A turma dos terceiro-anistas de 1868, é provavelmente, escreve Carolina Nabuco, a mais notável de que se pode orgulhar qualquer escola do Brasil. Para só falar em nacionais, figuram nela, além de Nabuco, Ruy Barbosa e Castro Alves, dois futuros presidentes da República, Rodrigues Alves e Afonso Pena. Em 1869, a volta de Nabuco ao Recife, para cursar o quarto ano, exerce sobre seu futuro uma influência decisiva. Afrontando os princípios da sua época e da sua roda, apresentou-se perante o júri para defender um escravo assassino e " lutar corpo a corpo com a escravidão e a pena de morte", logrando, com a condenação do réu ás galés perpétuas, retumbante vitória, que logo entraria no ról dos acontecimentos, que passariam á tradição. Diplomado em 28 de novembro de 1870, transfere-se para o Rio, onde partilha da banca de advogado do seu genitor, então uma

das mais procuradas. Uma das primeiras causas de que se encarregara, e pela qual se vinha interessando, estava já perante o juiz. Só então teve conhecimento de um fato, que mudava o aspecto do caso, o qual lhe havia sido escondido pelo cliente. Nabuco, porém, sem se preocupar com a assistência, declarou ao constituinte, que ele o havia iludido e que a reclamação era injusta. Em 1876, inicia a sua aprendizagem diplomática, carreira em que galgaria os mais altos postos, com marcante incursão pela política e brilhante figura no parlamento, retirando-se da vida pública, após a proclamação da república, permanecendo fiél aos princípios monarchistas. A beleza dessa fidelidade, porém, não o impediu de reconciliar-se com a república e juntar-se ao serviço da pátria no estrangeiro, ao convencer-se de que poderia prestá-lo, como um indeclinavel dever para o Brasil. No exterior a morte o colheu aos 17 de janeiro de 1910, sendo o corpo trasladado para o Brasil, com solenidade digna do diplomata morto, num vaso de guerra americano (8). Perdia o Brasil, com Nabuco, uma dessas glórias comuns em que todos nos revemos com orgulho (9), o mais alto padrão, o melhor exemplo, o mais acabado tipo da harmonia humana(10).

A Ordem dos Advogados do Brasil, Secção de Mato Grosso, que represento com muita honra e apoucado merecimento, reverencia a memória de Nabuco, lídina glória da pátria brasileira.

(1)--in «O cruzeiro», de 28-8-49, pag. 5

(2)--in «O cruzeiro» de 13-8-49 pag. 10

(3)--Discurso na Câmara dos Deputados, in Diário de Notícias, de 20-8-49 pag. 3

(4)--Luiz Viana Filho, idem, pag. 6

(5)--Discurso, idem pag. 6

(6)--in «A careta» de 20-8-49, pag. 17

(7)--op. cit. pag. 5

(8)--Carolina Nabuco, in «a vida de Joaquim Nabuco»

(9)--Austregesilo de Araide, op. cit. pag. 5

(10)--o Senador Novais Filho, Diário de Notícias cit. pag. 6

**Discurso da representante do Grêmio
Julia Lopes, Professora Guilhermina
de Figueiredo**

A vida de um homem, como a lente, apresenta facetas diversas em que se nos permite apreciá-lo, engrandecê-lo, á vista de Deus e do mundo.

Faz-se-lhe o estudo psicológico: perscruta-se a alma, revolve-se o coração, descobre-se o espírito; aí encontramos virtudes ou vícios, revelações do bem ou do mal, da pureza ou do corrupção, da fé ou do ceticismo, do ideal ou do aviltamento.

Seres há, porém, em que Deus como que, fechando joias num escrínio, guarda o que há de mais puro, de mais valioso, e perfeito.

E, abrindo-se um desses relicários divinos, deparase-nos uma alma afeita ás virtudes e aos dons, um coração todo bondade e beleza moral, um espirito trescalante á cultura, á ciência, á retidão, á verdade.

Assim foi Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo

Numa concentração quasi mística, elevemos nossas almas num assomo de fé, amor e patriotismo, evocando aqui, corações unidos, a memória de quem no Trono do Altíssimo, já recebeu de há muito, a coroa de louros, reservada aos que souberam amar, sofrer e vencer, deixando após si rastros de um bem inapagável, de uma abnegação altaneira, de uma vida gloriosa e bem vivida. "Sursum corda".

Joaquim Nabuco foi o sublime abolicionista, dessa sublimidade que não extingue, pois vive até hoje e viverá sempre o seu espírito de branco amando o negro, sofrendo com o negro, irmanando-se ao negro, e, como exemplo e como símbolo, num combate crescente aos suplicios e ás agruras, numa luta incessante contra os cativeiros deshumanos e anti-cristãos, onde quer que êstes ameacem agrilhoar as mãos e as almas.

É êle o que penetrou a alma do negro, encontrando aí a mesma necessidade de orar, de meditar, de se erguer até Deus, em extases contemplativos, em revelações de crença e de súplica.

É êle o que auscultou o coração do negro, descobrindo aí os mesmos impulsos de humanidade, traduzidos num sorriso ou numa lágrima de filho, na benção ou na maldição de mãe, na ternura acariciante ou no desprêzo angustioso da criatura amada.

É êle o que sondou o espirito do negro, onde encontrou a mesma ânsia incontida de perfeição, num desêjo ardoroso de alargar os limitados horizontes, vivendo um mundo maior, onde imperasse a arte, a espiritualidade, em suma: o belo, momento êste que só é dado conhecer aos que penetram as arcadas luminosas da cultura e da ciência.

E Nabuco, num devotamento carinhoso a êsses «columbaria» de negros, como lhes chamou em Massangana, sentiu que naquele âmago sofredor e humilde, havia tambêm uma alma e um coração estuantes de amores, nascidos para a ternura, inclinados ao dever, á virtude, ao lirismo dos seres, e das coisas.

Foi êle dos mais valorosos na extiação a essa mancha negra, que, enodoando a terra de Santa Cruz, quís, por alguns séculos, empanar o brilho e o esplendor do nosso Cruzeiro, com sinais assustadores e tenebrosos.

Porêm, Nabuco escreveu, clamou, trabalhou numa grita contínua, e venceu.

Crente, intemorato, ardoroso nos puros ideais, desvendou os caminhos luminosos que deveriam conduzir lei de Isabel, aquele que junto a êle, amou o irmão negro, dando-lhe enfim, um mundo novo e feliz com que êle sonhára nas noites negras e áridas dessa cadeia férrea e degradante.

Sim, crente como êle mesmo o revela publicamente, com estas palavras do seu diario: "um preconceito acabado seca uma grande fonte de amor, e de bem, muitas vezes; os ateus são áridos; o ateismo pode ser uma convicção pessoal, mas é um crime propaga-lo".

Uma alma como de Nabuco, tinha necessidade do amor, da paz, do gôso íntimo; e o ceticismo, bem sabemos, só pode trazer a fraqueza, a insensibilidade, o torpor, numa como anestesia moral,

que faz do cético um ser que não ama, não perdoa, não beneficia, e portanto, não vive.

Fora de Deus não há beleza, não há amor, não há perfeição; tudo se corrompe, tudo se avilta, tudo se destrói. Numa de suas revelações de fé, em visita á capela de Massangana, aos 20 anos de idade, faz êle solene e religiosamente, junto aos túmulos de seus pretros, invocando os, numa como semi-prece, o voto contrito e silencioso, de consagrar a vida tôda, se preciso fosse, à libertação daqueles que desde os nossos primeiros, dias, trouxeram a esta terra bendita, a sua gota de suor, ao arfar de cansaço, as suas mãos bemfazejas e incansáveis, para prodigalizar-nos o pão, e construir as bases do nosso desenvolvimento, econômico.

E a sua vida não foi outra que a renovação viva e palpitante dêste sublime pensamento de Tasso: «E perduto il tempo che in amare non se spende.»

Sim, as suas horas tôdas foram gastas em amar, tôdas vividas para um ideal; viveu pelo amor, que enobrece e irmana, quando é puro, quando é santo, enfim quando paira acima do egoísmo e da fraqueza.

E, ao brilho da lei áurea, em efusões de verdadeira e santa alegria, assim se manifestou:» Vivemos dez anos num sonho de esperanças coroadas por uma realidade que excedeu tôdas as mais belas previsões.»

Eis aí o coração sorrindo, e alma falando, o espírito tranquilizando-se.

Glorifique o, pois a Religião no seu amor evangélico ensinando a paz e ensinando a perdoar; glorifique-o o Brasil, livre e altaneiro, de um céu sem névoas e sem sombras; glorifiquem-no os brasileiros, cônscios, de que a verdadeira vida é o amor, é a caridade. é a união.

À consagração de seu nome, os beijos de um sol radioso desta manhã tropical e bem brasileira; as preces férvidas de almas crentes e agradecidas; o cicio murmurante dos flabelos das palmeiras desta Pindorama em flor; a música e a harmonia da vida, num deslizar de doçuras, onde se aninham o recordar evocativo da velhice, os anseios febris da juventude, a alacridade ruidosa da infância. A êle as palmas que ecoam aqui, nestes momentos em que se aliam o belo da arte e da amizade.

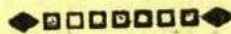
A êle, a simpatia da mulher cristã e brasileira, que faz do amor e da fé, o apanágio de sua vida, sorrindo ao vêr na face de alguêm transluzir a felicidade, chorando ao sentir a lágrima, estigma da dor, nos olhos do amado; tôda renuncia e abnegação, numa solidariedade contínua nas expansões sensíveis manifestadas na vida daqueles a quem ama, com pureza e com fervora.

E, calando-nos por alguns instantes, cerrando os olhos para ver melhor, retrospecto da fantasia, divisaremos, ao longe, num

solução em que os olhos choram enquanto as faces sorriem, com a carapinha algodoada, lábios trêmulos, mãos postas, corações erguidos, um velho negro ou uma velha africana, num barbúcio quasi infantil, a invocarem assim: "Sinhô branco, Deus vos tenha no reino dos Céus."

Guardemos sempre, em nossos corações, bem vivos e eternos, o seu nome e a sua glória.

Eum semper ubique memorari.



Tres Grandes Centenarios

Discurso pronunciado em nome do Grêmio "Literário
Lamartine Mendes, por Augusto Mario Vieira

Exmos. Srs. Presidente e mais Membros da Academie
Matogrossense de Letras.

Excelentissimas Senhoras

Meus Senhores.

A glória imperecível dos grandes homens da Patria, que continua, indelével, na memoria do povo, ressurciu, em dias do corrente mês, com a passagem do centenário da figura admiravel de Joaquim Nabuco. Exaltar a memória dos nossos antepassados diante dos olhos da mocidade e dos homens que se encontram atualmente na arena da vida politica e social, tocados pelas mais estranhas emoções — é trazer-lhes o exemplo luminoso de patriotismo, de honra e de brasilidade. Mas, hoje, que aqui nos reunimos, procurando reverenciar a memória de uma preciosa figura nacional, sentimos no coração o calor festivo de mais um grande acontecimento que ora ocorre e de outro que já se

passou aliás injustamente esquecido pelas nossas associações culturais.

O primeiro é a passagem do bicentenário de nascimento de uma das grandes figuras do classicismo alemão e de indiscutível admiração universal — o grande Goethe, nascido a 28 de agosto de 1749, na cidade de Francfort, na Alemanha, filho de um conselheiro imperial e de uma das mulheres de mais destaque na vida social da cidade em que nascera este gênio da literatura.

Diz a critica literária que: "Nenhuma figura da história espiritual alemã foi tão festejada e celebrizada, mas nenhuma foi ao mesmo tempo, tão dificilmente compreendida como Goethe. Existe hoje mais do que nunca a necessidade de investigar a fundo o problema Goethe, sob todos o pontos de vista.

Goethe é o maior exemplo que se conhece de perene vitalidade espiritual durante uma longa vida.

As forças da alma e do espírito não lhe foram dadas para uma determinada época, enfraquecendo e desaparecendo com a velhice, mas para toda a vida". A outra a qual me refiro, neste solene instante, o fazendo em homenagem a mulher brasileira foi o transcurso do centenário de falecimento da grande heroína brasileira Anita Garibaldi, simbolo de coragem e heroismo.

Foi grande Maria Quitéria, foi magnífica Soror Joana Angelica mas, a figura que ora homenageamos foi bem maior. Anita Garibaldi, nasceu a 30 de agosto de 1821, em Morrinhos paróquia de Tubarão em S. Catarina, vindo a falecer a 4 agosto de 1849. A celebridade de Ana de Jesus Ribeiro, a grande Anita, data desde em que lhe apareceu o guerreiro italiano Guiseppe Garibaldi.

Disseram um dia ao famoso guerreiro: É cedo, meu caro. Por enquanto, devemos lembrar-nos de Byron; Se alguém não tem liberdade a defender em sua casa que lute pela liberdade de outros!" Eis então, que Giuseppe se ofe-

receu voluntariamente os seus serviços aos revoltosos do Rio Grande do Sul, que se encontrava em renhida luta contra o imperio, desde 1884, tendo como chefe do movimento o brasileiro Bento Gonçalves.

Mas o destino desta notavel heroina brasileira traçado pois foi o acaso que levou Guiseppe ao encontro de Anita. O próprio Garibaldi refere a esse encontro, em suas Memórias. "Ficamos mudos, um diante do outro, olhando-nos como si não fosse a primeira vez que nos encontravamos e como que procurando lembrar traços apagados".

Ja a consagraram "Heroina por Amor" mas, foi no estrangeiro dizendo assim em terras estranhas, que ela mereceu o epiteto de "Heroina dos dois mundos".

A sua historia é magnifica, é um desenrolar de fatos emocionantes por onde podemos fazer um exame da influencia que o amor exerce sobre o coração humano. É uma figura que orgulha e envaidece a mulher brasileira!

Entretanto, o tempo, não permite que o meu sonho em falar desta história rica de fatos e de exemplos, vestida de heroismo e de bravura, fosse transformada em trabalho real.

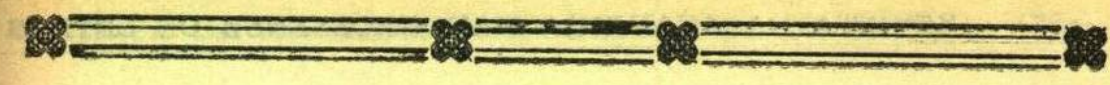
Senhores:

E agora falemos da figura inconfundivel de brasilidade que esta sendo homenageada — Joaquim Nabuco.

Apenas uma breve saudação em torno desta figura marcante, que será reverenciada de uma maneira mais digna, honrosa e brilhante no desenrolar desta solenidade — pois são os imortais matogrossenses que irão saudá-la. Joaquim Nabuco, que mostrou ser mais forte que a opressão — vencendo a luta contra os escravocratas, que mostrou ser um diplomata excelente e um intelectual de raro brilhantismo, é um dos homens que o Brasil mais exalta.

E' que das figuras inesqueciveis da Pátria, Joaquim Nabuco, pelos seus inolvidáveis e relevantes beneficios que nos legou, é dos que mais podem e devem merecer a immortalidade eterna para os brasileiros.

PÁGINA DOS NOVOS



Razões de um nome

(Visconde de Guararapes)

Waldemir de Siqueira

Perguntou-me um amigo o motivo ou talvez origem do nome que uso e estranhou que em plena República ainda existissem títulos nobiliárquicos.

Nada há de estranhável, entretanto, nêsse título e fácil é explicar sua origem.

Assim como uso Guararapes, podia usar Marquês de Cuiabá ou Conde de Corumbá ou Barão de Dourados, porque Cuiabá, Corumbá ou Dourados são marcos vivos e imperecíveis da história do Brasil.

Lutando com intrepidez através sertões adustos e abrindo caminhos na mata impenetrável, veio a bravura do brasileiro engastar no verde esmeralda da floresta virgem, no centro geográfico do continente, uma jóia de pura água, sem jaça e de inexcedível fulgor, símbolo de sua fibra de herói. E, com o correr dos tempos, os homens a quem serviu de berço, homens que souberam honrar e engrandecer a pátria, conservaram-se quasi isolados do mundo para manter com o seu sangue, se preciso fosse, e com o suor do seu trabalho e do seu esforço, a integridade e a pureza de jóia tão bela quanto querida.

Corumbá, por sua vez, ajudada pelos cuiabanos, demonstrou que seus filhos sabem expulsar e castigar o estrangeiro invasor e

Dourados indica á prosteridade que para se invadir o território sagrado é necessário passar primeiro sobre o corpo sangrento dos milhares de Antônio João ainda hoje existentes, prontos a se oferecerem em holocausto pela sua defesa.

* *

Os homens que inscreveram Guararapes na nossa história, não são maiores nem menores, são apenas heróis como os outros e que, com a mesma bravura e o sacrifício de sua vida, fizeram o inimigo invasor sentir o amargor da derrota.

* *

Durante o século XVII a pirataria agia infrene em todos os mares do mundo. Em diversos países do norte da Europa, organizavam-se companhias comerciais para explorar êsse método de ganhar dinheiro em maior quantidade. E foi uma dessas companhias que em 1630, resolveu ocupar um pedaço do nordeste da enorme colônia Lusa na América do Sul, assenhoreando-se do mesmo.

De nada valeu a bravura do indomável e heroico Matias de Albuquerque. De nada serviu a obstrução do porto do Recife com o afundamento de alguns navios surtos no ancoradouro. A desproporção entre atacantes e atacados era enorme. E veio o desembarque na praia de Pau Amarelo e a tomado, saque e incêndio de Olinda, a ocupação do Recife e o alastramento por território a dentro.

Guerrilhas. Arraial Velho do Bom Jesus. Arraial Novo. Porto Calvo. Tejucopapo.

Depois, a chegada do Príncipe Nassau. Tréguas. Pseudo-paziguamento entre vencidos e invasores. Progresso material, literário e científico. Enquanto isso o ideal de liberdade jazia latente.

Em 1644, retorna o príncipe a sua pátria em virtude de choques com o espírito pura e exclusivamente mercenário da Companhia.

Desencadeou-se, então, a tempestade. A avalanche começou a rolar.

* *

Não foi Portugal que expulsou o invasor de sua colônia. Foi o brasileiro que repeliu o conquistador do solo que iria constituir-se no território inviolável de sua futura pátria. Pátria que começara sendo amalgamada com o sangue e a vida dos seus mais bravos filhos.

As três raças se uniram: Fernandes Vieira—português; Felipe Camarão—indígena; Henrique Dias—negro. O destino se encarregara de aproximar e irmanar na luta os tipos étnicos que iriam concorrer para a formação do brasileiro homem.

Será demais ver naquela união a célula primeva do então nascente espírito de brasilidade? Lutavam aqueles heróis para fazer voltar o território conquistado às mãos do seu antigo dono—os portugueses—ou seus olhares argutos penetravam mais fundo o futuro e, assim, desejavam manter intactos os limites grandiosos da vindoura pátria que sonhavam para os seus remotos descendentes? A reliquia lhes pertencia e é duvidoso que a quizessem arrebatar de um usarpador para devolvê-la às mãos de um dono temporário.

* * *

A insurreição já há muito começara nas zonas limitrofes, O Maranhão e o Ceará conseguiram sacudir o jugo.

A retirada do príncipe foi como que o toque de clarim conclamando os patriotas à luta.

Tabocas foi o primeiro grande choque. Marcou o início das retumbantes vitórias das armas brasileiras.

Vieram outras. Tracunhãem. Casa Forte. Aqui a bravura da mulher brasileira iria sofrer novamente a dura prova e mostrar mais uma vez a firmeza e a dignidade de que os seus descendentes souberam dar sobejas provas, através o decorrer dos tempos.

Raiava a madrugada de 19 de abril de 1648. As forças pernambucanas achavam-se acampadas em torno a um pequeno monte perto do Recife.

Durante a noite haviam-se aproximado do campo holandês. E deu-se o grande choque. Ao cair da tarde era finda a luta. Havia as nossas armas vencido a Primeira Batalha dos Guararapes.

Mas o caminho para a capital ainda não estava desimpedido. Os holandeses haviam recebido reforços da sua pátria. Entretanto, o cêrco à cidade e seus arredores, únicos redutos ainda em poder do inimigo, se apertava inexoravelmente. Na capital havia falta de tudo. Do que necessitavam, até de água doce, os batavos tinham de receber por mar. A situação era insustentável e precisava ser resolvida o mais depressa possível. Era necessário romper o cêrco. E isso foi tentado.

Guararapes, porém, estava vigilante. E em 19 de fevereiro de 1649, venciam os brasileiros a Segunda Batalha dos Guararapes.

Depois, o fim. Os fortes caíram um a um. Brum. Cinco Pontas Forte Ernesto.

1654. Capitulação da Campina da Taborda. E o solo amado livre da bota invasora.

Hoje, trezentos anos decorridos, junto aos montes famosos, acha-se construído um aeroporto. Alí, pisa pela primeira vez o solo brasileiro, o estrangeiro amigo que demanda, por ar, às nossas hospitaleiras plagas.

Mas alí há também uma base militar aérea. Assim, o espírito de Guararapes continúa sempre vigilante na defesa do solo querido.

Compreenderá, assim, o meu amigo o porquê do título que uso.

Guararapes merece mais que um simples título nobiliárquico, porque Guararapes é o símbolo de liberdade que estua no peito de todo brasileiro que quiz ser livre; é livre e continúa a se-lo pelos séculos a dentro, haja o que houver.

Os inimigos do dinheiro

Conto de JOÃO BENEDITO DE ALMEIDA

Era num bar. No fundo da sala uma turma de cinco rapazes, sentado à mesa, estão fazendo um «menu». Comem, bebem e discutem. Às vezes a palestra é baixa e velada, mas de vez em quando ela toma ânimo e entusiasmo e um que outro parece até querer discursar. Agora os cinco estão acordes numa mesma idéia: a oposição ao dinheiro. O mais eloquente diz:

—É. É o maior mal do mundo. O dinheiro é a causa das brigas, dos assassinatos, do ódio, da vingança e de todo mal.

—É isso mesmo, diz um outro, você tem razão, Jamiro. Toda razão. Vai ver se a guerra não foi também efeito do dinheiro, não acham?

—Se foi. Não foi por outro motivo. Esta e muitas guerras que houve no mundo. Se não houvesse dinheiro, Hitler não teria ambição de dominar o mundo e não agrediria outras nações.

—O dinheiro não é mesmo coisa boa, diz um terceiro. Pois eu tenho procurado um emprêgo como um doido, nestes últimos dias, só por causa do maldito dinheiro. Ninguém vende sem o dinheiro na frente e a gente cai na miséria e passa fome.

—Aí está a coisa, comenta o que se chama Jamiro, o dinheiro é a causa da miséria e da fome também.

—Meus rapazes, intêrvem um senhor idoso que ocupava uma mesa ao lado, desculpem-me a intrusão. Eu não concordo, porém, com as suas idéias. Vocês não tem razão. Quero mostrar-lhes que vocês não tem razão. Não é o dinheiro que causa a guerra, a briga o assassinato, nem a miséria ou a fome.

Os parolas quiseram protestar, mas o outro continuou:

—A causa de todos êsses males são os próprios homens, as suas más qualidades, os seus vícios.

—Mas os homens são movidos pelo dinheiro, meu caro senhor, disse um dos conversadores.

— E além disso, acrescentou outro rapaz, não são só êsses males apontados os causados pelo dinheiro. Êle é ainda o veículo de transmissão de muitas doenças. Quantas epidemias não se propagam com rapidez espantosa numa cidade, e devido a que? Devido ao passe do dinheiro, certamente.

— Eu lhe vou contar uma, meu caro amigo, começou um outro que até então estivera calado. Há cousa de uns três meses contraí uma dívida na casa comercial de um amigo. Nisso perdi o meu emprêgo. Fiquei logo sem dinheiro. Não pude pagar o amigo e perdi o crédito. Ele poz-se a perseguir-me, querendo o pagamento. Últimamente, rompeu-se comigo e agora está me ameaçando até com a polícia. O que causou todo êsse transtorno, senão o dinheiro?

O homem idoso ainda quis falar, mas os rapazes se exaltaram.

— Não senhor! o senhor não pode defender o dinheiro! êle é prejudicial!... de ser combatido!... sim, precisamos combatê-lo, combater o dinheiro e os ricos!..

Ante essa alteração, o dono do bar, que era homem neurastênico, veio pedir que pagassem a dívida e se retirassem.

Houve um pasmo. Quando alguém falou foi para retrucar:

— O senhor não está tratando com muleques seu bruta-montes. Você vai aprender a tratar a sua freguesia.

Mas antes que se agravasse a situação, o novo companheiro, entrou em cena e acalmado os animôs, conseguiu convencer os rapazes de que seria melhor se retirarem.

Avalia-se então, o embaraço daqueles ante o que se seguiu. O de nome Jamiro que parecia ser o chefe da turma, dispoz-se a pagar a despeza. Mas remexendo uma duzia de bolso, nada encontrou.

— Que catástrofe, anunciou então, nervosamente, eu esqueci a bolsa.

Olhou ansioso para os companheiros e perguntou:

— Vocês tem dinheiro?

— Eu estou puro, disse um.

— Eu estou liso, acrescentou outro.

— Eu também, disse o terceiro.

— Eu tenho só dez centavos, disse o último.

Ante o embarço dos rapazes, o providencial cavalheiro pagou a conta e perguntou zombeteiro:

— Mas vocês são mesmo inimigos do dinheiro?

Os outros agradeceram e saíram embaraçados.

de "Os "inimigos do dinheiro"

CARTA À IRACEMA

Wanir Delfino Cesar

I

São horas tristes em que morre o dia
E por minha alma, acerba, se irradia
Uma saudade atroz dos tempos idos,
Daqueles tempos, "idos e vividos",
Quando abrigados nesse lar ditoso,
Da meninice no radiante gozo,
Sorríamos da vida em plena aurora
E á melodia cândida e canora
Da voz bendita de mamãe, corria
Nossa existência em risos e poesia.

II

E, agora, ao relembrar quadra tão bela,
Agora, que o viver bem, me revela
A vaidade de tudo quanto existe,
Trazendo o coração partido e triste,
Traçar-te venho esta singela carta,
De lágrimas banhada, em máguas farta,
Na qual quero mostrar-te, irmã querida,
Minha alma sofredora, assaz ferida
Pelo terrível recordar daquela
Sempre amorosa e encantadora tela.

III

Pois quem domina a fantasia alada,
Quando da noite na feral calada,
Ao longe vibra melodia santa
E a branca lua, que seduz e encanta,
Em nostalgia a, sua luz derrama,
E dentro da alma se revive a chama
Do amor, que os estos da poesia incita
E na envoltura de visão bendita
Se nos depara aquela cena amada
Dos mil encantos da estação passada?

IV

Na dourada ilusão da fantasia
 Revivo aqueles tempos, dia a dia,
 E sinto se me esvai o pranto rudo,
 E em cada instante do passado tudo,
 Vejo florido, a trescalar prazer,
 E quisera de novo renascer
 Para gozar uma vez mais a vida,
 Que se deslisa assim despercebida,
 Balsamizado, entanta, da poesia
 Que essa idade mirífica irradia!

V

Ah! Contemplar, com olhos de inocente,
 O olhar de minha mãe, celestemente,
 A pousar sobre mim, tremeluzindo,
 Ver o meu lar grotescamente lindo,
 Brincar nas mesmas árvores de outrora,
 E quando o orvalho a vastidão irrorar,
 Contar no ceu a multidão de estrelas
 E na impressão dulcíssima de vê-las,
 Adormecer, ouvindo, ternamente,
 O canto de mamãe que me adormece!

VI

Percorrer, quarto a quarto, a minha casa,
 Nesta sede de amor, que ora me abrasa;
 Encontrar minha mãe que, de improviso,
 Numa expressão de maternal sorriso,
 Venha afagar, como fizera tanto,
 O meu profundo e amargurado pranto,
 Ver-me de novo no aconchego terno
 Daquele extraordinário amor paterno,
 Achar enfim titia que extravasa
 O seu amor que de prazer me arrasa!

VII

Quanta coisa teria! Quem me dera
 Reviver essa doce primavera,
 Nesses encantos sem iguais que encerra
 Contemplar o verdor da minha terra;
 Correr pelos cerrados, pelo monte;
 E quando o sol desmaia no horizonte

Ouvir a cristalina melodia
 Da canção vespéral da Ave Maria,
 Enquanto o firmamento reverbera
 A beleza de Deus suprema e vera!

VIII

Quanta riqueza ao despontar dos anos;
 Sem perceber os feros desenganos
 Que a própria vida nos revela após,
 Por uma estrada florescente nós
 Encontramos sorriso em cada canto,
 Mas eis se quebra, de repente, o encanto
 E vemos, numa dura realidade,
 Que tudo neste mundo é só vaidade,
 E se reduzem só a nossos danos
 Seus falsos gozos e cruéis enganos!

IX

Eis por que agora, coração de poeta,
 Alma banhada numa fonte asceta,
 Em negra noite, solitario e queto,
 Relembro a vida, com extranho medo,
 Pois se me punge da saudade o acume,
 A vida para mim já se resume
 Na esperança do céu, nessa esperança
 Que nos reflete a Bem-aventurança;
 Que apenas a visão dos ceus diletta,
 Pode acalmar nossa alma sempre inquieta

X

E neste misto de prazer e dor
 Em que se multiplica o puro amor,
 Que a vida em religião tanto sublima,
 É que vou destilando, rima a rima,
 Meu coração de irmão, saudosamente,
 E verás nestes versos, bem presente,
 Irmã querida, o pranto de minha alma,
 Ao recordar, nesta noturna calma,
 Toda animada do amoroso ardor,
 Aqueles tempos da existência em flor.

Corumbá, Junho de 1949.

Última Súplica do Derradeiro Gesto...

Wladimir Dias Pino

Cantei para os que compreendem a genealidade das inconstancias
[da nuvens

Nos momentos em que os pensamentos Desejam os riscos das di-
[reções dos olhares das amadas...

--Luz que tem como azas o Fogo...

--Cabelos loiros da Imagens intimas --

Riscos ue Direções para as pautas da música do Original..

Para sublinhar as palavras de promessas...

— Luz que é tão forte e porisso pousa no próprio Sól;

Cantai como se tivesse coahecendo o amor dando Beijos,
Como se tivesse a Esperança das Flôres e das Fontes a Fé...

Cantai como quem vai em busca de um Horizonte
Com a fascinação da Beleza nos olhos da Admiração..

— No sorriso das ondas os beijos de Beleza...

Cantai como se o canto ergue-se as taças de vinhos feitas de sons
[para os que sabem amar as variedades das formas das folhas...

Mesmo na Dôr de Sorrir e não ser reconhecido...

Mesmo na Dôr de ser Música e não encontrar Dançarinos...

Cantai como um passarinho branco — mensageiro — voando num
[Infinito...

— O gesto que é oferta e também é humilde --

Para os que sabem sonhar com o corpo rosado dos anjos

E põe em cada Imagem uma flôr de Sonho...

Não esquecendo a Pobreza das coisas Ignoradas...

Outras vezes, Cantai como se tivesse a alma descansando nas in-
[quietações das mãos sujas dos meninos vsgos e filhos das La-
[vandeiras..

Na agonia de ser abandonado a Dôr de ser doente...

Ou ainda, sentindo no ruido do coração os passos de muletas
[marcando o Tempo da Vida

—Estranho relógio — de Alguem que é Amado..

— Na imagem de ser pedra, a Dôr de não ter fôrma..

Cantei outros momentos humildes como quem faz carinhos..

Como na haste que tem apenas duas folhas curvada pelo peso de
[seis rosas rubras..

«VELA APAGADA»

Lygia S. L. Pereira da Silva

É noite de natal, noite de festa.
Aqui uma janela iluminada
Desenha, atravessado pela rua,
Um retângulo enorme, cor de lua;
E dentro dele a sombra esganiçada
De um pinheiro - gigante da floresta!

A árvore é bem menor que a sombra escura.
Maior, porém, a sua formosura:

Fios de prata traçam catenárias.
Tremem as velas e os enfeites brilham.
Mas de repente o vento das janelas,
Fustiga a árvore, apagando as velas.
Eis que os enfeites já não mais vidrilham..
Fundem-se numa só as cores várias.

Na árvore de Natal a luz morreu
E todo o encanto desapareceu.

.

Na árvore de Natal da minha vida
Teus olhos são as velas, que lograram
Tornar brilhantes os enfeites mil,
Fazer das trevas luz primaveril
Agora... as minhas velas se apagaram..
Derdeu o encanto minh'árvore querida.

Dois tua ausência é para mim tal qual
Vela apagada n'árvore de Natal.

SILENCIO!...

Para as minhas filhas
Agenilde e Ivonilde

Silêncio! . . .

Um lago azul, um cisne solitário! . . .
Um rio que vai rolando mansamente! . . .
A paz angelical do campanário,
E o sol beijando a boca do ocidente!

Silêncio! . . .

A sombra voporosa das ramadas
Que se debruçam sobre a terra fria! . . .
A fita alvinitente das estradas
Na claridade vespéral do dia! . . .

Silêncio! . . .

A calma triste das manhãs brumosas! . . .
Lençol de neve em que se envolve tudo! . . .
A placidez primaveril das rosas,
Desabrochando em noites de veludo! . . .

Silêncio! . . .

A luz da lua pelas praias brancas! . . .
O caminhar de nuvens pardacentas! . . .
A silhueta escura das barrancas
Por sôbre as águas turvas, sonolentas!

Silêncio! . . .

O olhar dos olhos negros da Ivonilde
Fitando alegremente os olhos meus! . . .
O sono sacrossanto da Agenilde
É o que me faz acreditar em Deus! . . .

Agenor Ferreira Leão.

DEUS E BRASIL

Francisco E. Alves

A crença assim me ordena:—“Ama a teu Deus”.
Porém a minha Pátria—céu de anil..
Em vóz altiva:—Nos amores teus
Há lugar para o teu santo Brasil?

“Amar a Deus, depois amar tua Terra”.
Lema sacro de tódo homem cristão.
Se penso em Deus, na glória em que Êle encerra
Deverei olvidar o meu torrão?

—Ô que castigo, que martírio intenso,
Por eu sómente ter um coração,
Não sei se o dou ao meu Brasil imenso
Ou se o dedico a Deus e à Religião.

Tenho um só peito. e nele um só lugar
Para o amor viver, puro e verdadeiro.
Não sei se a Deus primeiro devo amar,
Ou se ao Brasil, augusto e pioneiro.

—DEUS! Tu morreste pela humanidade
Amando-a mais que a Ti, ó Ser Divino.
És brasileiro, pois brasilidade
Bem faz da morte alegre côro de hino.

BRASIL! Imenso e de poder Supremo
Com tuas cascatas, vales e tesouros,
Qual Deus tu és que rem poder extremo,
Forte, glorioso e de sagrados louros.

—DEUS e BRASIL, se unem numa vida.
Sempre eterna, pujante e juvenil
Para eu feliz dizer com vóz garrida:
Eu amo a DEUS que é a vida do BRASIL!

Ressureição

Ao dia 10 de Setembro

Eu que busquei o Bem, a todo instante,
e só achei do Mal rastros daninhos;
eu, que de acerbos dores, delirante,
senti ferir-me o gume dos espinhos:

hoje, feliz, sorrio, triunfante,
agasalhado pelos teus Carinhos...
E a cada passo vejo, confiante,
vestirem-se de flores meus Carinhos...

Até no Sol, parece que há mais brilho...
E pela Vida vamos prosseguindo:
-- chamo-te «filha», chamas-me «teu filho»...

O mesmo anseio a Alma nos invade...
Somos iguais na Dor, no afeto infindo,
no Pazer que sentimos, na Saudade!...

Newton Alfredo.

REVISTA DA ACADEMIA GROSSENSE DE LETRAS

ANO XVIII — XIX 1950 — 1951 TOMOS XXXV — XXXVIII

SUMÁRIO

Cadeira n.º 36 - Pedro Trouy

Sessão de recepção do academico Luis Feitosa Rodrigues —
Discurso de posse

Poesias

Ilha dos Amores — José de Mesquita
Mêna — G. Vandoni de Barros
Versos — Rubens de Mendonça
Camonianos — Alirio de Figueiredo
A nossa Casinha — Otavio Cunha
Minha mãe — Bom Despacho — A palmeira morta — Quando Jesus nasceu — Rosário
Congro
Oração à palmeira — Lamartine Mendes
Queimando velhas Cartas — J. Vilasboas
Poemas — D. Felix de Souza
Revivendo — Agricola Paes de Barros
A Beleza de mulher — A. Cavalcanti
Velho cachimbo — J. A. Costa
O Amor está proximo — D. Martins de Oliveira

Cadeira n.º 11 — Barão de Melgaço

Homenagem ao fundador Estevão de Mendonça
Palavras — Francisco Mendes
Estevão de Mendonça — V. Corrêa Filho

Em Montevideo — discurso — D. Aquino Corrêa

Cadeira n.º 12 — Antonio Claudio Soido

Sessão de recepção do academico Gabriel Vandoni de Barros
Palavras de abertura — pelo Presidente — José de Mesquita

Discurso de posse — G. Vandoni de Barros
Discurso de recepção — Gervasio Leite
Saudação à Marinha — L. Philippe Pereira Leite
Encerramento — Rosario Congro

Centenário de — Rui Barbosa

1) Discurso oficial — Gervasio Leite
2) Rui jornalista — C. Castro Brasil

Tratado de Madri

1) palavras do Presidente — José de Mesquita

2) Discurso do Prof. Philogonio Corrêa

Páginas de cadeiro — Cesário Neto

Visões do Destino — Cesário Prado

A afirmação de um talento — Isac Póvas

Páginas femininas

O dr. José Gondim — Benilde Moura

Imortalidade — Colombina

Saudade — Gitinha Maranhão

Páginas dos novos

Ultimo poema — Newton Alfredo

Guia Lopes — Clemenciano Barnaspue

Relembrando — M. A. Duarte Gralheiro

Discurso de posse

Pela autoridade de Luís Felício Rodrigues

CADEIRA N. 36

Pedro Trouy

Sessão Solene de Posse e Recepção, em 3 de Maio de 1948

Discurso de posse

Pelo Acadêmico Luis Feitosa Rodrigues

Os desvaliosos méritos do versejador simplório e canhestro que neste momento ocupa vossa preciosa atenção foram régiamente galardoados por vós, admitindo-o neste eminente cenáculo das letras matogrossenses.

A honra que lhe conferís comove-o profundamente, porque traduz a vossa imensa bondade para com a sua pessoa e uma especial distinção para Corumbá, terra do seu nascimento e de sua residência.

Convencido da sua mediocridade, vosso novo confrade nunca aspirou o assento em tão honrosa poltrona, pois sempre teve na memória como verdade inconcussa a sábia sentença do divino Camões:

“Porque essas honras vãs, esse ouro puro
Verdadeiro valor não dão à gente,
Melhor é merece-los, sem os ter
Que possuí-los sem os merecer”.

O relevo que dá à sua pessoa o ingresso no vosso convívio, ainda que puramente espiritual, causa-lhe tão desmedida satisfação que tóca ás raias do orgulho; e dele se envaideceria excessivamente, se não estivesse abroquelado contra esses sentimentos inferiores, pelos principios filosóficos que observa, os quais são eficazes antídotos do orgulho, da vaidade e da presunção.

Portanto, em consciência, se crê absolvido da responsabilidade de ver-se colocado entre os expoentes das letras do nosso Estado; mas, ufanando-se não ser um ingrato, transbordante de contentamento, vem penhorado agradecer a generosidade dos vossos su-

fragios, irrecusaveis provas de carinho nascidas de vossos magnanimos corações.

E aceitando desvanecido esta distinção, compromete-se a esforçar por nunca deslustrar o brilho rutilante desta Academia, rogando ao Altíssimo Senhor dos Mundos que vos recompense o excelso favor que lhe concedestes e que o faça digno de exercer tão elevada investidura. Mas o dever de vos dirigir a palavra neste momento causa-lhe sério constrangimento, porque se reconhece falho de recursos literarios, sem sedução na frase, sem elevação de conceitos, sem colorido nas imagens, sem arrojo nas comparações, pelo que apela para a vossa infalível bondade afim de desculpardes caridosamente as torturas que vos proporcionar.

Ao penetrar neste egrégio Silogeu, o novo eleito da vossa afeição sente-se deslumbrado: é que este ambiente, cheio de um solene respeito espiritual, lhe evoca os numes tutelares da nossa vida intelectual, os quais, nestes dois séculos da existência de Mato-Grosso, criaram nossa reputação de povo culto, reputação que é do nosso dever confirmar; lhe relembra, em contemplação íntima, os vultos gloriósons da galeria dos patronos desta casa, vultos que fulguraram na Paz e na Guerra, na Historia e na Geografia, na Política e na Religião, no Direito e na Administração, na Ciência e nas Letras, na Instrução e na Imprensa, na Oratoria e na Poesia. E pela sua visão interior, exaltada pelo entusiasmo, perpassam rápidas as quarenta luminosas figuras, desde Barbosa de Sá e Joaquim da Costa Siqueira, até Antonio Tolentino de Almeida e Padre Armindo Maria de Oliveira, assim como os já falecidos ocupantes de algumas das cadeiras, que nelas deixaram o rasto cintilante do seu talento de escól.

Nessa romaria flúida, o seu olhar se detem com reverencia numa personalidade radiante de simpatia, que se lhe apresenta coroado de rosas siderais, circundada sua fronte cismadora de uma auréola esplendorosa.

É *Pedro Trouy*, o patrono da cadeira n' 36, cuja ocupação tivestes a nímia gentileza de ofertar ao humilde cultor das Musas da Cidade Branca, que nela se empossa neste momento.

Grande é o vexame do recipiendário por não ter conseguido obter dados minuciosos para poder traçar a interessante biografia do seu patrono. Absorvido completamente pelas suas lides burocráticas, afastado dos centros onde viveu o poeta, não pode colher as informações necessárias a um trabalho de vulto. Serve-se, portanto, nesta ocasião, das notas sobre ele publicadas pelos aca-

demicos Ulisses Cuiabano e Francisco Mendes, aos quais péde venia para delas se utilizar.

Nasceu Pedro Trouy a 6 de junho de 1872, na cidade de Cáceres. Transferiu-se para Corumbá em 1896, onde residiu até 1906. Foi casado com Da. Ana Rosa de Albuquerque, enviuvandose em Corumbá, em 1905. Faleceu em 1926, na cidade de Leverger, antiga Santo Antonio do Rio Abaixo.

Militou na política, tendo sido eleito deputado estadual, no governo do Cel. Antonio Paes de Barros, tendo o seu mandato renovado em nova legislatura. Vitorioso o movimento revolucionario de 1906, que depoz o Presidente Antonio Paes, teve de homfisar-se na República do Paraguay, onde permaneceu algum tempo.

Em Cáceres, sua terra natal, de volta do Paraguai, fundou o jornal "Argos" e ali manteve uma escola de primeiras letras.

Em Corumbá, em 1897, fundou o jornalsinho literario "O Sertanejo", no qual colaboraram as eximias penas de Alipio Bandeira, Alvaro Bomilcar, Francisco Castelo Branco, Feliciano Antunes Maciel e outros. Posteriormente fundou e foi redator chefe do jornal "A Patria", órgão politico de combate. Em 1905, exerceu o cargo de administrador da Mesa de Rendas. Em fins do século passado, nos anos de 1898 ou 1899, manteve, com João Christião Carstens, um colégio primario á rua Frei Mariano, no prédio do antigo Recreio Dramático, mais tarde transformado em Hotel Venizelos e hoje em Casa Botafogo, do Sr. Julio Ismael.

Alisou os bancos dessa escola, por um ano, o novo acadêmico que hoje tem a ventura de empossar-se na cadeira cujo patrono foi seu mestre, de quem recebeu as primeiras luzes da instrução e ainda espera receber seus benéficos influxos.

As recordações do seu antigo professor são vagas e imprecisas, dado o recuado dos tempos, porem certas reminiscências perduram ainda na sua memória. Lembra-se, por exemplo, das acesas polemicas travadas entre o seu patrono e o seu progenitor Francisco José Rodrigues, este, pelas colunas da "Federação" e aquele pelas do "Sertanejo", em materia de filologia e de literatura. Francisco José Rodrigues (tolerai a benevolencia com que o vosso confrade se refere a seu pai) era naquele tempo uma das mais altas expressões da cultura corumbaense: official de artilharia, jornalista consumado, orador fluente, professor abalisado, poeta primoroso e latinista profundo. Espirito mordaz e sarcástico, criticava sem piedade as produções em prosa e verso de Pedro Trouy. Este revidava os ataques, pondo em relevo sua sólida cultura, sempre respeitoso, sem-

pre com elegancia de atitudes, sem nunca descer ao impropério. E o povo se deliciava com os prélios desses dois gigantes, que lembravam erupções de vulcões, pelo arremesso mutuo de montanhas de erudição, acompanhadas do fumo da fronia e das lavas da paixão. Então se formavam os partidos dos seus admiradores que acompanhavam estusiasmados os diversos lances da justa literaria e que se decepcionavam ante o resultado da renhida pugna que não deixava vencedor nem vencido.

Em 1918, Pedro Trouy foi nomeado Promotor Público da Comarca de Santo Antonio do Rio Abaixo, hoje Leverger, cargo que exerceu até 1926, ano em que faleceu, vitimado por uma lesão cardíaca.

Tal foi, em ligeiro esboço, a afanosa vida desse batalhador pertinaz que atuou na política e no jornalismo, no magistério e no parlamento, na burocracia e na justiça e que em todas as fases da sua vida sempre foi um cultor devotado da Poesia.

Da Poesia que é uma Força, a maior força que a Natureza pode colocar no cérebro e no coração do Homem para enaltecer e consagrar a Vida e para revelar ao Mundo a Beleza, segundo o conceito de Vargas Vila; da poesia que é um dos focos mais puros da inspiração, porque provoca o êxtase intelectual que permite o homem entrar em comunicação com as esferas superiores; de poesia, da qual já foi dito algures ser imaginação, sentimento, arte, colorido e harmonia, traduzidos em versos, pirotécnicos e hugonianos como os de Castro Alves, de pompa salomonica como os de Bilac, ternos ou melancólicos como os de Tomaz Antonio Gonzaga e Fagundes Varela.

E o poeta é o artista mágico do verbo. Quando movido pelo amor á Pátria, chama-se Camões e nos lega os Lusíadas, glória imortal da nossa Raça; quando inspirado pelo Amor, chama-se Dante e nos dá a Divina Comédia, monumento da literatura universal; e na inspiração do grande poeta peruano Santos Chocano,

“É o poeta um redentor que canta,
e assim, quando a luz nele palpita;
deve dizer a Lázaro; Levanta!
e dizer ao Direito: Ressucita!”

O poeta é um taumaturgo e um profeta. A inspiração dá-lhe o poder de transformar todas suas emoções em joias de peregrina beleza, que são os seus versos e eleva a sua alma a regiões alcandoras donde descortina o futuro, que nos anuncia com maviosidade, em estrofes musicais.

A poesia é eterna, imortal. Os milhões de poetas que se teem sucedido desde a aurora do mundo, todos veem cantando os mesmos motivos: a Pátria, e Religião, o Amor, a Saudade, os dramas passionais, cada qual com o tom próprio do seu temperamento, circunstância que ditou á poetisa portugêsa Branca de Gonta Colaça os seguintes versos:

“Velho ritmo de uma trova
com outro som se renova
em cada ser que nasceu!
E è doce procedimento
que na sorte que lhe caiba,
cada um cante o que saiba
com a voz que Deus lhe deu.

O poeta, mais que outros homens, sente, ama e sofre. Nele cantam todas as vozes da Natureza. O ritmo da vida invisível regula a cadência dos seus versos.

Tudo isso não é novidade para vós, ilustres confrades que sabeis amar o verso e honrar Poesia, dando-lhe destacado lugar nesta casa, incluindo no seu Panteon o poeta de renome que foi Pedro Trouy.

Este insigne eleito das Musas, trovador místico do sonho e da harmonia, atravessou o agitado mar da vida de lira em punho, cantando como os antigos menestreis. Não deixou obra publicada em volume, porém abundante foi a sua colaboração poética na imprensa do nosso Estado.

O mavioso bardo manejou o plectro com pericia rara e sob sua evocação, como um heroi lendario, artistico e feliz, materializou seus devaneios e suas aspirações em versos dulcíssimos e cantantes, cheios de um romântico lirismo, como os de Casimiro de Abreu. No sacrario das suas fantasias, venerava uma potestade—o Amor e rendia estremo culto á Beleza.

Sobranceiro ás preocupações mundanas, insensível ás agruras da vida, resignado com os rigores do destino, como os aedos gregos, sonhou e cantou. E no seu canto ouve-se o marulhar de fontes fugitivas entre selvas seculares, impregnadas de aromas penetrantes. Raios ofuscantes de sol e ondas fagueiras de luar iluminam suas paisagens primaveris, transbordantes de vida e de animação.

Ás vezes a Dôr lhe estende os braços e o cóbre com o manto da Tristeza. Então ele nos descreve seus estados da alma, lúgubres como os crepúsculos melancólicos em que ha piar de mochos, quando ao longe morrem as vozes e se acendem no céu os fachos moiticos das estrelas. Nessas ocasiões a Amargura lhe inspira sentimentais

endechas que teem a dolorida meiguice de uma saudade, o encanto agri-doce de uma ilusão querida desfeita. E o poeta, na sua "Angustia", geme:

"Na minha mente perpassa carregada
a sombra de uma dor exulcerante,
cruel—como a incerteza desvairada,—
atroz como o remorso lacerante!"

Esses quadros tétricos são frequentes, mas de novo reconforta-o o sol da Alegria, dedilhando então o "Canto de Amor":

Vem! e minh'alma entoará festiva
uns hinos meigos na lira pensativa,
lira brilhante de esperança em flôr !...
Vem! olvidarei as cismas do passado ...
e a vida nos será beijo sagrado
á luz do teu amor!

E vibra e cintila o fulgor da Poesia em seus versos, embevecendo o leitor, transportando-o num arrojo condoreiro ás regiões celestes das azas e das nuvens ...

Uma nota que eleva bastante a delicadeza de Pedro Troury é o cuidado com que sempre evitou nas suas produções poeticas o sensualismo, a lascivia, a volupia da carne. Suas deidades aparecem nos seus versos etéreas, espiritualizadas e não despertam a concupiscencia. Suas poesias são decentes e pódem ser lidas pela mais pudica donzela, sem lhe acender o rubor nas faces. Apreciemos o seu cinzelado soneto

REBELDIA

Quando penso nas linhas hurmoniosas
Que contornam-te o corpo delicado,
Esse corpo de jambo aveludado
Que transpira o odôr sutil das rosas;

Quando mil sensações, rubras, fogosas,
Vêm á flôr do teu labio nacarado
E teu seio em botão pulsa agitado
Sob a alvurta das roupas vaporosas;

Como extinto vulcão reaceso um dia,
Em louca e subitânea fantasia,
Arde em lavas meu peito e sem conforto

Meu ser contra o destino então se insurge
Vendo que novamente em mim ressurgue
Este amor que eu supunha já estar morto!

Admiremos a sua extraordinária faculdade de resumir,
em poucas linhas, uma paisagem completa, através do seu soneto

NO SERTÃO

Crepúsculo de abril. A garça alvente
A praia busca que seu ninho encerra,
Cala-se a selva e a sombra lentamente
Abre as azas umbrosas sôbre terra.

Morre a tarde! Da serpe repelente
Ressôa o silvo que a rolinha aterra;
Brilha na choça o lume incandescente
E, cantando, o pastor desce da serra.

Fulge a luz vespéral do céu nas côres;
Vem a noite entre túrbidos negroses.
Caíndo frouxa na extensão da mata...

E na penumbra vaga dos caminhos
Cantam grilos, nostálgicos, sósinhos,
Ao murmúrio triste dos caudais de prata!

Mimo poético de saber anacreôntico, joia de esmerado
lavor e de uma sonoridade harmoniosa é a sua

CANÇÃO

Quizera ver-te, formosa
Ao frouxo tom vespéral;
Quando erras pensativa,
E na tua frente esquiva
Brilha a chama do ideal.

Quizera ver-te envolvida
Em amplas véstes de arminho,
Solta a trança azevichada,
Rolando basta e ondeada
Nas gazes do teu corpinho.

Fôra tão belo! Ness'hora,
Quando branca, a desmaiar,
Vésper suplica d'altura

A luz etéria, a luz pura
Que jorra do teu olhar!

Ao exaltar a memória do seu patrono, o vosso novo confrade sente-se jubiloso porque também lhe foi dado render um preito de gratidão a esse exímio vate matogrossense que tanto o deliciou na sua adolescência com os seus maravilhosos versos e sente imenso pesar por não possuir a fulguração de um genio para compôr um panegírico á altura do homenageado. Mas consola-o a certeza de que ele e seu pai, ambos poetas celebrados, inteligências claras robustas, de lá dos paizes de glória e luz onde hoje habitam, esquecidas as antigas controvérsias, irmanados por idênticos ideais, veem com paternal carinho que o discípulo e o filho não os desmerecem.

Perdoai estas intimidades que, incontidas, se expandem do meu coração reconhecido, pois julgo não serem inoportunas tais manifestações de saudade e de amor filial.

Ao externar-vos mais uma vês os meus sinceros agradecimentos para dissipar, em parte, o remorso que poderia vos assaltar por te-lo conduzido a estas sumidades, o recipiendario, sem ter a pretensão de se comparar com Camões, porém guardadas as proporções, péde-vos receberdes com indulgência a sua afirmação de que

« Nem me falta na vida honesto estudo
Com longa experiência misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.»

Deixa de sair o discurso do academico Ulysses Cuiabano, que recebeu, em nome da Academia o novo imortal, por não haver sido enviado à Secretaria.

POESIAS



ILHA DOS AMÔRES

JOSÉ DE MESQUITA

Meu Passaro que fugiu

Tive-te em minhas mãos, qual tímida rolinha,
e minha fôrâs, si eu soubesse mais ousar.
Mas, assim foi melhor... Si houvesse sido minha,
não me houvera ficado o prazer de esperar...

A ventura na posse é tão breve, Amiguinha,
que o que tem já não tem, e é melhor desejar...
Por isso, Deus louvado! eu te deixei, azinha,
depois de estar na mão, para longe voar...

Bendita timidez! abençoado receio
que nos salvou do tédio e do enfaro e nos trouxe,
atè hoje, a viver desta ilusão em meio!

Podemos esperar! abençoemos a sorte:
— o amor que se perdeu, é toda a vida doce
e o amor que se gozou, amarga até a morte.

ILHA DOS AMÓRES

JOSÉ DE MESQUITA

Paisagem Humana

Cada vez que da Serra os ares bons procuro,
é somente por ti que me conduzo e oriento,
porque neste velado e antigo sentimento,
ha muito vejo em ti o amor mais doce e puro.

Hoje que és minha toda e cresce, mais violento,
desta paixão febril o impulso alto e seguro,
compreendo que, sem ti, tudo é deserto e escuro,
pois tu és, para mim à luz no céu nevoento.

A dolência da Serra é a mesma dos teus olhos,
a doçura deste ar se impregna nos refolhos
dos teus labios gentis que, inebriado sorvi.

E por isso não ha parte alguma na terra
que valha para mim êste canto de serra:
— a paisagem da serra humanizou-se em ti ...

A beira da corrente

Nêste recanto evocativo e prazenteiro,
volto a sentir o que sentimos noutra idade.
Vinte anos já se vão desse lindo janeiro
em que fômos um doutro, em plena mocidade...

O passado reflui aos meus olhos inteiro.
Faz-se presente, na mais viva realidade.
Sinto-o viver de novo o nosso amor fagueiro,
no milagre estupendo e unico da Saudade.

O rio vai passando e voltar não o vemos.
Nós podemos, pórem, subi-lo novamente,
e reviver, numa hora, os dias que vivemos.

Não é o mesmo o rio? Os mesmos já não somos?
Mas fiquemos um pouco à beira da corrente,
vamos ser, num momento, o mesmo que já fomos...

Cravo De Shangai

Vieste daquela mão, como tu perfumada,
setínea como tu, meu cravo côr de rosa,
e à hora em que recebi a dádiva adorada,
beije em ti a mão gracil e generosa.

Guardei-te com amor e, hoje, de madrugada,
ao buscar te rever, surpresa dolorosa!
acho a tua corola, inteira, desfolhada
e umas pétalas só presas à haste mimosa.

Mas o aroma ainda aspiro e sinto a macieza,
— é que o olor e a doçura herdaste todo dela,
simbolizando, assim, no aroma e na beleza,

êste amor que floriu em nossa alma e que — ai!
não me permite ter -minha somente -aquela
flôr humana, que és tu, meu Cravo de Shangai!

Força na Fraqueza

Duas vezes busquei, sedento, a cristalina
fonte do teu amor e ambalas ma negaste.
Quis colher-te botão, ainda abrochando na haste,
e, após, flor já viçosa, olente e peregrina.

Mas, uma e outra vez, teu jardim me cerraste,
sem me enganar, insidiosa e felina,
para que não morresse a paixão repentina
que no meu coração, chaga rubra, cavaste,

Hoje, de novo, vens com o teu todo venusto
de fruta sazoadada e apetitosa e eu vendo
esse encanto fatal de que me esquivo a custo,

eu, que tanto te quis, e a quem tão tarde queres,
humilhado e feliz, aos teus pés já me rendo:
-- tanta é a força que têm, na fraqueza, as mulheres.

Fruta Passada

Muito tarde cheguei para a doce conquista
do teu beijo de amor que, vinte anos, guardaste.
Não importa, porém, que á minha alma idealista
é como si te achasse o dia que me achaste.

A flôr que, hoje, me dás, outro tempo entrevista,
colho-a qual se a colhesse ainda abotoando na haste,
e a pérola que se abre ao meu sonho de artista
é tal como se a visse em virginal engaste.

Teu beijo tem, ainda, o sabor que teria
si o houvesse colhido em plena adolescência,
quatro lustros atrás, quando mal florescia.

E acho em ti todo o viço e olor da puberdade
pois tens, fruta do outono, esse frescor e olência,
de uma rosa colhida em plena mocidade.

Aluna primária

Podes colher do amor as emoções dispares,
as mais fortes, talvez, ou os mais cariciosas,
Dos jardins de Afrodite as mais fragrantas rosas,
podes buscar, para com elas te coroares.

As vivas sensações que hoje, faminta, gozas,
roubando embora a paz e o bem de alheios lares,
- vela branca perdida entre revoltos mares,
que impelem da volúpia as auras caprichosas,

nunca mais, vivas tu embora cem, mil anos,
e consagres a vida inteira ao teu desejo,
e o satisfaças sempre, em gozos sobrehumanos,

te farão esquecer no céu, inferno ou terra,
quem descerrou teu lábio à música do beijo,
quem te ensinou o Amor e tudo o que êle encerra.

Aluna primária

Podes colher do amor as emoções dispaes,
as mais fortes, talvez, ou os mais cariciosas,
Dos jardins de Afrodite as mais fragrantas rosas,
podes buscar, para com elas te coroares.

As vivas sensações que hoje, faminta, gozas,
roubando embora a paz e o bem de alheios lares,
- vela branca perdida entre revoltos mares,
que impelem da volúpia as auras caprichosas,

nunca mais, vivas tu embora cem, mil anos,
e consagres a vida inteira ao teu desejo,
e o satisfaças sempre, em gozos sobrehumanos,

te farão esquecer no céu, inferno ou terra,
quem descerrou teu lábio à música do beijo,
quem te ensinou o Amor e tudo o que êle encerra.

Caçador de esmeraldas

De olhos negros, castanhos, de outras côres,
o mundo cheio, está, e até supponho
que já não sóem provocar amores,
pois o comum se faz quasi enfadonho.

Mas olhos como os teus, multicolores,
céu azul, verde mar, bósque risonho,
são sem iguais, são mesmo encantadores,
têm fluidos de poesias e de sonho...

Ora brilham, de um verde que alucina,
ora turbados de paixão fremente,
têm um fulgor de céus entre a neblina,

e assim, amor, minha paixão escaldas,
fazendo-me pensar que sou o ardente
Fernão Dias daquelas esmeraldas...

Si não fosse...

Numa quinta deserta. Em dezenove.
Nós dois. E mais ninguém, num banco, a sós.
A minha voz, trémula, se comove
e é comovida e treme a tua voz.

Por sôbre nós, o orvalho, em pranto, chove.
Há um espasmo esquisito dentro em nós.
Nem uma folha em de redor se move.
E as mãos unimos numa angústia atroz...

— Si tu não fosses dela, meu serias?
Como ainda te escuto o doloroso
grito dalma, em pungentes agonias!

Parece que ainda agora tu me dizes...
si não fosses tão pura e eu tão medroso,
quem sabe? assim nós fomos mais felizes...

Dia de neblina

Quanto tempo escondi meu sentimento,
e, ora, sinto não posso mais fazê-lo,
pois deste amor tal é o transbordamento,
que o coração não sabe mais contê-lo.

Amor, dedicação, desejo, zelo,
tudo o que no mais íntimo acalento,
esta estranha ternura, sem modelo,
que se compraz no próprio sofrimento,

querer que tudo exige e pede pouco
que sabe que esperar é sua sina,
e aguarda com paciência e quasi louco,

tal é este amor, de sonho e de ansiedade,
igual aquele dia de neblina,
que sentimos viver nesta saudade...

Yara

Dos teus engodos flúidos não consigo
livrar-me. Ouço-te a voz, cada momento.
Numa doce impressão de encantamento,
ficaste, noite e dia, aqui comigo.

Dos teus olhares no lascivo acento,
entrevejo doçuras e perigo.
Quisera ser apenas “teu amigo”,
mas cresce em mim diverso sentimento...

E neste irresistível devaneio,
nesta ilusão maravilhosa e rara,
a que todo me entrego sem receio,

sou como o nadador que incautamente,
vai no arrastão, atrás da linda Yara,
largado o corpo, entregue na corrente...

Neve e fogo

A neve é menos alva que teu seio,
têm mais ouro que o sol os teus cabelos.
Por isso fico deslumbrado ao vê-los,
de frios tremo e em flamas me incendeio.

De que essência és tu feita? Donde veio,
de que estranho país de sol e gelos,
essa carne que toda frême em zelos
e esse torpor que nos teus olhos leio?

Eu que cansei de amar, nesta agonia
em que vivi, de amor sempre trocando,
atrás de uma ilusão que me fugia,

sou forçado a te amar, meu doce Bem,
que, neve e fogo, fazes que te amando,
trema de amor e arda de amor também...

O original

Ter teu retrato, assim, corpo inteiro, Querida,
é para mim, a um tempo, alegria e tortura.
Alegria, pois vejo o sol da minha vida,
que, mesmo assim de longe, aclara a noite escura;

mas tortura, também, tantálica e doída,
pois que em te vendo assim, suave creatura,
cópia viva do que és, mais sangrenta ferida
do desejo cruel o meu ser amargura...

Como eu quisera ter, aqui sempre ao meu lado,
dia e noite e poder beija-los, como beijo
teu retrato, tua alma e teu corpo adorado!

Cansado de sonhar, eu aspiro o real,
e, no meu louco amor, o que ora mais desejo
é ter, em vez da cópia, o proprio original!

Remorso estranho

Quando me ponho a recordar, sózinho,
quantos amores despertei na vida,
e deixei, fruta à beira do caminho,
da árvore à mão e que não foi colhida,

punge-me o coração secreto espinho,
oculta angústia, mágua dolorida,
de não ter compreendido êsse carinho,
essa afeição tão tarde percebida.

E vem me então esse arrependimento,
remorso estranho de não ter pecado,
que é um singular e único sofrimento.

Dúvidas que à alma pungem e ensombrecem,
de amar as de quem fui tão pouco amado,
deixando as que, talvez, mais me quisessem...

Saratoga

O' que idéa essa tua, delicada
lembrança de um amor tão meigo e doce,
de pôr na carta, minha Bem-Amada,
o teu perfume, qual si uma alma fosse!

Mal a entreabri, suave, êle evolou-se
de tal jeito era a carta impregnada
que o ambiente, em roda, todo perfumou-se,
como um vidro de essência derramada ...

Todo o nosso passado tão saudoso,
aquêles dias de sublime goso
e o sonho que minha alma em ti resume,

e toda tu surgiste, toda e inteira,
naquela evocação doce e fagueira,
corpo e alma, nessa onda de perfume...

Beijo entre lágrimas

Bebi tua alma nêsse beijo ardente,
orvalhado de lágrimas sinceras,
e preferi recuar, discretamente,
ao ver qual sou e vendo qual tu eras...

Não quero te iludir maldosamente.
e em teu seio semear lindas quimeras,
dar-te um inverno lúgubre e inclemente,
por uns dias de sóis e primaveras.

Ó com que dor eu sinto que ora devo,
por ser herói, fugir, não mais tentar-te,
já que a tentado ser não mais me atrevo...

Quero-te tanto e queres-me também:
por isso é que te fujo, pois, destarte,
ficas de mal... mas me querendo bem.

Mena

G. Vandoni de Barros

In omnibus gratias agite

(Pauli, 1 ad Thesa, 5, 18)

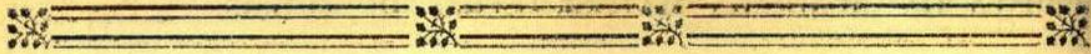
Certo estarás no Céu, doce alma compassiva,
Aura plena de Amor e de Fé, para quem
A existência oscilou na leve alternativa
De aborrecer o Mal e de espargir o Bem.

Tinhas no coração, jorrando a flux, nativa
Uma fonte imortal de ternura e, também,
No teu ser percutia a angústia coletiva,
A dor universal que da vida provém

Como pudeste, ó meiga irmã dos sofredores,
Transmudar, inexausta, os espinhos em flores,
E tantos amparar nos frágeis braços teu s?

Agora que partiste, eu vejo — oh maravilha!
Aquela mesma humanidade maltrapilha
Advogando por ti, junto dos pés de Deus!

Corumbá, 27. VII. 49



VERSOS

—DE—

RUBENS DE MENDONÇA

Soneto sem nome para as mulheres que amei

Cerro os olhos e sonho... Mansamente
As mulheres que amei vejo passar...
Mulheres que eu amei tão loucamente
E que as chamas do amor trazem no olhar!...

Lembro-me algumas, cujo olhar fremente
Era volupia estranha e singular...
Outras por mim passaram friamente
Sem meus lábios nos seus mesmo pousar!...

Passai, visões da minha fantasia
Vultos gentís que o tempo mau desfaz...
Amor! Que outróra foi minha alegria...

Tal como quem desfolha mal-me-queres...
Eu tenho um coração grande, capaz
De amar com ele tôdas as mulheres!...

Mulher

«Deus sintetizou em ti, mulher, tôda a beleza dispersa no Universo»

GERVÁSIO LEITE.

És um poema de carne! E carne perfumada...
De voluptia, de amor — resumo do sublime!
O teu sorriso tem lampejos de Alvorada,
A graça Universal — esse teu corpo exprime!...

Tu és a perfeição Mulher, perolejada...
Escondes no teu corpo a virtude e o crime...
De tudo quanto é belo e bom, foste formada
E é por ti que do mundo a magua se redime!

Suponhamos que Deus não te houvesse creado...
O mundo então seria um amaldiçoado
Abismo, triste, horrendo, infernal solidão!...

Mas Deus ao te criar, deu-te tôda a beleza —
Todo o imenso esplendor que tinha a natureza:
E se immortalizou com a tua criação:...

D. João de Castro Teles

A João Afonso Côrte-Real

— Virgem santa! chilreou a espanhola,
encarando-o com assombros. — Queria usted
matar a todos los hombres de Sevilla?

— Respondeu-lhe o Senhor de Boquilobo:
— Nombre de Dios! Para poder quedar-
me solo com todas las mujeres!»

Julio Dantas. — Pátria Portuguêsa.

Senhor de Boquilobo achava-se em Sevilha
Quando em pleno teatro o ousado português,
Sobe ao palco e no espaço a sua espada brilha,
Fuzila o seu olhar com estranha impavidez!...

Quem n'aquele teatro, onde o povo fervilha,
Ousaria zombar com tal desfaçatez
Do Duque de Bragança? E a Espanha então se humilha,
E todos fogem diante a sua intrepidez!

E ao descer do tablado um olhar o fascina...
Senhor de Boquilobo ouviu então sorrindo
A pergunta gentil duma voz feminina:

«De Sevilla matar todos los hombres queres?»
E de pronto responde — o feltro descobrindo
— «Para ficar a sós com tôdas as mulheres!»

A Arte

A João Antônio Neto

A arte é bem semelhante á natureza
A graça é feita de simplicidade.
Porque todo o segredo da beleza
Está do artista na sinceridade...

Que tenha o verso o encanto e a singeleza
Da fórmula. E que possua amenidade
Porque da língua, a clássica pureza
Por certo constitui necessidade...

Não te preocupes com o que diz o mundo:
Se te louva ou mal diz. E sê profundo
No pensamento, e ardente na expressão...

E que o teu verso viva em toda parte,
Para ser a corôa da tua arte
E a imensa glória ideal da perfeição!...

Balada triste para uns olhos lindos

Foi assim, uma história passageira,
Por acaso nasceu o nosso amor,
Comecei a te olhar por brincadeira,
Transformando depois esta fagueira
Esperança — num sonho encantador!...

E de tanto te olhar, mulher querida,
Que nasceu em meu peito esta paixão...
Hoje ficou minha alma re florida
Pois representas tudo em minha vida,
Única vida do meu coração...

Não chego a compreender esta loucura,
Este amor, este doce encantamento,
Que vem de ti amada creatura,
— Se dos teus olhos vêm essa ternura,
Amenizar meu grande sofrimento!

Se não te vejo é negro, o claro dia:
Não tem a aurora a côr do rosicler...
Mas tudo se transmuda qual magia,
Se vejo o teu sorriso de alegria
E êsse teu lindo rosto de mulher...

E deslumbrado fico se te vejo,
Sinto por ti — o que dizer não sei...
Seja talvez a fome do teu beijo
Que alucina e incendeia o meu desejo,
Dêsse teu beijo que ainda não provei...

E ante êsse teu rosto cujo encanto
Tem a graça imortal do teu olhar,
Dêsses teus olhos que eu adoro tanto,
Cuja beleza, hei de dizer, enquanto:
Eu tiver vida para mais te amar:...

Heroísmo de fugir dos olhos de mulher bonita

Fujo de ti, da tua formosura,
Fujo dos olhos teus, do teu sorriso
E fugirei até, se for preciso,
Desses teus lábios de ideal doçura...

E se te vejo, ás vezes indeciso
Fico, é porque, divina creatura,
Possui o teu olhar tanta ternura
Que não sei se é o inferno ou paraíso...

Só sei que temo e fujo ao teu amor...
E fugi, sempre, desde o teu primeiro
Olhar cheio de graça e de esplendor...

Fujo do teu encanto, minha amada,
Tal como xenofonte, o audaz guerreiro,
Que se immortalizou na Retirada...

Olhos mortos de sono

Ao Dr. Orlando Nigro

Olhos mortos de sono que acordados
Velaram noites tristes de agonia,
Olhos que padeceram torturados
Do tédio a dor e a atroz melancolia...

Olhos mortos de sono — olhos cansados
De passarem as noites em vigia...
Olhos dos pobres párias, desgraçados
Que não conhecem a dor nem a alegria...

Olhos de quem sofreu tôda a amargura
Do mal, do horror, em negra desventura
E que passaram tôda noite em vão

Acordados, sofrendo atróz tormento,
Olhos que vivem no padecimento
E que são sepultura da ilusão:....

É melhor ser Sultão

Cismando haver nascido em outra idade
Para fugir do mundo a tirania,
Eu me recôlho nesta soledade
E dou asas á minha fantasia...

E de tanto sonhar na antiguidade
Eu vou sentindo aos poucos a ousadia...
De audaz guerreiro que a imortalidade
Conquistou com ardor e valentia...

Carlos Magno, ser, eu imagino...
Ser A'tila ou Bayard que o destino
Do mundo altera ... ou ser Napoleão...

Mas que vale ser Rei, viver em guerra...
O sangue derramando sobre a terra —
Eu prefiro um harem — e ser Sultão!...

Contraste

O teu olhar ardente e sedutor
Quando pousou no meu olhar, querida,
Era cheio de graça e de esplendor
Que despertou minha alma adormecida...

E senti um desejo pecador
De beijar a tua bôca apeteçada...
Que importa a lei dos homens, se o amor
É mais forte que a morte e do que a vida!...

Porém, pouco durou nossa ventura,
Abrazava meu peito o amor fremente
Só por te ver divina creatura!...

E ardia no meu peito um fogo interno:
Meu coração era o Equador ardente —
E tu mais fria que Moscou no inverno!...

Camonianos

Alirio de Figueredo

Quinhentistas sejais, campai de o serdes.

Filinto Elysio

I

Aqui, nesta solidão da natureza,
Vivi, por muito tempo, abandonado;
Mais cheio de alegria que tristeza,
Cuidando do meu campo e de meu gado;

Mas eis que um certo dia, inesperado,
Passou, perto de mim, vossa beleza;
E o viver, dêste mui, tão descuidado,
Mudou-se nesta dor, nesta asperêza.

E à beira dêste riacho amor me veio;
E se foi; e deixou-me, assim, ferido,
Suas setas deixando no meu seio.

E vos quero, indaque isso vos não dôa;
Que o amor, senhora, quando assim nutrido,
Quanto mais renegado mais perdoa.

II

A primavera passa; e passa, o outono;
Passa o inverno e o verão, que tudo passa;
E à luz do luar, que nos convida ao sono,
Vem a da sol, que as trevas adelgaça;

Ao abandono succede outro abandono;
E, ás vezes, ao amargor, succede a graça;
Transforma-se em possuido o que era dono,
E, os castelos das nuvens, em fumaça;

O rio vay passando; e passa, o vento;
Passa, das proprias cousas, o lamento;
Passa o raio; socega a natureza;

E vendo em tudo assi tanta mudança
—O pranto em riso, a colera em bonança—
Só não vejo mudar minha tristeza.

III

Longe de vós, senhora, que alegria
Me pode dar o amor que de vós veio?
Pois si vos tendo ao lado, he sempre dia,
He noute, em eu vos vendo em braço alheio.

Tornai a mi, senhora, augusta e esguia,
Si me ha dado alcançar tam doce enleio;
Dai-me a palma da mão, esquiva e fria,
Si me nom podeis dar a gloria e o seio.

Assi, senhora, dai-me esse remedio,
Que he o presença de vossa fermosura,
Afastando de mi a magua e o tedio;

E, si imposivel he quanto vos rogo,
Ide, e fique eu na mesma noute escura,
Mas levai deste amor a chama e o fogo.

IV

Dês que vos vi que assim ando perdido,
Perdido, e de mi mesmo deslembrado.
E é o meu nome por vós tam esquecido
Quanto o vosso por mi tanto lembrado.

E dóe-me ver assim despercebido,
Senhora, aos vossos olhos, meu cuydado;
Postoque bem saibais quanto é sentido
Ver-me por vós, senhora, maltratado.

Que eu parta, e ficai vós como quizerdes;
De mór sonho de gloria ja desisto,
Minha Nossa Senhora de olhos verdes;

Porque, sem o controle de meus nervos,
Vejo, senhora, e claramente visto,
Que é mais facil deixar-vos que esquecer-vos.

A nossa casinha

Otávio Cunha

I

Eu um dia a encontrei, chorosa e triste,
qual roseira a murchar por falta d'agua...
Ventura... deve ser a que consiste
em pormos dentro em nós a alheia mágua!

Seguiu comigo para a minha casa,
que se tornou mais d'ela do que minha!
Cada uma telha parecia uma asa
a abrigar-nos da chuva, quando vinha.

Enxuguei os seus olhos com os meus beijos,
bebi seu pranto, e logo se alegrou...
Nada eu lhe perguntei dos seus desejos,
nem donde vinha, nem por onde andou...
E ela ficou comigo. Ela ficou!

Que importava saber do seu passado,
se eu n'ela achei o meu amor presente?
Madalena se tinha algum pecado,
um olhar de Jesús fel-a inocente.

II

Nesta casa vivemos, dia a dia,
por entre beijos e felicidade...
O calor do seu corpo me aquecia
e eu a amparava-ao vir da tempestade.

Que importava a nós dous (dous entes n'um,
duas almas vivendo n'uma só)
ventos soprassem roncões de simum,
trouxessem neve ou levantassem pó?

.

A casa tinha a fama de encantada,
nada de mal deixava vir de fora...
parecendo uma estrela iluminada,
onde um casal feliz de deuses mora.

Nossa casa pequena era um primôr!
Canteiros de verduras, roseirais
(deram rosas demais,
quando ela veio!)
Jasmineiros subidos na parêde
(quando ela veio, deram tanta flôr!)
e no jardim, aqui e ali e em meio
pequenos lagos artificiais,
onde passaros — todos seus amigos—
sem mais temer perigos
e pardaes
vinham matar a sêde.

III

Um dia acordei cedo... A aurora vinha
mal querendo dourar o nosso abrigo..
Já não pousava a sua cabecinha
no travesseiro do meu braço amigo!

Chamei por ela. Não me respondeu..
«onde estás, meu amor! ouve! eu te chamo.
Bate por ti meu coração que é teu...
Eu te amo! Eu te amo!»

Meu olhar se contristou...
Leito vasio
é triste como um rio,
que secou!

IV

Chamei, chamei por ela. E como um louco
sai. A porta estava escancarada!...
Até o céu parecia que era mouco
aos gritos da minh'alma torturada!

Olhei a porta aberta — ao vir da aurora
porta por onde ela saio bem cêdo...
—Vi bem de porta a dentro entrar o medo,
—Vi bem meu sonho se ir de porta a fóra!

E corri pela estrada — o sol nascia! --
fui vendo os rastros dos seus pés pequenos,
sentindo, de hora em hora, uma agonia
de quem bebera todos os venenos!

Pude enxergal-a muito longe, além,
onde a estrada parece se acabar,
a subir a colina eu vi alguém...
—toda de branco a caminhar.

Nem um adeus sequer! Fiquei sosinho!
Vi que se foi — ó realidade cruel!
Deu-me a beber tão capitoso vinho...
deu-me, depois, o calice de fel!

E ela se foi! e ela partio...
que horrôr!
e amo-a, bem sei, cada ves mais...
Devia ver, mais não vio
que me deixando ao desabrigo,
seria bom levar comigo,
nunca deixando para traz,
o meu amôr...

V

Voltei a casa chorando ...
Na casa tudo chorava,
de quando em quando!...
mas seu canario do imperio
ficou mudo — que misterio! —
ele que cantava tanto,
quando ela estava!...

E a casa do nosso encanto,
da nossa doce ventura
ficou feia, toda escura,
foi virando uma tapéra,
adoeceu de quebranto!
E aquela nesga do céu,
mas de um céu de primavera,
que lhe servira de altar,
parecia um mausoléu
para eu n'ele me enterrar ...

VI

Levando a dôr no meu peito,
nossa casa abandonei ...
ninho azul que eu não trocava
pelo palacio do um rei.
Se tudo estava desfeito.,
de que valia olhar o nosso leito,
sem ter seu corpo perfumado,
ao meu lado !
e olhar o que era nosso — tudo aquilo,
que ela sabia dar arrumação ?
Nada mais poderia estar tranquilo,
se de todo deixou desarrumado
meu proprio coração !

VII

Mulher, feitiço de mulher!
se Deus quiser,
hei de te ver algum dia,
pois ando por toda a parte
somente para encontrar-te,
clarão da aurora, que ainda me alumia!

Nesse dia,
que me encherá de alegria,
talves não possas logo me conhecer,
porque, sem teu carinho, envelheci...
Há já anos que te foste embora,
vinha rompendo a aurora...
Foi uma noite aquele amanhecer!
Há já dois anos, nunca eu te esqueci...
e eras tão moça ainda,
e eras tão linda,
pela ultima vez, quando eu te vi!

VIII

O' meu amôr diletto !
mudaste o meu sofrer em grande afeto,
mudaste o afeto em grande sofrimento ...
O vento vai e vem, reboja o vento
do pensamento ...
Eu soffro, sim, mas eu te amo,
como da vez primeira ...
Mas esta dôr
é uma maneira
de amar o amôr !

Ando — mas sem saber para onde vou ...
Antes do tempo envelheci. Criei
cabelos brancos ! Pobre velho sou !
Ando com o meu bordão correndo mundo,

é o castigo de quem já tanto amou ...
Meu coração é um pelago profundo,
onde a saudade, a redemoinhar nas aguas
das minhas maguas,
pairou !

IX

Se a fé não se transfigura
em descrença,
até que teu sonho vença
luta, meu coração!
como a abelha que procura
uma flôr pelo verão!

Luta contra o destino. A luta é vida.
Peleja pelo ideal que te conforta...
Sacode o corpo da esperança, lida,
bem pode ser que não esteja morta!

X

Um dia, que há de chegar,
(se até as pedras se encontram
porque mudam de logar...)
meu coração, que é nosso, ou todo teu,
que ainda não morreu
de aflição;
que te busca, que te ama, que te adora,
ao deparar contigo,
vagando, sem ter abrigo,
quando fugires de outro coração
ao romper da aurora,
deixando nele aquela minha dôr,
há de, humildemente, te pedir
—uma migalha do teu beijo ardente...
—um pedaço de pão do teu amor!

XI

Voltou enfim! Sêja bemvinda!
Cada vez está mais linda
assim crê o olhar do amor,
quando se ama com ardor . . .
Chegou! e o ninho encantado,
do nosso afeto invejado,
onde o nosso amor nasceu
e vivemos — ela e eu —
— com a sua volta — a casinha
que é mais dela do que minha,
como a Phenix — renasceu! —

certo dia a encontrei, chorosa e triste,
qual roseira a murchar, por falta d'gua.
Veutura . . . deve ser a que consiste
em pormos dentro em nós a Meia magua!

Minha Mãi

(No cinquentenário de sua morte)

Rosário Congro

Eras tão moça e eu creança ainda,
quando, cruel, a morte arrebatou-te á vida.

Foi na alvorada límpida do século
estupendo,
mas, para nós, sombria e rude.

No doce clima do rincão querido,
de glicínias floria a nossa casa
e alegres de viver, vivíamos!

Mas, ó desgraça imensa, um dia o mórbus
a cidade envolveu
na dor, no luto, na desolação!

Não houve lar, que a Parca não colhesse,
nem dia que os coveiros terminassem,
sôbre a vala comum, a triste faina.

De tres mil vidas foi a horrente ceifa,
da epidemia nos intermináveis dias!

Não mais ali paravam
os trens velozes que ainda mais fugiam,
de janelas fechadas,
eis que por elas não entrasse a peste!

Frutos miríficos que Deus inspira
á humana criatura,
de longes terras os socorros vinham,
que os bandos precatórios recolham.

O flagelo da fome, outro maior seria!

Dos clubes nobres os salões doirados
eram os fartos armazens de viveres.

Ó quantas vezes, de sacola ao ombro,
em busca fui da semanal ração!

Quando os sinos das torres, soluçando,
de Monsenhor Vigário a morte anunciaram,
toda a esperança parecia finda
que a desventura cedo nos deixasse.

Moanjas de Santa Clara, alvos lírios do claustro,
quantas de vós do hastil penderam!

O teu enterro, minha Mãe, relembro
na mesma tétrica visão de outr' ora.

Um quê de trágico e mistério teve.

Agonizavas, E já os milicianos,
numa sinistra ronda, á nossa porta estavam.

Ainda quente o corpo, te levaram...

Na escuridão da noite alta, os faróis
do carro-esquife os olhos pareciam
de horripilante monstro!

Para evocar-te, o pensamento elevo :
— sinto-te ainda o maternal afeto
a encher-me de ternura o coração.

Deste-me a vida e me ensinaste a ama-la
na rigida pureza do carater.

Cincoenta anos!

Invios caminhos percorri do mundo,
do teu espirito ao celeste amparo.

Pelos plainos em flor que atravessei cantando,
eu pressentia
do teu sorriso o luminoso encanto!

Vou agora transpondo, á luz crepuscular,
um árido deserto.

O silêncio da treva se aproxima...

Para a teu lado estar, ó Mãi, tão perto estou!

4 de fevereiro de 1950.

Bom Despacho

I

Na majestade augusta em que te elevas,
templo da minha Fé no morro erguido,
és o fanal dos vagalhões batido,
feixes de luz a despedir nas trevas.

Sonha, no vale, o riacho adormecido.
Acodem à lembrança éras primivas,
quando Sutil, das arrojadas levas,
o olhar trazia cúbido e incontido.

A grandeza simbólica das catas,
fez de ouro o pedestal em que se avulta
esse poema de pedra que retratas.

Rendilhado na canga milenária,
e á luz dos teus vitrais, brilhante e vária,
minh ' alma, ao ver-te, deslumbrada exulta.

Bom Despacho

II

Maravilha do gótico imponente,
tão bela é a nave de ogivais arcadas!
Ao fundo, na capela, docemente,
ardem pareses lâmpadas sagradas.

Um dia os nichos, no hemiciclo albente,
de Grandes Santos hão de ser moradas,
como o gênio virá, que fez, ardente,
de Boticelli as mãos iluminadas!

Entre os despídos muros do santuário,
numa visão de célico esplendor,
vai o arcebispo orando, solitário.

E passarão os séculos vindouros,
a glória perpetuando do Senhor,
na bronzea vóz dos carrilhões sonoros!

A palmeira morta

Tem a palmeira na esbeltez do porte,
toda a ufania, a majestade e a pompa
dos paços imperiais.

A embalar-se no cimo sobranceiro,
beijando o puro azul que lúcido se arqueia
ao sol se oferece desnastrando a coma.

É de se ouvir então, o doce pitalâmio
dos módulos sabiás!

Entre as que vejo embelezando a praça,
em colunatas circulares
ou perfiladas sôbre as avenidas,
velha ruina se mantem de pé.

Não mais tem, a flutuar, a verde cabeleira,
e o busto ereto os vendavais afronta
sustido ainda nas raizes mortas!

Como eras' bela!

Teu passado revive nos idilios
que protegeste á luz dos plenilúnios.

Contaste a história da cidade amiga,
as altas palmas farfalhando alegre.

E como asas cansadas se quedavam,
quando a tristeza sôbre nós descia ...

Eras sempre a primeira, a dar as boas-vindas
aos forasteiros que chegavam
nas reluzentes naves de alumínio.

Quanta nobreza em teu destino existe!

-- como tû, quiz subir, sosinho, o poeta ...
-- Como tû, frente erguida, hei de morrer !

Quando Jesus nasceu

Pelos velhos caminhos da Judeia,
sangrando os pés nas pedras e nas urzes,
vão as ranchadas tristes dos hebreus.

É inverno.
Cortante é o vento como a lança de um centúrio.

Sôbre o longinquo azul das montanhas de Moab,
o sol da tarde, pálido, se deita.

Por entre casuarinas e olivedos,
branqueja á meia encosta a plácida Belem,
de forasteiros fervilhando agora.

Mandara Augusto ao censo

Calma e envolvente a noite desce.
Na lage dos portais
a turba, sonolenta, se derrama.

* * *

Suave qual a aragem que perpassa
beijando os castos lírios da Betânia,
Maria pende a fronte e se revela
— Meu pobre companheiro de fadiga
vencida estou, e o dia tarda ainda...

Quando Jesus nasceu

Pelos velhos caminhos da Judeia,
sangrando os pés nas pedras e nas urzes,
vão as ranchadas tristes dos hebreus.

É inverno.
Cortante é o vento como a lança de um centúrio.

Sôbre o longinquo azul das montanhas de Moab,
o sol da tarde, pálido, se deita.

Por entre casuarinas e olivedos,
branqueja á meia encosta a plácida Belem,
de forasteiros fervilhando agora.

Mandara Augusto ao censo

Calma e envolvente a noite desce.
Na lage dos portais
a turba, sonolenta, se derrama.

* * *

Suave qual a aragem que perpassa
beijando os castos lírios da Betânia,
Maria pende a fronte e se revela
— Meu pobre companheiro de fadiga
vencida estou, e o dia tarda ainda...

Ouvir-lhe-ão as parábolas, e ungidos
do Senhor, pregarão por toda parte
a doutrina sem par do Cristianismo.

Das praias do Mar Morto aos escavados
montes da Samaria, as multidões,
abrazadas de fé, segui-lo-ão.

E o Calvário terá depois do Horto

* * *

No céu da Palestina
descerra a estrela núncia a esplendida pupila.

Jerusalem. Sob o crescente, se ergue
dos minaretes o recorte eburneo.

Ouve-se. rumoroso,
o Cedron a rolar no vale árido.

Na escura torre Antonia, Herodes surge,
sentindo o cancer devorar-lhe o peito.

Pávido, féro, a maldizer o astro,
dos inocentes
a hecatombe rumina!

.....

Com ajaezados, tardos dromedários,
longe se aprestam régias caravanas
que oferendas trarão de incenso e mirra,
mais preciosas que o ouro de Gaspar.

Oração à Paineira

Lamartine Mend

Que bom envelhecer dessa maneira!
Ontem, flôres de sangue; quem te visse,
não diria estar vendo uma paineira,
porém vulcão, que pétalas explodisse...

Flôres na mocidade alvissareira,
pomos de flor abertas na velhice...
Velhice? és Primavera feiticeira,
que de alegres meteoros se cobrisse...

Paineira! dá que assim eu envelheça,
de alma serena, encanecida e nova,
rebentando alvoradas na cabeça

fervilhante de abelha e passarinho...
Eia! envio-te um beijo numa trova!
Transforma em paina o pó do meu caminho...

II

Eu quero envelhecer cantarolando,
como a paineira: os ventos são diversos,
e Amor sòmente é a sua voz, ao bando
das plumas e ferrões no azul dispersos...

Eu quero envelhecer moço, atirando,
em proveito dos bons e dos perversos,
chubarada de arminho, a quando e quando,
curtindo travos e compondo versos...

Às vezes, sinto que uma folha morta,
em surdo vôo desprende-se da fronde,
bem antes que me anoite o caule a calma...

Menos uma Esperança? E isso que importa,
se a seara das rimas corresponde
à dos Sonhos que surgem dentro da alma?...

Queimando velhas cartas

João Vilasboas

Venho queimar as tuas cartas... Venho
dar cumprimento a mais um teu pedido.
E junto ao fogo, triste, me detenho
a reler todas elas, compungido.

Queimo-as depois. E o pranto não contengo,
quando tudo é na chama consumido.
Pois me parece que fizeste empenho
em ver nosso passado destruído...

Enquanto, lentamente, morre o lume,
dentro em meu peito cresce e toma vulto
a labareda ardente do ciúme,

por não saber o que tu me escondeste,
tudo quanto de mim guardaste oculto
e tudo quanto nunca me escreveste...

Poemas

Domingos Felix de Souza

Menino morto no beco

Coisa de que não falamos
é entêrro de crianças.
Nem mesmo alento se tem
quando meninos morrem.

Ontem morreu um. Foi no beco.
Com saudades na hora de morrer
do brinquedo que lhe dei.
O garoto do beco era igual
aos outros meninos do mundo:
tão simples achou a morte
que só lembrou o brinquedo.

Seus olhos de morto eram belos
como estrêlas que estão presas
num vão escuro do céu.

Também quando estava triste
— o que não custava muito,
seus olhos brilhavam puros
como estrêlas fugitivas
riscando o espaço um instante
e se apagando de súbito,
pedras ásperas sem vida.

Poema triste dos braços

Meus braços: as criancinhas
quão puras, e como as sinto.
Embora por um instante
fugidio de delírio
os sintam como serpentes
— dois réptis em suor e febre
que se ossificam num grito
e se vingam, me infamizam.

Então o mundo se prende
total em minha garganta.
E essa angústia de pecado
e maldição me sufoca
o soluço, o grito, o sonho.

Não mais o ensejo esperado
para as canções e o idílio
— poemas à beira do rio
que perderam a contestura,
pois de há muito foram vítimas
do alcoolismo e da matéria
os sentimentos bucólicos.

O mundo todo no peito.
Ele não sai, vai morrer
em minha ância que jorra
nos gestos ósseos dos braços
que procuram evasão
para a angústia subjugatória.

Às vêzes fujo do jugo,
sinto-me manso e perfeito:
ausência de sêde e desejo.
O peito feito de nuvens,
a voz tão mansa que ouvi-la
dominaria as serpentes.
Como sou puro e sou jovem
sem esta sêde e sem lingua.

Mas no momento esquecido
sem aviso e preconceito
retornará o suplício
das mãos, dos olhos, dos lábios.
Na compressão dessa fome
de carícia e esquecimento
que impele os braços — tão frágeis
de energia ou de remorso
para a busca de outros braços,
ne novo sucumbirei.

Vê-los tão quentes de vida
na efervescência da febre
de meus vinte e tantos anos,
quem diria que o momento
chegará em que, exaustos,
se dobrarão em silêncio
para ter o privilégio
da casta das catatumbas
que não permite os acenos
dos corpos degenerados?

Dobrados em muda prece
para a aventura do sono,
da sombra... da sepultura
sôbre a qual a grama pura
um dia verdejará.

Embriaguês

Uns se embriagam de vinho
outros com muita alegria.
A arte, um derivativo
para os incautos e os frágeis.
Para muitos, muito amor.

Tantas bebidas no mundo!
Quem irá enumerá-las
ou a tôdas degustar?
E tantos entorpecentes
para o delírio e a fuga.

Eu me embebedo sòmente
com minha sobriedade.
Vejo a vida integralmente
e esta existência tonteia.
Sinto o mundo como existe
— rubro sôco nas retinas.

Dispenso o álcool, o flúido.
Basta-me a sobriedade
— a visão total do mundo
e tôdas as côres do aspéctro
refratando sôbre a vida.

Revivendo

Agricola Paes de Barros

Ao longe, muito ao longe, em retirados anos,
 Em Cuiabá nascí, em leitos paulistanos....
 Bem neste ponto vejo e sinto ter morado!
 Aquele rio ao longe, aquela sérra, o prado...
 Escuto aqui bem perto, risos conhecidos,
 De velhos bandeirantes bravos destemidos!
 Escuto vóz e grito de bugrinho manso
 Flechando peixe junto à pedra do remanso.
 Distingo os conterraneos, filhos do lugar,
 Tentando com valor o mando conquistar!
 Estou sentindo e vendo nestes arredores,
 Com muita nitidêz e muitos pormenores:
 Praças, travéssas, ruas, becos preferidos,
 Aqueles mesmos sítios velhos e queridos...
 A Praça da Matriz, formosa, grande e béla
 Era naquele tempo, o largo da Capéla!
 Vejo a primeira rua, às margens do Praínha:
 Alégre casaric branco que se alinha...
 Por todo lado vão surgindo granjas, roças,
 Fazendas, casas, trilhas, caminhos e chóças...
 Estão lotadas ruas e tambem estradas,
 Lotadas de carretas, trópas e boiadas...
 Febril trabalho a todos no povoado envolve,
 Ou quer no campo, quer no rio, a terra volve.
 Ao longo do garimpo vasto, colossal,
 Enxada em punho, cava a terra tropical!
 Escava, córta a beira do morro e do rio,
 Ligeiro lava a térra em grande vozerio.
 De pouco a pouco vae o corrego dragando,
 O bom metal nos fundos bolsos enfurnando.
 ;;;
 Tombava no horizonte o sol . escurecía
 Em breve a densa noite a Vila já cobria ..
 Escuto na Capéla em noite de luar
 Hinos ao Bom Jesus nos ares elevar!...

Em muitos lares há reuniões e cantos,
 Nas praças e travéssas, ruas e recantos,
 Ao som de gaitas, flautas, violões, safonas,
 Dançam rapazes, moças, vèlhos e matronas . . .
 E quantas vezes, alta noite, ao fim da fésta,
 Ficava olhando áquela gente tão modésta,
 Aos grupos, conversando aqui, ali, aos pares,
 Rumando alegremente aos seus modestos lares!
 Aos poucos vão ficando aqui, ali, partindo,
 Em cada rua, praça, ou beco vão sumindo . . .
 Outros vão para longe, aos rinções distantes,
 Ao lado das colinas, junto das vazantes;
 Do Lavapés, Quilombo, ao belo Ribeirão;
 Pela Mandióca, por Bufante ao Areião.

.
 É quasi meia noite . . . está desérta a praça . . .
 Fatigada repouza áquela grande raça . . .
 Entro por estas ruas: de Baixo e Práinha . . .
 Há luz, escuto vózes naquela casinha,
 A conhecida casa da mestiça Andreza,
 A tentação maior de toda a redondeza,
 A mulher que faz bagunça e surúrú na Vila.
 No seu bordel há sempre tiro, páu, quizila . . .
 Rua de Cima, pouco alem do Beco-Torto,
 Vende o vèlho botéco bom vinho do Pôrto,
 Bom vinho Português bebido em Cuiabá,
 Com cachaça de cana e gostoso aloá! . . .
 Ao lado, fim do Beco, tem o Bar Borrvalho:
 Onde existem mulheres, cachaça e baralho.
 Gente entendida, " Dona ", com gran maestria,
 Faz gostosos pitéus à gentil freguezia!
 Tem orchata fresquinha e tambem capilé
 Arroz de leite, pão-de-ló brôa e buré;
 Cuscús, cocáda, pão de mel, café, melóte . . .
 Peixe de grélha, tenra carne de mamóte . . .
 De quando em vez há grandes festas, alegria,
 Jógos de prendas, bailes e . . . pancadarias! . . .

Rua do Meio, mórta, cálida, soturna,
A silenciosa rua, muda, taciturna . . .
Nas noites sem luar, de feia escuridão,
Pés descalços, mansinhos pizando no chão
Silhétas noturnas passando no escuro,
Apertadas, grudadas, coladas ao muro . . .
São casados na cértá ou senhor de respeito,
Ou seguindo ou voltando de ponto suspeito;
São escravos malandros deixando as senzalas,
Vagabundas perdidas rolando nas valas,
São os bugres cativos fugindo ao senhor,
Às florestas distantes levando o pavor . . .

É madrugada . . . os galos cantam nos poleiros . . .
Arrulha a pomba . . . muge os gado nos terreiros
É dia, toda vila canta no trabalho
Nessa imensa bigorna zunindo no málho! . . .
É diferente a Rua do Meio de dia:
Compra e venda de escravos e mercadoria
De tudo ali se compra e de tudo se vende,
Comercio que de tudo sabe e de tudo entende.
Na mesma casa vendem-se sêda e sabão,
Remédio em vidro, toucinho e munição! . . .

Toda a Vila desperta na luta do dia:
Trabalho é força, é canto, é vida, é harmonia!
Canta o carreto, o carro, a prensa de farinha;
Canta o martélo, a lima, a fórja na tendinha;
Enxada, pá, enxada e ferros da Inglaterra
Cantam em nosso campo a revolver a terra! . . .

A beleza da mulher

Por ocasião do certame mundial de beleza

Augusto Cavalcanti

Ela, de certo, nos fascina,
visto que foi sempre o modelo
da Venus candida e divina,
dos pés às ondas do cabelo.

Em seu conjunto harmonioso
tudo que vemos e se nota
lembra da carne o excelso gôzo
e n'alma esplende em luz ignota.

Entre ela e o homem o contraste
foi assim feito, com certeza,
para que êle colhesse na haste
a flor que oferta a Natureza.

A influência é muito forte
que vem dessa diversidade:
ela é que exalta o esbelto porte
e mais encantos da beldade.

E' por isso que essa travêssa
tão fàcilmente nos illude,
e à roda põe-nos a cabeça
só com um gesto ou attitude.

E mesmo, às vezes, a coqueta,
com a sua arte, o seu sorriso
nos parece outra Julieta
esno entreabre um paraiso;

e, leviana, colabora
com a sua contrafacção,
para uma ridente aurora
de Amor, que é apenas ilusão.

E' que o Amor em suas cenas,
é por muita vez uma fita,
em que á amada basta apenas
ser elegante e bonita.

Por uma, entanto, feliz, regra,
entre os casaes agora franca,
vemos mais de uma Venus negra
tão estimada como a branca.

Bem-vinda seja essa equidade,
que assim, em nome da beleza,
não enxerga desigualdade
onde a negou a Natureza.

Enfim, num mundo tão tristonha,
certo, devemos à mulher
êsse doce prazer do Sonho
que ela só pode conceder.

Velho Cachimbo

J. A. COSTA

A memória do magnânimo Firmo Rodrigues

Velho cachimbo que encontrei perdido
No meu pomar, ao pé de um umbuzeiro,
Há quanto tempo estavas esquecido,
Porém, subsistindo ao cativoiro.
Só mesmo em barro perdurar podias.
Ao te mirar, me lembro do passado,
Em que o negro sofria escravizado,
Sem voz, sem liberdade, nas senzalas,
E da macumba aos passos ritmados
Do fetichismo, os deuses invocados
Ao soar do atabaque ensurdecido,
Do bamboleio do seu rude corpo,
Das blasfemias em sua língua estranha
Contra aqueles que o foram cotizar
Em Moçambique, Angola ou Zanzibar.
Se pudesses falar o que dirias?
Um romance, por certo, escreverias
De anátemas, quem sabe? de perdão,
Porque também sofreste a desventura
De pertencer á negra escravidão.
Se a pele em muito caso é preta, escura,
Mas, é alvo no fundo, o coração.

E no entretanto como eu te venero
Simbolizando assim êsse passado
De conquista e de glórias, sublimado
Na criação do meu Brasil querido,
Em que o negro fez tanto e nada tem.
Quantas vezes teu dono, pensativo,
A contemplar o fumo, em espiral,
Mandava o pensamento redivivo
Sôbre as plagas do seu torrão natal.
E, clamando, clamando a sua sorte
De preso e escravizado até a morte,
Rolavam-lhe nas faces desterradas
Da nostalgia as lágrimas choradas.
Bôca estragada e bem fendida ao meio,
Desenhos tôscos, de molduras cheio,
Relembrando por certo alguma cousa
Dessa existência que o passado envolve
E que sómente agora se resolve
Nas paginas velhissimas da lousa.
Será, que porventura, em algum dia,
Bebendo da existencia uma alegria
Ouviste o teu senhor sorrir consigo?
Nada respondes, porque nada falas.
São cousas que morreram nas senzalas
E dormem para sempre no jazigo.
Vou te levar ao panteon da história
Dêsse passado tu ganhaste a glória
É um direito que tens adquirido
Ninguém te negará êsse lugar,
E lá, entre a velhice do teu tempo,
Terás com quem, por certo, conversar.

O amor esta proximo

D. Martins de Oliveira

Al! lutas estereis de homens contra homens,
quando o amor está próximo
e a paisagem espera recolhida
no fundo do céu!

Para que distrair os passos, um momento,
entre os espinhos do odio e o pedregal dos orgulhos
que nos queimam os pés?

Tanta ternura vivendo nos caminhos humildes,
onde florescem os corações dos simples e dos santos!

Não bastarão as pobres vitimas desconhecidas,
que as palavras asperas e os gestos involuntários
golpearam pela terra coberta de colheitas?

Porque ferir ainda o coração magoado
dos pecadores?
Roubar das mãos dos mendigos sua esmola chorada,
se podeis espalhar uma porção de afetos?
se podeis colher uma porção de beijos?

Estevão de Mendonça

**Homenagem ao fundador da
Cadeira n.º 11**

Palavras do academico Francisco Mendes, na Academia, em homenagem ao fundador da Cadeira n.º 11

A 2 do expirante, sofreu a Academia Matogrossense de Letras, a perda irreparável de um dos seus mais eminentes consócios, Estevão de Mendonça.

Foi o saudoso extinto um dos primeiros que formaram, ao lado da triade fundadora dêste sodalício, na caminhada de triunfo do então Centro Matogrossense de Letras, enriquecendo as letras matogrossenses com produções variadas da sua pena brilhante. Para confirmar o acêrto, basta só citar umas das suas obras — Datas Matogrossenses — constitue o patrimônio da cultura do Estado, um roteiro histórico, em cuja fonte encontram os estudiosos das nossas coisas pátrias elementos necessários ao conhecimento dos fatos cronológicos da vida política e social de Mato-Grosso.

Estevão de Mendonça foi um justo e um bom.

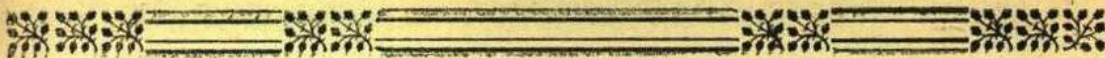
Na sua longa vida dedicada tôda ela ao serviço da terra que extremecera, exerceu na administração do Estado, os mais altos cargos destacando-se o de membro do Conselho Administrativo do Estado que desempenhou, ainda há pouco, e para o qual concorreu com a luz vivificante dos seus conhecimentos. Advogado, jornalista e professor, exerceu esta última profissão com invulgar dedicação,

doando à bibliografia didática de Mato Grosso a sua obra Quadro Corográfico de Mato Grosso, trabalho que, por si só, basta para consagrar o mestre insigne no desempenho do seu sacerdócio.

Extremoso chefe de família fêz do lar o santuário da sua fé, honrando-o e enobrecendo-o, doando aos seus filhos exemplos de coragem e de resignação nos transes mais difíceis que precederam seu falecimento.

A Academia Matogrossense de Letras, pela palavra autorizada do seu presidente, testemunhou de público, o pesar que à Academia causou o lutuoso acontecimento, e, nesta reunião íntima cumpro o imperioso dever de rendendo um preito de saudades a sua memória, propôr a inserção em ata de um voto de profundo pesar pelo lutuoso acontecimento, pedindo que, do mesmo, seja dada ciência à família enlutada.





Estevão de Mendonça

V. Corrêa Filho

Posto que esperada a qualquer momento em consequência do progressivo declínio de sua resistência orgânica nos últimos tempos, a notícia do desaparecimento, em Cuiabá, de Estevão de Mendonça, inclui-se entre as que indicam redução do patrimônio cultural.

Em verdade, era o decano dos investigadores da história de Mato-Grosso, em cujos estudos madrugou, para, ainda jovem, começar a ensiná-la no Liceu Cuiabano. Bem falante e simpático de fisionomia, com o riso a brincar-lhe nos olhos, um tanto maliciosos, quando conviesse, em pouco empolgou a estima dos alunos, alguns dos quais lhe seguiriam as pégadas.

Animador de vocações, que estimulava com a sua palavra insinuante e exemplo de idealismo incansável, Estevão de Mendonça ufanava-se dos carinhos que lhe teria, na infância, prodigalizado A. Leverger, a cujo culto se devotou fervorosamente.

Iniciou-o com decisão e por mais de uma década sózinho permaneceu em campo, a transmitir a ouvintes e leitores a sua transbordante veneração à memória do bretão cuiabanizado, que personificou as mais nobres qualidades humanas, em benefício da terra adotiva a cujos destinos se aliou em momentos de angústias como de euforia.

Ninguém como ele, em seu tempo, conheceu tão bem a história da Província, que ajudou a fazer, nem a geografia, acrescida de suas próprias operações de campo.

Naturalmente de suas recordações e narrativas colheria o menino de vivacidade intelectual, ensinamentos, que lhe orientariam a carreira futura

E também os motivos de sua admiração progressiva, à medida que se foi enfronhando nos assuntos, em que primara a contribuição levergeriana, a cuja divulgação resolutamente se consagrara.

Manteve acesa a flama em que se lhe espelhava o entusiasmo e, em ambiente por ventura adverso, tanto perseverou em habil propaganda, que afinal conseguiu assistir à formação de legionários de aspirações análogas, que lhe ampliaram as ressonâncias glorificadoras do mérito. Um dos primeiros, que não aplicava a culta inteligência às questões históricas, senão acidentalmente, Antonio Correa da Costa, louvou-lhe o esforço e, mais ainda, instou com o amigo, prometendo-lhe colaboração, para que prosseguisse em suas pesquisas e elaboração de efemérides referentes a Mato Grosso.

Corria então, na capital, promissora fase político-social, em que o partido republicano, triunfante, pelas armas, da sedição quarteleira, que pretendia anular os resultados da eleição recente, mantinha o seu órgão da imprensa — «O Republicano» — para cuja redação convergiam os expoentes da cultura cuiabana.

Para os editoriais, orientadores dos correligionários, não faltaria o concurso dos maiores do partido, ou dos fiéis intérpretes de seus pensamentos, entre os quais se incluía o professor de português, João Magno da Silva Pereira.

E' de presumir que o seu colega de congregação no Liceu Cuiabano, onde lecionava história e geografia, não frequentasse a coluna de responsabilidades partidárias, preterida nas outras secções, em que explanasse temas de suas preferências.

Narrativas em linguagem simples, não raro embebidas de poesia, comentários de fatos históricos, apresilhados a exata cronologia, eram-lhe os assuntos favoritos, que sabia realçar nas palestras com os parceiros, cuja amizade em pouco empolgava.

Manifestassem algum indício de superioridade, e logo os ataria o magnetismo afetivo de Estevão de Mendonça.

Começava a aproximação pela firme letra inconfundível, indicativa de singular personalidade. Dos escritores brasileiros, somente Coelho Neto poderia apresentar caligrafia semelhante, de talhe artístico, à maneira de símbolos desenhados a primor.

De conformidade com a aparência que despertava simpatia pela regularidade harmoniosa dos traços, agradável à vista, a expressão fluía-lhe quase sempre elegante, e desprovida de exageros. Vinha-lhe natural o torneio da frase, como a palavra nas conversações, em que se revelava exímio.

Daí se causou a facilidade em grangear amigos, tanto nos meios oficiais, quanto nos centros culturais, ou entre os estudiosos mais acostumados à solidão.

Quando Lindmann, incumbido pela Real Academia de Ciências da Suécia, de chefiar a 1ª Expedição Regnelliana, enviada ao Brasil, desembarcou no porto de Cuiabá, em Novembro de 1893, não lhe tardou o auxílio do historiador a quem prestou sobremaneira, como evidenciou expressiva correspondência mantida por longo prazo.

Também de Capistrano de Abreu, afamado pela rispidez com que evitava intimidades com os desconhecidos, grangeou a afeição, quando em visita ao Rio de Janeiro.

Admirava o sábio mestre cearense e resolveu conhecê-lo pessoalmente. Vencida a barreira, que o defendia da simples curiosidade alheia, entenderam-se às maravilhas. Tornaram-se amigos embora separados pela distância.

Assim como conquistou a estima do botânico sueco, apesar da diferença de costumes e preferências intelectuais, e de Capistrano de Abreu, sabidamente hostil à fatuidade nos domínios em que se extremava o seu incomparável saber, com maior facilidade aumentava E. de Mendonça o número dos seus apreciadores nas redações de jornais que frequentasse, nas reuniões sociais, a que comparecesse.

Todavia, não lhe aprazia a tribuna, a ponto de protelar indefinidamente o elogio do patrono que escolhera na Academia Matogrossense de Letras, de que fora um dos fundadores.

A loquacidade espontânea, que lhe dava sabor à conversa atraente, como que silenciava diante da assistência numerosa, por efeito inibitório.

Reduzido, porém, o grupo dos ouvintes, voltava-lhe a fala agradável e erudita, de que se valia para suas campanhas culturais. A mais memorável justamente associou-lhe o nome ao de Leverger de cujos manuscritos iniciou a publicação.

Por ter descoberto no Arquivo do Governo, mercê de suas pesquisas minuciosas, valioso documento, de que se utilizou o Presidente do Estado para entrar nas boas graças do Catete, favoreceu-o na ocasião a confiança do Executivo. Valeu-se da circunstância propícia para melhormente realizar as suas aspirações.

E editou com Antonio Fernandes de Souza, o Arquivo — «revista destinada à vulgarização de documentos geográficos e históricos do Estado de Mato Grosso», em que vieram a lume diversas contribuições de Leverger, além de preciosa correspondência oficial.

Entre um tomo e outro, além disso, conseguin empreender a execução da lei provincial de 27 de Novembro de 1880, sancionada pelo Barão de Maracajú, que determinou em seu artigo único:

«O Presidente da província é autorizado a mandar imprimir e publicar, por conta dos cofres provinciais, os trabalhos elaborados pelo finado Barão de Melgaço, relativos a Mato Grosso, tornando-se a edição propriedade da Província, revogadas as disposições em contrário».

Era Enêas Galvão bacharel em matemáticas, a quem coube levar a bom termo os trabalhos democráticos na fronteira meridional, que de que lhe resultou o baronato.

Tinha competência para julgar os inéditos levergeriano, de cujas publicações cuidaria, caso não se afastasse em breve prazo do governo.

Os sucessores, entre os quais se encontravam individualidades de incontestável cultura, no naipe de Galdino Pimentel, Melo Rego, Souza Bandeira, ainda no Império, não se lembraram da lei inoperante, que decorrido um quartel de século, seria exumada do arquivo por E. de Mendonça e apresentada ao presidente Antonio Paes, de inculta sagacidade, que não titubeou em firmar, a 12 de Maio de 1905, o decreto 168, no qual «usando da autorização que lhe é conferida pela lei provincial n. 561, de 27 de Novembro de 1880, resolve abrir o crédito de cinco contos de réis para a impressão e publicação dos trabalhos elaborados pelo Barão Melgaço, relativos a Mato Grosso, e nomear para coordenar e dirigir a publicação dos mesmos trabalhos, os cidadãos Estevão Anastacio Monteiro de Mendonça e Antonio Fernandes de Souza».

E assim principiou a edição das manografias levergerianas de que veio a lume o primeiro volume — *Vias de Comunicação* — que o chefe da Esquadra elaborara, a pedido do Presidente Herculano Ferreira Pena, em 1862.

Anunciava no limiar: «Vai entrar para o prelo a obra: *Apontamentos Cronologicos de Mató Grosso*.

Mas a Revolução de 1906, em que sossobrou o situacionismo, combativo por vigorosa oposição, que o decidido apoio federal ao governante estadual não logrou sufocar, interrompeu a iniciativa do professor, que sofreu as consequências da sua solidariedade com os vencidos.

Não emudeceu, todavia, pois que na revista «Mato Grosso», editada pelo Liceu Salesiano, continuou a acolher-se a colaboração entremeada de inéditos de Melgaço.

Maior atividade, entretanto, desenvolvia á surdina, em seu paciente esforço de ampliar as efemérides referentes a Mato Grosso que o presidente D. Aquino Corrêa houve por bem publicar.

Em dois volumes afloraram, então, as «Datas Matogrossenses», manancial opulento informações a respeito de fatos e homens do Estado. Certo, não estará insento de senões, alguns dos quais lhe

foram apontados amistosamente por quem tinha em mira apenas escoimar a obra valiosa dos enganos inevitáveis a tamanho cometimento. Aceitou de bom grado a cooperação amiga, e por si mesmo ia paulatinamente anotando as passagens necessitadas de correções, para possível segunda edição, de maior proveito para os estudiosos.

E' a sua obra fundamental, embora outras tenha publicado, como o "Quadro Corográfico de Mato Grosso", que, em opúsculo de 116 páginas condensa valiosas informações históricas e geográficas, além da colaboração dispersa por jornais e revistas.

Aprazia-lhe atender às solicitações dos amigos, que lhe solicitavam o concurso para seus periódicos.

Nas gavetas possuía sempre inéditos cujo número aumentava cada madrugada, quando terminava o sono, que iniciara à boca da noite.

Tradicionalista, como se confessava, de convicção, mantinha horário de outrora, nas refeições e descanso, de maneira que o retardatário de alguma festa noturna ou o madrugador que lhe passasse pela casa, antes da alvorada, enquanto a rua dormisse, já o encontraria desperto, a encher páginas com sua caligrafia primorosa, ou á janela, nos intervalos de repouso.

Quem lhe passasse ao alcance, nessa ocasião, não deixaria de ouvi-lo em conversa por alguns momentos, ainda que se achasse apressado. A essa hora já se achava disposto a entreter os conhecidos com a sua palavra atrente que sabia agradar, mediante expressão apropriada.

E assim continuaria pelo dia todo mais disposto a amenizar a convivência social do que sublinhar os desconcertos inevitáveis de pessoas, e coisas.

Considerava-as tolerantemente, com ironia inofensiva, quando não as envolvesse em maior afeto, de que deixou provas abundantes em crônicas inúmeras.

De suas « *Memórias de um Cuiabano* », os raros capítulos que a imprensa divulgou bastam para lhe atestar o quilate dos escritos.

« Cresci, num ambiente em que o seu nome, afirmou ao evocar o vulto impressionante do Dr. Malhado, era pronunciado com carinho. A Mamãe — santa criatura de virtudes incomparáveis — dedicou-lhe uma afeição profunda. Esgarcando a origem, que tanto enobrece aquela que me amparou na vida, vou recuando á era que ficou distante. Meus pais em 1871, residiam no distrito de Miranda. Em busca de socorro médico, gravemente enfermo, fui conduzido até Corumbá, em canoa, numa penosa viagem que agravou o mal. Meus tios Nuno de Mendonça, e Maria da Conceição Mendonça, casal sem filho, regressavam nesse tempo de Assun-

ção. Também sem médico na vila e a molestia atingindo a fase derradeira minha tia propôs a solução cabível:

—Levo o menino para Cuiabá, e se viver ficará sendo meu filho.

Tive aqui tratamento demorado. Ganhando um filho, após oitomese de cuidados clínicos do Dr. Malhado, a Mamãe guardou sempre na alma um gratidão intensa aquele facultativo tão bondoso. Tornou-se para ela um semi-deus, e mais tarde também salvou-a em situação visivelmente melindrosa, consequência de um acidente de vultoso porte.”

A propósito da estadia no poder de seu amigo Antonio Paes, retrata-o com explicável complacência, que não lhe não neutraliza de todo o espirito de justiça.

«Ainda que de cultura escassa, mas inteligente, não lhe escapou que á sombra de seu nome correram atentados inconcebíveis, e foi com o propósito de apagar ressentimentos, e de adquirir o bem querer de antes, que assumiu as rédeas do governo. O ato de posse foi solene, presentes as autoridades e os elementos mais representativos da cidade. Pela primeira vez assistí uma cerimônia desse gênero. Perante a multidão estacionada em frente do Palácio, ficava uma fotografia dos irmãos Ferrari, veio-me a conhecida expressão de Cromwell: «Muito maior seria para ver-me ser enforcado».

Fatos ulteriores confirmaram a profecia, que naturalmente seria expressa depois da tragédia em que sucumbiu o Presidente cuja ascensão ocorreu tão festivamente.” Como esses outros quadros e personagens foram ao seu tempo desfilando á vista dos doá-teros, que o animavam a enfeixar em volume os inéditos evocativos.

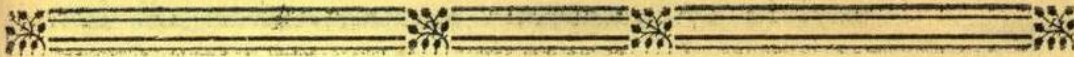
Não lhe seria mais possível, na quadra de angústias, cuidar de tarefa semelhante. Minguavam-se-lhe os recursos, obtidos de diminuta aposentadoria, que o interventor Olegário de Barros, em aplaudido ato, elevou á mensalidade de mil cruzeiros, e da precária advocacia que nos melhores dias lhe rendiam o suficiente para viver folgadamente.

Otogenário quase e enfermico, já não saia de casa e pouco poderia esperar das atividades profissionais, de que diligentemente se ocupara enquanto lhe permitira a saúde esvaecente.

Ainda continuaria, porém, a escrever as suas crônicas, para satisfação própria, quando não fosse com o objetivo de atender ás solicitações dos admiradores. Percebia que finava e o otimismo doutorá já não lhe alegrava a palestra. Por fim, sem que o percebessem, o coração, cujos impulsos afetivos lhe condicionaram a vida haqueou, rematando-o suavemente.

E assim emudeceu, na semana passada, o decano dos historiadores matogrossenses, enlutando a cultura nacional.

(«Jornal do Comércio», do Rio 10-12-1949.)



Em Montevideu

Palavras, que devia pronunciar, mas não pôde, por motivo de saúde, o Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo de Cuiabá, Dom F. de AQUINO CORRÊA, após a Missa dominical, na capela do Clube Católico de Montevideu, aos 4 de Março de 1951

Exmos. Srs Embaixadores e demais membros da Delegação Brasileira.

Exmo. Sr. Presidente dêste Clube Católico,
Exmas. Senhoras e Senhores.

Quem quer que repare no imponente grupo da embaixada especial, com que houve por bem o governo brasileiro fazer-se representar nos atos da posse do novo presidente desta ínclita República Oriental de Uruguai, o Sr André Martinez Trueba, não lhe passará despercebido algo de extraordinário, que a uns causará estranheza, a outros satisfação e a todos surpresa: são as rútilas insignias de um arcebispo católico, a integrá-la em qualidade de embaixador, caso este mais unico do que raro, nos fastos universais da moderna diplomacia.

E fáto é este, que bem revela, mais uma vez, a superior e fina mentalidade política do atual Chefe da grande nação brasileira, S. Excia. o Sr. Dr. Getulio Vargas, que aproveitando o ensejo de honrar, do melhor modo possível, um povo

amigo teve a feliz ideia de manifestar também a sua atitude para com a Igreja Católica.

Desde a sua primeira presidência, o Sr. Getúlio Vargas, em se vendo assunto à curul de magistrado supremo de um país quase totalmente católico, resolvera, na sua alta sabedoria e reconhecida perspicácia, prestigiar, por todos os meios, a Igreja, a ponto de ter podido eu mesmo, em solene ocasião, declarar que S. Excia. firmara uma como «concordata moral» com a Santa Sé, por isso que tinha concedido ao povo brasileiro, sem a chancela dos tratados internacionais, o matrimônio monogâmico e indissolúvel, o casamento religioso com efeitos civis, o ensino religioso nas escolas oficiais, as capelanias militares, as páscoas coletivas de militares e funcionários públicos, grande parte, em suma, de quanto só a Igreja pleitear nas concordatas diplomáticas, em benefício dos seus filhos espalhados pelo orbe ecumênico.

E eis que nestes dias, em que inaugura, tão auspiciosa quão triunfantemente, o seu segundo governo, quis S. Excia. andar ainda à Igreja Católica, mais esta eloquente prova de cordialidade e simpatia, que não pode deixar de impressionar favoravelmente o mundo diplomático, máxime em as nossas jovens e futuras Repúblicas latino-americanas.

Desse fato extraordinário, nasceu esta extraordinária cerimônia: um embaixador celebrando a Santa Missa pela felicidade de duas nações e dos respectivos e eminentes Chefes de Estado, bem como dos seus ilustres companheiros de delegação, dentre os quais se destacam os vultos notáveis de três embaixadores.

O primeiro é a figura primacial do nosso chefe, o Sr. Francisco Negrão de Lima, que com a sua inteligência, a sua irradiante amabilidade, a sua fronte erecta, encimada por altiva cabeleira, a lembrar não sei quê das suas alterosas serras natais, dir-se-ia fadado às mores alturas da política internacional.

O segundo não é mais uma esperança, senão brilhante realidade, o Sr. J. Roberto de Macedo Soares, veterano que é, das pacíficas e elegantes lides do Itamarati, acurvado já ao peso dos louros de prolecta carreira.

O terceiro é uma individualidade magna de acadêmico e diplomata, o Sr. Gustavo Barroso, que no fardão dourado da sua immortalidade, recamado das mais insignes condecorações das letras e da nobreza, bem parece e é um monumento vivo da nossa cultura.

Fácil è, pois, imaginardes, Srs., as emoções que me vão nas fibras mais intimas, em circunstâncias como estas, tão raras na vida de um arcebispo da interlândia brasileira.

Acresce que aqui nós achamos, neste Clube Católico de Montividéu, a convite do seu preclaro presidente, o Sr. Dr. Inácio Zorrilla de San Martin, cujo nome de familia, como vos direi, tem sido para mim, desde a flôr dos meus vinte anos, o símbolo da grandeza literária do gênio uruguaio.

E êste mesmo clube, para o católico, que lhe conhece os setenta e cinco anos de lutas e vitórias, é uma límpida castália de heroicas evocações, que o transformam, como disse, há dois meses, o dinâmico metropolitano do Uruguai, Monsenhor Barbieri, num verdadeiro monumento.

Hoje é este clube, ao mesmo tempo, um lar e um solar: lar vivo e fecundo, onde principalmente as novas gerações católicas encontram ambiente sempre mais propicio ao seu preparo integral para a vida e para o apostolado; e solar venerando, onde vivem e palpitam as tradições gloriosas dos que engrandeceram o Uruguai católico, e sobre as quais pairam, como numes tutelares, os espíritos imortais do primeiro e santo, Bispo Monsenhor Vera, e do primeiro e magnífico Arcebispo, Monsenhor Soler.

E certo estou de que, sob a orientação luminosa e firme do amável Presidente, que ora aqui nos recebe, este tradicional clube, renovado e ampliado, como se projeta, vai aumentar de muito e dentro em breve, o rico patrimônio das suas benemerências.

Bastaria, porém, Senhores, o simples fato de estarmos pisando solo uruguaio, para que sentisse eu, desde logo, alvoroçare-sem-me no espírito, recordações de mais de sessenta anos atrás, quando vi aportarem às longinquas praias da minha cidade natal, os primeiros missionários de S. João Bosco, que capitaneados por aquela têmpera fogosa de

«adelantado» e apóstolo, que foi o Bispo Monsenhor Lasagne, zarparam deste porto, e foram fundar, no coração misterioso do continente, a obra salesiana de Mato-Grosso.

E o pequeno Uruguai, que se me afigurava então um país oriental de lendas e maravilhas, ficou sendo a matriz histórica e venerável daquelas prósperas missões, às quais tudo deve, desde o seu tirocínio espiritual, quem se honra de falar-vos neste momento, e sem as quais, não estarieis ouvindo aqui, o Arcebispo de Cuiabá, o primeiro bispo salesiano do Brasil e das Américas.

Nem parou aí o fortuíto, mas salutar influxo do Uruguai, no currículo da minha formação literária. E aqui peço vênua para desdobrar a vossos olhos, uma das folhas mais belas e saudosas do pobre album da minha vida, os floridos anos de estudos em Roma. Lá foi que, graças ao ardente patriotismo de caríssimo colega, o Padre José Maria Vidal, salesiano e filho desta terra, tive a oportunidade e ventura de conhecer a obra monumental de João Zorrilla de San Martín, especialmente os livros cantantes do poema Tabaré que é para o povo uruguaio, o que fôra a Enêida para o romano: a epopéia sacra das suas origens.

Bem se pode dizer que li os versos do Tabaré, em plenas ruas de Roma, desde o Castro Pretório, onde residia, até a Universidade Gregoriana, então à rua do Seminário, nas duplas idas e vindas quotidianas, para frequentar as aulas. Nem saberia dizer-vos o encanto daquelas leituras, o delicioso contraste daqueles velhos e graves monumentos da Cidade Eterna, a ouvirem, como que espantados, estrofes ressumantes a bruta e virgem poesia da natureza americana, como estas e outras bellissimas:

El Uruguay el Plata
Vivian su salvaje primavera;
La sonrisa de Dios, de que nacieron,
Aún palpita en las aguas y en las selvas,

Aún viste al espinillo
Su amarillo tipoy; aún en la yerbo,
Engendra los vapores temblorosos,
Y a la calandria en el ombú despierta.

Guardo com imenso carinho e saudade, os ingênuos rascunhos daquelas primeiras impressões: Zorrilla de San Martin foi então um mestre, que Deus me deparou na juventude, mestre da fé e do patriotismo, irmanados poéticamente na arte literária.

Para comprová-lo, basta folhear os seus opulentos e fúlgidos escritos: vou contentar-me com poucas citações brevíssimas das próprias páginas de Tabaré.

Êste poema nacional, como sabeis, foi dedicado à esposa do poeta: na dedicatória, diz-lhe êle: «Lê, uma vez que outra, aos nossos filhos, algumas das estrofes dêste pedaço de história da nossa pátria, desta sua formosa pátria uruguaia, que com tanto afinco, os ensinamos a amar, depois de Deus». Infelizmente, a consorte querida não assistiu à publicação de Tabaré, morreu-lhe antes. E êle acrescentou a seguinte nota, cujos pensamentos valem pela homilia evangélica, que eu devera pregar-vos nesta dominga: «Depois de escrita esta página, explica êle, página, que respeito até nas suas incorreções, e antes de dá-la à imprensa, minha esposa morreu... Eu bendisse a vontade de Deus, como holocausto propiciatório, os pedaços do meu coração, que Êle destroçou. Com a absoluta evidência da fé, só vejo na dor, o prenúncio das divinas misericórdias; seja!»

E no poema, ao traçar com fantasia de altíssimo vate o aparecimento da raça uruguaia, encarnada em Tabaré, o índio charrua de olhos azuis, o seu primeiro cuidado foi que a mãe, a espanhola cativa do cacique Caracé, lhe administrasse o santo batismo. Escutêmo-lo:

Adonde va la madre silenciosa?
Camina a paso lento,
Con el hijo en los brazos. Llega al rio.
Es la hermosa mujer del Evangélio.

E invoca a Dios en su misterio augusto!
 Se conmueve el desierto,
 Y el índio niño siente en la cabeza,
 De su bautismo el fecundante riego.

La madre le ha entregado, sollozando,
 El gran legado eterno.
 El Uruguay, al ofrecerle el agua,
 Canta com el juncal um himno nuevo.

E nós, que isto ouvimos, temos a impressão de que o rio, que assim ministrou a água para o batismo do primeiro uruguaio, cantando então, em côro com os juncais das margens, um hino novo e sagrado, êsse mesmo Uruguai inundaria estas terras se por hipótese tão absurda como trágica, deixassem de ser cristãs.

E como acaba o poema? Num formoso quadro simbólico da nova raça: Blanca abraçada ao cadáver de Tabaré, e sôbre êles, a oração litúrgica da Igreja. Assim desponta na história uma nação católica.

Não admira, pois, que um espírito cheio do Deus, como êsse de Zorrilla de San Martin, tenha conseguido, com a poesia da sua fé e a fé da sua poesia, fazer voltar inteiramente, como fez, à religião católica, a alma angustiada daqueloutro poeta, que foi Amado Nervo, aqui falecido. Não admira que nesta Cúria Metropolitana de Montevideu, se tenha tratado de introduzir-lhe a causa de beatificação, e que grandeza para o Uruguai se chegar a ver glorificado, não só no panteão da Pátria, senão também nos altares universais do catolicismo, o bardo augusto de sua nacionalidade!

E vós também, Senhores, não vos admirareis de que tenha eu sintetizado na esplêndida memória do cantor de Tabaré, a singela homenagem, que ora rendemos ao Uruguai, porquanto não sei de maior honra para esta benfada da Pátria, do que apontar-lhe João Zorrilla da San Martn, e exclamar-lhe com o épico dos Lusíadas:

«Ditosa Pátria, que tal filho teve!»

CADEIRA N.º 12

**Sessão solene de posse e recepção
do acadêmico**

Gabriel Vandoni de Barros

Em 12 de Outubro de 1949



Palavras de Abertura

Pelo Presidente José de Mesquita

Exmo. Sr. Secretário da Agricultura, representante
do Exmo. Sr. Governador do Estado

Exmo. Sr. Almirante Xavier do Prado, Comandante
do 6.º Distrito Naval

Exmos. Srs. Presidentes da Assembléia e do Tribunal
de Justiça

Exmo. Sr. Secretário do Interior

Exmos. Srs. Comtes. Mário França e Thoríbio Lopes

Exmo. Sr. Prefeito da Capital

Ilustres Autoridades

Exmas. Senhoras e Senhorinhas

Meus Senhores:

A Academia Matogrossense de Letras vive hoje um dos seus grandes dias. Engalana-se a “Casa Barão de Melgaço”, festiva e luminosa, álaçre e florida, para receber, no seio da imortalidade, um dos mais belos espíritos da atual geração matogrossense, esteta e pensador, nobre figura de verdadeiro homem de letras e homem de ação — que é Gabriel Vandoni de Barros. E recebe, neste gratíssimo ensejo, a honrosa visita dos distintos representantes da gloriosa Marinha de Guerra do Brasil, o exmo. sr. Almirante Xavier do Prado e a sua ilustre comitiva,

em que se destacam os nossos egrégios confrades Comandantes Mário França e Thoríbio Lopes, que vieram assistir esta solenidade.

Um simbolismo admirável parece haver presidido à organização desta tertúlia magnífica, que é, do mesmo passo, uma festa de Arte e de Civismo.

Domina o ambiente desta esplêndida noite a figura impressiva dos nossos heróis do Mar, como que numa visão do pélagos imenso e insondável, que, pelas suas estradas suaves e ondeantes, aproxima os países e liga os povos das mais estranhas raças. Desde o dia — 12 de outubro — que evoca a epopéia homérica de Colombo, cruzando as vagas atlânticas em suas naus arrojadas, rumo às plagas ameríndias. Desde o local — a casa de Leverger, o sábio e destemeroso “bretão cuiabanizado”, na feliz expressão de Virgílio Corrêa Filho, o Chefe de esquadra que “deitou âncoras para sempre” nesta “agarrativa” Cuiabá. E, ainda, o Patrono, o também Chefe de esquadra Antônio Cláudio Soído, que navegou nas mesmas águas do ínclito marujo de Saint Malo, estudioso de nossas coisas e amigo de nossa terra, em cujo seio maternal quis, como Melgaço, dormir o derradeiro sono, após uma vida cheia de serviços a Mato-Grosso e ao Brasil.

Tudo aqui nos evoca essa invicta Armada de Tamarandaré e Barroso, Marcílio Dias e Grenhalg, e do nosso imortal Batista das Neves, figuras épicas da história militar do Brasil.

Justas, portanto, as homenagens que, nesta oportunidade, a Cultura Matogrossense presta à nossa Marinha de Guerra, na pessoa dos émeritos convidados que nos vieram abrilhantar com sua presença a festa de hoje.

Vão render-lhes e ao novel Acadêmico o merecido preito os dignos Acadêmicos Luis-Philippe Pereira Leite e Gervásio Leite, acertadamente escolhidos pelo Sodalício. À mim, na qualidade de diretor dos trabalhos da Casa, sómente me cumpre exprimir a sadia e irradiante satisfação

que nos traz esta hora de glorificação e de beleza, e em agradecendo a quantos vieram emprestar realce maior à solenidade memorável e aos que para o seu êxito concorreram, declarar aberta a sessão com que a Academia presta o seu culto comovido e sincero aos homenageados desta noite — numa demonstração harmoniosa de amor á Cultura e ao Heroísmo, atributos que são apanágio de uma raça e padrão glorioso de brasilidade.

Está aberta a sessão.



Discurso de Posse

Do Acadêmico Gabriel Vandoni de Barros

Exmo. Sr. Secretário da Agricultura, DD. Representante do
Exmo. Sr. Governador do Estado
Exmo. Sr. Presidente da Academia Matogrossense de Letras
Exmo. Sr. Almirante Xavier do Prado, DD. Comandante do
Sexto Distrito Naval
Eminentes Autoridades
Exmos. Srs. Acadêmicos
Exmas. Senhoras
Meus Senhores

O "Naufrágio" de Leverger

Escrevendo a Madre Maria Filomena, sua irmã, que deixara em Saint Malô, menina ainda, lembrava-lhe Leverger, em carta de 27 de agosto de 1875, ser essa a véspera do dia do seu santo e, também, que, precisamente há cinquenta e cinco anos, havia êle naufragado em terra americana. Houve sem dúvida o naufrágio ocorrido junto ao cabo de Santa Marta, em águas da costa uruguaia, na foz do rio da Prata, mas o grande bretão quis evidentemente dar ao termo duplo sentido, tanto que o sublinhara.

Por artes dum destino fantasista, — que nós, matogrossenses, abençoamos, — viu-se arrancado, como num turbilhão, do seu ninho inarítimo e, torcidos no peito os ideais duma vida que se deveria desenrolar em pleno oceano, ei-lo arrojado, realmente atônito como um naufrago, para o coração da América.

Coube ao poder de sedução da gente cuiabana a descoberta do sutilíssimo filtro que transformasse aquela surpresa no milagre da sua permanência e na serena conformidade com os fatos, já então benignos. Mais tarde, afirmaria que aqui lançara âncoras para sempre.

Já não era a criatura em luta com a tempestade, que as ondas atiram a qualquer praia, e, sim, o barco que fundeia, e depois de tranquilo roteiro, no pôrto ambicionado.

Marinheiros em Mato-Grosso

Nos fastos da Marinha em Mato-Grosso, êsse aspecto da vida do Barão de Melgaço impõe se como egrégio precedente. É o feitiço do sertão, contraposto ao fascínio do mar, e vencendo-o. Repontam, nas crônicas locais, inumeráveis ocorrências análogas. Vem-me logo à memória Francisco Mariani Wanderley, reformado como capitão de fragata, o forte publicista que se assinava Traumer, cuja retidão de caráter tão de perto apreciei, na minha infância.

Inclinação das mais vigorosas para a carreira a que se entregara, dêle se poderia dizer que trazia o mar até no nome.

De Wanderley, quando primeiro-tenente, é um curioso requerimento, dirigido ao marechal Floriano Peixoto de quem se tornara amigo, e até compadre, em que pedia mandasse-o, «quanto antes, para as fileiras do Itararé, pois, — acrescentava — parecendo-me não haver para mim comissão que vos inspire confiança, permita-me ao menos que lá no campo onde se briga pelo vosso Govêrno e pela República, eu aspire uma promoção por atos de bravura».

Tôda a beleza dêste ímpeto vocacional desapareceu ante o sortilégio do solo matogrossense.

Antônio Pedro Alves de Barros deixou a Armada como capitão de mar e guerra. Concunhado de Wanderley, que ambos se casaram com filhas do Barão de Casalvasco, foi arrastado para a política, que abandonou sem saudade, depois de exercer a presidência do Estado, numa hora trágica das nossas desinteligenças internas. Apesar de portador, nas fileiras da Marinha, de alta patente, todos o conheciam como coronel. Era o coronel Barros, pôsto recebido da Guarda Nacional.

Jornalista e poeta, Augusto Novís, médico da Armada, contrai matrimônio em Cuiabá e, para não trocar os encantos da Cidade Verde pelas seduções do litoral, desliga-se da carreira como capitão de fragata.

Francisco Sizenando Peixoto, o comendador Peixotinho, servira na Flotilha de Mato-Grosso, tendo vindo para a então província como oficial de Fazenda, e se encontrava no Forte de Coimbra, por ocasião da investida de Vicente Bárrios. “É possível que guardasse arrependimento do abandono da carreira inicial, — escreve Estevão de Mendonça, — mas nesse particular mantinha reserva absoluta. Todavia a sua satisfação era visível quando discorria sôbre coisas de Marinha e a cada instante proferia dizeres náuticos. No Correio (de que fôra diretor) para definir o seu esforço, não acompanhado às vezes, a sua frase à mão era a seguinte: — Nesta casa eu toco avante, e tôda a gente cia à ré.”

Cidade Agarrativa

Outros exemplos poderiam ser indicados. Formariam legião os marinheiros ilustres que se deixaram enlear pelas impressentidas maravilhas das plagas matogrossenses, ou, para ser mais exato, pela surpreendente magia de Cuiabá.

Quantos vieram com a alma carregada de apreensões e tristezas, mal ocultando a sensação de destêrro que lhes tomava o espírito, íntimamente renegando os imperativos da disciplina militar, que os forçava a anuir no desempenho paradoxal de missões de Marinha em meio do vasto sertão, — mas que, anos mais tarde, lamentaram, num sentido inverso, aqueles mesmos deveres de obediência, que os obrigavam a partir, porque, já então, dominados pelos eflúvios do ambiente e cativos da simpatia dos seus habitantes!

Quantos, em face do choque entre as imposições duma atividade, cujo progresso se opera em contacto com as vagas do longínquo oceano, e as solicitações profundas dêsse outro pélago, não menos vertiginoso, que é o coração sensível, aqui se deixavam ficar, truncando o próprio destino com prematuras reformas!

Raríssimos os casos daqueles que puderam conservar-se nos quadros da Armada, ascendendo normalmente aos degraus da hierarquia, embora dominados pela fascinação de terra a dentro. O próprio Leverger, não fôra o recrudescimento das hostilidades dos Lopez, no tocante à navegabilidade do rio Paraguai, teria permanecido reformado como primeiro-tenente. E a franqueza com que êle se referia à inutilidade dos seus serviços em Mato Grosso, ante a falta de recursos e a grandiosidade, a urgência dos trabalhos a realizar, surpreendeu o Visconde de Taunay, ao traçar-lhe o perfil admirável. “Ninguém, entretanto, — escreveu êste, com acêrto, — fica quasi três anos em Cuiabá sem se sen-

tir agarrado àquela terra. Por que? — indaga. Difícil seria a elucidação dêsse sentimento. Talvez a mesma lembrança da segregação do resto do mundo por vastidões enormes, ou então o descuido e certo abandono de vida e de costumes, real singeleza unida a condescendências como de refinada civilização, a idéia de que estamos ali numa região mal conhecida, cheia de mistérios — uma grande complexidade, enfim, de impressões”. Insiste o Visconde na curiosa análise: “Ter-se-ia Augusto Leverger subtraído à regra comum, aos despreziosos amavios da capital matogrossense e dela se apartado sem saudades?”

É ele mesmo quem responde, com inesperado conhecimento de causa: “Parece pouco natural, pois é sabido quanto a gente de lá, grandes e pequenos, é amável, cheia de carinhos e meiguice no trato, com uma vivacidade de modos e espírito natural, um chiste de peculiar ressaíbo e desembaraço sem afetação nem estudo, que muito encanto dão à sociedade cuiabana”.

Vê-se como vinham de longe proclamados os efeitos daqueles perigosos bruxedos, que, à fôrça de se exercitarem, mesmo sôbre os mais prevenidos, gratamente os subjugavam, a ponto de se tornarem, essas amoráveis reduções, a regra comum...

Antônio Cláudio Soído

Antônio Cláudio Soído, peregrina têmpera de esteta, harmonioso exemplar de humanidade, vibrátil e afetivo, com o coração a transbordar de ternura pelos seus amigos e pelas coisas belas da vida, não poderia constituir exceção no cortejo dos enfeitados. O que se poderia dêle esperar foi o que efetivamente ocorreu: tornou-se, desde o primeiro instante, prêsa fácil, rendeu-se cativou-se, entregou-se perdidamente, e para sempre, nos braços da cidade donairoza, que o recebera com especial e envolvente aprazimento.

Nêste nobre sodalício, a cadeira número doze, da qual timidamente me aproximo, guiado pela benignidade de companheiros de idênticos sonhos e aspirações de arte e beleza, tem, como patrono a figura, sob tantos títulos eminente, do almirante Soído. De ninguém se afirmaria, em verdade, prosseguindo nas apreciações que vimos tecendo, que amou com maior devotamento e efusão esta terra, abrangendo nesse benquerer tôda a sua paisagem natural e humana, do que êste ilustre espírito-santense, nascido na cidade de Vitória, a 26 de abril de 1822. E, ao contrário de tantos outros, pôde êle, graças a numes complacentes, manter-se integralmente fiel aos dois soberbos alentos da sua existência — a Marinha e Mato-Grosso.

A Viagem do «Maracanã»

Seu contacto inicial com a então província deu-se em 1857, como comandante do primeiro navio a vapor, da Marinha de Guerra, que subiu até Cuiabá. Chamava-se êste «Maracanã» e, tendo zarpado do Rio de Janeiro a 28 de Outubro de 1856, aquí aportou quatro mêses mais tarde, ou, precisamente, a 7 de Março do ano seguinte.

Do punho do primeiro-tenente Soído, existe um Relatório das principais peripécias dessa longa viagem, o qual a revista do nosso Instituto Histórico reproduz, nos seus tomos nono e décimo. Escreveu-o com uma bonomia o seu tanto descoroçoada. Não tiveram conta nem têrmo as exigências, fora de qualquer propósito, apresentadas pelas autoridades do país sôbre o qual Carlos Antônio Lopes exercia o seu despotismo. Alí já se achava o filho general, Francisco Solano, de volta do espetaculoso roteiro, realizado na Europa, de onde se fizera acompanhar pela formosa e desventurada Elisa Linch, que o seguiu até os decisivos momentos de Cerro-Corá. Vencidos os embaraços, de todo em todo descabidos, em face do Tratado de 6 de Abril de 56, que franqueara a navegação do rio Paraguai, chega finalmente a embarcação ao destino. Como as águas estavam baixas, o tenente resolve deixar a náu no Melgaço, para que fôsse, a pouco e pouco, avançando, à medida que o permitissem os repiquetes, e êle, em canôa, vem a Cuiabá, aonde aproa a 22 de Fevereiro, sendo hospedado em palácio pelo presidente de então, o ínclito Augusto Léverger, que na ocasião ocupava, pela primeira vez, a presidência da província.

Foi de um mês, menos dois dias, a permanência do jovem comandante nesta capital.

Embora enlizado, já, pelas infrangíveis, delicadas urdiduras da região, não o percebera o marinheiro, ou, talvez, delas se apercebesse demais, tanto que se apressava em voltar: «Até o dia 20 de março estive em Cuiabá — assim o diz, — esperando que o rio enchesse. A 18 apareceu a desejada enchente e temendo que a água se fôsse e eu ficasse a olhar, resolvi deixar Cuiabá no supracitado dia 20. Ao largar do pôrto mandei subir a gente à enxárcia e dar vivas, aos quais correspondeu a multidão, que em terra se apinhava no Arsenal para ver a saída do vapor, com seus adeuses.»

Logo a seguir, vem um trecho, inçado de perplexidades, que é a confissão límpida de que os fluídos atordoantes e cariciosos lhe atingiram, em pleno, o coração: «Um adeus é sempre saudoso, — o acenar dos lenços chama sempre as lágrimas aos olhos dos que

partem... embora êstes não tenham nenhuma amizade aos que ficam, porque um adeus pode ser acompanhado do — Para sempre! — Um adeus é sempre saudoso, eu fiquei triste e com saudade de Cuiabá”.

Outros obstáculos e impertinências se lhe antepõem no regresso, por parte do govêrno que nos preparava a guerra e a sua sinistra sequência de horrores. Rematando o Relatório, tem êle expressões desalentadas: “Cheguei a Cuiabá com muita dificuldade e a esta comissão devo o oficialato da Rosa, talvez o pôsto de capitão-tenente, e os meus primeiros cabelos brancos”.

Como é fácil de imaginar, a presença do “Maracanã” sacudira a cidade, o mesmo acontecendo com o vapor denominado “Corça”, aqui atracado naqueles dias. Além do presidente da província, do bispo diocesano, das autoridades, dos colégios, do funcionalismo, aglomerava-se na barranca uma multidão de quatro mil pessoas. Relata Moutinho ter sido êle quem, por primeiro, galgou o convés desta última embarcação. E, de certo referindo-se a algum simplório patricio, inexplicavelmente escapo aos furores da Rusga, acrescentava: “Um sujeito, ao regressar para casa depois de ter visto o vapor, dizia a um amigo: — Homem, como cabem naquele vapor tantos cavalos? E onde os metem que eu não os vi? Queria o sujeito ver os cavalos da máquina”.

«A Menina Oriental»

Antes da viagem do “Maracanã”, já estivera Soído no rio da Prata, tendo tomado parte na áspera Passagem de Tonelero e sendo, porisso, agraciado com a medalha de prata número dois e com o título de cavaleiro da Rosa. Contava, então, trinta anos.

Nosso ministro no Uruguai, o Visconde do Rio Branco, descobrindo-lhe os pendores e merecimentos, requisitou-o para o serviço da legação, enquanto não lhe mandasse o govêrno um secretário ou adido.

Segundo informa Afonso Cláudio foi por essa época que êle compusera as redondilhas de “A Menina Oriental”, publicadas em 1856, no “Jardim Poético” de Pereira Vasconcelos. Com o subtítulo — “Recordações de Montevidéu”, trazem essas estrofes a marca do talento soideano, moldado ao calor da Escola Romântica:

“A menina oriental,
Como a gárrula argentina,
Tem de goda alva tez fina,
Feições nobres, rosto oval;

E da moura feiticeira
Lindos olhos matadores,
Negro, lustroso cabelo,
Onde, segundo o modelo
De Paris, enxerta flores.

Ela, como a brasileira,
Tem o porte majestoso,
Corpo esbelto, gracioso,
Delgado como a palmeira;
De viva imaginação,
Ela ama o turbilhão
Da cidade populoso;
Quer o luxo sabe bem
Casar a graça que tem
Com a seda farfalhosa.

Rival da bela argentina,
A menina oriental
Da argentina diz mal,
Gosta de quem a crimina;
Por modéstia, diz que aquela
É mais que a oriental bela,
Mas que é muito refalsada,
Que é volúvel no amor,
Que seu todo encantador
Encerra traição alada.

.....

A menina oriental
Tem p'ra si que o brasileiro
Entre os homens o primeiro
É no ciúme infernal;
Porque do Brasil a gente
É da lusa descendente
E lhe disse a sua avó
Que o português quer saber
Aonde vai a mulher
Quando sai de casa só.

Gênio espanhol revelando,
Quando se fala em dançar,
Fica logo a palpitar,
Sòmente em danças pensando

A menina oriental,
Mascarados, carnaval,
Tertúlia, bailes... que são
Têrmos que agitam su'alma,
Como ao mar que está em calma
Repentino furacão.

.....

A menina oriental
Fala essa língua sonora,
Feita da latina e moura,
Da portuguesa rival;
Ela conserva de amores
As lembranças, como as flores,
Do pundonor sôb o véu;
É patriota exaltada,
Para ela não há nada
Como o seu Montevidéu.

Homens que a viajar
Andais no mundo de Cristo,
Se das belas que heis visto
Tendes podido escapar,
Cuidado aquí; porque fina,
Como a elegante argentina,
Que esbelta andaluza val;
Meiga qual a brasileira,
É menina feiticeira
A menina oriental.”

Maria Justina da Gama

Depois de longo trajeto pela Europa, com a corveta “Baina”, na qualidade de lente de Astronomia Prática do quarto ano da Escola de Marinha, durante o qual se capacitou dos avanços culturais da segunda metade do século XIX, regressa Antônio Cláudio Soído à pátria, sendo 9 de julho de 1860 nomeado inspetor do nosso Arsenal de Marinha, cargo de que tomou posse a 10 de Outubro dêsse ano.

Era a caprichosa estrêla do destino que luzia outra vez diante dêle, prateando-lhe docemente a esteira das águas e de novo o conduzindo ao delectável burgo, que se ocultava, com garridice, no centro da província mediterrânea. Vinha êle, após três anos de ausência, empuxado por aquêles mesmos fios de seda, aquêles mesmos laços de mistério e meiguice, com os quais as sáfides sertanejas, assíduas e ágeis como aranhas, o haviam dantes enleado.

Houve realmente, na existência de Soído, uma influência de magia. No seu íntimo, ter-se-ia travado violentíssima batalha entre as ondinas da orla marítima e uma virgem encantada do sertão. Na conformidade daquela “regra comum” de enfeitiçamentos, a que aludia Taunay, venceu a fada da floresta.

Tinha

“Lindos olhos matadores,
Negro, lustroso cabelo.”

e, ainda de acôrdo com o ideal de beleza do poeta marinheiro, manifestado nas “Lembranças de Montevidéu”,

“... o porte magestoso,
Corpo esbelto, gracioso,
Delgado como a palmeira.”

Era professora e se chamava Maria Justina da Gama.

Jamais convalesceu Antônio Cláudio Soído das lesões desta sublimada amizade amorosa, que foi o supremo lenitivo de sua vida.

Em breve, a Guerra do Paraguai devastava a província. Depois do recontro épico de Coimbra, sobrevêm o terror pânico de Corumbá, as ameaças contra esta capital e suas consequências ainda mais danosas do que verdadeiros combates. Como inspetor do Arsenal de Marinha, e por vêzes comandante da Flotilha, Soído enfrentava serenamente o fragor da tormenta. Mas a sua alma de poeta, num contraste entre o horror e a beleza, expandia-se em ditirambos, dirigidos ao alvo dos seus afetos.

Êle próprio se considerava amado com transporte, tanto que, num bilhete versificado, remetido em dia chuvoso, confessava sentir-se aconchegado dentro do coração da eleita:

“Em versos
Direi
O que
Com a chuva
Dizer
Eu não sei.

A ave com a chuva encolhe as asas
 E o velho tiritita e pede brasas.
 Estou, qual ave, encolhido,
 E num coração metido.”

Em retribuição dos versos. vinham-lhe flores, mimos vários, pequenas demonstrações de carinho, de que é fértil a inventiva das criaturas enamoradas.

Certa vez, mandou-lhe Soído o mais singelo dos presentes — uma quarta de carvão. Mas, fê-lo com sedutora gentileza:

“Quando, senhora, vos envio ou dou-vos
 Tão escuro presente,
 Que idéia tive eu, que pensamento
 Me atravessou a mente?

De vegetal combusto oferecer-vos
 Pulverulenta quarta!...
 Mas deixai-me falar e, após, senhora,
 Ride até ficar farta.

D’água do mar, enjoativa, amarga,
 Extraí o sol a chuva tão querida;
 Em seu laboratório a terra muda
 O vil adubo em condição de vida!

A arte humana, sombra da divina,
 Também transforma escórias num tesouro,
 E vós, que a possuís em alta escala,
 Podeis mudar êsse carvão em ouro”.

«Soído na intimidade»

Sob o título “Soído na Intimidade”, publicou José de Mesquita, com percuciência e congenial finura, dois rodapés em “A Cruz”, de 1932. Examinando-o, como observa, à luz do processo de indagação psicológica profunda, que se poderia chamar “radiologia d’alma”, pinta nos um Soído inteiramente diverso daquele que nos seria sugerido pela leitura da sua fé-de-offício, colhida nos arquivos da Marinha, a qual se nos apresenta densa de datas comandos, condecorações, viagens, promoções, trabalhos graves de

topografia, geodésia, hidrografia, — tóda uma vasta relação de serviços preciosíssimos, prestados à pátria, e sisudos apontamentos a êle relativos.

Certo, o estudo da personalidade do insigne marinheiro, que, pela incançável atividade e valor dos trabalhos de hidrografia principalmente, se coloca na plana dos Ricardo Franco e dos Leverger, — sòmente se completa e integra com a pesquisa do homem interior, da qual ressalta, para a posteridade, não apenas o poeta, já evidente nas produções que vieram a lume, mas sua alma por inteiro, afável, bonacheirona, jovial e carinhosa.

Poeta e Tradutor

Do labor poético de Antônio Cláudio Soído é ainda a tradução do famoso “Corsário”, de Lord Byron. Impressiona-nos a espontaneidade com que se transmudam em vernáculo aquêles versos eletrizados de beleza, harmonia e desassombro.

Vítor Hugo teria sido a sua admiração constante e dominadora. Do excelso mestre transladou para o nosso idioma a poesia “Para os Pobres”, conservando-lhe, tanto quanto seria lícito aspirar, com felicidade e requinte, a mesma delicada, imanente fôrça originária.

Ao amigo Joaquim Norberto de Souza e Silva, poeta, teatrólogo, ficcionista dos primeiros surtos do nosso Romantismo, mas sobretudo crítico e historiador literário, ofereceu a poesia “O Batel”. Na convivência dos escritores dêsse tempo, segundo informa Afonso Cláudio, figurou distintamente o patrono da cadeira que, entre embaraçado e exultante, aquí compareço para ocupar.

Comemorando a visita de D. Pedro II ao hospital dos coléricos, consagrou-lhe Soído um poema, em oitavas camoneanas, à feição dos “Lusíadas”, ricas pelo lavor da forma e cheias de intensa emotividade. Dêle são estas duas estrofes, que alcançam ressonâncias hugoanas:

“Inda há pouco a brasílea humanidade
Pela febre, oh meu Deus! foi afligida,
E outra nova, mortal calamidade
Nos vem também ameaçar a vida!
Ah o cólera-morbus! Tem piedade
De nós, Senhor, senão vemos perdida
A esperança de um porvir brilhante
P’ra êste império entr’ as nações infante!

Da profundez da dor a ti bradamos,
 Presta, Senhor, ouvido ao nosso brado;
 Sem o socorro teu que t'impetramos,
 Pode viver o filho do pecado?
 De nós afasta o mal a que dobramos,
 Teu sôpro manda ao povo flagelado
 E êste povo, Senhor, que assás te deve,
 Mais puro ficará que a pura neve”.

Em 1870, serviu Antônio Cláudio Soído, então no pôsto de capitão de mar e guerra, como membro da Comissão Mista Demarcadora de Limites entre o Império e a Bolívia. Quatro anos mais tarde, é nomeado chefe do Estado Maior das Fôrças Navais, estacionadas no Paraguai e Mato Grosso.

Relos imprevistos da carreira militar, ve-se designado inspetor do Arsenal de Marinha da Bahia, em 1875. Mas, sua permanência naquela comissão foi rapidíssima. quatro ou cinco meses apenas.

Os micróbios do amor e da morte

Já no ano seguinte, encontra-se de novo na terra sedutora, da qual tivera pressa de regressar, quando jovem e no comando do «Maracanã», tanto que ansiosamente esperara a enchente «desejada».... Mato Grosso tornou-se-lhe em amável obsessão e Cuiabá, cidade do seu enlevo, atraía-o, com deslumbrante fascínio, como a um inseto de ouro.

Por onde quer que estivesse, longe ou perto, sua correspondencia com Maria Justina, a quem tratava, numa estudada cerimônia, por D. Mariquinhas, proseguiu com indissimulável fervor de alma. E ao pai da moça, José Vasco da Gama, também frequentemente escrevia, pontilhando as cartas com respeitosas referencias à filha, ou usando palavras de normal delicadeza, mas cujo significado profundo apenas ela, com a chave da linguagem dos namorados, estaria em condições de decifrar.

Talvez procurando íntimamente justificar-se da esquiva em assumir compromisso mais positivo, que o levasse ao altar, e como se ignorasse que Leverger se casara aos quarenta e um, Soído, com essa idade, dizia-se envelhecer “a olhos vistos”, e suplicava, em aditamento; “Veja se na sua botica encontra anti-velhicina, porque desejo uns globos”.

Mantinha-se êle, contraditoriamente, com o coração estuante de amor, e celibatário.

A seu lado, iam-se casando os amigos, vários dêles seus companheiros no culto das musas. Une-se a D. Raquel Ramos o bacharel gaúcho José Ricardo Pinheiro de Ulhôa Cintra, exatamente aquêles que, em preciosas sextilhas, dedicadas ao confrade Nuno Álvares Pereira de Souza, lhe confessava, à pureza:

“Tens mais estro e mais engenho,
Eu tenho mais sentimento,”

e, no entanto, por ocasião da partida, desta capital, do segundo corpo expedicionário, que deveria retomar Corumbá, conclamava os soldados, no pôrto, em meio à multidão apossada de frenesi, a que mostrassem aos traiçoeiros inimigos que, também êles sabiam degolar... E fica-se imaginando que aconselharia êle, aos patriotas em despedida, se não tivesse “mais sentimentos” do que o poeta Nuno Álvares... Mas, isto, seria raciocínio frio, e nem se poderia jamais obscurecer o tom evidente de represália, que dá aos impulsos do bardo gaúcho, aquela violencia dramática.

Pela mesma época do enlace de Ulhôa Cintra, o juiz Antônio Gonçalves de Carvalho dirigia à amada os apaixonados versos da “Flor de neve”

“Se a neve fôsse planta e flor tivesse,
Tu serias da neve a flor tão pura!
Ah! teriam em ti achado os homens
O simb'lo da mais cândida ventura!”

e de fato se ligava a D. Catarina Nunes de Barros, assim lindamente celebrizada pelo seu estro.

Como se tivesse o espírito anacrônicamente atuado por sugestões do tenente Pinkerton, da “Madame Butterfly”, guia e espelho dos marujos impassíveis, Soído, sem dúvida menos culpado que o americano, manteve-se sempre afeiçoado, porém solteiro. Nem os encantos da moça, — o negror abismal daqueles olhos, o porte flexuoso, altivo, “delgado como a palmeira”, a perturbadora viveza da inteligente professorinha, — nem mesmo o exemplo dos amigos pôde conduzi-lo ao jugo, dito suave, do matrimônio. Que digo? Nem mesmo aquela estranha febre de casamentos, que aqui sucedeu ao tremendo morticínio da varíola de 67, — espetáculo tragi-cômico a que se reporta o cronista Moutinho, que o presenciou, — teve o privilégio de reduzir aquela obstinação.

Estupenda a têmpera dêste marinheiro, que assim resistia ao ataque conjugado de dois surtos epidêmicos, mostrando-se rijamente imune aos micróbios “do amor e da morte.

Dias derradeiros

Em 1878, já presente na Côrte, comanda Soído o Batalhão Naval, e serve, interinamente, como membro do Conselho Naval, passando, a seguir, ao posto de inspetor do Arsenal de Marinha de Pernambuco, onde, desdobrando-se numa excessiva atividade, adquiriu a doença que, sete anos mais tarde, o vitimou.

Chefe de divisão em 1880, reforma-se, dois anos depois, como chefe de esquadra, visto, contar mais de quarenta e cinco anos de serviço, e em face das precárias condições de sua saúde.

Pouco tempo decorrido, toma êle uma resolução que, aos filhos destas paragens, supremamente comove: com sessenta e quatro anos, obtém licença para residir nesta então província de Mato Grosso. Ainda uma vez o arrebatava a graciosa gleba, central e distante, com a sua acolhedora paisagem e a finíssima afeabilidade da sua gente. E foi nesta capital que, às quatro horas da madrugada de 12 de Maio de 1889, cerrava êle tranqüilamente os olhos, e partia para a pátria definitiva, na viagem derradeira e sem retorno.

No delírio, talvez se considerasse agarrado às enxárcias do "Maracanã", de onde enviaria adeuses, como, a seu mando, fizeram os marinheiros de outrora, aos leais, constantes, sinceros amigos cuiabanos, que outros iguais não encontrara, pelos múltiplos roteiros de sua vida fecunda e nobilíssima.

Uma embaixada afetiva

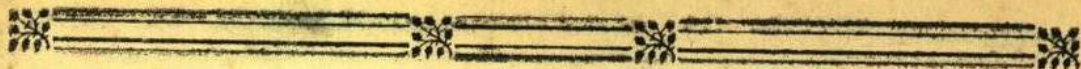
Transcorridas seis décadas, no momento em que esta Academia se reúne, na Casa do Barão de Melgaço, para recordar e enaltecer a figura venerável e brava de Antônio Cláudio Soído, digna, por numerosos títulos, da gratidão de Mata-Grosso e do Brasil, — eis que, pronto ao apêlo da amizade, se desloca da séde do Distrito Naval, em Corumbá, para conceder-nos a esplêndida honra da sua presença a esta cerimônia de evocativa homenagem, um almirante nobre e ilustre, acompanhando-se de distintíssimos oficiais do seu comando. Há, nessa atitude, o concludente aspecto da mais ampla delicadeza moral. Adivinha-se que o Sr. Almirante Maurício Eugênio Xavier do Prado, num impulso de simpatia e carinho pela amabilíssima gente que, no passado e em todos os tempos, à maneira do que acontecera a Soído, tão cordialmente acolhia os seus companheiros da Armada, a ponto de encantá-los e prendê-los pelos vínculos imorredouros do coração e da saudade, — quis trazer à Cidade Verde, através da Academia Matogrossense de Letras, a solene re-

tribuição dos afetos da sua classe. É a alma da Marinha, entretecida de êxtases e entusiasmos, de elegância e espiritualidade, que se abre, com efusão, e se enternece ante o preito que a um dos seus membros se tributa, e, por sua vez, reafirma e reata, com a prestigiosa visita de uma embaixada afetiva, aquelas cordialidades do passado e de sempre.

A cadeira número doze

Quando tudo, nesta noite inolvidável, nos fala de primores de sensibilidade, — gentilezas da terra e da sua gente, gentilezas do patrono e dos seus atuais colegas de armas, — não causaria surpresa a observação, aliás de si mesma evidente, de que a Academia Matogrossense de Letras, na escolha do primeiro ocupante da cadeira número doze, também se orientou pelas razões imponderadas do sentimento. Entretanto, “quaisquer que sejam as probabilidades de êrro dos cálculos humanos, — permití, Senhores Acadêmicos, que vos assegure com João Ribeiro, — a vossa escolha teve de certo alguma significação; porque nestas coisas não podeis errar. Quiestes significar que êsse é também o lugar dos humildes e que entre vós não há desdém pelos tímidos; também entre as esferas de fogo dos astros pôs a natureza intervalos providenciais e obscuros “pois que, no dizer do poeta, a contínua perpetuidade da luz seria exauriente e mortal.”

Com uma atividade literária para a qual a designação de modesta ainda pareceria excessiva, logo ressaltam os exatos limites da honra que me conferís. Por mais alucinado que em meu íntimo rugisse o furor de qualquer indisfarçada vaidade, jamais entreveria eu, na vossa fraternal acolhida, e nos esplendores desta augusta investidura, a sugestão de um prêmio a tão apoucados labores. Aceito-a como um alvitre e que, de futuro, erguendo-me sobre as minhas próprias deficiências, possa tornar-me digno do vosso agradável convívio e, sem deslustre ao renome desta Casa, frequentá-la sempre, como nesta oportunidade, com o coração em festa.



RESPOSTA

Pelo acadêmico Gervasio Lelte

Cruel é o regimento desta Casa, Sr. Gabriel Vandoni de Barros, ao impôr ao acadêmico que chega a tortura de ouvir, de pé firme, o discurso de saudação com que a Companhia dá boas vindas ao novo confrade. E, para aumentar o vosso sofrimento as praxes acadêmicas impõe o prazo mínimo de quarenta e cinco minutos, para experimentar a resignação e a resistência do iniciante.

Cruel, mas sôb outro prisma sábio regimento êste pois, em breve, estareis nesta tribuna recebendo um novo acadêmico... Então vos assistirá o bom direito ao revide.

Em verdade, Sr. Vandoni de Barros a Academia vos recebe com aprêço e ufania e só explica a vossa demora em virdes ocupar o vosso lugar nêste sodalício por temerdes o discurso que tinheis que ouvir. Homem prudente como sois ficastes em vossa linda cidade natal aguardando, talvez, uma violenta alteração de nossas praxes para então, silenciosa e mansamente, assentardes entre os vossos confrades que ansiôsamente vos esperavam. Esqueceis, por certo que não há revolução nos estilos acadêmicos e, desesperançado da reforma e depois de sucessivos adiamentos, aqui estais para os transeis da iniciação. Tranquilizo-vos, desde logo, pois que fóra do sofrimento desta saudação nenhum outro vexame vos será imposto. Nem vos pezará a imortalidade que vos oferecemos, e que o exemplo de todos nós vos sirva para tornar mais suportável vossa mortificação.

* * *

Abrindo de par em par as suas portas para vos receber, Sr. Vandoni de Barros, a Academia procurou completar a companhia com um autêntico valor, com um homem de espírito, uma eminên-

cia na vida pensante do nosso Estado. Em verdade, as Academias hoje já não desejam apenas os que se destacaram na literatura, mas procura os elementos de escól, os valores exponenciais das diversas atividades da sociedade.

A Academia assim como que se transforma em um resumo da época e do meio e abandona a distante torre de marfim onde a confinam seus detratores.

Aqui estais, portanto, com credenciais suficientes completando esta Casa da Cultura para onde vindes com um lastro realmente apreciável e que representa a vossa contribuição para a perpetuação das glórias acadêmicas. Não sei vos dizer da alegria com que vos recebemos mas, podeis acreditar que temos, ainda agora, motivos maiores para vos externar a nossa satisfação pois, como homem de bom gosto que sóis, pronunciastes um discurso sóbrio onde se estampa, esplêndidamente, tôda a vossa condição de homem discreto.

Talvez tivésseis ouvido, a voz sábia e experiente do nosso eminente confrade Jaime de Vasconcelos — que ainda recentemente nos advertia dos malefícios dos discursos longos — dos Amazonas verbais.

A vossa magnífica oração é antes um riacho discreto e cantante que nos ressoa ao ouvido como maravilhosa orquestração. Não sei de maior elogio que êste numa terra de derramados em que todos nascem oradores e os que assim não vêm do berço se fazem oradores para tormento nosso.

Não vos precipiteis nos julgamento, pois que não somos contra a palavra falada mas, infelizmente, até hoje, não atingimos ao extremo da sabedoria goethiana, pois que é sabido que o grande homem de Weimar nos dias posteriores ao segundo *Fausto* e às *Conversações com Eckermann*, “extasiado ante a muda gravidade das coisas” e, perdido o gosto de tudo o que se dizia e escrevia desejava exprimir-se por sinais, como a natureza criadora.

Nisso está a suprema sabedoria e dela já nos falcu o nosso Alberto Ramos, ao afirmar que “em estilo, como em tantas artes de que foram mestres por excelência, os Gregos nos oferecem ainda hoje o modelo da perfeição, que depois de terem praticado ações grandes e belas, acharam para contá-las aquela maneira de dizer inimitável, simples, fácil e natural, que culminou na divina concisão do epigrama, em que nunca foram excedidos, nem já igualados”.

* * *

A vossa atividade, Sr. Gabriel de Barros tem fluido harmoniosamente na constância com que sois fiél aos ideais que animam o vosso espírito. A vossa vocação poética, as vossas va-

liasas contribuições à imprensa, os vossos discursos, toda a vossa obra é norteadada por sólidos princípios, com os quais buscais atingir aquela perfeição que é em arte o supremo ideal. Cedo desbrochastes para o nobre mistér de domar as palavras e prendê-las na magnificência dos alexandrinos, para libertar o espírito humano elevando-o aos altos cimos da poesia.

Poesia —entenda-se— como um elevado ato de criação, como forma de conhecimento, como um ato em si, como harmonia, como integração.

Quem examina as vossas produções mesmo em vôo de passaro, percebe, desde logo, que sois constante, sobretudo ao ideal da perfeição e que a arte poética é uma forma de elevação do vosso espírito e de expansão dos vossos sentimentos. Com isso não podeis ser acusado — como os poetas franceses o são, de fazer uma poesia intelectual. Não há, na poesia, distinguir, rotular, classificar. O que vale é o instante de libertação criadora do artista, é a capacidade de insuflar em seus versos aquele complexo psíquico que desperta as emoções e os sentimentos

Não, a vossa poesia não é intelectualizada, a poesia do ar-tezão, a poesia *a clef*. Ao contrário é uma forma de exteriorização de vossa personalidade; e, por isso, os versos que melhor traduzem a vossa personalidade de escól são aqueles em que, por inteiro, vos entregais aos influxos dos sentimentos.

Comprova a assertiva o soneto “Mena” escrito *in memoriam* da bondosa criatura que foi vossa madраста, onde extravasastes todos os vossos sentimentos filiais, onde por inteiro vos revelastes, banhando na água lustral da poesia tôda a vossa reverência àquela que, sem dúvida, para vós, representava tôda a beleza, tôda a nobreza, todo o esplendor da espécie humana,

“MENA”

Certo estarás no Céu, doce alma compassiva,
Aura plena de Amor e de Fé, para quem
A existência oscilou na leve alternativa
De aborrecer o Mal e de espargir o Bem

Tinhas no coração, jorrando a flux, nativa
Uma fonte imortal de ternura e, também,
No teu ser percutia a angustia coletiva
A dor universal que da vida provém

Como pudestes, ó meiga irmã dos sofredores,
Transmudar, inexausta, os espinhos em flores
E a tantos amparar nos frágeis braços teus?

Agora que partiste, eu vejo — oh maravilha!
Aquela mesina humanidade maltrapilha
Advogando por ti, junto dos pés de Deus!

Nobre e magnífica expansão de sentimentos, poesia humana e alta que é um dos instantes gloriosos de vossa arte.

O vosso versejar não é assim uma pose do vosso espírito; não é uma atitude! É uma realização! E em poesia só o poeta que se realiza por inteiro consegue fazer obra duradoura.

Para revelar a vossa decidida vocação à poesia, sois tradutor dos maiores poetas hispano-americanos. Santos Chocano, Amado Nervo, Martí, Ibarbourou e tantos outros que versejam na maviosa lingua de Campoamor tiveram no ilustre confrade um interprete fiel.

E sabeis que nada mais difícil que traduzir poetas. Eça de Queiroz achava que traduzir poesia é tentativa impossível, como empalhar um raio de luar. E Goethe aconselhava — “traduzir o essencial e não entrar em conflitos diretos com o idioma estrangeiro”. Deve-se ir até o limite do intraduzível e aí parar, porque aí e que está o caráter e o valor da lingua. E’ que cada poeta revela perfeições que se harmonizam com as secretas virtualidades da sua lingua; “um verso é o compôsto de todos os elementos mais raros e escolhidos da lingua, de tôdas as virtudes e preexcelência do gênio da lingua, como essas frutas tardias que contêm dentro de si a quintessência de todos os sucos deleitosos e nutritivos.” Pois, realizastes a proeza com excepcional brilho e, ao calor de vossa inspiração brasileira como que aquêles versos ganharam esplendor e beleza. Refizestes, assim, sôbre a pressão de vossa arte, a epopéia magnífica daquelas aventuras no mundo da poesia e criastes, em imagens inapagáveis alguns dos instantes mais intenso do vosso labutar. Disse recentemente Casais Monteiro, a-propósito da poesia de Superville que todo o universo se refaz nas mãos do poeta: homens, animais e coisas trocam os seus respectivos atributos, confundem-se. A fauna e a flora circulam, humanizadas, através dos versos... Das profundidades abissais do Oceano, às máximas altitudes, nada escapa à sua varinha de condão, senhora de tôdas as metamorfoses. E, familiares, amigas, passivas, tôdas essas presenças, estão em volta do poeta, que ouve o seu silêncio, escuta ou advinha o que elas murmuram, para traduzir em nossa linguagem de todos os dias, essas vozes que não sabemos ouvir com êle.

Dom divinatório, instante profético êste da criação artística que levou Marcel Raymond a exclamar — *“le sens poetique devant proche parent du sens mystique et prophetique, moyen non plus d’expression mais de decouverte”*.

* *

Mas a vossa atividade intelectual, Snr. Gabriel Vandoni de Barros, não se esgotou apenas no amplo domínio da poesia. Espirito curioso e inquieto, forrado de sólida e larga cultura penetrastes pelo jornalismo, tão mal compreendido entre nós pois que jornalistas hoje se recrutam em tôdas as camadas sociais bastando, apenas, como condição fundamental a linguagem destemperada e a *capacidade* de, com ligeireza, atassalhar honras e destruir reputações. Felizmente nem **tudo está perdido** nesta atividade, a mais grave e de maior **responsabilidade** em uma sociedade bem organizada enquanto pudermos contar com homens de imprensa como sois vós, que elevam o bem público, e a verdade acima de qualquer outra consideração ou interesse.

Apresentando um jornal político, em editorial de estreia tivestes oportunidade de dizer, traçando, assim, como que o roteiro dos jornalistas que «jamais apadrinharemos o mal, a iniquidade, a violência, nem mesmo com a pusilanidade do silêncio. Jamais sonharemos o mais leve adminículo à propagação das ideias nobres, das iniciativas uteis, de tudo quanto dimane das fontes puras do coração humano. Nenhuma conveniência oriunda da timidez ou de qualquer interesse bastardo, nos deterá no louvor merecido, no encorajamento sadio, ou no combate que se imponha”.

Tal doutrina é velha em vosso espírito, como dizíeis há tempos em São Paulo, em debate público analisando com agudeza os males da imprensa desorientada e irresponsável. F criticando a legislação contra a imprensa, o vosso espírito liberal, embebido em boas doutrinas jurídicas não pôde deixar de considerar, como e excelso Rui que “há freios que são provocações: há quebra-mares, que são desafios ao oceano. há anacronismos de opressão que constituem o mais perigoso fermento de revolta.»

Os vossos discursos são peças de fino labor. Vossa formação humanística enseja ao vosso espírito oportunidade para debater os mais difíceis problemas com segurança, brilho e agudeza, revelando-vos, assim, homem de seu tempo, participante direto do drama que asoberba o homem moderno. Falando aos moços ou louvando a Pátria, saudando eminentes homens públicos ou falando de poesis, debatendo temas de política internacional ou doutrinando sobre assunto de importância na economia de vossa terra, em tudo deixais a marca inconfundível de vossa personalidade, de vos-

sa condição de homem de seu tempo e o traço forte de um espírito compreensivo, aberto corajosamente ao estudo e discussão de tôdas as doutrinas.

* * *

Em vosso formoso discurso traçastes com mão segura o impressivo perfil do vosso patrono, êsse marinheiro da gloriosa Marinha Imperial que, nascido junto ao mar, veio viver e morrer na generosa terra desta Cuiabânia, tão agarrativa e tão linda. Dêle nos destes em vigorosas pinceladas os aspectos relevantes de sua viva e de sua obra.

A personalidade de Soido que vaga, esta noite, por esta casa, tão forte foi a vossa evocação é, efetivamente, marcante na Cuiabá do século XIX para onde o trouxe o destino e onde devia ficar agarrado pelos doces laços da afetividade.

Era um poeta de linguagem amena e simples. Versejando ao gosto de tempo compoz algumas páginas suaves, cheias da bondade e da afetividade de seu espírito.

Como vós era um tradutor e, nêsse mistér, verteu para o vernáculo "O Corsário" de Byron e o poemeto "Para os pobres", de Hugo.

Sr. Gabriel Vandoni de Barros

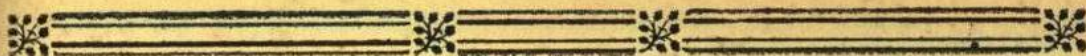
Estamos certos que dareis à cadeira nº 12, fundada sob a égide dêste poeta, brilho necessário para torná-la destacada nesta Casa. Temos o direito de exigir isso de vós tanto são os méritos que enganalam vosso espírito e os dotes de vossa privilegiada inteligência e, ainda, pela incansavel dedicação com que vos empenhais no officio das letras. Não acrediteis que esta Casa seja um remanso, onde a tranquilidade das águas vos possa propiciar repouso. Aqui as vocações não fenecem, nem se aquieta a decisão para a perfeição. Quem transpõem os umbrais desta Casa e aceita a láurea academica vêm para uma oficina sem feriados. Dia a dia aperfeiçoamos as armas e o instrumentos de nossa luta. Aqui visamos forjar em fórmula de alta perfeição e pureza aquela beleza fugaz e coleante que é o obojetivo maior dos homens de inteligência. Aqui nos batemos, coridianamente pela elevação do nivel cultural de nossa gente. Não aprendemos a recuar e defrontamos decisivamente com os mais terriveis problemas desta hora caliginosa e infeliz. Não nos angustia a consciência nem nos oprime o espírito êsse mediocre regionalismo pelo qual os pusilânicos se demitem das responsabilidades de pensar e lutar em escala mundial. Embora, recuados nêstes sertões despovoados estamos sentindo e participando das aflições e sofrimentos dêste pós guerra e, aqui na estacada, nós nos encontramos estendendo-vos cordialmente a nossa mão para

receber o vosso compromisso de que participareis, com ânimo forte da decisão de que estamos possuídos e que se reduz afinal a um simples aforisma: a luta pelo primado da inteligência.

Para vos mostrar que a Academia unanimemente participa da mesma admiração pela vossa obra, escolheu na fulgurante constelação desta Casa o mais obscuro dos academicos, aquele que não tem o privilégio de pertencer ao íntimo círculo de vossas amizades para vos saudar, pois, desde quem vos sauda até os mais potentes luminares desta Companhia todos nós vos admiramos pela alta qualidade de vosso talento e pelo valiosíssimo quilate de vossa arte.

E, recebendo-vos no pórtico dêste areopago trago-vos os augúrios de todos, para que proveitosa seja vossa atividade em favor da cultura matogrossense.





HOMENAGEM

A

Marinha de Guerra do Brasil

**Discurso pronunciado pelo acadêmico
Luís-Philippe Pereira Leite, na sessão
da Academia Matogrossense, de 12 de
Outubro de 1949.**

À circunstância feliz de ser portador de um nome, que lembra o daquela figura hierática de ilustre e excelso Almirante, que a Marinha de Guerra do Brasil admira e venera, lado a lado dos brasileiros mais eminentes, devo, talvez, a honra insigne, que ora se me depara, qual a de saudar, em nome da Academia Matogrossense, a gloriosa Marinha de minha pátria e a luzida embaixada, presente para a glorificação do chefe de esquadra, ANTONIO CLAUDIO SOIDO, patrono da cadeira nº 12, elemento dos mais expressivos e destacados das forças brasileiras da Imperial Marinha de Guerra.

Exaltar a Marinha, é evocar, a um tempo, os feitos marchetados de heroísmo, que marcam as páginas rutilantes da história pátria; é recordar os vultos varonís de Tamandaré, Barroso Inhauma, Jaceguái, Greenhalg, Marcílio Dias, Custodio de Melo e Saldanha da Gama, o duque da estirpe maruja, no dizer do grande e nobre Nabuco, para só citar os nomes legendários, pre-

sentos, ainda hoje, não só a bordo de todos os navios, como no coração de todos os marujos, na memorável expressão do embaixador Oswaldo Aranha, que não sabe, como nós, qual é o extranho condão do mar. Parece-lhe, mesmo, confessou quando do centenário campista, que, em seus designios, ao criar as águas, criou Deus as mais nobres virtudes humanas, porque o mar é o símbolo mais aproximado do Criador. Tudo nêle é infinito e parece ter dêle a onipotência, porque tudo parece pequeno, frágil e perecível, diante do mar, o grande senhor da terra, cujos destinos são forjados, na guerra e na paz, pelas suas correntes, que a aquecem ou esfriam, pelos seus espaços que lhe abrem os caminhos de existência, pelos ventos, que lhe renovam a superfície, dando-lhe um sentido profundo da força, da unidade, e da eternidade das cousas. O mar dilata e apequena, abre o horizonte, mas o espelha na onda e o enterra nas suas profundidades; deixa vêr o sol na sua esplendência maior, porém mostra como êle se apaga numa nuvem e se extingue num bruxoleio de vela; se enfurece mais que um terremoto e se amansa e suavisa como uma seára; dá alvoradas mais belas e as mais negras noites; abre as entradas mais límpidas e as povoa de ventos e tufões; dá, enfim, ao homem uma dimensão diferente da terra e aos povos a amplidão mesma dos seus destinos insondáveis. "O mar, como disse o grande Ruy, cujo centenário se avizinha, é um curso de força e uma escola de providência. Todos os seus espetáculos são lições: não os contemplamos frivolamente." É por isso que a convivência do mar dá força ao caráter; lógica ao raciocínio; ordem ao espírito; devoção à profissão; fidelidade às tradições; respeito à hierarquia; firmeza às opiniões; fidalguia às atitudes; e essa bravura, na guerra e na paz, feita de coragem, da nobre, da grande, da desassombrada coragem dos homens do mar.

A essa estirpe magnífica pertenceis vós outros dignos embaixadores daqueles augustos vigias da nacionalidade, que teceram a eternidade da pátria, de tal modo, que a noite dos tempos não consegue apagar. A fidalga pessoa do exmo. snr. contra-almirante Maurício Eugênio Xavier do Prado - cujo nome declino com respeito e admiração - digno comandante do 6º Distrito Naval, sediado em Ladário, as primícias das nossas homenagens, de certo, bastante merecidas, eis que tributadas a uma figura de pról da linhagem maruja, portadora de brilhante folha de assinalados serviços. Galgou os postos de capitão de corveta, de fragata, de mar e guerra e de contra-almirante, pelo critério do absoluto merecimento, o que, de si só evidencia o conceito que goza no seio da classe a que pertence há 40 anos de eminentes esforços dedicados à Marinha e ao Brasil. Bem se lhe aplicam os versos de Araujo Lima (Nelson):

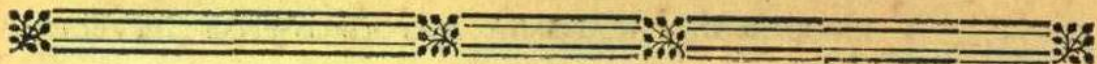
Nobre representante de uma raça
Por cujos feitos toda a Pátria vibra
Desde os albores da primeira raça,
Nunca se lhe afrouxou a rija fibra
De marujo que, altivo, não se inclina
Às tormentas que o venham surpreender...
Sua vida é lição que nos ensina
Os milagres que opera a disciplina
Na escola do civismo e do dever!...

Nossas homenagens, ainda, aos exmos. snrs. comandantes Mario Ferreira França e Thoribio Lopes, arcades ambos, confrades eminentes dos Institutos Historicos do Amazonas e Pará, e da Academia Paraense de Letras. Traz o primeiro a marca impressiva da formação jesuítica — o saber aliado à sobriedade, revelando-se pela profundidade dos temas literários, como científicos, portador que é do galardão de doutor em medicina e Diretor do Hospital Naval de Ladário. O outro, nas suas 31 — primaveras de belo existir, de par com os ensinamentos náuticos, é senhor de recomendável bagagem literária, “ENALTECENDO” as realizações da Marinha de Guerra e o evocativo “ARSENAL DE MARINHA DO PARÁ”; “GLORIFICANDO” as figuras tutelares da nossa história; mostrando-nos, ora “FRAGMENTOS”, ou “PÁGINAS ESPARSAS”, desta “MARAVILHOSA PATRIA”, ora alguns aspectos das “PAISAGENS AMAZÔNICAS” ou “REMINISCÊNCIAS” desta grandiosa “TERRA DE HERÓIS”; exaltando, à derradeira, no seu “VOCABULÁRIO EM CINCO IDIOMAS”, ou nos memoráveis “DISCURSOS”, a história detalhada dos países americanos, “POTÊNCIAS DO PORVIR”, se assim nos é dado compôr a sua biografia, utilizando-nos, tão somente, dos titulos que, artisticamente, emprestou às suas obras, impregnadas daqueles salutareos principios, hauridos dos eméritos educadores maristas, os quais o contacto com o mar pôde conservar e aperfeiçoar cada vez mais.

Na pessoa dos preclaros homenageados, saudamos a gloriosa Marinha de Guerra do Brasil, à qual pertenceu a figura — augusta do patrono da cadeira, cuja vida memoravel, será evocada, dentro em pouco, pela palavra elegante do culto confrade — Gabriel Vandoni de Barros, para quem se enfloram as galas desta noite de poesia e espiritualidade, a marcar, no tempo, a trajetória luminosa e peregrina da cultura matogrossense.

Hosanas, pois, à figura imperecível de ANTONIO CLAUDIO SOIDO, aos eminentes embaixadores e à excelsa Marinha de Guerra do Brasil.

Disse!



Palavras de Encerramento

Na recepção do academico Gabriel Vandoni de Barros. aos 12 de Outubro de 1949, pelo Secretario do Estado, Acadêmico ROSARIO CONGRO.

A Academia tem um chaveiro, ilustre entre os mais ilustres, que encerra as sessões solenes que aqui se realizam.

É o seu presidente de honra, o nosso grande Arcebispo Dom Francisco de Aquino Corrêa.

Ao snr. Governador, quando presente, tem cabido a presidencia de solenidade como esta, e quando ausente o eminente prelado, as encerra também.

Por ausência de ambos. cabe-me a honra insigne de representar o Chefe do Estado, embora sem poder empunhar a chave de ouro que o presidente da Academia tanto recomenda.

Entendo que, embora vivendo na velha terra do ouro, não devemos consumir, perdulariamente, o próprio ouro da palavra...

Eu, então, sem engenho e sem arte, não seria concorrente jamais ao brilhantismo dos oradores que se fizeram ouvir.

A Academia Matogrossense de Letras cumpre, vitoriosa, a sua missão patriótica de centralizar, incentivando, a vida cultural do Estado.

Sessões memoráveis temos assistido aqui, e esta é uma delas a marcar a bela conquista de Gabriel Vandoni de

Barros, que veio enriquecer o quadro dos eleitos e tomará destacado lugar nos Anais da casa.

Para maior pompa, é de salientar a presença de preclaros visitantes, especialmente vindos, como o snr. almirante Mauricio Xavier do Prado e os brilhantes oficiais da sua comitiva, lídimos representantes da Armada Ilustre e Brava de Barroso.

Entre eles se encontram os comandantes Mario França, do Instituto Histórico do Pará, e Thoribio Lopes, colega nosso de imortalidade, que nos trouxe o paternal abraço da sua Academia, a do Pará.

O Pará, além de nosso irmão é nosso visinho parede e meia, mas para alcança-lo na amazonida Belem, temos que transpor grande rios, caudais imensas, florestas, aí por umas quatrocentas leguas!

Só mesmo de avião...

Pena é que a velocidade das asas mecânicas, excluem agora a real impressão do imensuravel, que é a característica principal da grandesa de nossa Pátria.

Na festa de hoje, festa de arte e pensamento da nossa fina intelectualidade, tivemos no começo a linfa cristalina e pura do desembargador Mesquita, um fio d'agua correnteia à sombra amiga de árvores anosas, que preludiou o cascaterra imponente das orações que ainda vibram aos nossos ouvidos.

Depois, o encantamento que nos trouxeram essas figurinhas de Tanagra, que enfrentaram a tribuna, quasi um patibulo! para o desfiar dessa camândula de versos que nos embeveceram.

E depois, ainda, as harmonias arrancadas pelos dedos mágicos das nossas artistas do teclado, que puseram soluçantes os doces violinos.

Com a nossa admiração por todos que concorreram para o êxito impar deste festival, que tão bem falou da nossa civilização e da cultura espiritual da nossa gente, eu, em nome do snr. Governador do Estado, congratulo-me com a Academia na pessoa do seu ilustre presidente.

E declaro encerrada esta magna sessão.

Centenário de Rui Barbosa



Discurso do académico Gervasio Leite na sessão comemorativa do centena- rio de Rui

Senhores:

Conta-se que as mães gregas, contemporâneas do grande Pericles, levavam seus filhos ao Pentélico para que êles pudessem ter veneração e admiração pelas incomparáveis grandezas de sua Pátria.

Silenciosa e recolhidamente os peregrinos subiam as encostas arredondadas da montanha, e, chegados ao cimo, as matronas da Hêlade, com um sinal lhes apontavam a planície que lhes ficava aos pés e diziam:—Meu filho, lá esta Maratona. Alí combateram Milciades, e os heróis dos quais tu descendes. Volta-te para o lado do sol nascente. Aquela massa sombria e passada que alí está é o Eta, e, junto dele, o passo das Termopilas, que bebeu o sangue generoso de Leonidas e dos trezentos Espartanos. Volta-te para o lado do sol poente. Aquela planície azulada é o mar sonoro, o mar sem repouso que fustiga as costas da nossa Ática. E aquele promontório que penetra, branco com uma lâmina de prata, é Salamina. Temistocles e os seus marujos derrotaram, alí a incontável frota de Xerxes, que, derrotada fugiu e nunca mais voltou. Meu filho, tu és de uma raça nobre, e a Grécia é um país nobre lembra-te disto.

Em verdade, Senhores, somos de uma raça nobre e grande da raça que concebeu um dia em gestação maravilhosa esse Rui Barbosa que a Pátria brasileira celebra e reverencia como a figura impressiva e carismática do seu Apostolo. Toda a sua vida não foi sinão um apostolado, uma pregação continua e incansável pela Justiça e pela Liberdade. Tão grande é êle que ganha fóros de ser mitológico, já não é mais apenas um homem com as suas grandezas e com as suas misérias. É um simbolo, um roteiro, um guia

qualquer coisa que se distancia de nós, que paira alto acima de nós. Não teve seguidores, não fez discípulos. Era daquela família isolada e sofredora do gênio.

Na casa paterna

Confessa Rui que toda a sua formação moral, mental e espiritual é obra de seu pai aquele torturado e perseguido João José Barbosa de Oliveira. Era êle — dizia o filho em página de admiração, na minha provincia a maior cabeça de sua época, o orador mais perfeito que já conheci, distinguindo-se, ao mesmo tempo, como um carater de limpidez e inflexibilidade adamantinas. O que sou, menos o coração em que minha mãe entrou grandemente, dêle nasce quase exclusivamente, como a água que corre da água que já correu. Esta palavra de que uso, em mim diminuida, era dêle, o maior orador que jamais conheci. Esta cabeça que eu tenho, não é mais que uma apagada sombra da sua. Esta paixão da liberdade, do direito e da justiça, herdou-ma êle, a mais justa das almas, o mais irredutivel liberal que eu nunca vi... O amor da pátria, a intransigência da honra, a firmeza da vontade, o culto dos principios, o desprezo dos perigos, o fundo religioso do sentimento e das idéias, isso tudo é seu. De modo que a cada passo da minha vida, o que eu sinto dentro no mais íntimo de mim mesmo, é meu pai. Êle não morreu: em mim vive e reviverá, enquanto alguma coisa de mim restar.

Daquelas tradições familiares Rui tiraria os exemplos marcantes. Contou-as no prefácio à "Queda do Império". O exemplo de intrepidez deu-lhe o pai, aos quatro ou cinco anos de idade, em 1.852 quando saudando a majestade reinante tivera a intrepidez de fazer soar uma nota democrática em seu discurso, advertindo o Imperador, ali presente dos sinais dos tempos novos que surgiam.

O amor à verdade vem também do berço. Em 64, aos quinze anos Rui tinha concluido os seus preparatórios com um brilho excepcional e se preparava para, no Recife, matricular-se em sua gloriosa Faculdade de Direito. Mas a lei exigia os 16 anos para que o candidato pudesse alçar-se aos orgulhos de ser acadêmico. Rui já se considerava matriculado mas, uma palavra do pai deitou-lhe água ao entusiasmo: "Não, meu filho. Precisarías de certidão falsa; e não has-de começar a vida por uma falsidade. Sou eu quem perco. Tu ficarás aí, ganhando no teu alemão por mais um ano, até fazeres os dezesseis da lei.

Perdi—escreve Rui—com isso, um ano de adeantamento nos interesses materiais da minha carreira. Mas, moralmente, ganhei o

valor de toda uma vida, com o profundo sentimento da verdade, que assim me gravou na alma a voz severa de meu pai. O menino a ouviu com espanto; o adulto guardou-a com reverência; o velho ainda a sente, com altivez e amor, como coisa cada vez mais sagrada.

O edificio da grande vida assentava-se em sólidos e longos alicerces. O pai formava o grande homem com uma vida de exemplos de que Rui não se cansaria jamais de proclamar,

Frequenta as Faculdades de Recife e S. Paulo. Destaca-se como o grande estudante de seu tempo, formando no constante manuseio dos livros daquela cultura larga e profunda que, cedo faria desabrochar o genio. Forma-se em 1870 atormentado pelas doenças que iam segregá-lo do convívio social e acabrunhado pela vida pobre e intranquila de João Barbosa.

A morte do pai em 74 faz com que Rui se defronte com vida. O pai deixara dividas. Cerca de doze contos. Evocando as tormentas da época, Rui, muita mais tarde afirmava:—“Eu herdara pois o trabalho e a luta, mas a luta como quem nasceu para a menear com a energia de uma arma, e o trabalho como quem ôra talhado para vencer num campo de batalha. Facilissimo era evitar o peso dessa herança: bastava renunciar a sucessão a beneficio do inventário. Mas me pareceu que o dever m’o vedava. Renunciei pois, nos autos, em favor de minha irmã o ativo do casal: os moveis, as alfaias, todos os valores encontrados em casa, e substitui, nos bancos, sem reserva de condições, a firma de meu pai pela minha. Não pedi misericórdia e não a tiveram comigo. O morto continuava a viver em mim nas suas responsabilidades, pelas quais nunca encontrei quartel. Era assim que eu queria: foi assim que me trataram os estabelecimentos. E assim foi que eu venci.”

Aos vinte-e-quatro anos o Apostolo devia sair pelos caminhos do mundo para os arduos labores de sua pregação. Seriam cincoenta anos de luta sem quartel e sem pausa. O Apostolo soffreria toda as agruras da vida. Seria renegado, injuriado, insultado e derrotado. Nunca porém lhe faltaria aquele amor à verdade e aquela paixão pela liberdade que seriam as luzes iluminando as trilhas de seu jornadaear.

Começa por ser eleito deputado provincial pelo Partido Liberal. Logo mais Rui é eleito deputado geral e vai para a Côrte onde pronuncia dois grandes discursos. Aquele em que examinou a situação do Partido Conservador cujo gabinete caíra e o com que repondeu a Silveira Martins.

Jornalismo, Federalismo, Emancipação

Continua o Partido Liberal no poder. Sinumbú é substituído pelo Conselheiro Saraiva e Rui redige para seu chefe a lei, da reforma eleitoral, a lei de 9 de janeiro de 1881.

Dissolvida a Câmara volta o grande homem ao Parlamento Imperial. Na rápida sucessão dos gabinetes, todos do Partido Liberal que não tinha unidade porque não tinha chefe chegamos ao ano de 1884. O Cons. Dantas, o chefe de Rui Barbosa se ve, de repente chefe do Conselho de Ministro. Ora Dantas trazia para o governo o problema da escravidão. Em torno de seu ministério escreve Luiz Viana Filho — agremiava-se a falange abolicionista. Na imprensa, nos comícios populares, nas conferencias políticas, sentia-se uma atmosfera eletrizada, e a mocidade acadêmica emprestava à campanha o calor do seu entusiasmo.

Rui e Nabuco se agigantam na luta. No parlamento e na imprensa os dois grandes rapazes lutam como titães, erguendo-se com destemor por sobre todas as considerações e interesses campeões destemerosos da causa da Liberdade.

A posição de Rui é conhecida. Ao subir o Cons. Dantas ao poder já não mais tinha escravos em sua casa. Pregava assim a liberdade com o seu proprio exemplo.

Para fixar a orientação de seu espírito na questão que apaixonava não só o parlamento como a nação inteira basta a passagem final de seu parecer de 1884: "A escravidão obedece a uma lógica fatal. O argumento que a legitimar na mais remota das suas manifestações e na mais atenuada expressão do seu espírito, preconizá-la-ia igualmente no mais odioso dos seus aspectos e nas mais bárbaras exigências do seu regime".

E mais adiante afirmava: "No estudo moral desta instituição é absurda a concepção de dois direitos opostos, restringindo-se mutuamente: ou reconheceres o direito do senhor, e eliminas a personalidade do cativo; e negas a propriedade do senhor. Congruência, firmeza, inteligibilidade — só no credo selvagem dos polinésios, que desconhecem no escravo a humanidade, reservando a vida futura às castas superiores, e negando a existencia da alma nas castas servis — ou na denegação perentória da justiça do cativo atirada às faces do senhor pelo escravo na comédia de Filemon... Entre esses dois extremos não há senão compromissos, razões de Estado, conveniencias, concessões à equidade, interesses da maioria; e só em nome de alguma consideração destas é que a propriedade servil pode suplicar indulgencia, ou exorar compensações".

“Em nome e com a altivez do direito, não! Se a legalidade constituísse o direito, se fôsse lícito preconizar em dogma jurídico o apotegma daquele estadista do escravismo americano a quem o cativo deve esta tésé: “O que a lei declara propriedade minha, é minha propriedade”, teríeis enxertado nas instituições livres a teoria de Hobbes, que, santificando em critério de justiça, o arbítrio do legislador, implicitamente funda a irresistibilidade, a irrevogabilidade, a eternidade do despotismo.

Vê-se assim que Rui não fazia concessão. Era pela abolição total. Rejeitava as doutrinas intermediárias. A supressão do tráfico, a lei do ventre livre, a emancipação dos sexagenários, tudo isso lhe surgia aos olhos como paliativos, pois que a questão era de ordem moral e, ainda, devia ser analisada juridicamente e, tanto a Moral como o Direito repudiavam o domínio do homem por outro homem.

Rui, Nabuco, Patrocínio eis a trindade dessa colossal jornada de liberdade. Por ela lutam com denodo e incansavelmente. Em 85 Rui pronuncia a sua grande conferência intitulada “A Situação Abolicionista”, com a qual iniciava o seu grande vôo pela Liberdade. Nela analisa, amplamente a situação da escravidão no país e demonstra, candentemente, os erros que acumulamos na solução de um problema que devia ser abolido pura e simplesmente. E termina com esta frase que é um desafio atirado à face da Nação:

“Uma nacionalidade sustentada pela escravidão ocupa, na escala moral, aquele gráu em que o homem confina com as sociedades animais”;

Em favor da causa da liberdade dos negros abandona até mesmo as conveniências do partidarismo. Combate Saraiva, do Partido Liberal; combate Cotegipe, combate todos aqueles que negam a solução imediata do problema da escravidão. Ali está o homem que tem a paixão da liberdade, o que sempre esteve ao lado do fraco contra o forte, o que combateu os opressores, o que lutou pelos oprimidos, o que negou fóros às injustiças e o que afirmou na constância de um programa a eternidade da Justiça e da Liberdade.

Ainda que fóra do Parlamento em uma daquelas inexplicáveis surpresa de que é fértil a política como a fazemos neste país, não cessou Rui a sua luta. Não enrolara a bandeira do ideal, nem conhecia ao se atirar à refrega os recuos, as concessões, as negociações. Até mesmo no discurso que pronuncia no

tim de 1.886, em S. Paulo em homenagem à memória de José Bonifácio, o moço, recentemente falecido Rui, lançou o *slogan* da época: "Primeiro a abolição, nada sem a abolição, tudo pela abolição".

Nas ruas Patrocínio, o grande rapsodo negro da Abolição pregava o verbo da liberdade, na candente linguagem do orador de massas; Nabuco escrevia o seu grande livro de propaganda e Rui doutrinava sempre, incansável apóstolo, que já não era mais um homem porque se transformara num programa.

Finalmente, a luta encontra o seu arremate glorioso no 13 de Maio. A Monarquia estava mort. Das hostes do Partido Liberal levantava-se o Partido Republicano. O Federalismo empolgava Rui Barbosa. Ia agora contribuir através do jornalismo para a vitória do ideal republicano.

* * *

Rui entrou no "Diário de Notícias" pelas mãos de Antônio Azeredo; Azeredo é o moço inteligente e ambicioso que quer vencer. É um político muitas vezes negado, quase sempre incompreendido. Dirigia o "Diário de Notícias." Saira da Escola Militar e se formara em Direito. Era elegante, fino, o cravo na lapela, a fina bengala de castão de ouro na mão aprendendo mais nos salões e na vida que nos livros. Era republicano. Ele e Rui—escreve um biografo do genio de Haia—ficaram íntimos, nascendo entre ambos a maior confiança. Rui, profundamente erudito, e, por isso mesmo, sobressaltado por dúvidas, apreciava aquela inteligência espontânea. Sem o perceberem, os dois amigos se completavam. Um conhecia os livros. O outro conhecia os homens.

Azeredo dá a Rui a direção do Diário de Notícias, e começa na vida do genio a sua fase de lutas pelas colunas do jornal. Empolgava-o o Federalismo e pelas colunas do jornal obscuro que, rapidamente transforma num grande órgão da opinião brasileira, Rui faz a campanha federalista, com aquele sagrado ardor dos apóstolos, sem transigência, sem concessões. Tornou-se por isso o chefe do movimento.

Esclarecia a sua posição frente à questão federalista declarando que em um país tão vasto como o nosso impossível seria conceber uma administração uniforme. O regime da administração local precisava variar tendo em vista os fatores múltiplos, heterogeneos, opostos em um país com uma enorme área territorial e com problemas regionais tão dessemelhantes entre sí. Além disso

a Federação se lhe apresentava como a consolidação em granito da unidade da Pátria, como a aproximação de interesses comuns. O unitarismo importaria na atrofia da vida local, no exagerado centralismo, no governo exclusivamente pessoal do Imperador. Mas Rui, desde logo, afirmava que o federalismo não significava a aceitação pura e simples do regime republicano. Eu era—dizia em 1890 no Congresso Constituinte—federalista antes de ser republicano. Não me fiz republicano—esclarecia—sinão quando a evidência irrefragável dos acontecimentos me convenceu de que a Monarquia se incrustara irredutivelmente na resistência à Federação. Embora se arregimentasse nas fileiras do Partido Liberal, Rui compreendia que o erro maior dos partidos monárquicos era o *non possumus* com que barravam a idéia federalista. A mais grave responsabilidade dos que presidiam a administração do país, no fim do Império era essa oposição obcecada, inépta, criminosa de uns, a fraqueza imprevidente e egoística de outros contra as aspirações federalistas da nação. Embora compreendesse que a adoção do federalismo pela Monarquia significasse apenas o adiamento do advento do regime republicano, sentiu e demonstrou que a sua adoção naquela época teria poupado à Republica as dificuldades de organização com que arcaram os seus responsáveis, nos primeiros tempos de consolidação do regime novo.

Tão arraigado era a sua convicção em favor do Federalismo que recusou um posto de Ministro no gabinete de Ouro Preto, só porque Afonso Celso não aceitava o Federalismo nos extremos em que o colocara. Não aceitou, nem mesmo a promessa formal de Ouro Preto de que o seu Gabinete começaria a adoção da forma federativa pela descentralização. A recusa é perentória. O apóstolo não teve dúvida em declinar o oferecimento afirmando — “Não amarro a trouxa das minhas convicções, por amor de um Ministério». E não transigiu.

E pelas colunas do Diário de Notícias continuou a sua pregação. Em cinco meses de campanha luminosa arrasa o Império, levanta em expressiva unanimidade as forças morais da Nação e prepara, das páginas de seu jornal, o novo regime. E foi como jornalista que fez a República, pois, no testemunho insuspeito de Benjamim Constant, foi a pregação cívica de Rui que convenceu a todos da necessidade da nova forma de governo.

Vai alteando assim num crescendo a impressionante força creadora do grande homem. Chegava depois de vencer as agruras das ingremes encostas à plataforma imensa onde se desenvolveriam os grandes atos da sua vida. Saía da direção do “Diário” para a vice-chefia da República e para a pasta da Fazenda de Deodoro. Tinha atingido a plena maturidade dos quarenta anos. O apostolado começava.

A republica e o Ministério da Fazenda

O papel que representou no Governo Provisório — escreve Américo Jacobina — foi, no juízo dos mais insuspeitos de seus críticos, o de inspirador dos atos de maior importância do início do regime. Foi d'ele o decreto nº 1 estabelecendo a República Federativa no Brasil, d'ele o decreto separando a Igreja do Estado, d'ele o decreto de banimento da família imperial, d'ele o projeto de decreto da bandeira, d'ele a convocação da Constituinte. Encarnou na instauração do regime republicano o espírito profundamente jurídico que o informa. E a ele se deve, sem dúvida, a política de moderação e de equilíbrio adotado nos primeiros dias republicanos.

Tal é a sua atuação que Dunshee de Abranches, seu notório desafeto não hesitou em afirmar que, “na primeira semana, após a proclamação da República, só um cérebro pensou e agiu — Rui Barbosa”.

Queria organizar o país na base dos princípios que pregara pelas colunas do “Diário”. Pretendia um regime de garantias legais e de liberdade, um clima capaz de produzir ambiente ao trabalho fecundo, uma administração embasada na moralidade absoluta. Queria uma república embebida das tradições do constitucionalismo americano e do liberalismo inglês. Diria em 1897, em conferência pronunciada na Bahia que não idolatrava formas de governo, porque não devia idolatrar nada. Queria a razão nos seus direitos, nos seus direitos o povo, e, pairando acima de ambos, a liberdade, garantia comum. Não admitia a idolatria da razão, a do povo, nem a da liberdade; porque a razão é falível, o povo humano e a liberdade contingente.

Impôr a república pela sua forma, em lugar de recomendá-la pelo valor das suas utilidades, seria entronizar, na política, a superstição. Não era republicano por formalismo, porque “as formas que não corresponderem ao espírito, à ação viva, à existência interior, são máscaras de impostura». Ele era, em uma palavra republicano porque “a república é a democracia e a liberdade na lei.”

Construindo o sistema político-jurídico do Estado — afirma João Mangabeira — exercendo uma influência benéfica de cordura e tolerância para com os vencidos, atuando na defesa do direito contra o arbítrio, assegurando a possibilidade material de vida ao novo regime, e dando-lhe estabilidade no meio da tormenta, por uma gestão financeira incomparável, Rui foi de fato o Construtor da República, de que Benjamim e Deodoro haviam sido os Fundadores, e o último, além disso, o Proclamador.

Sem ele, não teria ela subsistido, como Pedro II reconheceu no exílio.

Na consolidação do regime que se inaugurava Rui alteou-se como figura ciclópica à frente do Ministério da Fazenda, onde todo o seu devotamento à Republica se espelha de modo conclusivo e inatacável. No entanto grande parte do sofrimento dêste homem se fez por fôrça das calunias contra a decisiva atuação; porém, na opinião dos peritos ninguem como êle, com tanto acerto, cuidou das finanças nacionais. Tendo o encargo pesadissimo de liquidar as finanças do regime caído e o de organizar o da Republica que surgia, Rui estava "obrigado a remodelar tudo, a criar um mundo novo."

A nova organização política do país—escreve Rui, no relatório do Ministério da Fazenda, de 1891, trouxe, consequentemente, a necessidade de reconstituir o nosso sistema tributário. Previa que o orçamento da Republica sofreria grande abalo, primeiro—como seria lógico esperar em face da revolução—sensível diminuição da receita e, depois, por fôrça do regime que se erguia, havia um considerável aumento da despesa. A diminuição da receita, como observava o grande Ministro decorria, logicamente da discriminação de rendas prevista no projeto da Constituição de 1891. Com efeito, o documento enviado pelo Govêrno Provisório à Assembléia Constituinte tornava privativo dos Estados os impostos sôbre a exportação, a propriedade territorial e a transmissão de propriedade.

Ante o vazio que assim se abria no orçamento federal desde logo Rui no monumental Relatório propõe novos impostos: o de renda, sôbre o alcool, sôbre o fumo e a agravação do imposto do selo. Justificou-os em oitenta páginas macissas de cerrada e magnifica argumentação.

Não lhe ouviram a lição excepcional e sòmente parcialmente foi o esquema Rui adotado. Os especialistas que meditaram sôbre o relatório não tiveram dúvidas em demonstrar a excelência da doutrina que condensava. Eram Cincinato Braga e Vieira Souto, eram Ramiro Barcelos e Felisbelo Freire, notórios inimigos de Rui, era a imprensa, à frente o "Jornal do Comércio, tecendo os mais rasgados encômios à obra do financista insigne.

Atacado da nervose do trabalho infatigavelmente atuou Rui, no setor financeiro da Republica. Propoz a organização do Tribunal de Contas, o montepio dos funcionários públicos, o serviço de estatística financeira, o crédito hipotecário e popular. Elabora e pública o decreto 165-B sôbre crédito móvel à lavoura e à indústria, o 169-A sôbre hipoteca, bem como o 370, que o regulamento, e os 451 e 995, que mobilizam a propriedade territorial, instituindo o registro Torrens, e os que reformam e coordenam a legislação sôbre sociedade anônima.

Mas, não para aí a obra dêste homem infatigável. 14 meses depois da proclamação quando em 21 de janeiro de 1891, o Ministério se demite a gestão financeira de Rui se justifica nos seguintes fatos: 1º) não contraira empréstimos; 2º) não criara nem elevara impostos, ao contrário, abolira o adicional de 5%.; 3º) não suspendera o pagamento da dívida flutuante e mantivera sempre em dia os compromissos do Tesouro; 4º) aumentara a arrecadação em quase vinte mil contos; 5º) reduzira o orçamento de seu Ministério de mil contos; 6º) recolhera o empréstimo de 89, na importância de cento e nove mil contos; 7º) resgatara ao meio circulante cerca de vinte e nove mil contos; 8º) manteve o câmbio em 90, na média de 22,5/8.

A matilha dos interesses inconfessáveis, os ódios indissimulados, a inveja, a calunia, tôda a salsugem do carater humano reuniu-se hiante para denegrir a obra do grande financista. No Senado em discurso celebre pulverizou de um só golpe a acusação de que a sua atividade na Secretaria das Finanças fôra ruinosa à Republica nascente e à economia nacional. Responde a Ramiro Barcelos, pulveriza os seus detratores, desce da tribuna do Senado e vai pelas colunas dos jornais, em tôda parte pleiteia que se corporifiquem as acusações, que se articulem em libello a intriga, que a malicia se desembuche, que os seus detratores saiam do anonimato para a acusação clara e insofismável.

E brada como figura bíblica ungida pelo ódio sagrado: "tôdas essas infâmias, absolutamente gratuitas, em cujo apoio não há sinão boatos, conjecturas, diatribes tão perversas, quanto as que a elegância dos círculos da moda verte sôbre a reputação das mulheres mais puras.. todas essas vilanias, cuja veracidade se poderia medir pela dos telegramas, que inundaram a Europa com a crônica cotidiana das confiscações, dos morticínios, dos incêndios perpetrados pelo govêrno de uma revolução que não interrompeu sequer por um momento o expediente do comércio e o trânsito das ruas... tôdas essas vilanias não custam aos trapeiros da detração outro sacrificio mais que a taxa de alguns vintens por linha, com a segurança da impunidade absoluta, nos balcões, onde a sombra do mais odioso estado legal, se pratica o lenocínio da pena, a prostituição da imprensa".

Nunca lhe faltou a coragem para desafiar os seus detratores mas, a infâmia, como reptil coleante e fugidio, embora ferida de morte pelo verbo potente do vingador ressurgia lá adiante em venenosas insinuações com que a baixeza humana envenenava a vida do Apostolo. Bem mais tarde justiça completa seria feita à atuação patriótica e decisiva que tivera naquele instante difficil da nacionalidade.

Rui e a Constituição de 91

Jamais descansaram os infatigados detratores de Rui. E, como não lhes bastassem negar o Rui-financista, o campeão do federalismo, o defensor da liberdade, o advogado dos humildes, o herói da emancipação, negaram-lhe o privilégio de ter dado organização jurídica à Republica nascente. Tentaram assim furtar a Rui a glória de nos ter legado a mais perfeita Constituição que tivemos em todo o periodo tormentoso do Brasil republicano.

Felisbello Freire e Carlos Maximiliano, no côro dos negadores tudo fazem para negar a Rui o privilégio supremo. O primeiro, desafeto de Rui escreve perturbado pelo estreito partidatismo que o glorioso estadista insistia na afirmativa impertinente de que era o autor da Constituição "quando sua fonte mais pura está no patriotismo e na competência da Comissão que, nomeada pelo Govêrno, tem sido injustamente negada, não só pelos membros da Ditadura de 1889, como pela opinião nacional.

No Brasil em geral — afirma Maximiliano — se acreditou, sem fundamento aliás, que o admirável projeto definitivo da Constituição era trabalho exclusivo de quem se limitara a retocar a obra alheia, do Ministro Rui Barbosa em suma.

Mas estas negativas não encontravam ressonância na alma popular, Rui fizera o regime novo; como um deus criador soprara-lhe a vida, no texto da carta magna de 91. Homero Pires no magnifico prefácio aos "Comentários à Constituição" mostrou de modo convincente e irrecorrível a atuação de Rui. Em verdade êle revera integralmente o texto da Comissão dos Cinco. Mas, a sua revisão foi a de quem remove impecilhos, amplia o texto, dispondo muitas vezes de fórmula completamente diversa os assuntos tratados pela Comissão, reescrevendo, em suma, o projeto definitivo, que Maximiliano classifica de admirável.

A comparação dos dois textos definitivamente fixa a importância decisiva de Rui na redação do novo projeto. Alargou a competência da União, confiando-lhe exclusivamente o poder de instituir e manter alfandegas e o de decretar a organização de bancos emissores. Regulou a execução das leis, atos e sentenças das autoridades da União. Proibiu as distinções e preferências entre os portos dos Estados. Isentou de impostos, no Estado por onde se exportasse, a produção de outros Estados. Impediu que se estabelecessem quaisquer dificuldades aos atos, às instituições ou aos serviços da União. Vedou os impostos de transito, o embaraço a quaisquer cultos religiosos, as leis retroativas. Firmou a supremacia da União nos assuntos que lhe pertencem concorrentemente com os Estados. Determinou o caracter estável das forças federais, circunscrevendo os limites de sua

ação, tornando-as obedientes dentro da lei e sustentadoras das instituições constitucionais. Enumerou as condições de elegibilidade para o Congresso, dispondo ao mesmo tempo sobre os que seriam inelegíveis à representação nacional. Fez do Senado um tribunal de justiça, presidido pelo Presidente do Supremo Tribunal, para julgar o Presidente da República. Deu à competência do Congresso o caráter de privativa, que lhe faltava, deixando à sua autoridade o legislar sobre a navegação de rios que correm entre Estados ou que nos separam de nações estranhas, sobre terras e minas, sobre extradição entre os Estados. Estipulou todas as atribuições que incumbem ao Congresso sem o cunho de competência privativa. Outorgou ao Poder Judiciário a autoridade de decidir sobre a constitucionalidade das leis. Atribuiu exclusivamente à justiça federal decidir sobre os crimes políticos. Estabeleceu o processo de execução das sentenças e ordens da magistratura federal. Fixou a preeminência dos tribunais federais. Não tolerou aos Estados recusar fé aos documentos públicos da União e rejeitar a moeda nacional. Concedeu ao estrangeiro a capacidade de ser elegível aos postos municipais. Firmou o princípio de que o castigo não passasse da pessoa do delinquente e aboliu a pena da morte. Conferiu ao *habeas-corpus* uma extensão maior, permitindo-o quando o indivíduo se sentisse vexado pela iminência de ilegalidade ou abuso do poder. Obrigou o Executivo a justificar e relatar perante o legislativo as medidas de excessão praticadas durante o sitio decretado na ausência das Camaras, responsabilizando as autoridades pelos abusos que neste sentido cometessem.

Aí estão os aspectos mais relevantes da intervenção de Rui no texto da Comissão dos Cinco. Quem descer aos detalhes verá que Rui verdadeiramente reescreveu o texto do projeto enviado pelo Governo Provisório ao Congresso Constituinte. E o que na Constituição ficou de mais notável, máu grado o furor emendativo da Constituinte, tomado de hiper-democracia e de hiper-federalismo foi obra exclusivamente sua, do seu trabalho, de sua influência, de suas idéias. E é êle quem conta em entrevista concedida em 1903 qual a sua influência na lavratura do projeto governamental. Por questões administrativas resolvera o Ministério do Governo Provisório demitir-se coletivamente mas entenderam os Ministros que, antes, deviam organizar o esboço da magna carta do regime. "Comecei—escreve Rui—desde logo a redigir a Constituição; à tarde, os meus colegas de Ministério jantavam comigo, ouviam o que eu havia escrito, concorriam com sua idéias e emendas discutiamos e depois iamos ao Itamaratí ler os artigos ao Marechal". Em vinte dias Rui preparou assim o projeto. Repetidas vezes assinalou em discursos e livros, em entrevistas e em artigos o papel destacado, ou melhor o proeminentissimo papel

que lhe coube naquela hora. Assim é o destaque que dá ao assunto no Manifesto à Nação, de 1892, é a referência na Plataforma, de 1910, é a menção no discurso no Instituto dos Advogados, em 1911 e, finalmente, assinala, em 1920, que no interpretar o texto da Lei Suprema deveria merecer especial consideração o testemunho daqueles “dentre os membros dêsse Governo (o Provisório) a quem tocou a parte principal, maior, sem comparação, que a de todos os outros juntos, na elaboração daquela obra.”

Mas o destacado papel de Rui foi sem dúvida o de interprete da Constituição. Ele ensinou o país a aplicar, interpretar e respeitar o texto constitucional. Ensinou os tribunais, doutrinou os juizes, pregou o credo constitucional com a abnegação e a constância de um apóstolo.

Na admirável sequência dos *habeas corpus*, com que defrontou e desafiou a tirania, nas razões do advogado, nas lutas do parlamentar, em tôda parte, Rui pregou a supremacia da Constituição, como um mestre escola, como um pregador, como “um martir dessa Constituição”, como gostava de dizer. Foi o defensor de sua pureza, de sua integridade, de seu sentido. Nunca o seu verbo fogoso e emocionante se emudeceu ante uma ameaça à lei fundamental do país. Quando Floriano, o taciturno ditador do Itamarati, nos dias da consolidação da Republica, reformara violentamente generais de terra e mar e decretara um estado de sítio aberrante do texto constitucional e de consequências calamitosas. Rui alteia-se na sua missão e no seu papel de advogado e, sem consideração à pessoa dos espoliados nos seus direitos, alguns deles seus inimigos, bate as portas do Supremo Tribunal com a série de *habeas corpus* dos anos de 92 e 93. Era, como dizia Rodrigo Otávio, o Marshall da Republica brasileira. Tinha sido o autor, era o interprete autorizado e ia ser o martir daquela Constituição, pois haveria de sair do recinto do tribunal para o exílio de Buenos Aires e de Londres.

A 18 de Abril de 1892 impetra o primeiro *habeas corpus* e o defende oralmente, perante o Supremo, a 23. Nas portadas do seu petítório Rui afirmaria: “É a primeira vez, senhores juizes, que êsse órgão tem de funcionar solenemente na mais delicada e na mais séria das suas relações com a vida moral do país, entre os direitos inermes do individuo e os golpes violentos do poder.” E mais adiante: “Ide, com efeito, senhores juizes, decidir, conforme o lado para onde penderdes, se entramos realmente, pelo pacto de 24 de fevereiro de 1891, no domínio de uma constituição republicana, ou se essa exterioridade apenas mascara a onipotência da mais dura tirania militar. Porque, realmente, se contra o arbítrio mais grosseiro, na declaração do estado de sítio fóra das condições estabelecidas pela carta federal não há, em favor dos cidadãos fla-

gelados, o corretivo da vossa justiça, que deve ter o seu padrão, como tem a sua ascendência moral, na justiça americana, e se os efeitos das medidas de exceção adotadas durante a suspensão das garantias constitucionais se estendem além do termo dela, então o país está virtualmente convertido numa praça de guerra, liberdade, para os cidadãos brasileiros, não fica sendo mais que uma esmola precária da força, e a revolução de 15 de novembro, mãe das novas instituições, mãe dêste tribunal, não terá servido sinão de transferir para nós o cativeiro, de que em 13 de maio emancipamos os escravos... A diferença entre a sujeição à lei e a sujeição ao arbítrio, e a submissão da sociedade civil à prepotência militar não se distingue sinão acidentalmente da submissão do negro à vontade do branco”.

Ante os Ministros do Tribunal Rui diria: “Formulando para nossa pátria o pacto da reorganização nacional, sabíamos que os povos não amam as suas constituições senão pela segurança das liberdades que elas lhes prometem; mas que as constituições entregues, como ficam, ao arbítrio dos parlamentos e à ambição dos governos, bem fragil anteparo oferecem a essas liberdades, e acabam quase sempre, e quase sempre se desmoralizam pelas invasões graduais ou violentas do poder que representa a legislação e do poder que representa a força. Nós, os fundadores da Constituição, não queríamos que a liberdade individual pudesse ser diminuída pela força, nem mesmo pela lei. E por isto fizemos dêste tribunal o sacrário da Constituição, demos-lhe a guarda da sua hermenêutica, pusemô-lo como um veto permanente aos sofismas opressores das razões de Estado, resumimos-lhes a função específica nestas idéias. Se ela vos penetrar, e apoderar-se de vós, se fôr, como nos concebíamos, com os Estados Unidos conseguiram, o princípio animante dêste tribunal, a revolução republicana estará salva. Se, pelo contrário, se coagular, morta, no texto, como o sangue de um cadáver, a Constituição de 1891 estará perdida”.

Não se comoveram os juizes. Os *habeas-corpus*, um por um eram denegados. Nem a privação da liberdade, nem o estado de sitio ilegal, ou a violência ao texto constitucional demoveram os juizes do intento denegatório. Não se dobraram ante a eloquência majestoso daquele apóstolo da Constituição, não se inclinaram ante o direito ferido ou a lei postergada e o aresto, diria Rui, era uma grande calamidade pública que se consumava sem remédio, uma sentença de morte sem apelo que se pronunciava contra a patria, o bater funebre do martelo, pregando, entre as quatro tábuas de um esquife, a esperança republicana. E foi indignado ante aquele espetáculo de um tribunal que baixava da eminência onde o colocara a Constituição, que se demitia da majestade

que gozava na Republica, que Rui escreveu o tremendo libelo que é o famoso artigo — *O Justo e a Justiça Política* — cujo final queria João Mangabeira que fosse inscrito nas salas dos tribunais: “Mêdo, venalidade, paixão partidária, respeito pessoal, subserviência, espírito conservador, interpretação restritiva, razão de Estado, interesse supremo, como quer que te chames, prevaricação judiciária, não escaparas ao ferrete de Pilatos. O bom ladrão salvou-se. Não há salvação para o juiz covarde”.

Era o último esforço pela salvação da liberdade. O país se afundava nos dias negros da ditadura florianesca. Rui partia para o exílio, para longe da Pátria que defendera com aquela bravura moral, com aquela coragem física de um personagem bíblico. Trocava as vantagens que lhe daria um silêncio conivente pelas agruras de ter pontificado a verdade e o direito. Tudo sacrificava, pois o lema do seu destino era “o amôr da liberdade servido pela independência e pela desambição”.

* *

Vai para o exílio. De Londres manda as maravilhosas “*Cartas da Inglaterra*” e é a primeira consciência no mundo que clama por justiça em favor de Dreyfus, vitima do jacobinismo de classe e das intolerâncias raciais. Volta em 96 para combater o govêrno. A sequência dos *habeas corpus* continua. Vem o caso da anistia ampla aos implicados na revolução de 93. Reeleito Senador pela Baía, contra a vontade de Prudente Moraes pronuncia, em 13 de outubro de 96 o seu grande discurso em resposta a Cesar Zama que, possivelmente ficou na historia por força da catilinária ruibarbosiana. Ali escreve duas páginas imortais: a em que fala sôbre o jogo e aquela em que se lê o seu credo político. O cavaleiro andante da Liberdade e do Direito abre todas as páginas de sua vida íntima. Era uma eminência moral a serviço da Nação e aos olhos do povo seu passado e seu presente e as esperanças de seu futuro não podiam ficar desconhecidas. Era o operário incansavel preso ao “nobre cativo do dever”. Todos os dias prega o respeito à Constituição. Defende indiferentemente inimigos e amigos, monarquistas e republicanos e, todas as vezes que o policialismo governamental viola as franquias constitucionais ou ameaça as liberdades individuais, lá está Rui defendendo o credo da sua vida, seja o oprimido um Andrade Figueira ou uma prostituta, pois como dizia “muito mais me honra advogar pela miséria de uma decaída covardemente perseguida, que lutar pela violência de um govêrno odiosamente perseguidor.”

Tinha subido tão alto na confiança e no respeito da nação que, como lembrou recentemente Strowsky, era, aos olhos do povo, como um deus rescucitado, “uma eminência coroada de luz.”

A Conferência de Haia

Aquele homem que nunca recusara um serviço à nação de repente é convocado para chefiar a delegação brasileira à segunda Conferência da Paz reunida em Haia com a presença de quarenta e oito nações. Dias e dias levou Rui hesitando ante a grave responsabilidade da missão. Por fim aceita. E arranca daquele conclave uma glória imensa para sua pátria. Foi a figura central dos trabalhos de Haia e as suas doutrinas, os seus princípios, os ideais de sua Pátria, um a um são incorporados ao patrimônio das nações ali reunidas. Ele defende a igualdade jurídica das nações, como defenderá sempre, entre os homens, a igualdade dos seus direitos. Defronta-se com as maiores autoridades do Direito Internacional e a todos confundem com o brilho de sua doutrina. Fala de improviso em todas as línguas oficiais da conferência e no final é consagrado por Lapradelle e André Weiss "o grande teórico do Direito internacional", na justa observação de Gabriel Hano-teaux. Ganhara assim a proeminência internacional. O próprio Martens, com que Rui tivera no início dos trabalhos da Conferência o sério incidente que todos conheceis, diria mais tarde: "Considero-me feliz de ter achado junto a v. excia. uma acolhida tão simpática e conto com o seu poderoso apoio no futuro."

De toda parte, em todas as línguas levantou-se um coro de admiração. Era os norte-americanos nas palavras de Robert Bacon; os ingleses na opinião de Stead, os franceses com os depoimentos de Lacour-Gayet, André Weiss, Bourgeois. Era a consagração. Tinha vivido uma longa vida de amargura, de sofrimento, de luta. Não lhe falhava no crepúsculo a glória que Renan diz ser o maior valor da vida. Mas que não se enganasse o vencedor do Direito, o campeão das causas da liberdade. Cedo surgiria da sombra do anonimato, da paisagem liliputiana da politicagem os seus detratores, os negadores de suas glórias, os anões que por vingança pisavam a sua sombra de gigante.

A Campanha civilista

Vem a campanha civilista. Toda vez que a instituição republicana pereclita Rui está na estacada, combatendo pela pureza do regime, pela democracia verdadeira. Entra para a luta que seria uma redenção "materialmente derrotado, mas triunfante moralmente."

Contra a candidatura do oficialismo e do militarismo Rui atira-se a luta com o denodo de um herói, com a elevação de

um martir convencido do sacrifício, mas que não recua antes o apelo do dever. Empolga o país de Norte e Sul, sacode a consciência nacional, conclama a Nação para a prática da democracia para o uso do voto, como uma arma, para desagravo de um regime que se perdia no *mare magnum* da politicagem. Em cinco meses percorre as cidades e os sertões, reunindo em torno de si homens de todas as classes alertados pelo verbo do Apostolo. No Rio, em São Paulo, na Baía e em Minas, por tôda parte a palavra candente de Rui levantava consciências e aquecia corações. Era um velho de sessenta anos, consumido pelos sofrimentos e pelas mortificações, cuja vida era um exemplo, que não recuava ante uma luta ingrata, iriçada de sacrifícios e que, ao apelo do país, sai pregando o verbo da redenção. O seu programa era a sua vida.

De todos os rincões da Patria chegava-lhe o apoio necessário a uma causa tão popular como era o civilismo. Até mesmo do estrangeiro vinha o incitamento e o aplauso. De Roma, Ferri lhe escreve: "Não somente pela grande estima pessoal que tenho por vós, mas sobretudo pelo futuro do Brasil, desejo de todo o coração a vossa eleição."

Vence a fraude, vence a política do mandonismo, vencem os processos excusos, mas o regime republicano estava salvo pela ação galvanizadora do Apostolo. A política era a amargura de uma vida de sofrimentos mas, só através dela poderia Rui pregar pelo exemplo. Não hesitou ante o sacrifício e a derrota em defesa de um princípio e de um dever.

O momento supremo

Mas, chega o instante solar da vida de Rui Barbosa, "o momento supremo". Em Julho de 1918 a Argentina comemoraria o centenário do Congresso de Tucuman. O Brasil manda uma delegação chefiada pelo grande mestre de Haia. No programa das homenagens que seriam tributadas ao embaixador extraordinário da nação brasileira figurava uma recepção na Faculdade de Direito de Buenos Aires, onde receberia um título honorário. Êle escolhe o momento e aquela tribuna para ser o autorizado interprete da consciência universal ante o barbaro espetáculo de uma guerra hedionda. O doutrinador de Haia ia mais uma vez defender o crêdo de sua vida; o crêdo do Direito, o crêdo da Justiça. Mais uma vez ia reescrever um capítulo de Direito Internacional. Durante tres horas e meia em presença de um tribunal êle pronunciou aquela inesquecível oração que a França, com propriedade, denominou — "*La sentence du Juge*". Antes o espetáculo daquela guerra já não era possível, sustentar para as nações

não envolvidas diretamente no conflito, o direito à neutralidade como era até então compreendida. A internacionalização crescente dos interesses nacionais, com a permeação mútua que as nacionalidades exercem umas nas outras, com a interdependência essencial em que vivem uma das outras as nações mais remotas, a guerra já não se pode insular nos Estados entre quem se abre o conflito. Suas emoções, seus estragos, suas misérias repercutem ao longe, sobre o crédito, o comércio, a fortuna dos povos mais distantes. É mister, pois, que a neutralidade receba uma expressão, uma natureza, um papel diverso dos de outrora.

E ante as nações que lhe ouviam atentas a lição ensina: que ante a moderna orientação pacificadora da justiça internacional a neutralidade devia ser submetida a nova orientação. Entre os que destroem a lei e os que a observam não há neutralidade admissível. Neutralidade—adverte— não quer dizer impassibilidade: quer dizer imparcialidade; e não há imparcialidade entre o direito e a justiça. Quando entre ela e êle existem normas escritas, que os discriminam: pugnar pela observância dessas normas não é quebrar a neutralidade: é praticá-la. Desde que a violência pisa aos pés, arrogantemente o código escrito, cruzar os braços é servi-la. Os tribunais, a opinião pública, a consciência não são neutros entre a lei e o crime. Em presença da insurreição armada contra o direito positivo, a neutralidade não póde ser a abstenção, não pode ser a indiferença, não pode ser a insensibilidade, não pode ser o silêncio. E concluindo, depois de longos e irrespondíveis argumentos assinala: “A neutralidade inerte e surda cedeu a vez à neutralidade vigilante e indicativa”.

Aquela magnífica oração que era, sem dúvida a maior da eloquência humana, despertou a consciência do mundo. Era uma palavra forte e clara, contra a barbarie. Louis Barthou declara-a a maior lição de direito internacional que o mundo já havia recebido. E quando a França, agradecida lhe entregava a Legião de Honra, diria através da palavra de Paul Claudel — “No exército da honra, o orador de Buenos Aires, o intrépido afirmador do Direito, o campeão da Justiça, o advogado dos oprimidos não podia se recusar a tomar o seu lugar”. E termina — “Senhor Rui Barbosa, os exércitos do Direito e da Honra, alinhados neste momento diante do inimigo, vos saudam e vos abrem suas fileiras”. E Rui agradecendo confessa, com orgulho — “Eu não hesitaria em dar tóda a minha carreira política, pode-me crer, senhor ministro, por êste único momento, o momento supremo de Buenos Aires, êste momento de Deus, em que ousei escarrar às faces da barbárie a indignação da América, e mostrar à América, até então silenciosa, o caminho do seu dever, do seu interesse e da sua honra.”

Chegara assim ao fim da sua vida ensinando sempre, sempre ensinando com a doutrina e o exemplo, mais ainda mais com o exemplo do que com a doutrina, o culto e a prática da legalidade, as normas e o uso da resistência constitucional, o desprezo e o horror da opressão, o valôr e a eficiência da justiça, o amor e o exercício da liberdade.

Ficará, sempre, como o momento excepcional do Brasil aquele que, para Barthou, era a "consciência da Humanidade."

Consideravelmente aumentou o patrimônio moral e intelectual dêste país, ainda que tenha afirmado, quando a grande noite se aproximava e a sua vida chegava ao fim que os frutos desta foram escassos e tristes, bem que os seus ideais tenham sido belos e grandes.

A sua vida é um espetáculo épico que só podem senti-lo os que sabem sentir as grandezas morais. Já não é mais um homem, é um símbolo. O símbolo de um Brasil inatingido, que as gerações vindouras poderão alcançá-lo se não se perderem as lições dêste Apóstolo.



Ruy Barbosa, jornalista

Palestra pelo Acadêmico Carlos de Castro Brasil

Senhores:

“Os grandes—dizia Latino Coelho—morrem duas vezes: uma para o mundo e outra para a memória. Ruy Barbosa, morrendo, ergueu-se—estátua imortal de sua própria glória—sobre o pedestal do seu verbo, renascendo para a imortalidade.

Esse gênio, que é um autêntico florão da nossa raça, veio ao mundo, pela graça divina, na terra de Santa Cruz, lá na velha Bahia, berço da Civilização Brasileira.

A princípio, lampejava uns fulgores que prenunciavam o Sol, que havia de se erguer no horizonte da Pátria e do mundo, sem crepúsculos e sem auroras, ofuscando com sua luz puríssima os talentos secundários, corpúsculos que passaram a bruxolear na penumbra, sem fazer-lhe contraste.

Como êsses grandes Sóis que rondam o infinito, sua passagem meteórica sobre a terra deixou o marco indelevel de uma convulsão cósmica. E como essas mesmas estrelas de primeira grandeza, cuja luminosidade, ainda depois de mortas, brilha durante milênios, vencendo a distância no Espaço, o resplendor desse imenso espírito fulgura na rutilância que o Tempo não consegue apagar.

Em sua existência terrena, em que viveu 74 anos bem vividos, lutou e sofreu, saindo vitorioso sobre a mediocridade de seu

tempo. Realizou uma obra imperecível, como evangelizador dos princípios democráticos, como defensor estrênuo da Liberdade, e foi grande em tudo: como jurista, como orador, como político, no são sentido da palavra, como orientador e guia da nacionalidade, como legislador, como jornalista, como Mestre dos Mestres. Sua personalidade encheu dois séculos: aquele em que nasceu e o em que morreu.

Sua vida foi um exemplo, — e dela deixou o marco indestrutível do seu labor. Seus livros são verdadeiros oceanos de insondáveis riquezas. São repositórios das opulências, do fausto e magnificência do nosso idioma, do mesmo passo que o filão interminável do ouro mais puro do saber que a sua cultura enciclopédica armazenou.

Este, o grande homem cujo centenário de nascimento se comemora.

Muito já se disse, e muito ainda há a dizer de tão excelso vulto da nossa história. Cada faceta do seu gênio, cada ângulo de sua personalidade, cada setor de suas inúmeras atividades — que nele, em sua inteligência multiforme, a mão de Deus foi pródiga na distribuição de virtudes excepcionais, constitue motivo para um tema cujo desenvolvimento encheria as páginas de vários livros. Não cabe, pois, nesta rápida e despretenciosa palestra, biografar, por completo, tão insigne varão; tanto mais que a pobreza da expressão, aliada à incapacidade para tão alevantada empresa, profanaria a imagem que pretendemos delinear.

Sêja-nos permitido, entretanto, senhores, em poucas palavras, escritas como estas são, nos vagares que nos sobram nesta vida trepidante de trabalhador da imprensa, bosquejar, em traço impreciso e vacilante, o perfil proeminente do grande jornalista que foi Rui Barbosa. Perdoai se não nos sairmos bem da empreitada, mas acreditai que empregamos o melhor dos nossos esforços para ressaltar, em nome da nossa classe, o quanto elevou o jornalismo, o quanto valorizou a imprensa brasileira, na sua verdadeira missão de orientar e instruir o povo, de defender-lhe os direitos, de captar-lhe os legítimos anseios, de criticar edificando, de comentar, de informar, publicar e difundir — esse príncipe dos jornalistas, cuja pena traçou o seu próprio nome nas páginas da História.



Desde o verdor dos anos, Rui Barbosa mourejou na imprensa. Em sua terra natal, na cidade do Salvador, onde fez as primeiras letras e cursou humanidades, no Colégio Abílio; no Recife, onde esteve de passagem, estudando Direito e em São Paulo,

onde concluiu o seu curso, colaborou ativamente nos jornais da época, revelando acentuado pendor para as lides jornalísticas.

Onde, porém, ingressou efetivamente na profissão, lutando como jornalista militante, foi na Bahia, concomitantemente com o início de suas atividades como advogado. Alí, ingressou na redação do "Diário da Bahia", de cujo Diretor, Manuel Dantas, foi grande amigo. Nesse jornal, quando um desastre financeiro atingiu-lhe a família, ganhou ele o pão de cada dia. Alí foi o marco inicial de sua carreira.

O jornalismo foi para Rui Barbosa, nos albores de sua existência, uma verdadeira escola em que ilustrou o seu espírito. Nele o seu talento privilegiado colheu um manancial de experiências e a vida se lhe mostrou tal qual é: o eterno tumultuar de paixões, de grandesas e de misérias, de infâmias e de sublimidades.

Como observa, com muito critério, um dos seus biógrafos: "Para um bom observador a intimidade do jornal seria fonte inesgotável de úteis ensinamentos. Presenciavam-se rasgos de abnegação e ações mesquinhas. Desfilavam pequenas vaidades. Homens respeitáveis pediam notícias de aniversários, mas os miseráveis apenas apareciam reclamando contra violências e injustiças. Rui, se olhasse mais para os outros do que para dentro de si próprio, apresentaria também a necessidade que tem um principiante em ceder os primeiros lugares aos mais velhos, assim como ter palavras amáveis para os trabalhos dos companheiros."

A observação, — seja dito de passagem, — é, ainda, atualíssima...

Em seu Estado natal colaborou no "Diário de Notícias", no "Cruzeiro", na "Gazeta da Tarde" e outras publicações. Na Capital da República era assíduo nas páginas de "O Ipiranga", "A Semana", "A Imprensa", "Tribuna Liberal", "O Paiz", "Correio da Manhã", "Jornal do Comércio", onde publicou suas famosas "Cartas da Inglaterra", e tantos outros, como o "Estado de São Paulo", na terra bandeirante, sem se falar nas revistas científicas e literárias, nacionais e estrangeiras que estampavam suas produções magistrais.

Foi na tribuna da imprensa que Rui se agigantou em três campanhas memoráveis que marcam três estágios luminosos de sua grande vida: a Abolição, a República e a Campanha Civilista. Foi ele, sem dúvida, o paladino da Liberdade, — essa liberdade que ele amou mais que a própria vida, que defendeu até à hora extrema, que lhe custou a difamação e o exílio, mas que foi a glorificação do seu gênio. Vêde comô ele a invocava:

"Liberdade! Entre tantos, que te trazem na boca, sem te sentir no coração, eu posso dar testemunho da tua identidade, definir a expressão do teu nome, vingar

a pureza do teu evangelho: porque no fundo de minha consciência eu te vejo incessantemente como estrela no fundo obscuro do espaço. Nunca te desconheci, nem te traírei nunca; porque a natureza impregnou dos teus elementos a substância do meu ser. Teu instinto derivou para ele das origens tenebrosas da vida do temperamento inflexível do meu pai; entre as mais belas tradições da tua austeridade oscilou o meu berço; minha juventude embebeu-se na corrente cristalina da tua verdade; e a pena das minhas lides apurou-se no fio penetrante do teu amor, e nunca se imbuíu num sofisma, ou se dissimulou num subterfúgio, para advogar uma causa, que te não honrasse. De posto em posto, a minha ascensão na vida pública se graduou invariavelmente pela das tuas conquistas; as vicissitudes da minha carreira acompanharam o diagrama das alternativas do teu curso; contra os dois partidos, que dividiam o Império, lutei pela tua realidade sempre desmentida; renunciei por ti as glórias do poder, suspiradas por tantos, com que ele me acenou: sózinho, sem chefes, nem soldados, tive por ti a fé, que transpõe montanhas; ousei pôr na funda de jornalista pequenino a pedra, de que zombam os gigantes; aos ouvidos do velho rei, sacrificado pelo pela família, pela côrte, pelas facções, vibrei nos teus acentos o segredo da sua salvação e a profecia da sua ruína: na República saudei a esperança do teu reinado; quando a República principiou a desgarrar do teu rumo, enchi do teu clamor a imprensa, o parlamento, os tribunais; e porque eu quizera fundar assim uma escola onde te sentasses, para ensinar os nossos compatriotas o exercício viril do direito, ouvi resoarem-me no encaço, convertidos em grito de perseguição, os cantos heróicos de civismo extraídos outrora do bronze da tua égide pelos que combatiam a monarquia à sombra da tua bandeira”.

* * *

Onde houvesse um direito conspurcado; onde surgisse uma causa justa a ser amparada; onde quisesse imperar o direito da força sobre a força do Direito, — ali estava Rui Barbosa, o defensor extremado dos fracos e oprimidos, o advogado dos pequenos, na defesa intransigente da Liberdade.

Quando J. J. Seabra permitiu que se bombardeasse a Bahia, encheu-se de ira sagrada o Apóstolo, e foi nas páginas da impren-

sa,—“a janela que sua alma abria para o povo”,—na sua expressão lapidar, que ele veio externar a sua revolta contra o Ministro bahiano, nestes termos; em artigo que Capistrano de Abreu, o notável historiador patricio, reputa uma das mais maravilhosas expressões do verbo da “Águia de Haia”:

Ardendo na cobiça de subir, ministro foste duas vezes, mas nunca por espontânea iniciativa dos presidentes a quem serviste. Tu é que lhes gastaste os degraus das escadas, que os assediaste de empenhos; e, quando, postulante atendido, lhes conseguiu entrar nos gabinetes, deceste de secretário a corteção, fazendo-te o serviçal dos filhos, para da boca adoçada dos pais, obteres as compacências de que vivem os válidos.”

.....

“O que organizaste na Bahia, não foi um partido, mas a companhia do estelionato político, a cujas proezas a nação assiste com a cara calçada. Nunca obtiveste alí outra popularidade senão a dos arruaceiros. O triunfo com que a insultas agora é o do Satã. Um clarão imenso rodeia todo o incêndio da cidade do Salvador”

.....

“A tua política, as tuas tramas, as tuas ordens subverteram, ensanguentaram, dinamitaram, bombardearam, saquearam a terra do teu berço. Rasgaste as entranhas à tua mãe, escarraste-lhe no rosto, e agora insultas sobre a sua agonia, imposturando cruelmente de vencedor pela sua estima.

Mas olha para tuas mãos tismadas no brazeiro e avermelhadas pela carniça. Pega de um espelho, e mira a tua frente. Lá está, na pinta do sangue dos teus irmãos, a marca indelevel da fraticida.

Ninguém te tocará, pois o estigma da tua maldição te preserva do contacto dos não contaminados com a tua aliança. A tua vida é inviolável como a do mau irmão de Ábel. Contudo, não te sentarás no governo da Bahia, porque trazes na testa o o ferrete de Cain, a quem o Senhor diz: “Que fizeste? a voz do sangue

do teu irmão clama desde a terra por mim. Agora, pois, serás maldito sobre a terra, que abriu a boca, e recebeu das tuas mãos o sangue do teu irmão. Quando a cultivares, ela te não dará os seus frutos; e tu andarás por ela vagabundo.”

Tu não pertences à vingança dos homens. Ela fugirá de ti horrorizado pelo rastro vermelho das tuas plantas, mostrando-te quando passares, como o espectro do remorso, porque o “Senhor pôs um sinal em CAIN, para que o não matasse ninguém, que o encontrasse.”

Mas a Justiça Divina te seguirá como a matilha à caça como a consciência a te ladrar aos calcanhares e não consentirá que te assentes sobre a conquista do teu crime, para devorar a preza exangue do teu fratricídio.”

.

À geração atual não conheceu Rui. Não lhe acompanhou a trajetória luminosa através da vida da nação. Não bebeu de seus lábios suas palavras oraculares. Não se empolgou nas lutas que ele travou em prol do Brasil e da Humanidade. Conheceu apenas a tradição, esta mesma, distante como o éco longínquo da grande batalha de sua vida.

É preciso que se diga à mocidade de hoje o que foi o ídolo da mocidade de ontem. É necessário que não se deixe apagar essa chama sagrada. Ele foi, dentro do círculo das fragilidades humanas, um luminar. Não se diga que fosse tão grande e tão pouco compreendido. Nem se pode parar o Sol, pelas alturas. Hoje, decorridos vinte e seis anos de sua morte e um século de seu nascimento, ele ainda está falando aos moços do Brasil a linguagem viril da verdade, que tantos remoques causou aos seus inimigos e lhe provocou esta frase de revolta:

“Bem sei que os serviços políticos, neste país, se escrevem na areia”.

Tinha ele, entretanto, por vezes, o conforto do dever cumprido. Sua atuação na imprensa nem sempre lhe soube ao trazo amargo do desengano ou da desilusão. Deu-lhe recompensas como esta, que lhe propiciou Campos Salles, quando Presidente da República e seu adversário político:

“A sua “Imprensa” é o meu café de todas as manhãs e às vezes café um tanto amargo; mas em todo caso, sempre benéfico”.

Esse gesto do ilustre estadista brasileiro vale por uma consagração, e por si só revela o senso de equilíbrio, a elevação de linguagem e o critério com que o articulista criticava os seus adversários. Rui fez a bôa imprensa, dignificou-a, elevando-a à altura de um sacerdócio.

* * *

Senhores:

Foi o próprio Mestre, em seu famoso discurso do Teatro São José, em São Paulo, que fez a comparação magistral da contemplação dos cimos, quando tecia o elogio de José Bonifácio:

“Se quizerdes contemplar a irradiação de uma estrela na sua pureza e serenidade, haveis de buscar por miradouro um cimo elevado, ou as altas regiões calmas do Equador, quando a atmosfera não for ondulada pelos ventos, e os astro pairar acima do horizonte. Então a intermitência das cintilações, que eram efeitos atmosféricos, cessa de turbar-vos e o foco explende sereno na quietude da sua limpidês. Assim a lição dessas existências superiores não rebrilha sobre nós em toda a firmeza de sua clareza, enquanto não chegam à culminação definitiva, na transparência de além-túmulo e na paz divina da morte”.

Assim acontece com Rui. Quando se contempla a estatura moral e intelectual deste homem, tão pequeno no físico e tão grande no espírito, tem-se a impressão maravilhosa de se estar numa eminência. Naquele corpo franzino, miséria orgânica, que a terra transformou em pó, — escondisse um Atlas do pensamento. Ele tudo fez pela Pátria e pela Humanidade. Sua memória há-de ser venerada pelos séculos afora, como legítima glória nacional, como verdadeiro gênio de sua época.

Teve, — como José Bonifácio, — todas as fortunas que lisonjeiam a ambição, todas as contradições com que se fortalece o desengano. Teve a idolatria das multidões e a perseguição dos inimigos; o favor das corôas e a ingratidão dos potentados: a estátua e o exílio!

Assim morreu aquele que pôde dizer de si mesmo, com orgulho de homem e de artista:

“Quando me consulto a mim mesmo, no mais recolhido exame, forcejando atinar em que teria eu merecido algum apreço dos meus compatriotas, e porque vos inspirara tais simpatias, não acho a meu crédito senão três modestas verbas. Caso, postos de parte os descontos humanos, houvessem de condensar numa síntese o meu *curriculum vitae*, e do meu naufrágio salvassem alguns restos, tudo se teria, talvez, resumido com dizer: “Estremeceu a pátria, viveu no trabalho, e não perdeu o ideal”.

Glória eterna a Rui Barbosa.

Tratado de Madri

Discurso do Prof. Philogonio Corrêa

O Dr. Helvécio Carlos da Silva, em tese avulsa apresentada ao 1º Congresso de História Nacional reunido no Rio de Janeiro a 7 de Setembro de 1914, tese essa sôb o título — Apontamentos sôbre a vida do diplomata brasileiro Alexandre de Gusmão —, escreve: “O fato mais notável da sua vida pública foi incontestavelmente o tratado que concluiu com a côrte da Espanha em 13 de Janeiro de 1750, pelo qual foram pela primeira vêz demarcados regularmente os limites do nosso território, e que serviu de guia preciso para os que o Brasil veio a concluir com as nações visinhas após a sua independência.”

O Tratado de Madri foi de tal importância, que o nosso inolvidável chanceler o Barão do Rio Branco salientava que se não fossem os bens elaborados trabalhos de Alexandre de Gusmão, o Brasil ainda estaria a braços com dificuldades bastante assustadoras para regular as suas fronteiras.

O mesmo Rio Branco em sua monumental — Memória — apresentada como advogado do Brasil para dirimir a questão das “Missões”, adverte que — “o mapa que serviu para a discussão final do Tratado de 1750, é o mapa duplicado português feito em 1749”.

Comentando êsse tópicó Afonso de Carvalho no seu livro — Rio Branco, publicado em 1945 pela Biblioteca Militar, afirma: “A demarcação de 1750 é importantíssima e é daí que se afirmam os limites dos domínios espanhois e portuguezes do Prata.

O Tratado de Madri revoga a meridiana estabelecida pelo Tratado de Tordesilhas de 1494, bem como a escritura de Saragossa de 1529 e os tratados de Lisbôa de 1681 e de Utrech de 1715, que estabeleciam deficientemente o domínio da corôas de Portugal, Espanha e França da América Meridional. Dessas tres corôas sem dúvida alguma, que mais lucrôu com o tratado, foi a de Portugal, porquanto ressalvou a êste o principio do *uti possidetis* pelo lado que lhe era favorável e pelo outro lado foi lhe concedida uma esplendida compensação devida à trcca da Colonia do Sacramento pelo território castelhano das — Missões dos Jesuítas — Pelo lado do Sul ficou estabelecido que a linha deveria partir da enseada da Lagôa dos Castilhos Grandes, seguindo das fraldas das serras dêste nome e pontos culminantes da Coxilha Geral até às nascentes principais do rio Negro e daí buscar as nascentes do Ibirunú, acompanhando o seu, curso até a confluência com o Uruguai; e pelo centro e norte subiria êste último rio até o Pepirí, a encontrar os rios Santo Antônio e Iguassú, Paraná e Igurei até às serras, procurando pelo rio Iporé as vertentes do Paraguai até a lagôa Horace e a boca do Jaurú e daí até a banda sustral do Guaporé, defronte da boca do Jaravé; o Japurá, até as cordilheiras que medeiam entre o Oriente e o Maranhão, formando a linha divisória da Amazônia”.

Clovis Bevilaqua, no já referido 1º Congresso de História Nacional de 1914, na sua tese oficial — As capitánias hereditarias perante o Tratado de Tordesilhas — comentando a atuação do papa Alexandre VI com a sua Bula — *Inter caetera Divinae Magistatis beneplacita opera*, em beneficio de Fernando e Izabel, lembra que sobre toda a cristandade imperava dominadoramente o poder pontificio e que somente o Papa lhes poderia assegurar os direitos sobre os mares cortados pelas quilhas lusitanas e sobre as terras que

a audácia, fomentada pela ambição e pelo patriotismo, ia fazendo surgir do ignoto para a luz da civilização.

Nicolau V, em 1454, Calixto III dois anos depois de Xisto IV, em 1481, mais amplamente do que os seus antecessores, declaram que, exetudadas as Canárias, ficaram pertencendo à corôa portugûesa as terras e os mares descobertos para as bandas do oriente e do meio dia.

“Estava vigorando o ponto de vista da célebre linha de demarcação, concedendo aos reis de Leão e Castela todas as ilhas e terras firmes, achadas e que se acharem, descobertas e que se descobrirem, para o Ocidente e Meio Dia, tirando e traçando uma linha de pólo A’rtico ou Norte, ao pólo Antártico ou Sul; quer estas terras firmes e ilhas,, achadas ou que se acharem, demorarem para o lado da India, qner para outra parte; a qual linha distará de qualquer das ilhas que, vulgarmente, se chamam dos Açores e Cabo Verde, com 100 léguas para o Ocidente e Meio Dia; constante que todas as linhas e terras firmes achadas e que se acharem, descobertas ou que se descobrirem, não tenham sido possuidas, presentemente, por outro rei ou principe cristão, até ao dia do Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo, próximo passado em que começa o ano presente de 1493.”

Com isso, entretanto, Portugal não conecordou, no que era acompanhado por muitos teólogos que não eram espanhois como Rodrigo de Bórgia.

Francisco Vitório, teólogo notável, contestava êsse poder demarcador ao papa, afirmando que êle não era senhor civil e temporal e que quando o Senhor disse a Pedro: — “apascente as minhas ovelhas,” conferia poder espiritual e não temporal.

Grócio, mais tarde, pensa que o “o Santo Padre não sendo senhor do mundo, não o podia doar a quem quer que fôsse.”

Francisco I, da França, pedia mesmo que lhe mostrassem o testamento de Adão legando o mundo aos reis luzo e castelhano.

Diante da iminência de uma guerra, continuaram as tentativas de acordo entre D. João e D. Fernando, resultando dessas conferências o Tratado de Tordesilhas de 7 de Junho de 1494, estabelecendo a linha de demarcação a 370 léguas das ilhas do Cabo Verde, ficando as terras a Leste pertencendo a Portugal e as de Oeste pertencendo a Espanha.

O cosmógrafo catalão Jaime Ferrer queria, em 1495, que as 370 léguas fossem contadas a partir da ilha do Fogo, a mais central do arquipélago, enquanto os portugueses, em Terra Nova acreditavam estar dentro do seu hemisfério.

Essas dúvidas surgiram também em terras da América pertencentes a Espanha e a Portugal.

“F. nunca se pode, na América do Sul, fixar oficialmente esse meridiano de Tordesilhas”, que acreditavam passasse pela ilha do Marajó, vindo, em busca do pólo sul, passar pelas terras de Laguna, em St^a. Catarina. Assim sendo, tudo a Oeste seria espanhol: — parte dos estados do Pará, de Goiás, de S. Paulo, de St^a. Catarina, quasi todo o Rio Grande do Sul e toda a superficie territorial de Mato-Grosso e Amazonas.

Sentiu Portugal a necessidade de anular tal ajuste, promovendo a penetração da sua gente e conseqüente *uti possidetis*.

Vem desse pensamento a visita às terras do Amazonas e a marcha para o Oeste matogrossense, logo depois de constituida em nossas terras a nova capitania creado em 9 de Maio de 1748.

D. Antonio Rolim de Maura Tavares, 1^o governador da nova capitania, fiel às instruções que recebera em Janeiro de 1749, aporta, a 14 de Dezembro de 1751 a Pouso Alegre, ali fundando Vila Bela da Santissima Trindade de Mato Grosso, firmando assim as linhas divisórias entre os domínios luzos e castelhanos pelo Guaporé, considerado—“chave e propugnáculo dos sertões do Brasil.”

O Capitão general Luis de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, intimo de Pombal, o ministro forte e clarivi-

dente, completa e amplia o programa realizador de Rolim de Moura, pontilhando de povoados e fortificações a enorme linha de fronteira reclamada por Portugal, desde o majestoso Forte do Príncipe da Beira até a heroica Nova Coimbra.

Tendo nos termos do Tratado de Madri, produto da atuação do diplomata sábio e resoluto que foi Alexandre de Gusmão, integrando nos domínios luzos os sertões palmilhados pela audaciosa arremetida bandeirante, demarcados pelos ilustres membros da comissão de limites Ricardo Franco de Almeida Serra, Joaquim José Ferreira, Francisco José de Lacerda e Almeida e Antônio Pires da Silva Pontes, cujo levantamento serviu de base à linha fronteira de 1867.

Alteradas as bases do Tratado de Madri pelo pacto de 2 de Fevereiro de 1761 e pelo Tratado de Santo Ildefonso de 1777, nem por isso foram os dois últimos tomados em consideração pelo Capitão-General de Mato-Grosso Luís de Albuquerque, continuando o eminente administrador a sua série de ocupações com as fundações de Albuquerque e Vila Maria.

Tal orientação foi continuada pelo Governador Caetano Pinto com a fundação de Miranda, em 1797, núcleo de resistência que destruiu, no início de 1802, o fortim castelhano de S. José, à margem do Apa.

“Desta maneira, pondera o abalizado historiador matogrossense Virgílio Corrêa Filho, gradativamente, foi-se integrando o território de Mato-Grosso, devassado pelos bandeirantes, que o colonizaram, e defendido pela diplomacia de Gusmão e Pombal, firmemente sustentada pelos seus brilhantes colaboradores no governo desta capitania.”

Aos matogrossenses, pois, cabe a parte mais importante no programa comemorativo do segundo centenário do Tratado de Madri.

Muito justamente foi eleita a capital matogrossense, centro geodésico da América do Sul, para palco principal das realizações desse patriótico programa enaltecendo os méritos dos heróis que integraram no patrimônio territo-

rial luso, herdado pelo Brasil, a parte mais avultada do império colonial da pátria de Camões.

Portugal, no dizer de Gustavo Barroso, foi o Gigante que semeou pelo mundo, nas ignotas terras da África, da Ásia, da Oceânica e da América, a carne de sua carne, o osso dos seus ossos, no maior esforço de que a história da humanidade tem notícia, para criar uma civilização...”

Plinio Salgado, um estílo primoroso vestindo sólida erudição, assim doutrina, com a sua fanática dedicação pelo seu ideal e pela nossa terra, no seu livro— A Voz do Oeste: — Alguma força desconhecida animava os impetus firmes das “entradas”. Essa força estava nos recessos do sangue e respondia a um apêlo dos confins da terra. Apêlo do Oeste, voz do centro da América do Sul, ensinando ao Brasil o seu papel histórico...” E mais adiante, á página 75 do mesmo livro: — “Quem estudar a história das Bandeiras precisará de ter em vista, para não ficar superficialmente à tona dos acontecimentos, para poder penetrar nas sucessivas camadas interiores da complexa psicologia das aventuras sertanistas, êstes grandes termos equacionais:—o sentido heroico da Renascença; o messianismo sebastianista que empolgava Portugal; a solicitação da Terra, vibrando no sangue mameluco; o instinto político dos portugueses da América, na ânsia de recuperar a linha divisória de Tordesilhas.”

E em patriótico, exortação à página 90:--Brasileiros de todas as províncias! O retumbo dêses passos nunca mais se extinguirá!

Caminha também!

Que as tuas pernas não fiquem mortas, quando os passos dos que morreram ainda estrondam nos séculos...”

Os resolutos passos de Luis Albuquerque têm, ainda, as suas pegadas marcadas pelo magestoso marco comemorativo que, até hoje, é contemplado, altaneiro e significativo, na principal praça de Cáceres, a filha querida de Luis de Albuquerque, herdeiro de seu nome; marco levantado a 17 de Janeiro de 1754, em virtude de Tratado de Madri, à margem direita do Rio Paraguai, meio légua abaixo da

foz do Jaurú, pelos comissários incumbidos da demarcação nas bases do ajustado a 13 de Janeiro de 1750.

Posteriormente transportado para o local onde é visto agora, continua sendo a afirmação cabal de uma grande época e de um grande feito.

“Justitia et Pax osculatae sunt”, é a legenda posta na sua parte voltada para S. O., lado de Portugal.

E o ósculo da Justiça e da Paz selou para todo o sempre, a Justiça de um acordo e a paz entre dois povos heroicos, brilhantes devassadores do mesmo continente.

Alexandre de Gusmão, durante o nababesco reinado de D. João V, foi o sol a brilhar intensamente nêsse ambiente de fausto que coincidiu com as mais avançadas e produtivas penetrações pelas Terras do Brasil:—as entradas para Mato-Grosso.

Ministro do Ultramar e Escrivão da Puridade, foi notável o especial carinho com que soube atender à colônia do Brasil; e o Tratado de Madri, o maior florão de glórias do imortal diplomata, é o remate aúreo de uma existência de sábio, votada, toda ela, ao serviço da Pátria, mãe ditosa de tão ilustre filho.

Morto D. João V, que tão praticamente soubera reconhecer e aproveitar as superiores qualidades do eminente diplomata, orgulho de Portugal mas, principalmente, do Brasil; D. José I, por intermédio do seu voluntarioso ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, não tomou em consideração a substanciosa memória que lhe foi apresentada por Alexandre de Gusmão, dando conta dos seus trabalhos diplomáticos já realizados e mostrando a urgência de serem demarcados os limites luzo—espanhois, conforme o Tratado de Madri.

A lealdade com que o diplomata enaltecia os méritos de D. João V determinou a recusa do prosseguimento da sua superior colaboração.


Desgostoso com a injustiça, Gusmão retirou-se a vida privada, falecendo logo depois.

O próprio Pombal, entretanto, confiaria a Luis de Albuquerque, eminente governador e capitão general de

Mato-Grosso, a execução da delicada tarefa, missão por êle desempenhada com inteligente energia e cavalheiresca tenacidade, superiormente auxiliado pelos membros da comissão demarcadora de limites — Ricardo Franco de Almeida Serra, Joaquim José Fesreira, Francisco José de Lacerda e Antônio Pires da Silva Pontes, aportados a Vila-Bela, depois de longa viagem pelo Madeira, a 22 de Fevereiro de 1782.

A êsses feitos gloriosos, à memória venerada dessa gente de prol, dedicamos as homenagens e as comemorações do dia de hoje.





Tratado de Madri

palavras proferidas pelo desembargador José de Mesquita, presidente da Academia Matogrossense, na Sessão solene promovida pelas nossas Sociedades Culturais, na Casa Barão de Melgaço, a 13/1/1950

Comemoramos, hoje, o segundo centenário do Tratado de Madri, assinado na capital espanhola entre os reis D. João V de Portugal e D. Fernando VI, de Castela, e que, conforme reza a sua própria introdução, se entendia "o mais próprio para se estabelecer uma sólida e durável harmonia entre as duas Corôas."

Do seu alto sentido histórico disse, com sua autoridade de mestre, João Ribeiro, que o Tratado de Madri já assinalava "no seu todo e com pequenas e insignificantes diferenças, a configuração atual do Brasil", salientando o eminente Barão do Rio Branco «a impressão de boa fé, lealdade e grandeza de vistas que inspiraram êsse ajuste". Adiantando-se ao seu século, na frase de Southey, os dois soberanos ibéricos da era de setecentos traçam, sob a influência do grande brasileiro Alexandre de Gusmão, as linhas mestras e a supestrutura de uma politica internacional avançada, ao reconhecer o princípio jurídico do *uti possidetis* nas conquistas e descobrimentos de novas terras e a não menos importante norma pacifista que exclui as colônias das lutas em que se envolverem as metrópoles. Para Matogrosso se reveste de excepcional significação esta efeméride que, graças à feliz iniciativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, por seu Diretório regional, vimos tão expressivamente festejado. Coincide a

firmatura desse notavel documento com a instalação da Capitania criada em 1748, cuja administração assumiu um ano depois o famoso fidalgo D. Antonio Rolim de Moura, fundador de Vila Bela da SS. Trindade, nossa primeira Capital. Da importância que se attribuia à novel Capitania “chave do sertão do Brasil”, com suas imensas fronteiras abertas, onde o gênio de Rolim e Luís de Albuquerque deveria entestar as arremetidas que, no dizer de Virgilio Correa Filho, incitavam os Vice-Reis do Perú, — dizem bem alto as instruções da Coroa, na execução do Tratado, bem como os tratados supletivos de 51 e 52. Sob o aspecto da nossa história religiosa, é contemporaneo o Tratado de Madri da criação da Prelazia de Cuiabá, feita em 1745, pela Bula *Candor Lucis aeternae*, e graças ainda a ação diplomática de Alexandre de Gusmão. Sob todas as modalidades em que o consideremos, representa, destarte, o memoravel evento, um dos marcos da História colonial brasileira, em que o nosso Estado occupa um papel de relevo. E ao comemorar-lhe o transcurso do 2º século, evoquemos a figuras desses grandes varões que avultam no cenário magestoso do nosso Passado, dos Capitães Generais legendários aos sabios e denodados demarcadores da Comissão de 1780, apos o Tratado de S. Ildefonso, tres dos quais — Ricardo Franco, Lacerda de Almeida e Silva Pontes são Patronos da nossa Academia, e na hora conturbada que vivemos, saibamos nos mostrar dignos de nossos Maiores, haurindo-lhes os ensinamentos condensados naquela frase extraída dos Livros Sagrados e tão oportuna para os nossos dias: *Pax et Justitia osculatae sunt* — impressa no marco fronteiro do seculo XVIII. Somente pelo culto imperterritº e sereno da Justiça, conseguiremos firmar a Paz verdadeira e construtiva, Paz que incentiva a Cultura, incrementa o trabalho e leva à prosperidade, tornando a vida realmente digna de ser vivida.

São esses os votos que, na qualidade de Presidente da Academia Matogrossense, tenho o prazer de formular, ao declarar aberta a presente sessão.

Folhas de caderno

A. Cesário Neto

É necessário ir ao teatro, para ver uma injustiça e indignar-se contra ela até ao pranto e à comoção. É necessário ir ao teatro, para assistir ao disparate ou ao ridículo e diante deles sorrir ou destampar diante deles valentes casquinadas.

Ao sair de lá, terminado o espetáculo, já não há olhos para discernir o ridículo que prende Orgon a Tartufo, nem para repugnar às horrendas aleivosias de Iago ou de Roque da Cunha.

* * *

De certo que sempre coube à filosofia iluminar ou às vezes construir o universo cultural, pelo fulgor das idéias e pela força que elas contêm.

E a nossa época é das que mais se deixaram reger pela sua filosofia dela, que é o positivismo, hoje serodio. Falo aqui do positivismo num sentido lato, (sem bafio de contismo), com a sua inteira e legítima prole e seus efeitos; daquele positivismo que pretendeu tirar o sentido

das cousas, “esvaziando-as, desinflando-as, pulverizando-as”, no dizer incisivo e pitoresco de Ortega Y Gasset.

Os outros sistemas, ao atuar sobre o mundo, sempre o fizeram na oposição dinamica entre espirito e vida, ensinando a esta a transcender de si mesma, nesse eterno conflito entre o humano e o infra-humano, entre o divinal e o telúrico.

O positivismo, não. Fez o contrário: atuou na linha da menor resistencia, ensinando a vida a viver, a refestelar-se em sua imanencia, a aí ficar, com a técnica e o conforto, o dinamismo e o progresso (ó o progresso!), sem outros mais altos ideais que os de assentar trilhos ou de colher ovos.

* * *

É destino tragico do mundo moderno, que as forças que se organizam em nome da justiça social, se desvirtuem e se convertam em outros tantos instrumentos da brutalidade, para, com leis de sangue e de fogo, pastorear o gado humano, mutilando o espirito e estrangulando o amor.

* * *

A arte, que é da categoria do ideal, do objetivo e do perfeito, — confundem-na agora com o mero subjetivo, com qualquer parto da mante; e o que quer que escorra da pena, é trazido cá fora assim mesmo: — com as escórias do psíquico, as falhas dos borrões, — com tripa e tudo.

* * *

Só depois que se experimenta a dificuldade em construir a prosa artistica, no manejo e afinação do idioma conterraneo, é que também se experimenta e avalia

(— não somente se reconhece ou admira) — o soberano valor que reside em um período cristalino de Bernardes ou nos lépidos torneios de Luís de Sousa.

* * *

Já é um truismo dizer que a nossa época é de extraordinário desenvolvimento científico e técnico.

Ao lado disso há uma vasta produção de obras de vulgarização, cujo valor entretanto está muito longe de corresponder às altas claridades dos verdadeiros criadores do conhecimento e à curiosa avidez de muitos leitores desejosos de cultura. E nesse ponto os livros brasileiros são os que mais se ressentem de falta de clareza, de precisão e às vezes de probidade.

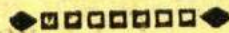
Diante disso o estudioso tem que fazer uma de duas, ou ambas as cousas: servir-se de livros de vulgarização escritos em linguas estrangeiras ou ir diretamente examinar as próprias obras matrizes e originais, o que é sempre melhor, pois é muito mais fácil, por exemplo, entender o pensamento de um grande sociólogo ou psicólogo na própria obra por êle escrita, do que através de uns livritos de vulgarização, feitos com o intuito de facilitar, mas que na verdade dificultam e às vezes falseiam e deturpam.

O autor desses livrinhos, que enchem os balcões e as livrarias, expõe apressadamente a sua matéria, e vai citando, à desfilada, todos os autores franceses, alemães, estado-unidenses, italianos, etc, mas de maneira que não se fica sabendo em que consiste o pensamento deste, nem daquele, nem daqueloutro.

Examinando-os bem, chega-se à conclusão de que tudo o que neles está dito não é mais do que o seguinte: há uma porção de cousas altas e difíceis na ciencia e na filosofia, e sobre isso há na Europa um cardume de homens ilustres que pensam, cada qual de um modo ori-

ginal e profundo. Vale a pena lê-los. E todos esses livros, o vulgarizador, o que escreve o seu agora, conhece-os, viu-os, teem-nos na estante. E nada mais dizem. Parece que a preocupação de tais vulgarizadores é, menos de contribuir para a divulgação do saber, do que de mostrar que leram e conhecem uma infinidade de nomes.

São catálogos de autores e de obras. Quereis entendê-los? Não tendes outra cousa que fazer: adquirir, quanto antes, todos aquêles livros estrangeiros por êles citados, e ficareis satisfeitos, porque aquêles sim, são todos claros, compreensíveis, bem expostos, cheios de verdadeiro saber.





Visões do Destino

Cesário Prado

Com aquela pressa própria da mocidade, que julga ter poder sobre o tempo, porque não sabe considerar quão breves são os nossos dias na terra, galopavam a tóda a brida em ardegos ginetes, três rapazes que abrigados dos ardentes raios do sol causticante, por brancos e flutuantes albornozes, atravessavam a fulva e árida planície do deserto, rumo á longinqua montanha azulada onde, contaram-lhes, demorava misteriosa gruta em que era dado aos humanos ter visões do destino que, por seus altos designios, Alah, senhor dos céus e da terra, reserva a cada uma de suas criaturas ao dar-lhes o sopro da vida como uma partícula emanada do seu espírito imortal... Já ao declínio da tarde chegaram ao sopé da vasta massa da serra e no ponto indicado pela carta de roteiro, deram, com efeito, com os dois altos penedos erguidos como colunas paralelas porém que mais acima se inclinavam e se uniam: era, é claro, a entrada da caverna mágica. Lá estava, como perpétuo guardião, um mirrado e bronzeado derviche de espessa barba embranquecida que lhe descia pelo busto nú, acocorado sobre pequena esteira em que secava um punhado de tamaras junto a uma bilha d'água, de certo alimento

único do santo velho. Lá estava com os olhos fixos na linha do horizonte, como que à espera daqueles visitantes, pois sem mostra de surpresa deixou-os apear dos tressuados e arfantes corceis e foi logo os introduzindo pela sua famosa morada. A luz esmorecia longe, como um negro pano de fundo, mas aos lados ela brotava ainda em feixes brilhantes através da juntura de escuras lages de granito que os dedos mágicos da natureza ali dentro distribuíram em sábia posição, formando os seus vãos como que bem circulares lentes de óculos de distância... Por indicação do venerável derviche aplicaram então os rapazes os seus olhos curiosos nesses maravilhosos vãos, e, ó prodígio dos prodígios, correram diante deles suas próprias imagens como que reflectidas no aço de um espelho que retivera alguns dias do presente e captava e lhes desdobrava, a cada um deles, os quadros do seu porvir. Via-se um, em meio de festa ruídosa, cingindo na dança formosas alméas, e, coroado de rosas, sentava-se em mesa garrida de flôres na qual lhe serviam em pratos de ouro os mais finos manjares e as mais aromáticas bebidas, ao som e compasso de música inebriante, mas findo o banquete, ei-lo abandonado de todos os convivas, descendo solitário e triste a longa escadaria de mármore branco e com o passo vacilante num degráo, caia ao chão tomado de torpor mortal, jazendo com nauseantes feições entumecidas de ébrio sob o esvoaçar de uma nuvem densa de mordentes moscardos, lambendo-lhe o rosto, ao faro das iguarias e bebidas, os vadios e magros cães da rua... Depois, aproximavam-se uns homens e trazendo uma espécie de sordida padiola e com os pés desprezíveis apalpando-lhe o corpo frio, murmuravam com nojo: — Vamos, levemos á sepultura também êste inútil vencido, e iam-no carregando como inerte massa, morta há tão pouco e já em putrefação adeantada... Via-se outro, ao contrário, galgando longa escadaria de largos e diversos patamares, travando em cada degráo e em cada patamar, rijo e duro combate corpo a corpo, acutilando uns, aparando os golpes de outras espadas, até que rompendo afinal aquela massa de gente em clamor e alarido que às cégas se feria e se

matava, por entre aclamações de a doidas, chegava à suntuosa sala e ao éco triunfal das palmas, tomava assento em magestosa cadeira de largos braços e alto espaldar, — o mas vão e perdido esforço, pois que breve era dela arrancado por aquelas mesmas mãos que havia pouco o aplaudiam com tão frenético afã, e com furor o precipitavam e o encerravam numa espécie de enxovia, cobrindo-o de insultos, labéos e baldões mais ferinos e sangrentos que todos os ferros de lâminas brancas que combatera e vencera: — O' o miserável tirano e o ladrão da fortuna publica, cuspiam-lhe aos ouvidos!

Mas o que se desdobrou à vista do outro visitante da gruta mirifica? Primeiro os quadros da sua meninice e da sua presente mocidade. Dócil sempre aos conselhos paternos, eis que se revia assíduo à biblioteca, com fronte imersa em amplos infolios e dedos ocupados no traço de números e letras; depois ei-lo ao lado daquela imagem ideal dos sonhos e anélos do seu coração moço e nessa companhia afetuosa e boa, via-se também, já com as primeiras pratas nas temporas, junto a um alegre bando de pequenas creaturas que lhe reproduziam suas mesmas feições e as de sua terna companheira, enchendo-lhe a alma em doce beatitude.

Outras vezes via-se em sala que lhe parecia ser a de um grave tribunal a que lhe competia presidir e sentia-se como que exausto de tão duras e pesadas responsabilidades, tendo porem ao final certo alivio que lhe vivificava as forças gastas, com o louvor geral de suas decisões e sentenças, que era a honra e o premio de seus deveres cumpridos. Sentia-se feliz com isso, até que confundindo-se as visões de sua placida juventude passada e da laboriosa maturidade, quanto mais esta se inclinava ao termo final, mais cresciam os écos do côro de louvores e bençãos com que cerrava o seu último quadro: — Como foi feliz e que vida digna soube ter!

Foi já ao brilho piscante das primeiras estrelas noturnas, que os tres rapazes da cidade deixaram a gruta de encantos e vendo que cada um podia ter confirmada por umas flôres luminosas do céu, a traça dos seus destinos, sem po-

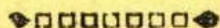
derem ocultar a decepção que lhes enublava o olhar de tristeza, despediram-se do derviche com silencioso aperto de mãos.

Mas o santo varão ponderou-lhes com doçura:

—É certo, ó moços, que nos céus e na teara tudo se faz segundo o arbitrio soberano de Deus. Ele porem nos faz participes de sua vontade, dando-nos a liberdade de seguir ou não a estrela do nosso destino, para que tenhamos o merito das recompensas que nós reserva nos dias desta vida e da outra que lhe segue, para que também possamos sentir como de justiça a pena dos nossos erros. Póde ser que não se realizem os quadros da vida, que acabastes de ver: basta para tanto que abandone as estradas do prazer e da ambição, como para o outro basta que se entibie o proposito de perseverar no caminho do bem. Ora, o bem é passageiro, vão e ilusorio naquelas largas estradas, mas embora oculto, é abundante, permanente e suave no caminho do Amor e do Dever.

E dando-lhes sua benção á luz das primeiras, estrelas o santo derviche recolheu-se á sua gruta para suplicar em suas orações todo o bem dos céus para aqueles visitantes que nem lhe deixaram na pobre esteira o beneficio de uma esmola.

Rio 2 / 4 / 949





A Afirmação de um Talento

Isac Póvoas

Com uma dedicatória gentil do seu ilustrado autor, chegou-me ás mãos, poucos dias ha, *Jornal de Alagoas*, um alentado volume de crônicas, impresso em Maceió pelo Snr A. S. Mendonça Junior, um dos mais belos e fulgurantes talentos da moderna geração de Alagoas, esse Estado pequeno em extensão territorial, mas fadado pelo destino a ser esse ninho de aguias donde tantas tem partido, em voos alterosos para irem brilhar nos mais alcançados setôres que escolheram para exercer a sua atividade.

Jornal de Alagoas, com as suas cento e noventa paginas maciças, é, entretanto, uma obra que se lê de um jato, porque, para querer chegar ao fim, basta apenas iniciar sua leitura.

Muitos livros, desse genero, têm sido publicados por estes brazis em fóra; mas a verdade é que só de longe em longe surge um ou outro, como frutos esporadicos, destinados a ficar a fazer epoca como os *Contos e Crônicas* de Nuno de Andrade, as *Prosas de Cassandra* de Eduardo Ramos, *jardins de Salustio* de Fernando de Azevedo e alguns mais que tanto deliciaram os leitores brasileiros com a riqueza

de sua imaginação e a pureza do seu estilo. Inclue-se no ról dêstes ultimos, *jornal de Alagoas* que óra aparece, para mostrar que nos monchões e nas grupiaras das letras, ao lado dos chibios de apoucado preço, existem gemas de alto quilate e de avantajado valor.

Jornal de Alagoas veio revelar-nos um prosador emérito, um crítico de alto remigio, um cultor exímio da lingua e um poeta primoroso. Sim, poeta acima de tudo é o que é o sr. Mendonça Junior.

Não ha, em toda a sua obra, que é simplesmente uma coleção de crônicas, uma pagina de versos; no entanto, quanta poesia não transcende dos seus trabalhos?

Razão de sobra teve quem afirmou "que o ritmo e não o metro, a cadencia e não a rima são os característicos da poesia moderna", como também *Mallarmé* o chefe consagrado do movimento simbolista, asseverando: "*en verité il n'ya pas de prose: il ya l'alphabet et puis des vers plus au moins serrés, plus, au moins diffus. Toutes les fois qui il ya effort au stile, il y a versification*".

Versos sem conta ha por ai, que não possuem a cadencia musical da fluente, espontanea e atraente prosa ritimada do sr. Mendonça Junior, prosa arejada do seu inseparavel e sadio bom humor, fato este que está a provar-nos a veracidade da assertiva lançada por Adherbal de Carvalho de que não é a versificação que faz a poesia, existindo poemas em prosa que passam perfeitamente sem versificação.

É o que se observa com o autor de *Jornal de Alagoas* que se mostra um poeta magnifico escrevendo prosa, do mesmo modo que Molière escrevendo o seu *Aváro*.

Tomemos ao acaso um trecho da pagina fulgente em que descreve o vento nordeste:

"O nordeste anda solto na rua, levanta a poeira que nunca pensou em subir, derruba as folhas novinhas em folha que nunca pensaram em cair, carrega as areias da praia e com elas constroi as dunas que fingem palacios de lendas, as dunas da côr das espumas do mar, de pedaços da aurora, de linhas lavados da luz do luar.

O nordeste anda doido na rua, galopa no espaço, veloz como meu potro bravio, relincha nos fios' se espoja nas águas dormentes dos rios, mas não mata o calor que envolve o seu corpo impalpável, nascido á beira do fogo do sol dos desertos, o seu corpo mais quente que o corpo trigueiro das moças morenas.

O nordeste anda livre na rua. Escancara as janelas espatifa vidraças. Vento quente, tinindo de quente, vento forte, danado de forte, parece pedradas ao sol.

O nordeste anda solto na rua, fazendo os coqueiros gingar em meneios de dansas de ritos pagãos, acordando clamores nas ondas do mar, o nordeste galopa no ar, levanta a poeira que nunca pensou em subir, derruba as folhas novinhas em folha que nunca pensaram em cair”.

As crônicas de Mendonça Junior, ora são narrações empolgantes como as de Joinville, ora uma variada e interessante sucessão de quadros como as de Froissar, ora anda pinturas coloridas e pitorescas, de flagrantes da vida de engenho, cenas já mortas, sepultadas num passado longínquo, que o autor recompõe com fidelidade e faz reviver com maestria, com graça e com admirável poder descritivo. São críticas ora severas, ora chistosas e irônicas aos erros políticos e sociais, bem como aos vícios e costumes dos seus contemporâneos.

Com esses trabalhos bem feitos, em que estadeiam a a sua franqueza, a sua verve e o seu inconfundível humorismo, vai o sr Mendonça Junior realizando o preceito do “ridendo castigat mores” São trabalhos de um artista primoroso em que, ao lado do seu estilo leve e brilhante se admira a beleza de suas imagens e a delicadeza de colorido de suas paisagens.

Mendonça Junior tem o dom especial de levar o leitor para onde êle quer, de comunicar-lhe os mesmos sentimentos, as mesmas emoções por este ou por aquele quadro, tal a sua habilidade no escrever e no pintar as suas emoções.

Não conheço o rio Camaragibe. Mas já aprendi a querer bem esse rio sem pressa, “esse rio que anda devagar, num passo de procissão, cochichando nos esteios das

pontes e quasi que parando á sombra das ingazeiras. como se tivesse pena de deixa-las” como já aprendi tambem a admira-lo nas suas metamorfoses de maio, quando esse rio “sonha ser Parassú, ser Amazonas, quando imagina que as nuvens se tornam seus afluentes e bota corpo, cresce, agiganta-se. Despreza o leito que Deus lhe deu. Trepas nas ribanceiras, enverga o braço das oiticicas; espuma como um epilético; resumunga nas caiçaras, pula na copa das arvores mais altas e fóge para o campo improvisando cascatas nos pobres camaleões das estradas e transformando modestas ipueiras em lagos pomposos e ondulados.”

Página Feminina



O Doutor José Gondim

Benil Moura

Parelhas é uma bonita cidadezinha do nordeste brasileiro, situada em poético recanto do Rio Grande do Norte, sob magnífica orla de belíssimo coqueiral semeado caprichosamente no leito do rio largo e raso, em cuja margem está localizada. Completa-lhe o panorama um ramal da esplêndida Borborema, que a dois quilômetros se abre em espaçosa garganta dando passagem ao rio. A paisagem recorro nitidamente como encantadora tela nas tintas mais vivas da memória.

Alí naquela vilazinha antiga conheci, em pequenina, o Dr. José Gondim, o médico estimado e respeitado pela gente do lugar.

O Dr. Gondim não é personagem de ficção, mas um homem digno de justos e merecidos louvores, pelos relevantes atos de generosidade para com o próximo. O campo de suas atividades era relativamente pequeno, porém suficiente para permitir-lhe conquistar uma corôa de louros para sua bela fronte já adornada pela auréola da grandeza moral.

Escolheu, o Dr. Gondim, aquele aprazível retiro de poesia e instalou sua tenda de benefícios que não deveriam jamais ser esquecidos. Em verdade maiores e famosos beneficiadores desapareceram sem deixar o mais ligeiro vestígio de sua permanência na terra. Mas o dr. Gondim é um sêr que a oportunidade admite fazê-lo reviver após vinte e seis anos de além túmulo.

Muito moço ainda, creio que, se, muito aos trinta anos de idade, faleceu vítima da tuberculose, contraída em tempestuosa noi-

te de chuva, quando se dirigia á casa de infeliz cliente, afim de suavisar-lhe a agonia produzida pelo câncer. E sòmente pela manhã depois de longas horas, sem alimento e de roupas molhadas (pois enganara-se com o tempo, não levando sequer o guarda-chuva) o médico volta ao lar, onde o espera uma filhinha ha dias em luta com a febre tifóide.

Periodicamente alguma doença maligna assaltava a população e não respeitando idades, nem condições, abria os portões do cemitério, enlutando lares, estendendo o manto da saudade sòbre a tranquila vida parelhense.

Não era êle o único facultativo do aprazível logarejo, mas em todos os momentos, quer de moléstias, quer de acidentes, era o solicitado, o requerido.

Dos pobres nada queria. Dos ricos aceitava, sempre com os mesmos gestos de bondosa deferência, o que lhe quisessem pagar pelos seus serviços profissionais. Pagamentos êsses que muitas vezes lhe fôram em amargas doses de ingratidão.

Em casa mantinha pequena farmácia, onde atendia gratuitamente a todos que não dispunham de recursos para a aquisição de remédios.

Quando se lhe apresentava algum caso irremediável, não abandonava o doente á dura sorte. Ao contrário, permanecia á cabeceira do enfermo, num admirável gesto de amizade e de conforto moral, fortalecendo a alma dos inconsoláveis parentes, como verdadeiro cristão que era.

Vi-o, não raras vezes, chorar amargurado, lastimando a impotência da medicina no sentido de salvar da morte a criatura.

Foi em seu pequeno laboratório de pesquisas, que observei pela primeira vez um campo microscópico e conheci as chamadas culturas artificiais microbiológicas.

Pôde não ter sido um sábio o Dr. Gondim, mas foi um grande médico, verdadeiro sacerdote da belíssima e espinhosa carreira profissional. Caritativo por excelência, suas virtudes ressaltavam aos olhos do observador mais intransigente, ou mesquinho.

No círculo de seus admiradores ocupei sempre lugar de relevo. Achava-o bonito. Lindo! se possível dizer. Demonstrava por mim, interesse paternal. Admirava—dizia às pessoas de suas relações—minha vivacidade, resistência física e saúde. A verdade é que o Dr. Gondim jamais me viu adoecer, nem me fatigar, quer nos estudos quer nos brinquedos. Gostava de conversar comigo, ouvir-me as idéias e os projetos de futuro. Conselheiro e animador, augurava-me belíssimos triunfos na arte do desenho e da escultura. Certo dia fiz-lhe um juramento: iria fazer o curso de belas artes e pintar-lhe um grande retrato a óleo, ou esculpir-lhe o busto, estivesse eu onde estivesse. Foi uma promessa que jamais poderia cumprir.

por não me favorecerem, até hoje, a sorte, nem as criaturas. O que é certo é que o Dr. Gondim sorriu e me disse entusiasmado: bravo! terei assim um magnífico retrato. Esperarei por isso. E sei que cumprirá a palavra, porque para você as dificuldades da vida não serão obstáculos invencíveis.

E como se enganou o bondoso doutor! Não pude fazer o curso de belas artes e sempre considerei certas dificuldades da vida barreiras que não se podem transpôr.

Uma tarde, — esta é a mais triste lembrança que conservo da existência de Dr. Gondim — estava eu a brincar com as filhinhas do casal no jardim de sua residência; êle recostado a uma cadeira de balanço, divertia-se a ver-nos correr entre os canteiros. Parecia fatigado. Pálido. Os grandes e negros olhos, sombreados por fundas olheiras, ocultavam-se de vez em quando sob as pestanas escuras. E a alvura do rosto transparecia ainda mais ao palor da tarde nublada. De repente abala-o forte acesso de tosse. Êle vai erguer-se e um jato, rubro vivo, cai no esbranquiçado ladrilho do terraço. Fiquei a olhar, não sei por quanto tempo, aquela mancha agoureira, a predizer claramente o próximo desaparecimento daquela vida preciosa. Naquele dia fatídico a impiedosa doença entrou em sua fase progressiva de destruição.

Chegou o mês de Maio. A velha mãezinha de Dr. Gondim, fazia uma série de novenas à Maria Santíssima, rogando saúde para o filho querido, que se encontrava em Campina Grande, no Estado de Paraíba, aonde fôra procurar alívio para o grande mal.

Como sempre fui devota fervorosa de Nossa Senhora e tinha pelo Doutor real veneração, ia tôdas as noites rezar com a santa velhinha, pelo mesmo fim.

A data já não recordo. Sei que foi nesse mês consagrado à Virgem Mãe do Salvador, o mês das flôres, da alegria, dos cânticos de louvor e dos pedidos de felicidade à Rainha do Céu, naquela noite horrível, que chegou o lutuoso telegrama comunicando a morte do médico. Os gritos desesperados da pobre mãe aflita foram ouvidos à distância. As lágrimas rolaram copiosamente na habitação para onde afluiu o povo da cidade. E os soluços de dôr, entrecortados de exclamações, encheram o ambiente no silencioso espaço da noite longa e dolorosa.

Viveu pobrementemente o Dr. Gondim. Sua estremecida família sustinha-se de rendimentos de costuras, bordados e outros delicados trabalhos manuais de uma casa de modas mantida pela nobre, sa dia, incansável e dedicada espôsa.

Morreu, não o sábio, mas o grande médico. Se a ciência nada perdeu, foi o erário das Virtudes o prejudicado em seu tesouro de reservas morais tão raras no seio da humanidade.

Imortalidade

Especial para «NOVO MUNDO»

Colombina

Do nada venho e para o nada vou; mas tenho
na argila do meu ser uma flama qualquer,
que aquece e que ilumina o ignominioso lenho
onde crucificada estou, por ser mulher.

Chamem-na uns, loucura; ouros, talento ou engenho,
(nada importa que nome a multidão lhe dê:)
A angústia de viver, que suportando eu venho,
bem e digo-a, enquanto acesa essa flama estiver.

E' a poesia, essa flama espiritual que vive
a aureolar de beleza as decepções que eu tive,
a por no meu calvário o brilho de um fanal.

Do nada venho e para o nada vou ... Mas há de
viver de mim, de toda a minha obscuridade,
nos versos que componho, essa flama imortal!

São Paulo.

Saudade

Gitinha Maranhão

Saudade do teu sorriso,
Dos teus lábios rubros,
quando, sequiosos,
procuravam os meus,
quais lépidas mariposas
que vagueiam
à procura da luz...

Saudade da maciez
da tua voz,
quando dizias baixinho:
— “Quero-te muito! muito!...”
E uma doce esperança
reflorescia todo o meu ser...
Como um bando de pássaros
cujo chilrear estridente
vibra a monótona noite
sem luar...

Saudade dos teus olhos
de ébano, muito expressivos,
que penetravam com ousado poder
o solitário recanto
de minh'alma
que, exausta e sedenta de amor,
se sentia saciada...
Como uma linfa cristalina
mitiga a sêde
do viajor cansado...

Saudade daquela sombra amiga
daquêlê pinheiro antigo
onde conversávamos a sós
nas riosas tardes
em que o sol se despedia,
beijando a terra com seus raios multicores,
e uma brisa suave
fazia fremir as tremulas folhas dos coqueiros,
e um sabiá alegre
cantava pertinho de nós...

Saudade dos teus ciumes,
dos teus queixumes,
dos teus perfumes,
Saudade de tudo
que havia entre nós !.,.

PÁGINA DOS NOVOS

Ultimo Poema

Newton Alfredo

Quando eu morrer,
quero sentir, de leve, o teu carinho,
nas tuas mãos branquinhas, cor de neve,
quando eu morrer..
Que haja alegria e sol pelos outeiros!..

Que os pássaros em còro,
ao verem-me passar,
cantem hinos de amor...
no dia em que me for..
Que vibre o céu !... Que vibre a terra inteira !...

E os poetas, meus irmãos, com última homenagem,
na campa onde eu ficar,
escrevam uma trova
repleta de saudade..
no dia em que eu morrer...

Guia Lopes

Clemenciano Barnasque

Guia Lopes,
Vem cá;
Que rumo eu vou seguir?
— Segue os meus passos no sertão colosso,
Vem comigo através de Mato Grosso
Ao rumo de um Brasil que ainda há de vir.
Vejo ao longe o faról da Pátria una,
Vou guiando Camisão, vim de Laguna.
Não posso demorar-me na jornada.

— Antônio João não vem na retirada?
— Não. Ficou lá entre as ruínas de Dourados,
Protestando com a glória do seu sangue
Contra invasão do solo abençoado.
Ficou com seus dezoito companheiros
Nessa Copacabana do passado.
Ficou com a eternidade brasileira,
Lá nos cenfins azues de uma fronteira.

Adeus. O inimigo já vem perto,
E eu tenho por aliado só o deserto
E a floresta sem fim do Mato Grosso.
Eu retraço no mapa desta guerra
Esta estrada de luz da minha terra.
Eu tenho de marchar de Cuiabá
Bem para o fundo da alma do Brasil!
Eu guio a Retirada da Laguna:
Maior que a retirada dos Dez Mil.

— Guja Lopes — meu nome americano..
Graças de Deus no instinto de um vaqueiro,

Relembrando

M. A. Duarte Gralheiros

Quando relembro nosso amor, querida,
Tempo fugaz de tão fugaz quimera,
Sinto sofrer minh'alma adormecida
E vejo que não sou o que antes era.

Quanto me punge a dor desta ferida,
Ao lembrar da amizade tão sincera
Que nos unia e nos tornava a vida
Numa linda manhã de primavera.

No meu viver eu não conheço aurora
Desde êsse dia que, ao me ver chorando,
Partiste rindo pela rua em fora...

E nesta longa ausência, que te apraz,
Irás de mim, aos poucos, te olvidando...
Mas eu, querida, não te esqueço mais!

Rio, Outono de 1951